



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A CO-MEDIAÇÃO ENQUANTO PRÁTICA DE MEDIAÇÃO  
FAMILIAR EM PORTUGAL – QUE POTENCIALIDADES?**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Ciências da Família/Especialização em Orientação  
e Mediação Familiar

por

Ana Margarida Roque Mexia

Faculdade de Ciências Humanas



Março de 2012





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A CO-MEDIAÇÃO ENQUANTO PRÁTICA DE MEDIAÇÃO  
FAMILIAR EM PORTUGAL – QUE POTENCIALIDADES?**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Ciências da Família/Especialização em Orientação  
e Mediação Familiar

Por Ana Margarida Roque Mexia

Sob orientação de Prof. Doutor Paulo Teodoro de Matos e Dra. Lucinda Gomes

Faculdade de Ciências Humanas



Março de 2012



## **Resumo**

A presente investigação pretende ser um estudo qualitativo, de carácter exploratório visando contribuir para a compreensão das potencialidades do trabalho em equipa - a co-mediação - no sucesso da mediação familiar, em comparação com os resultados do processo de mediação familiar conduzido por um único mediador. Simultaneamente, pretende-se explorar em que contexto a co-mediação se revela mais eficaz e que factores podem contribuir para o eventual sucesso da mesma em Portugal.

Para o efeito, foi aplicada a entrevista semi-estruturada de elaboração própria a uma amostra de 15 mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado.

Os principais resultados salientam que a definição de co-mediação não está clara para os mediadores familiares, sendo a sua utilização resultado de uma avaliação de vantagens e desvantagens. Conclui-se que os profissionais não têm critérios definidos para trabalhar individualmente ou em co-mediação, pelo qual se identificam orientações para uma boa prática do trabalho em co-mediação.

**Palavras-Chave:** Mediação Familiar, Co-Mediação, Potencialidades, Limitações

## **Abstract**

The current investigation aims to be a qualitative study, of exploratory nature, seeking contribution to understanding the potential of team work - co-mediation - in the success of family mediation, in comparison to results of mediation processes led by a single family mediator. Simultaneously, we intend to explore the context in which co-mediation is most effective and what factors may contribute to its eventual success in Portugal.

To this objective, it was specifically developed a semi-structured interview, conducted to a sample of 15 family mediators of Public and / or Private Systems.

The main results emphasize that the definition of co-mediation is not clear to family mediators, and its use is based on an assessment of advantages and disadvantages. It is concluded that professionals do not have criteria set to work individually or in co-mediation, for which case are identified guidelines for a good practice for the work in co-mediation.

**Keywords:** Family Mediation, Co-Mediation, Potentialities, Restrictions

## **Dedicatória**

*A todos os mediadores familiares e em especial a todas as pessoas que recorrem ou já  
recorreram à mediação familiar.*

## **Agradecimentos**

*Agradeço à minha mãe e avós maternos pelo seu exemplo de vida....*

*Ao Prof. Doutor Paulo Teodoro de Matos e à Dra. Lucinda Gomes pela orientação e apoio ao longo deste percurso.*

*A todos os mediadores familiares entrevistados que possibilitaram a realização deste trabalho.*

*Às minhas amigas Carmelita Dinis e Susana Pimenta por todo o apoio e incentivo.*



# Índice

<b>Introdução</b> .....	7
-------------------------	---

## **Capítulo 1 – Enquadramento Teórico**

1.1. Mediação Familiar.....	11
1.1.1. Origem e Desenvolvimento.....	11
1.1.1.1. A Mediação Familiar em Portugal.....	12
1.1.2. O Processo de Mediação Familiar.....	14
1.1.2.1. Fases do Processo de Mediação Familiar.....	16
1.1.2.2. Princípios Fundamentais da Mediação Familiar.....	18
1.2. Mediação Interdisciplinar.....	21
1.2.1. Conceito de Mediação Interdisciplinar.....	21
1.3. Co-Mediação.....	22
1.3.1. O Processo de Co-Mediação.....	22
1.3.2. Vantagens da Co-Mediação.....	25
1.3.3. Desvantagens da Co-Mediação.....	27
1.3.4. Directrizes para uma boa prática de Co-Mediação.....	28

## **Capítulo 2 – Metodologia de Investigação**

2.1. Enquadramento Metodológico.....	32
2.1.1. Ponto de Partida da Investigação.....	32
2.1.2. Paradigma de Investigação.....	32

2.1.3. Metodologia Qualitativa.....	33
2.2. Desenho de Investigação.....	34
2.2.1. Questão Inicial.....	34
2.2.2. Objectivos Gerais e Específicos.....	34
2.2.3. Mapa Conceptual.....	35
2.2.4. Questões de Investigação.....	36
2.3. Amostra.....	37
2.4. Instrumentos de Recolha de Dados.....	38
2.4.1. Entrevista Semi-Estruturada.....	38
2.4.2. Questionário Sócio-Demográfico.....	39
2.5. Procedimento de Recolha de Dados.....	40
2.6. Método de Análise de Dados.....	41
2.6.1. Análise Temática.....	41
2.6.1.1. Análise Temática Indutiva versus Dedutiva.....	42
2.6.1.2. Semântica ou Temas Latentes.....	43
2.6.1.3. Fases Análise Temática.....	43

### **Capítulo 3 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados**

3.1. Apresentação e Análise dos Resultados.....	45
3.1.1 Mediação Individual.....	47
3.1.1.1. Indicadores Positivos da Mediação Individual.....	47
3.1.1.2. Indicadores Negativos da Mediação Individual.....	49
3.1.2. Co-Mediação.....	50

3.1.2.1. Definição de Co-Mediação.....	50
3.1.2.2 Indicadores Positivos da Co-Mediação.....	53
3.1.2.3. Indicadores Negativos da Co-Mediação.....	62
3.1.2.4. Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação.....	66
3.1.3. Indicadores Positivos/Negativos da Co-Mediação e Mediação Individual.....	69
3.1.4. Prática de Mediação Familiar vs Indicadores Positivos e Negativos Co-Mediação.....	71
3.1.5. Prática de Mediação Familiar vs Indicadores Positivos e Negativos Mediação Individual.....	74
3.1.6. Prática de Mediação Familiar vs Situações a Utilizar Co-Mediação.....	76
3.1.7. Situações a Utilizar Co-Mediação vs Indicadores Positivos Co-Mediação.....	77
3.1.8. Prática de Mediação Familiar vs Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação.....	79
3.1.9. Indicadores Positivos Co-Mediação vs Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação.....	80
3.2. Discussão dos Resultados.....	81
3.2.1. Benefícios e Limitações da Co-Mediação.....	81
3.2.2. Situações a utilizar a Co-Mediação.....	85
3.2.3. Percepção Mediadores Familiares em relação à Co-Mediação.....	86
3.2.4. ‘Boas Práticas’ a seguir na Co-Mediação.....	88
<b>Conclusão .....</b>	<b>89</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>93</b>

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Características gerais dos mediadores familiares que constituem a amostra do estudo.....	37
Quadro 2 – Valores associados à “categoria filha” indicadores positivos para a prática da mediação individual.....	48
Quadro 3 – Valores associados à “categoria filha” indicadores negativos para a prática da mediação individual.....	49
Quadro 4 - Valores associados à “categoria filha” definição co-mediação.....	50
Quadro 5 - Valores associados à “categoria filha” indicadores positivos para a prática da co-mediação.....	54
Quadro 6 - Valores associados à “categoria filha” indicadores negativos para a prática da co-mediação.....	62
Quadro 7 - Valores associados à “categoria filha” directrizes para uma boa prática de co-mediação.....	66
Quadro 8 – Situações a utilizar co-mediação vs Indicadores positivos co-mediação....	77
Quadro 9 – Indicadores positivos co-mediação vs Directrizes para uma boa prática de co-mediação.....	80

## Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa Conceptual.....	36
Figura 2 – Árvore de Categorias Principais.....	47

## **Índice de Gráficos**

Gráfico nº 1 – Definição da Co-Mediação segundo a Prática de Mediação Familiar....	53
Gráfico nº 2 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Co-Mediação e Mediação Individual.....	70
Gráfico nº 3 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Co-Mediação e Mediação Individual.....	71
Gráfico nº 4 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Co-Mediação.....	72
Gráfico nº 5 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Co-Mediação.....	73
Gráfico nº 6 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Mediação Familiar.....	74
Gráfico nº 7 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Mediação Individual.....	75
Gráfico nº 8 – Prática Mediação Familiar vs Situações a utilizar Co-Mediação.....	76
Gráfico nº 9 – Prática Mediação Familiar vs Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação.....	79

## **Índice de Anexos**

Anexo A- Árvore de Categorias
Anexo B – Transcrição Entrevistas
Anexo C - Guião de Entrevista Semi-Estruturada
Anexo D – Questionário Sócio - Demográfico
Anexo E – Autorização



## Introdução

A Família “(...) é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas como instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados...” (Gameiro cit. por Relvas, 1992, p.11). Nesta perspectiva a família é entendida como um sistema, isto é, como um todo e, simultaneamente, como uma parte de sistemas, de contextos mais vastos dos quais fazem parte a sociedade e a comunidade, uma vez que cada elemento da família participa em diversos sistemas e subsistemas (individual, familiar, conjugal e fraternal). Sistema que se vai desenvolvendo no sentido das alterações da sociedade contemporânea (Relvas, 2006).

De acordo com esta citação a mediação familiar assume um papel preponderante uma vez que pode ser preventiva em todos os contextos familiares, ou seja, nas relações com o casal; entre pais e filhos adolescentes; entre pais e filhos em qualquer idade; entre irmãos, nomeadamente no que respeita ao cuidado dos pais idosos, às heranças, na relação com avós; antes, durante e depois dos processos de separação e divórcio (Parkinson, 2008).

Em Portugal a mediação familiar surgiu em 1993 tendo vindo a desenvolver-se e actuando sobretudo na relação do casal, ao nível da separação e/ou divórcio. Segundo Araújo, Fernandes, Ribeiro e Rodrigues (2011) são vários os componentes inerentes ao divórcio, nomeadamente:

*(...) motivações individuais (falta de comunicação, projectos diferentes, incompatibilização de personalidade, incompatibilidade sexual e de valores), causas sociológicas e económicas (alteração do estatuto da mulher na sociedade, mudanças de valores e de interesses, alteração do conceito de família, mudança nos estilos e condições de vida e de legislação) e, ainda causas psicológicas (violência doméstica, desequilíbrio de afectos, patologias mentais, más gestão temporal) (p.297).*

Perante esta realidade e segundo estas mesmas autoras, num divórcio aceitar a mudança é a principal dificuldade, fundamentalmente por parte de quem assume a posição de “abandonado”. O psicólogo Grunspun (2000) descreve a mediação no divórcio como:

*A mediação no divórcio é um processo cooperativo de resolver problemas, usando um mediador imparcial na assistência a um casal que se separa para alcançar um acordo nos assuntos que os dividem. Esses assuntos geralmente incluem partilha de bens, partilha de obrigações, sustento para um dos parceiros, e se o casal tem filhos, a guarda, os cuidados e o sustento das crianças (p.14).*

Segundo Vezzula (2001):

*A base da mediação é o tratamento dos mediados como seres humanos únicos, que devem esclarecer as suas dificuldades melhorando as inter-relações, o que lhes permite deter o controlo absoluto de todas as etapas do processo, através de um diálogo esclarecedor que possibilita a negociação e pelo qual eles criem responsabilmente as soluções para não serem escravos de soluções impostas (p.87).*

Neste contexto a presente investigação contribuirá para o conhecimento do trabalho realizado em Portugal ao nível da mediação familiar, mais concretamente do trabalho em equipa, co-mediação, no sentido em que segundo sabemos não existe nenhum estudo neste âmbito e, como anteriormente mencionado, a mediação familiar encontra-se em crescimento no nosso país.

O presente trabalho pretende, assim, estudar uma das práticas de mediação familiar, a co-mediação, no sentido da compreensão das suas potencialidades no sucesso da mediação familiar comparativamente aos resultados do processo de mediação familiar conduzido por um único mediador. Simultaneamente, pretende-se explorar em que contexto a co-mediação se revela mais eficaz e que factores podem contribuir para o eventual sucesso da mesma em Portugal.

Nesta linha o presente estudo pretende contribuir para a resposta às seguintes questões: Quais os critérios de decisão que levam os mediadores familiares a trabalhar em co-



mediação ou individualmente no processo de mediação familiar?; Qual a percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação?; No processo de mediação familiar em que situações a co-mediação pode ser mais eficaz?

Desta forma os protagonistas de estudo serão mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado. É necessário frisar que uma das limitações da investigação prende-se com o facto de ser apresentada apenas a visão de uma das partes, ou seja, dos mediadores, não contemplando a perspectiva dos mediados. Outra das limitações está certamente relacionada com a existência de poucos estudos acerca da co-mediação o que dificulta a sua conceptualização.

A existência de poucos estudos acerca desta prática de mediação emerge como uma limitação do estudo, mas ao mesmo tempo como impulsionadora. Surge como a grande motivação da investigadora permitindo contribuir para o conhecimento e enriquecimento do trabalho em mediação familiar, uma vez que para um bom trabalho é necessário o conhecimento e reflexão da realidade. Neste contexto, este estudo assume-se essencialmente como ponto de partida para a reflexão do trabalho desenvolvido em Portugal no âmbito da co-mediação.

Esta investigação encontra-se dividida em três capítulos, nomeadamente, o Enquadramento Teórico, a Metodologia de Investigação e a Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados.

O primeiro capítulo consiste na revisão da literatura sobre a mediação familiar, a co-mediação e a sua respectiva articulação. Assim, quanto à mediação familiar será feito um enquadramento histórico (origem e desenvolvimento, a mediação familiar em Portugal) e fundamentado o processo de mediação familiar (fases e princípio fundamentais desta prática). Em seguida será feita alusão à mediação interdisciplinar, mais especificamente ao seu conceito. Por último, será estudado o processo, as

vantagens e desvantagens co-mediação e também as directrizes para uma boa prática de co-mediação.

No segundo capítulo será apresentado o enquadramento metodológico (paradigma da investigação e metodologia utilizada), o desenho da investigação (questão inicial, objectivos gerais e específicos, mapa conceptual e questões de investigação), a amostra do estudo, instrumentos de recolha de dados (entrevista semi-estruturada e questionário sócio-demográfico), procedimento de recolha de dados e o método de análise de dados (análise temática).

Finalmente no terceiro capítulo pretende-se apresentar os resultados e a análise da investigação científica realizada através de entrevistas semi-estruturadas realizadas aos mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado e, por último uma reflexão tendo como orientação estes dados e a finalidade da investigação. Os resultados apresentados surgiram através da análise temática utilizando o programa Nvivo8 (*Qualitative Solutions and Research – Research Software for Analysis and Insight*) que permitiu elaborar a árvore de categorias do estudo (*Vide Anexo A*). Assim, serão apresentados os resultados referentes às duas práticas de mediação familiar: mediação individual (indicadores positivos e negativos) e co-mediação (conceito co-mediação; indicadores positivos e negativo; directrizes para uma boa prática de co-mediação). Em seguida serão apresentadas as relações entre estas categorias (indicadores positivos/negativos da co-mediação e da mediação individual; prática de mediação familiar vs indicadores positivos e negativos da co-mediação; prática de mediação familiar vs indicadores positivos e negativos da mediação individual; prática de mediação familiar vs situações a utilizar co-mediação; situações a utilizar co-mediação vs indicadores positivos co-mediação; prática de mediação familiar vs directrizes para uma boa prática de co-mediação e, por último, indicadores positivos co-mediação vs directrizes para uma boa prática co-mediação).

# Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

## 1.1. Mediação Familiar

*Mediação é um “processo de colaboração para a resolução de conflitos” no qual duas ou mais partes em litígio são ajudadas por uma ou mais terceiras partes imparciais (mediadores) com o fim de comunicarem entre elas e de chegarem à sua própria solução, mutuamente aceite, acerca da forma como resolver os problemas em disputa (Parkinson, 2008, p.16).*

### 1.1. 1. Origem e Desenvolvimento

A mediação é vista pela nossa sociedade como um novo processo de colaboração para a resolução de conflitos, embora seja uma herança de diferentes civilizações e culturas, ou seja, universalmente conhecida pelo Homem desde as sociedades primitivas. Contudo, tem vindo a sofrer alterações ao longo da história, sendo internacionalmente usada na resolução de disputas ao nível civil e comercial; vizinhança e comunidade; divórcio e outros conflitos familiares; educação; emprego, entre muitas outras áreas (Parkinson, 2008; Lopes, Cunha & Serrano, 2010).

Partindo deste contexto, a mediação familiar nasceu, nos Estados Unidos da América, na segunda metade dos anos 70. Para Farinha e Lavadinho (1997) “*a mediação familiar aparece, assim, como alternativa viável, a ser utilizada para prevenir os danos produzidos pelo divórcio e sobretudo consequências negativas que o mesmo tinha no desenvolvimento das crianças*” (p.21). Um dos primeiros estudiosos foi o psicólogo e advogado Coogler (1974), que teve como seguidores Haynes e Erickson. Esta prática de intervenção - inicialmente orientada para a reconciliação dos casais - passou a dar maior ênfase à obtenção de acordos, em matéria de regulação do exercício das responsabilidades parentais, e das questões resultantes da ruptura conjugal. Este desenvolvimento da Mediação esteve ligado ao rápido aumento dos divórcios, à litigiosidade e ao aumento dos custos processuais. Na década de 80, a mediação familiar

chegou ao Canadá através de Howard Irving. Na Europa, o Reino Unido foi o país pioneiro, onde em 1976 surgiu o primeiro Centro de Mediação Familiar resultante das elevadas taxas de divórcio. A partir da década de 80, a mediação familiar, prolifera por outros países da Europa, através da criação de Serviços de Mediação Familiar, nomeadamente, em França, Áustria, Alemanha, Bélgica, Finlândia, Itália, Polónia, Espanha, Eslovénia, Noruega, Suécia e Andorra (Farinha & Lavadinho, 1997; Rios, 2005).

#### **1.1.1.1. A Mediação Familiar em Portugal**

Em Portugal a primeira estrutura a ser criada foi o Instituto Português de Mediação Familiar (IPMF), em 1993, por iniciativa conjunta de advogados, psicólogos e terapeutas familiares. Foi a partir desta data, que a mediação familiar começou a dar os primeiros passos no nosso país.

Em 1997 surgiu a Associação Nacional para a Mediação Familiar – Portugal (ANMF) que tinha como intuito a promoção e dinamização da mediação familiar, que em conjunto com o Centro de Estudos Judiciários ministrou o primeiro curso de Mediação Familiar.

Ainda em 1997, foi celebrado um protocolo de colaboração entre o Ministério da Justiça e a Ordem dos Advogados, que criou o Projecto de Mediação Familiar em Conflito Parental.

*Com o primacial objectivo de implementar um serviço de mediação familiar em matéria de regulação do exercício do poder paternal, com carácter experimental, limitado territorialmente à comarca de Lisboa, fundado em equipas multidisciplinares, em articulação com os tribunais e acessível aos casais em situação de ruptura (Rios, 2005, p.6).*

Este projecto-piloto foi responsável pela criação, do Gabinete de Mediação Familiar (GMF), em 1999, que tinha como intuito:

*Assegurar um serviço público de mediação familiar em situações de divórcio e separação. A actividade deste Gabinete restringiu-se à intervenção em casos de conflito parental, no sentido de ajudar os progenitores a estabelecerem a regulação do exercício das responsabilidades parentais, a sua alteração ou incumprimento (Parkinson, 2008, p.264).*

Em 2000 surge a Direcção Geral da Administração Extra Judicial (DGAE), destinada a desenvolver e impulsionar os mecanismos de resolução alternativa de litígios, dos quais a Mediação Familiar (Parkinson, 2008).

Mais recentemente para além das associações e entidades que foram surgindo e que desenvolvem a prática de mediação, em 2007 o Gabinete para a Resolução Alternativa de Litígios (GRAL) veio suceder à Direcção Geral da Administração Extra Judicial (DGAE) e foi criado o Sistema de Mediação Familiar (SMF), pelo Ministério da Justiça. O Sistema de Mediação tem como primordial objectivo mediar litígios no âmbito das relações familiares, mais concretamente, nas seguintes áreas: Regulação, alteração e incumprimento do exercício das responsabilidades parentais; Divórcio e separação de pessoas e bens; Conversão da separação de pessoas e bens; Reconciliação dos cônjuges separados; Atribuição e alteração de alimentos, provisórios ou definitivos; Privação do direito ao uso dos apelidos do outro cônjuge e autorização do uso dos apelidos do ex-cônjuge; Atribuição da casa de morada de família (Parkinson, 2008).

No seguimento da sua evolução histórica é de acentuar que a mediação familiar pode ser preventiva em todos os contextos familiares, ou seja, nas relações com o casal; entre pais e filhos adolescentes; nas relações entre pais e filhos em qualquer idade; entre irmãos, nomeadamente no que respeita ao cuidado dos pais idosos, às heranças, na relação com avós; antes, durante e depois dos processos de separação e/ou divórcio. Actualmente, em Portugal, trabalha-se sobretudo na relação do casal, ao nível da separação e/ou divórcio (Parkinson, 2008). A lei prevê a responsabilidade parental

conjunta, ou seja, os pais têm os mesmos direitos e responsabilidades no que respeita às decisões inerentes à vida das crianças (Araújo, et al., 2011).

Nesta perspectiva, a mediação familiar surge como uma técnica de intervenção, o que prevê conceptualizar a família como uma teia relacional (Araújo et al., 2011). Segundo Brown, Morrone (citado por Araújo et al., 2011) a família é um *“foco de potencial conflito, inconstância e ambiguidade, comporta implicações significativas sobre a vida dos indivíduos, o desenvolvimento e a afirmação das suas identidades nos espaços privados e públicos”* (p.284). A família ao longo dos tempos foi definida como uma instituição primária de socialização o que lhe concedeu o estatuto de espaço privado. Perante esta realidade, a mediação assume esse universo “privado”, uma vez que lhe são reconhecidas as potencialidades para a resolução dos conflitos, que permitem evitar a exposição e a invasão intrínsecas à solução litigiosa, ou seja, ao tribunal (Araújo et al., 2011).

Nesta linha e reportando para o nosso país, de acordo com a maioria dos estudos sobre a mediação em Portugal (Farinha, 1997; Rios, 2005; Campos, 2008), o Ministério da Justiça define a mediação como:

*(...) forma de resolução de litígios informal e flexível, de carácter voluntário e confidencial, conduzido por um terceiro imparcial – o mediador –, que promove a aproximação entre as partes em litígio os apoia na tentativa de encontrar um acordo que permita por termo ao conflito, considerando-se que a mediação é uma alternativa ao tribunal, mais rápida do que este, e fornecendo garantia de preservação de relações familiares* (Araújo et al., 2011, p. 287).

### **1.1.2. O Processo de Mediação Familiar**

Montiel (citado por Bouché & Hidalgo, 2008) refere que a mediação familiar é um método de resolução alternativa de conflitos, em que uma terceira parte (mediador) auxilia as pessoas em conflito a encontrar soluções satisfatórias para todas as partes.

Neste processo o mediador assume a condução do processo com uma postura neutra face ao resultado e imparcial com as partes. Neste sentido respeita o protagonismo dos interessados na elaboração e cumprimento dos acordos. Daqui resulta uma satisfação por parte dos intervenientes em relação a outros métodos de resolução de conflitos.

Esta visão é partilhada por Haynes (2006) que define a mediação familiar como um processo, em virtude do qual, um terceiro elemento, o mediador, ajuda as partes em conflito a resolvê-lo, com o intuito de se estabelecer um acordo consistente, baseado numa solução aceitável e estruturada que permita a relação entre os participantes envolvidos no conflito. Por esta razão a mediação, revela-se muito útil na resolução dos conflitos durante e após a separação/divórcio (Folger & Taylor, 1984; Severson, Smith, Ortega & Pettus, citado por Katz, 2007; Taylor, 2010). Esta prática de intervenção está centrada nas necessidades, e não nas posições dos mediados, no sentido de se estabelecerem acordos aceitáveis para ambos e, conseqüentemente de se afastarem da posição de ganhar e perder, pois na mediação todos ganham. Os pais são os principais responsáveis da tomada de decisões, e do planeamento das relações familiares depois da separação conjugal (Afonso, 1997).

A mediação procura assim, o consenso, a concertação, a discussão tranquila e estabelecer a comunicação, muitas das vezes, inexistente ou perturbada entre as partes. Este trabalho é feito em conjunto, em que o mediador proporciona um espaço para que os participantes possam descobrir os interesses que têm em comum, e se libertarem das suas posições inflexíveis. No entanto, é de realçar que a mediação não é uma terapia e não tem como finalidade a psicoterapia (Barbosa, 2002; Katz, 2007).

Este entendimento do mediador enquanto facilitador é também partilhado por Bolanõs (cit. por Bouché & Hidalgo, 2008). Este reforça o facto de o mediador ter consciência, de que a sua função é ajudar o casal a evitar os obstáculos que o impede de comunicar, negociar e decidir os temas que fazem parte, da sua vida familiar.

Assim sendo, este **facilita a comunicação entre as partes**, ou seja, tem como intuito proporcionar uma comunicação que permita um diálogo sobre os temas de conflito e, posteriormente, a sua resolução. Comunicação que na maioria das vezes, é afectada pela carga emocional associada à ruptura.

O mediador **facilita também a negociação entre os mediados**. Embora cada casal desenvolva o seu estilo de negociação, o conflito, pode por vezes fazer com que não consiga tomar as decisões necessárias, tendo o mediador, um papel importante no sentido de desbloquear os obstáculos existentes. Porém, durante esta negociação podem surgir bloqueios que resultem num impasse do processo, tendo o mediador de estar preparado para estas situações.

A mediação **facilita também a tomada de decisões** uma vez que, optar pela decisão mais acertada nem sempre é fácil, fundamentalmente quando o processo de negociação foi duro e cansativo para ambas as partes. Nestes casos, o mediador ajuda os mediados a definir critérios objectivos para as decisões.

O mediador pode ainda assumir-se como **facilitador do equilíbrio de poder**. Este equilíbrio de poder entre as partes aquando a tomada de decisões permitirá a realização de acordos mais justos (Bolanõs cit.por Bouché & Hidalgo, 2008).

#### **1.1.2.1. Fases Processo de Mediação Familiar**

Esta perspectiva é reforçada por Haynes (2006), referindo que o processo de mediação passa por várias fases, nomeadamente:

- 1) Identificação do problema:** As negociações só podem ser iniciadas, quando ambas as partes perante o conflito conseguem reconhecê-lo e, por sua vez, resolvê-lo trabalhando em conjunto.



**2) Análise e escolha da solução do conflito:** Escolha do método a utilizar por partes dos participantes após, o reconhecimento da existência do problema do qual fazem parte, e, do interesse em resolvê-lo.

**3) Escolha do Mediador:** A informação que os clientes têm de antemão relativamente à mediação, assim como, à reputação do mediador e ao vínculo a outros profissionais influencia a escolha do mesmo.

**4) Recolha de informação:** O primeiro passo, por parte do mediador é o de recolher toda a informação inerente ao conflito e, posteriormente, aprofundar os pontos de vista das partes sobre estas informações, ou outras que considere relevantes. Esta estratégia reforça a capacidade de negociação dos participantes que têm menos informação, assegura que ambas as partes disponham dos mesmos dados para definir o problema e diminui a capacidade de cada um dos participantes, em escolher as opções mais benéficas para os próprios.

**5) Definição do Problema:** Através da informação recolhida o mediador ajuda os participantes a definirem em conjunto o problema.

**6) Identificação das opções:** Depois de definido o problema o mediador orienta os mediados no sentido de verem quais as opções existentes para a resolução do mesmo. Esta é uma etapa em que, por vezes, as partes continuam presas ao conflito, pois tendem a ver as situações todas da mesma maneira. Nestes casos é útil o recurso ao brainstorming por parte do mediador.

**7) Redefinição das Posições:** No início da mediação, cada uma das partes assume uma posição que resulta da forma como sente o problema. No entanto, o mediador na sua intervenção ignora estas posições e ajuda os mediados a perceberem quais os seus verdadeiros interesses, para poderem escolher as opções mais viáveis.

**8) Negociação:** O mediador ajuda os participantes a negociarem acerca das melhores soluções que resultem num acordo viável para ambos.

**9) Obtenção de um acordo:** O processo de mediação pode terminar com ou sem acordo.

### 1.1.2.2. Princípios Fundamentais da Mediação Familiar

Tendo em vista a análise e aprofundamento do processo de mediação familiar, é de realçar a importância dos princípios que norteiam o trabalho dos mediadores familiares. São estes princípios e limites da mediação que garantem a sua identidade única, diferenciando assim a mediação familiar realizada por mediadores qualificados das práticas informais de mediação que, muitas vezes, são prestadas por um amigo ou um parente de confiança. Neste sentido, os princípios referenciados por Parkinson (2008) são os seguintes:

**1) Participação Voluntária:** A mediação é um processo voluntário, ou seja, as partes que recorrem à mediação têm de o fazer por vontade ou iniciativa própria, sem ser forçadas e sem medo. As partes podem, terminar o processo, em qualquer altura enquanto o mediador apenas por razões deontológicas ou éticas.

**2) Neutralidade e Imparcialidade:** Na maioria das vezes, o mediador é referenciado como a terceira parte neutra. A imparcialidade, neste caso concreto, assume uma dupla vertente, se por um lado está relacionada com o facto de o mediador não ser uma parte interessada, por outro lado, a imparcialidade pode também abranger o conceito de “equidistância”, ou seja, os mediados recebem a mesma atenção por parte do mediador que orienta o processo de uma forma equilibrada e imparcial. *“Muitos mediadores consideram-se imparciais, mas reconhecem que não conseguem ser neutros”* (Parkinson, 2008, p.24). Quanto à neutralidade está associada ao facto de, o mediador não ter nenhum interesse material, ou pessoal no resultado do processo de mediação.

**3) Capacitação dos participantes na tomada esclarecida de decisões:** Na mediação familiar a capacitação é fundamental, pelo que os mediadores ajudam as partes, a tomarem as suas decisões com base na informação recolhida, e na ponderação. Neste âmbito, o processo de mediação pode terminar se uma das partes recusar a dar informações ou se as informações que fornecer forem, propositadamente, incompletas ou falsas. O mediador tem também de estar atento a algum tipo de pressão, que possa existir de uma das partes sobre a outra, caso isso se verifique não deve permiti-lo. Este não deve dar conselhos nem

orientar os mediados, por exemplo, no sentido de sugerir a decisão que o tribunal poderia tomar.

**4) Respeito pelos indivíduos e pela diversidade cultural:** O mediador tem sempre de garantir que os mediados sejam tratados com respeito, independentemente, da sua raça ou cultura.

**5) Segurança Pessoal e protecção contra riscos:** Na mediação é fundamental fazer uma triagem prévia com cada um dos participantes, neste sentido, caso se verifiquem receios, perigos de violência ou dano, os mediadores decidem se há condições para prosseguir com o processo. O mediador tem de certificar-se se cada parte decidiu avançar com a mediação de livre vontade, sem receios de violência ou intimidação.

**6) Confidencialidade:** Na mediação, o mediador compromete-se a não divulgar a informação mencionada pelos mediados a outra pessoa ou órgão sem ter o consentimento por escrito dos mesmos, excepto em situações previstas pela lei e/ou Código Penal. O mediador também não pode ser testemunha de nenhuma das partes. Ambas as partes devem ser esclarecidas que a confidencialidade da mediação não é absoluta.

**7) Focalização no futuro:** A mediação foca-se no presente e no futuro dos mediados deixando para trás o passado.

**8) Maior ênfase em interesses mútuos do que nos individuais:** O mediador trabalha no sentido, de os mediados reconhecerem que têm interesses e preocupações comuns, e, a partir daí, chegarem a decisões que incorporem essas preocupações, e, argumentos assentes nos seus direitos. Pretende-se que na mediação ambas as partes ganhem ou percam o menos possível.

**9) Tomada em consideração das necessidades de todos os interessados, incluindo os filhos:** Na mediação familiar, o mediador reforça nos pais, a importância de terem presente as necessidades e os sentimentos dos filhos, bem como, os seus próprios sentimentos.

**10) Competência do Mediador:** O mediador deveria mediar apenas em assuntos nos quais se sinta à vontade e que possua conhecimentos.

Numa abordagem mais prática da mediação familiar é de referir os vários estudos que foram feitos sobre a mediação e as suas implicações nos respectivos intervenientes. Segundo Kelly (2004), estes estudos apontam para a utilização da mediação em situações que envolvam conflitos familiares. Os resultados mostram que a mediação foi bem sucedida em vários casos, destacando-se, os processos de divórcio e as disputas pela custódia das crianças que resultaram num acordo. Estes estudos revelaram ainda que os intervenientes ficaram satisfeitos por chegar a um acordo e, fundamentalmente porque sentiram que alguém os ouviu, respeitou e tiveram oportunidade de se expressar. Referiram ainda que o não se sentirem pressionados foi muito importante para o desenvolvimento do processo (resultou num trabalho conjunto em prole dos filhos). A mediação também foi responsável pela diminuição do conflito aquando o divórcio e pela comunicação e cooperação dos pais no que respeita aos filhos no 1º/2º ano após o divórcio. Este estudo permitiu ainda avaliar estes pais 12 anos depois. Os resultados revelaram que os pais que recorreram à mediação envolveram-se mais com os filhos do que os pais em litígio.

Em suma, através da revisão da literatura, a mediação familiar define-se como um processo, através do qual, uma terceira parte imparcial, coopera com os mediados em situação de ruptura conjugal, com o intuito de melhorar a comunicação e o entendimento com vista a focarem as suas decisões no futuro. A mediação familiar diferencia-se assim de outras técnicas, como a conciliação, a negociação e a arbitragem, pois os seus princípios passam por garantir a satisfação, e duração dos acordos. O mediador familiar colabora no processo, sendo os mediados os protagonistas, na solução adoptada com fim ao acordo (García & Gómez, 2009).

Esta visão também é partilhada por Ganancia (2001), Breitm e Porto (2001), que referem os mediados poderem verbalizar o conflito, o que por sua vez os leva a uma tomada de consciência do que está implícito na discussão e que são parte activa do processo. Este trabalho permite ao casal encontrar soluções em conjunto, esclarecendo mal entendidos e evitando rupturas e disputas (Vezzulla, 2001).

## **1.2. Mediação Interdisciplinar**

*La mediación familiar interdisciplinaria o compleja es aquella intervención de un equipo multiprofesional representado en la persona del e o los mediadoras/es, no vinculado a las partes de un conflicto familiar de separación o divorcio, matrimonial o no, que lo hace en un principio a solicitud de cualquiera de ellas e o de ambas, con el objetivo de promover una forma alternativa, no jurisdiccionalmente contradictoria, de resolución del conflicto familiar originado por la cesación de la vida marital (Bustelo, 1995, p.10).*

### **1.2.1. Conceito Mediação Interdisciplinar**

No seguimento da conceptualização da mediação familiar Sauber, Beiner e Meddoff (s.d), referenciam cinco métodos de mediação familiar, e que se intitulam:

- 1) Mediação Integrativa
- 2) Mediação Estruturada
- 3) Mediação Terapêutica
- 4) Mediação Negociadora
- 5) Mediação Interdisciplinar

No entanto, a investigadora irá apenas centrar a sua análise na Mediação Interdisciplinar, referindo que a mediação familiar, é realizada por dois profissionais, um advogado (responsável pela informação técnica, legal e financeira) e um terapeuta (responsável pela comunicação e resolução de conflitos). Esta abordagem pode seguir dois caminhos:

- 1) O advogado e o terapeuta podem ter sessões em separado com o casal onde trabalhem as suas áreas de especialidade. Neste sentido, o terapeuta refere que o advogado trabalha as áreas relativas à questão legal e financeira, enquanto o advogado salienta aos clientes, que o terapeuta trabalha as questões emocionais, tal como, as questões relacionadas com a custódia dos filhos (Wiseman & Fiske, cit. por Sauber, Beiner & Meddoff, s.d).

2) Na abordagem conjunta, também referido como mediação conjunta, ou **co-mediação**, o advogado e o terapeuta formam uma equipa, em que as sessões são feitas em conjunto com o casal. Ocasionalmente, um dos mediadores pode reunir-se sozinho com o casal, quando há questões específicas, em que o papel do outro mediador é desnecessário (Sauber, Beiner & Meddoff, s.d).

A mediação interdisciplinar foi também referenciada por Bustelo (1995), que a define como a intervenção de uma equipa multiprofissional, em que o papel do mediador pode ser assumido por uma ou mais pessoas, trabalhando em conjunto com o intuito de resolver o conflito do casal. Nesta linha de pensamento, o trabalho em conjunto é fundamental quando no conflito estão inerentes questões referentes aos filhos; quando se opta pelas entrevistas em separado com os mediados resultado da pressão, medo e insegurança de uma das partes face ao ex-companheiro; e quando a questão do género está muito patente no conflito podendo intervir mediadores de sexos diferentes.

A abordagem destes dois autores é um fio condutor para a análise e compreensão de uma das formas de trabalhar em mediação familiar - a co-mediação - que é o objecto de estudo da investigadora.

### **1.3. Co-Mediação**

*“O velho adágio “duas cabeças valem mais do que uma” é particularmente bem adaptado em mediação” (Parkinson, 2008, p.53).*

#### **1.3.1. O processo de Co-Mediação**

Na perspectiva de Gold (1984) o trabalho em co-mediação é um processo com três dimensões:

- 1) Envolve a comunicação e a posição de cada uma das partes, centrando-se a mediação no apoio, custódia dos filhos, aquisição de novos padrões de comunicação e na reestruturação da relação conjugal;
- 2) A segunda dimensão envolve as experiências de ambas as partes e a interpretação do mediador face às mesmas. Incluindo as atitudes positivas ou negativas e os sentimentos resultantes destas experiências. Estes sentimentos são fundamentais para a mudança;
- 3) À terceira dimensão está associada uma mudança psicológica que resulta da negociação. A negociação em si pode ajudar as partes na fase da libertação emocional. O que cria segurança e uma atmosfera de abertura e respeito, assim como, a oportunidade de dialogar sobre a relação conjugal, e as preocupações relativamente aos filhos.

Nesta linha de pensamento a co-mediação é um trabalho em equipa formado por um advogado e um terapeuta. Enquanto equipa podem trabalhar de duas formas, advogado e terapeuta conhecem em separado o casal e trabalham as questões relacionadas com a sua área. Estes profissionais consultam-se mutuamente mas não conhecem em conjunto o casal. A outra abordagem é na qual se centra esta investigação é a que o advogado e o terapeuta conhecem o casal e trabalham em conjunto. O terapeuta trabalha as questões emocionais/afectivas através da prática da comunicação e os conflitos que interferem na negociação. O advogado está mais direccionado para as questões financeiras e legais, não representando nenhuma das partes. Têm papéis distintos de acordo com a sua formação. Embora o advogado seja mais estruturado na sua abordagem não é indiferente às preocupações emocionais do casal (Gold, 1984; Stier & Hamilton cit. por Love & Stulberg, 1996).

Haynes (2006) reforça que as equipas de mediadores são formadas, normalmente por um homem e uma mulher, para equilibrar os conflitos de género que possam ocorrer, por exemplo, nas situações de violência doméstica. Este equilíbrio de poder é muito importante (Gee & Urban, cit. por Flynn, 2005) e, por diferentes profissionais provenientes de áreas distintas, tais como, advocacia e terapia. No entanto, também se

formam boas equipas em que ambos os mediadores são do mesmo sexo ou da mesma profissão.

*A combinação dum advogado com formação em mediação com um mediador familiar (conselheiro de família, terapeuta familiar, assistente social ou psicólogo) oferece um gama mais vasta de especialização e de experiência do que a que poderia ser dada por um único mediador, mesmo para aqueles que possuam formação em Direito e em Aconselhamento Familiar (Parkinson, 2008, p.56).*

Esta diversidade de saberes é bastante útil, quando surgem problemas relacionados com as crianças e com as questões financeiras. Contudo, os mediadores não se devem cingir às suas áreas de especialização, pois o trabalho em equipa implica uma partilha e mistura de conhecimentos que se adquire com a experiência.

*Muitos mediadores familiares de formação jurídica têm uma formação de base e uma especialização considerável em relação a questões relacionadas com crianças, e, do mesmo modo, mediadores sem formação em matérias jurídicas podem muito bem tratar de matérias financeiras ou de propriedades através doutra formação de base e doutra experiência (Parkinson, 2008, p.57).*

Assim sendo, independentemente da área de formação, se os mediadores conseguirem dominar todas as questões o trabalho torna-se bastante enriquecedor. Esta visão reflecte que a chave da co-mediação é a construção de uma equipa que trabalhe coordenadamente e que siga um modelo produtivo e não competitivo na resolução dos conflitos do casal. É necessário que os mediadores se reúnam antes da sessão de mediação para reflectirem em conjunto sobre estas questões e definirem as estratégias a utilizar, o que tornará mais difícil a existência de conflitos durante a sessão.

Tal como sugere Haynes (2006), as equipas de mediadores antes de iniciarem o processo de mediação deveriam ter em conta as seguintes questões:

- Quem vai liderar e fazer as perguntas centrais?
- Quem vai conduzir a sessão?



- Como resolver as diferenças que possam surgir no que respeita às táticas e valores?
- Como é que indicam um ao outro quando o que está a intervir não quer que o outro mediador interrompa o seu raciocínio?

Parkinson (2008) argumenta, ainda, que a co-mediação é vista como uma das formas de mediação em que os co-mediadores que trabalham bem em equipa e se valorizam mutuamente ao trabalharem em conjunto têm, uma maior capacidade de tratar de conflitos difíceis e desgastantes; por outro lado se não se compreenderem um ao outro e não estiverem em harmonia isso poderá prejudicar o processo de mediação. Pode ser utilizada em diversas finalidades: formação (um mediador inexperiente pode aprender com um mediador mais experiente); supervisão; proporcionar equilíbrio e apoio; proporcionar um equilíbrio em razão género e/ou cultura; aumentar a gama de conhecimentos e as aptidões existentes na mediação; modificar a dinâmica do processo; aumentar o número e o tipo de estratégias que podem ser usadas.

Esta abordagem da co-mediação enquanto dispositivo de aprendizagem e formação é também partilhada por Stulberg e Montgomery (cit. por Love & Stulberg, 1996) e que salientam a co-mediação enquanto componente importante de formação dos mediadores, que favorece a oportunidade de crescimento profissional aos novos mediadores, o que por sua vez lhes permite avaliar o que funciona e não funciona, contribuindo para aperfeiçoar a sua prática. Perante esta realidade a co-mediação tanto pode melhorar, como diminuir a eficácia do processo de mediação.

### **1.3.2. Vantagens da Co-Mediação**

Se as condições básicas forem preenchidas a co-mediação apresenta inúmeras vantagens. Para Parkinson (2008) *“os membros das famílias em diferentes fases da ruptura de relações trazem pontos de vista discordantes, necessidades conflituosas e uma mistura complexa de questões a debater: conjugais, pais/filhos, financeiras e*

*legais*” (p.54). Pelo que, se os co-mediadores trabalharem bem enquanto equipa, valorizando os pontos fortes de cada um, terão maior capacidade de tratar de conflitos difíceis e desgastantes. Assim sendo, autores como Love e Stulberg (1996), Haynes (2006), Parkinson (2008) e Schneider e O’Brien (s.d) afirmam, na linha de outros autores, entre os quais Regina (2000), Rosengard (2004) e Torremorell (2008), que esta forma de mediação familiar apresenta várias vantagens, nomeadamente:

**1) Melhorar os conhecimentos, percepções e capacidade de escuta dos interventores que muitas vezes provém de diversas etnias, formações e profissões.** Os mediadores complementam-se um ao outro quanto às suas qualidades, estilos de trabalho e uso de aptidões específicas, ou seja, ao nível dos conhecimentos.

**2) Criar o equilíbrio na equipa de mediação devido à diversidade de mediadores (por exemplo, mulher e homem; caucasiano e africano; advogado e assistente social).** Se os mediadores forem homem e mulher há um equilíbrio de género na sala e um modelo para o equilíbrio de poderes; quando os mediados são de culturas diferentes e um dos mediadores conhece as tradições e necessidades do casal é fulcral para o desenvolvimento do processo; se os mediadores tiverem diferentes formações torna o processo mais enriquecedor no sentido que se complementam ao nível dos conhecimentos trazendo cada um a sua experiência para o processo.

**3) Promover às partes um modelo de comunicação, cooperação e interacção.** Os mediadores são um modelo para os mediados no sentido em que transmitem uma modelagem de atitudes cooperativas, de comunicação e interacção.

**4) Manutenção de uma boa prática.** Durante o processo de mediação a presença de um co-mediador ajuda a evitar esquecimentos e omissões.

**5) Apoio para os mediadores.** As responsabilidades podem ser partilhadas e as tarefas divididas. A presença de dois mediadores transmite segurança um ao outro e permite um apoio.

**6) Os mediadores beneficiam com o trabalho um do outro, no sentido em que tem oportunidade de treinar, aprender e enriquecer.** Há uma

aprendizagem mútua e permite uma formação prática de mediadores inexperientes.

### 1.3.3. Desvantagens da Co-Mediação

Um olhar crítico sobre o trabalho em co-mediação mostra-nos algumas desvantagens, designadamente:

- i) **O conflito e a competição podem tornar o processo de mediação mais difícil.** Quando os mediadores têm perspectivas e maneiras diferentes de trabalhar que não conseguem gerir podem entrar em competição, o que não é benéfico para o desenvolvimento do processo.
- ii) **A co-mediação pode ser mais demorada do que a mediação feita por um único mediador.** Para além das sessões de mediação é necessário despende tempo para a organização e planeamento das mesmas (os mediadores têm de negociar sobre as tarefas e papéis de cada um) e, posteriormente, fazer uma análise das sessões.
- iii) **Logística.** A deslocação de um ou dos dois mediadores acarreta custos adicionais e tempo.
- iv) **As partes podem tentar dividir e conquistar a equipa de mediação, centrando-se no mediador mais simpático em vez de ter um único foco.** Há o risco dos mediadores serem manipulados e divididos pelos mediados. Estes tentam muitas vezes persuadir os mediadores a tomarem um partido.
- v) **Os mediadores trabalhando em conjunto podem actuar de maneira diferente da que actuariam individualmente.** Para evitar sobrepor-se ao outro sendo que o seu trabalho pode ser deficiente e limitado (Love e Stulberg, 1996; Regina, 2000; Parkinson, 2008; Torremorell 2008).

#### **1.3.4. Directrizes para uma boa prática de co-mediação**

Perante a análise dos benefícios e inconvenientes do trabalho em equipa é fulcral a escolha do parceiro para fazer co-mediação, sendo vários os aspectos a ter em consideração.

**1) Escolher um parceiro que tenha uma visão semelhante dos objectivos da mediação e compatível nas estratégias utilizadas para executar o trabalho -**

A principal tarefa dos mediadores para ajudar as partes a uma compreensão recíproca é facilitar o diálogo no sentido de resolver as questões em negociação. Ou será que a tarefa principal consiste na obtenção de um acordo eficaz o mais rápido possível? Neste sentido, antes da mediação os co-mediadores devem falar acerca dos seus objectivos e metas que são compatíveis enquanto equipa. Os mediadores devem ainda assegurar-se que compartilham das mesmas abordagens e estratégias. Por exemplo: as regras são apresentadas aos mediados ou são negociadas com estes?; O caucus é sempre utilizado ou só em situações especiais?; Os advogados sentam-se à mesa ou fora dela? É fundamental os co-mediadores sentirem-se confortáveis e confiantes relativamente às estratégias que adoptam. Embora seja produtivo observar e apreender a partir de um mediador com orientações e estratégias diferentes, o trabalho de parceria eficaz requer uma consonância nas metas, objectivos e estratégias.

**2) Estabelecer papéis de liderança para os co-mediadores –** Os co-mediadores devem ser responsáveis por determinada fase do processo de mediação. É fundamental definir as funções de liderança, principalmente quando os mediadores nunca trabalharam em conjunto. Assim, mesmo que ocorra um conflito este deve ter um impacto diminuto, pois espera-se que o líder controle a situação e que o conflito não perturbe a sessão.

**3) Utilizar estrategicamente a posição em como estão sentados para maximizar as oportunidades de sucesso do processo de mediação -** O objectivo é maximizar a capacidade dos co-mediadores para comunicar uns com os outros, aproveitando-se da equipa de mediação para equilibrar o ambiente, unificando o foco das partes.

**4) Atribuir tarefas a cada mediador para que a mediação seja o mais eficiente e produtiva**

– A distribuição das tarefas e das diferentes fases do processo pelos co-mediadores pode facilitar a sessão. Por exemplo, um dos mediadores pode ficar responsável pela formulação de perguntas e obtenção de informação, enquanto o outro fica responsável por escrever a informação dada pelos mediados, e procurar pontos de interesse comuns às partes que possam ajudar o processo. Assim, quando um dos mediadores não está a realizar nenhuma tarefa específica ou está menos activo deve surgir como observador do processo (acompanhando as subtilezas da interacção das partes e dos desenvolvimentos substanciais da sessão). Há uma tendência para a co-mediação demorar mais tempo, o que pode ser contornado se os mediadores utilizarem os recursos que um trabalho em equipa fornece. O planeamento eficaz leva tempo, mas mais tarde pode ser rentabilizado.

**5) Permitir um ao outro espaço para participar na discussão**

– No decorrer da sessão de mediação, os mediadores não têm necessariamente de intervir em igualdade de tempo. No entanto também não é produtivo se estes sentirem necessidade de competir entre si. Tanto é importante o mediador que escuta e observa como o que tem um papel mais activo, o que deve ser explicado aos mediados. Durante o processo o mediador que conduz a sessão deve dar espaço para o outro mediador intervir. Por exemplo, perguntando “se tem alguma coisa a acrescentar”; “se há mais alguma coisa a explorar antes de passar ao passe seguinte”. As decisões importantes devem ser feitas em equipa, como por exemplo, a estruturação da agenda de discussão. Os mediadores devem também trabalhar entre si os sinais de comunicação.

**6) Tirar maior partido possível da diversidade da equipa de mediação**

- Quanto ao layout da sala, os mediadores devem posicionar-se de forma a tirarem maior partido da sua diversidade e não polarizarem a situação. Em situações onde há um desequilíbrio de poder aparente entre as partes não deve haver um desequilíbrio de poder correspondente na equipa de mediação.

**7) Manter um enfoque unificado para que os entendimentos comuns sejam alcançados**

- Os mediadores não devem permitir que as partes dividam a conversa entre os mediadores. Quando o mediador mais activo está a conversar com uma das partes, não deve ser permitido que a outra parte gere uma conversa com o mediador menos activo. Para manter este enfoque unificado o mediador

que conduz a sessão pode utilizar o pronome “nós em vez de eu” quando são estabelecidas as regras, as metas ou feitas sugestões às partes. É ainda importante, quando um co-mediador está a explorar um tópico ou a seguir um determinado raciocínio, que o outro mediador tenha o cuidado para não entrar e iniciar uma conversa com uma pista totalmente diferente. Os co-mediadores devem ser solidários entre si.

**8) Ter um plano de recursos caso a co-mediação não funcione** - Nem todos os mediadores trabalham bem em conjunto. Especialmente se os mediadores são co-mediadores com o outro pela primeira vez. Os mediadores podem optar por um ter um papel mais activo e outro funcionar mais como observador. Se ocorrer um comportamento disfuncional os mediadores na sua sessão de esclarecimento devem reflectir se têm ou não condições para fazer co-mediação.

**9) Ser flexível** - Por vezes os planos feitos pelos co-mediadores quanto à divisão das responsabilidades, atribuições, entre outras funções podem ter de ser alteradas consoante o decorrer da mediação. Noutros casos, a experiência, o conhecimento de um dos mediadores pode surgir como útil para a discussão, o que resulta na mudança necessária de papéis do mediador. Uma equipa deve ter a flexibilidade para alterar os planos quando a situação o exige.

**10) Fazer uma conclusão depois de cada sessão em co-mediação** - Uma das vantagens da co-mediação é que permite aos mediadores aprender uns com os outros. O que acontecesse se depois de cada sessão os mediadores dão um ao outro um feedback construtivo. As equipas precisam também de analisar os seus pontos fortes e fracos, para melhorar a sua intervenção. Após cada sessão os mediadores devem reunir-se e trocar informações sobre as partes e sobre o trabalho em equipa, no sentido de ver quais as áreas a melhorar e planear a próxima sessão.

**11) Apoiar o outro** – É normal que um dos co-mediadores tenha mais experiência, o que por sua vez lhe dá mais confiança. Neste sentido, o mediador mais confiante deve dar espaço ao mediador menos confiante para participar, estimulando e respeitando todas as contribuições. Caso contrário, os benefícios especiais da co-mediação não serão utilizados. Durante o processo de mediação sempre que um mediador é mais activo do que o outro, o mais activo deve regularmente permitir aberturas para que o outro mediador possa intervir.

**12) Recorrer a um consultor ou um supervisor** – Se os mediadores recorrerem com regularidade a um consultor ou supervisor aliado a uma formação contínua contribuirá para um enriquecimento e novas ideias (Love & Stulberg, 1996; Parkinson, 2008).

Partindo da análise e aprofundamento dos autores referenciados a investigadora constatou que a co-mediação é retratada como uma das formas de trabalhar em mediação familiar. Esta visão é reforçada por Epstein e Epstein (2006), isto é, a co-mediação não é necessária em todos os casos, mas constitui uma ferramenta útil.

## **Capítulo 2 - Metodologia de Investigação**

### **2.1. Enquadramento Metodológico**

#### **2.1.1 Ponto de Partida da Investigação**

A investigação é um processo de pesquisa sistemática planeado com a finalidade de recolher, analisar, interpretar e utilizar os dados para compreender, descrever, prever ou controlar um fenómeno que se pretende estudar (Mertens, 1998). Deste modo, para Quivy e Campenhoudt (1998) *“importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conhecer e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho”* (p.15).

Partindo deste contexto, esta investigação contribuirá para o conhecimento do trabalho realizado em Portugal ao nível da co-mediação que segundo sabemos não existe nenhum estudo neste âmbito e por a mediação familiar se encontrar em desenvolvimento no nosso país.

#### **2.1.2. Paradigma da Investigação**

Segundo Denzin e Lincoln (1994), paradigma é definido como um conjunto básico de crenças, valores e pressupostos que representam uma dada imagem do mundo, revelando assim, uma determinada natureza do mundo, a posição do indivíduo nele e a sua relação com ele. As investigações são orientadas *“por um conjunto de crenças e sentimentos sobre o mundo e sobre o modo como ele pode ser compreendido e estudado”* (Denzin & Lincoln, 1994, p.13). O paradigma define as posições ontológica, epistemológica e, metodológica subjacentes a um processo de investigação.



Na perspectiva de Guba e Lincoln (1994), destacam-se quatro paradigmas científicos: o Paradigma Positivista; o Paradigma Pós-Positivista; o Paradigma Teoria Crítica e o Paradigma Construtivista.

Esta investigação centra-se no Paradigma Pós-Positivista que advém de uma perspectiva empírica. Quanto à posição ontológica subjacente a este paradigma, considera-se que existe uma realidade que é real, mas que apenas pode ser apreendida de um modo imperfeito e probabilístico, devido às características intelectuais do investigador e à natureza complexa do objecto de estudo. A posição epistemológica, por sua vez, baseia-se numa perspectiva não dualista mas objectivista, sendo possível conhecer a realidade de um modo meramente aproximado. Por último, em termos metodológicos as características experimentais e manipulativas existem mas modificadas e a abordagem qualitativa é considerada pertinente. Assim, na presente investigação, é dada ênfase aos processos e significados a partir dos próprios termos dos participantes (Guba & Lincoln, 1994).

### **2.1.3. Metodologia Qualitativa**

A metodologia adoptada neste estudo é uma metodologia qualitativa que consiste numa construção teórica, no sentido em que este tipo de metodologia permite o desenvolvimento da teoria a partir de um processo sistemático e interactivo de recolha e análise de dados. A metodologia qualitativa tendo *“potencial para esclarecer significações pessoais, explicar a experiência humana, apresentar “histórias” ricas em detalhes, compreender, gerar teorias sobre processos que vão mudando ao longo do tempo, explicar a diversidade assim como padrões e temas, e preservar condições históricas, culturais e contextuais”* (Wilson & Hutchinson, 1997, p.64). É deste modo consistente com a perspectiva sistémica, no sentido em que contempla o contexto, a multiplicidade de perspectivas, a complexidade, as diferenças individuais, a causalidade circular, uma visão holística e processual dos fenómenos.

Este tipo de investigação centra-se no modo como o mundo social é compreendido, experimentado, produzido e interpretado, dando maior ênfase aos processos e significações através dos próprios sujeitos da investigação, assumindo o investigador um papel fundamental na recolha e análise de dados.

Assim sendo, as principais características da investigação qualitativa “*são a correcta escolha de métodos e teorias apropriados; o reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção de saber; a variedade de métodos e perspectivas*” (Flick, 2005, p.4).

## **2.2. Desenho da Investigação**

### **2.2.1. Questão Inicial**

O presente estudo tem um carácter exploratório, segundo a caracterização de Bertaux (cit. por Guerra, 2006), dado o desconhecimento do fenómeno estudado. Neste sentido a seguinte questão surge como ponto de partida da investigação: Quais as potencialidades do trabalho em equipa, co-mediação, no sucesso da mediação familiar comparativamente aos resultados do processo de mediação familiar conduzido por um único mediador?

### **2.2. Objectivos Gerais e Específicos**

O presente estudo tem como objectivos gerais:

1. Analisar a percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação.
2. Analisar as diferenças, percebidas pelos mediadores familiares no processo de mediação familiar quanto à co-mediação e ao trabalho do mediador individual.

3. Estudar em que situações a co-mediação é mais eficaz no processo de mediação familiar.

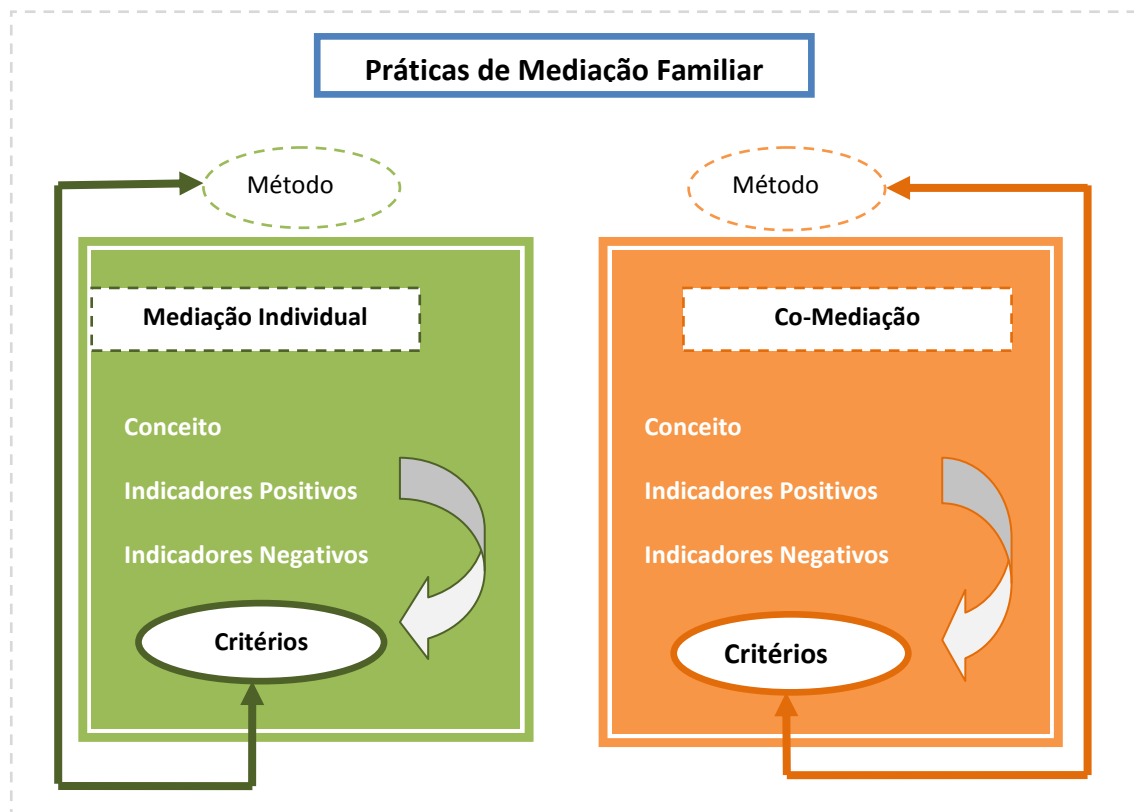
Desta forma, para a concretização destes objectivos gerais foram formulados os seguintes objectivos específicos:

1. Recolher as opiniões dos mediadores familiares sobre as potencialidades da co-mediação.
2. Perceber quais os critérios que levam os mediadores familiares a optar por trabalhar individualmente ou a trabalhar em co-mediação no processo de mediação familiar.
3. Conhecer em que situações os mediadores familiares utilizam a co-mediação.
4. Perceber que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar a co-mediação.

### **2.2.3. Mapa conceptual**

No seguimento da definição dos objectivos específicos é fundamental definir o mapa conceptual que orienta a investigação. Este é uma representação gráfica que permite organizar e representar o conhecimento estrutural procurando descrever a forma como os conhecimentos anteriores lhe deram origem. Esta técnica é baseada na teoria da aprendizagem (Ausubel, 1968) que se apoia no princípio de que o armazenamento de informação ocorre a partir da organização dos conceitos mais gerais para os mais específicos e das suas relações. Esta teoria foi desenvolvida por Novak que considerou que o conhecimento é armazenado na estrutura cognitiva pré-existente. A percepção deste conhecimento é possível através da representação gráfica das relações que ligam os conceitos entre si e formam o mapa conceptual, facilitando assim a sua compreensão. Nesta perspectiva, a investigação foi orientada segundo o seguinte mapa conceptual (figura 1) que representa o seu percurso.

Figura 1 – Mapa Conceptual



Este esquema será o fio condutor da investigação. Desta forma, estes conceitos estão relacionados entre si no sentido que se pretende analisar duas das práticas de mediação familiar: a mediação individual e a co-mediação. O mediador familiar ao optar por uma destas duas práticas elege um caminho (método). Assim, surgem indicadores positivos e negativos da sua prática dos quais emergem critérios que permitem ao mediador familiar optar por um trabalhar individualmente ou em co-mediação.

#### 2.2.4. Questões de Investigação

Tendo como referência os objectivos gerais este estudo pretende responder às seguintes questões de investigação:

- 1 – Quais os critérios de decisão que levam os mediadores familiares a trabalhar em co-mediação ou individualmente no processo de mediação familiar?

2 – Qual a percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação?

3 – No processo de mediação familiar em que situações a co-mediação pode ser mais eficaz?

### **2.3. Amostra**

A amostra é um subgrupo de população seleccionado para obter informações relativas às características dessa população. Neste caso específico a amostra é constituída por 15 mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado. Sendo a amostra da investigação deliberada e não probabilística.

Apresenta-se, em seguida, o quadro 1 com as características gerais dos mediadores familiares que constituem a amostra do estudo.

Quadro 1 - Características gerais dos mediadores familiares que constituem a amostra do estudo

<b>Variável</b>	<b>(N=15) n</b>	<b>(%)</b>
Sexo		
Feminino	12	80
Masculino	3	20
Nacionalidade		
Portuguesa	15	100
Licenciatura de Base		
Direito	10	66.7
Psicologia	2	13.3
Serviço Social/Política Social	2	13.3
Relações Internacionais	1	6.7
Idade	M 43.53	DP 8.67 Min.-Máx. 33-58

Números de Anos que faz Mediação	M 5.73	DP 3.56	Min.-Máx. 3-15
-------------------------------------	-----------	------------	-------------------

Segundo os dados apresentados a esmagadora maioria dos mediadores familiares é do sexo feminino. As idades variam entre os 33 e os 58 anos, sendo todos de nacionalidade portuguesa. Quanto à licenciatura de base é bastante homogénea, visto que a maioria dos indivíduos é da área do Direito.

Relativamente ao percurso dos mediadores familiares, estes fazem mediação em média há 6 anos. Quanto à prática de co-mediação a amostra divide-se nos mediadores familiares que recorrem maioritariamente à co-mediação (4); os que recorrem às vezes à co-mediação (4); os mediadores familiares que trabalham individualmente na maioria dos processos (5) e, os mediadores familiares que trabalham sempre individualmente nos processos de mediação familiar (2). Neste sentido, existe um equilíbrio da amostra, uma vez que, 8 dos entrevistados utiliza com regularidade a co-mediação e 7 trabalham preferencialmente como mediadores individuais nos processos de mediação familiar. A taxa de adesão dos participantes foi de 100%.

## **2.4. Instrumentos de Recolha de Dados**

### **2.4.1. Entrevista Semi-Estuturada**

A entrevista permite ao investigador recolher dados “já existentes” de que não dispõe sobre determinado assunto mas que são fundamentais para o seu estudo. Segundo Ruquoy (1995), a “*entrevista é o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por um indivíduo*” (p.89).

*Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que,*

*através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor ceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade* (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.192).

Nesta perspectiva, o método de recolha de dados qualitativos utilizados no estudo foram as entrevistas semi-estruturadas que permitiram observar *“o sujeito e a sociedade em interacção, mas também, e simultaneamente, os factos e as emoções que os acompanham”* (Guerra, 2006, p.19). Este tipo de entrevista é caracterizado pelo facto de o guião ser formado por perguntas mais ou menos abertas, às quais se espera que o entrevistado responda livremente. É fundamental a sua utilização quando o objectivo da recolha de dados é as afirmações concretas sobre um assunto (Flick, 2005).

A entrevista semi-estruturada permite assim manter o foco nas questões-chave facilitando a comparação entre as respostas dos vários entrevistados. Nesta investigação o guião de entrevista semi-estruturada é composto por dezasseis questões (*Vide Anexo C*), das quais apresentamos como exemplo as seguintes:

1. Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?
2. Da sua experiência pode indicar-me alguns benefícios da co-mediação?
3. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Pode dar-me exemplos?

#### **2.4.2.Questionário Sócio-Demográfico**

O questionário sócio-demográfico foi construído especificamente para esta investigação e inclui as variáveis idade, sexo, nacionalidade e licenciatura de base (*Vide Anexo D*). Este permitiu a caracterização da amostra do estudo a nível das mesmas variáveis como já anteriormente constatado.

## **2.5. Procedimento de Recolha de Dados**

Para a realização do estudo foram entrevistados 15 mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado, entre Março e Maio de 2011.

A recolha da informação dividiu-se em três momentos. O primeiro consistiu na elaboração do guião da entrevista após a revisão da literatura. Posteriormente, foi realizado o pré-teste que permitiu perceber se as questões iam de encontro à temática em estudo.

A segunda fase passou pelo contacto com os mediadores familiares para marcação das entrevistas.

À terceira etapa coincidiu com a realização das entrevistas. Cada uma delas iniciou-se com a apresentação da entrevistadora e dos mediadores familiares, agradecendo-se-lhes a disponibilidade demonstrada. Em seguida, foram explicados os objectivos do estudo e aplicado o questionário sócio-demográfico. Posteriormente, a entrevistadora informou os participantes de que não existem respostas certas ou erradas. Neste sentido recomendou-se para se sentirem livres para responder e partilhar como desejassem, não sendo relevante comentários positivos ou negativos. Frisou-se que o importante é a partilha da opinião de cada um de acordo com a sua experiência. Foi pedido o consentimento para a gravação áudio (*Vide Anexo E*), e explicado que esta se destina a evitar perder os comentários dos participantes. Garantiu-se total confidencialidade das respostas, sendo que a identidade nunca será mencionada em qualquer texto. O guião da entrevista compreende essencialmente quatro fases. As primeiras questões foram direccionadas para a recolha de informação sobre as questões mais gerais da mediação familiar e para adquirir dados acerca do trabalho dos mediadores familiares. Seguiu-se a parte da exploração que remeteu para questões-chave sobre a co-mediação na mediação familiar que permitiram aprofundar as respostas dos participantes e, consequentemente,



explorar as ideias que foram surgindo. Por último, deu-se oportunidade aos participantes para expressarem ideias ou comentários que entendessem acrescentar. Por fim agradeceu-se a participação e contributo para a investigação.

## **2.6. Método de Análise de Dados**

### **2.6.1. Análise Temática**

A análise de dados da investigação é apoiada na Análise Temática que consiste na análise por termos/padrões em relação às posições ontológicas e epistemológicas. A análise temática não está associada a qualquer referencial teórico pré-existente, podendo ser utilizada em diferentes referenciais teóricos.

Segundo Braun e Clarke (2006) este tipo de análise é compatível com o paradigma essencialista/realista, com o paradigma construcionista e com o método contextualista que se centra entre o pólo essencialista e o pólo construcionista. A questão da epistemologia é normalmente determinada aquando a construção do projecto de pesquisa embora possam haver alterações durante a análise dos dados. A epistemologia permite assim ao investigador ter informação sobre os dados e perceber como será feita a teorização.

Esta investigação centra-se no paradigma essencialista/realista, uma vez que se reporta às experiências, sentidos e realidade dos participantes, ou seja, reconhece a forma como os indivíduos dão significado à sua experiência. Pretende reflectir acerca da realidade, mas tendo presente o referencial teórico (Braun & Clarke, 2006).

Neste contexto “O que o investigador pode considerar como tema?” O tema capta algo importante sobre os dados em relação à investigação e representa a modelagem da

resposta ou significado dentro do conjunto de dados. Os temas podem ser identificados a dois níveis: indutivo ou dedutivo e semântica ou temas latentes.

#### **2.6.1.1. Análise Temática Indutiva versus Dedutiva**

Os temas dentro dos dados podem ser identificados em uma das duas principais formas de análise temática: Análise Temática Indutiva (Frith & Gleeson, cit. por Braun & Clarke, 2006) ou Análise Temática Dedutiva (Boyatzis, cit. por Braun & Clarke, 2006; Hayes, cit. in Braun & Clarke, 2006). Segundo a abordagem indutiva os temas identificados são ligados aos dados (Patton, cit. por Braun & Clarke, 2006). Em contrapartida, a abordagem dedutiva é uma análise que se baseia numa análise teórica das temáticas, ou seja, o investigador tem um interesse teórico e analítico do tema (Braun & Clarke, 2006).

Esta investigação tem por base a Análise Temática Indutiva, no sentido em que neste tipo de abordagem se os dados foram recolhidos especificamente para o estudo, por exemplo, através de entrevista ou de focus group, os temas identificados podem não ter muita relação com as questões específicas que foram perguntadas aos participantes. A análise indutiva é, portanto, um processo de codificação de dados, que não tenta enquadrá-los na codificação preexistente ou pré-analítica do investigador. Neste sentido, esta forma de análise temática é orientada para os dados. No entanto, o investigador não pode libertar-se do referencial teórico e dos compromissos epistemológicos. Os dados não podem ser codificados num vazio epistemológico tendo sempre presente o referencial teórico.

#### **2.6.1.2. Semântica ou Temas Latentes**

De acordo com Boyatzis (cit. por Braun & Clarke, 2006) na análise temática os temas podem também ser identificados a nível semântico ou a nível latente. Na abordagem

semântica os temas são identificados de acordo com os significados explícitos nos dados, ou seja, o investigador não procura nada para além do que foi dito pelo participante. Idealmente, o processo analítico envolve uma organização dos dados e, posteriormente, uma interpretação com vista à teorização do significado dos temas. Em contrapartida, se os temas são identificados a nível latente significa que transcende o conteúdo semântico dos dados, ou seja, há uma identificação e análise das ideias subjacentes nos mesmos que posteriormente são teorizadas. Baseando-se o estudo neste tipo de análise.

#### **2.6.1.3. Fases Análise Temática**

Nesta linha de pensamento, é de mencionar as fases da análise temática sendo algumas semelhantes a outros métodos de análise qualitativa. Este processo inicia-se quando o investigador começa a verificar e a procurar padrões de significado nas questões de interesse dos dados, o que pode ocorrer durante a sua recolha. A fase final corresponde à apresentação do conteúdo dos temas dos dados. A análise não é um processo linear em que se transita de uma fase para outra. Em vez disso, é um processo em que o movimento sofre alterações, conforme necessário, ao longo das fases (Braun & Clarke, 2006).

Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática é caracterizada por seis fases, designadamente:

**1ª Fase: Familiarizar-se com os Dados.** Durante a recolha dos dados o investigador vai-se envolvendo e tendo alguma noção dos mesmos. O investigador tem um conhecimento prévio, o que lhe permite fazer uma primeira análise; no entanto é importante que analise toda a amplitude do conteúdo. Este facto implica uma leitura dos dados, com vista à procura de significados, padrões entre outros. Este percurso permite ao investigador perceber se a sua pesquisa assenta numa análise global ou detalhada; se os temas que pesquisa são latentes ou semântica; ter informação sobre os dados e perceber como será feita a teorização. Independentemente da abordagem

escolhida é fundamental o investigador estar familiarizado com todos os aspectos dos seus dados. Esta fase é o alicerce para o resto da análise.

**2ªFase: Criar Códigos Iniciais.** A segunda fase começa quando o investigador está familiarizado com os dados e consegue fazer uma lista com as principais ideias sobre o que é apresentado nestes e de maior interesse. No entanto, os dados codificados diferem das unidades de análise, ou seja, dos temas, que muitas das vezes são mais amplos. Estes são desenvolvidos na fase seguinte onde ocorre a análise interpretativa dos dados e em relação aos quais os argumentos sobre o fenómeno a ser analisado são feitos. (Boyatzis, cit. por Braun & Clarke, 2006).

**3ªFase: Pesquisa de Temas.** A terceira fase começa quando todos os dados foram inicialmente codificados e ordenados e, o investigador tem uma lista com códigos diferentes que foram identificados a partir dos mesmos. Esta centra-se na análise dos temas, ao invés de se centrar nos códigos, ou seja, tem como intuito clarificar os diferentes códigos em potenciais temas.

**4ªFase: Rever os Temas.** Esta fase surge quando o investigador tem um conjunto de temas e posteriormente envolve a revisão dos mesmos. Nesta fase torna-se claro que alguns dos temas identificados não são realmente temas (por exemplo, se não houver dados suficientes para sustentá-los ou os dados forem muito diferentes; dois temas distintos podem formar um tema só; outros temas, por sua vez, podem ter de ser divididos em temas distintos).

**5ªFase: Definir e Nomear os Temas.** Quando o investigador tem um mapa temático satisfatório dos seus dados está em condições de definir e melhorar os temas de análise e, consequentemente, analisar os dados dentro desses temas.

**6ªFase:Elaboração do Relatório.** Esta é a última fase que consiste na elaboração do relatório resultante da análise final dos temas.

Em suma, a investigação seguiu este fio condutor através do programa Nvivo8 (*Qualitative Solutions and Research – Research Software for Analysis and Insight*) que permitiu o tratamento de dados.

## Capítulo 3 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

### 3.1 Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo pretende-se apresentar os resultados e a análise da investigação científica realizada através de entrevistas semi-estruturadas realizadas aos mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado e, por último uma reflexão tendo como orientação estes dados e a finalidade da investigação.

A realização da entrevista semi-estruturada foi o ponto de partida para a obtenção dos resultados. Seguidamente utilizou-se o programa Nvivo8 que permitiu a codificação dos dados num sistema de categorias. Cada uma destas categorias apresenta o número de mediadores que identificou aquele dado e o número de vezes que foi referido. Por sua vez, esta categorização baseou-se na Análise Temática que permitiu a elaboração da árvore de categorias do estudo (*Vide Anexo A*).

Neste sentido identificámos uma categoria principal - **práticas de mediação familiar**. A qual, por sua vez, se ramifica na sub-categoria **mediação individual** (mediação realizada por um mediador familiar) e **co-mediação** (mediação realizada por dois mediadores familiares). Estas categorias estão associadas aos objectivos da investigação, designadamente:

- 1) Analisar a percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação;
- 2) Analisar as diferenças, percebidas pelos mediadores familiares no processo de mediação familiar quanto à co-mediação e ao trabalho do mediador individual;
- 3) Estudar em que situações a co-mediação é mais eficaz no processo de mediação familiar.

No que concerne à “categoria mãe” **mediação individual** surgem como “categorias filhas” ou “sub-categorias” os **indicadores positivos da mediação individual** (indicadores positivos identificados pelos mediadores familiares na mediação individual) e os **indicadores negativos da mediação individual** (indicadores negativos identificados pelos mediadores familiares na mediação individual).

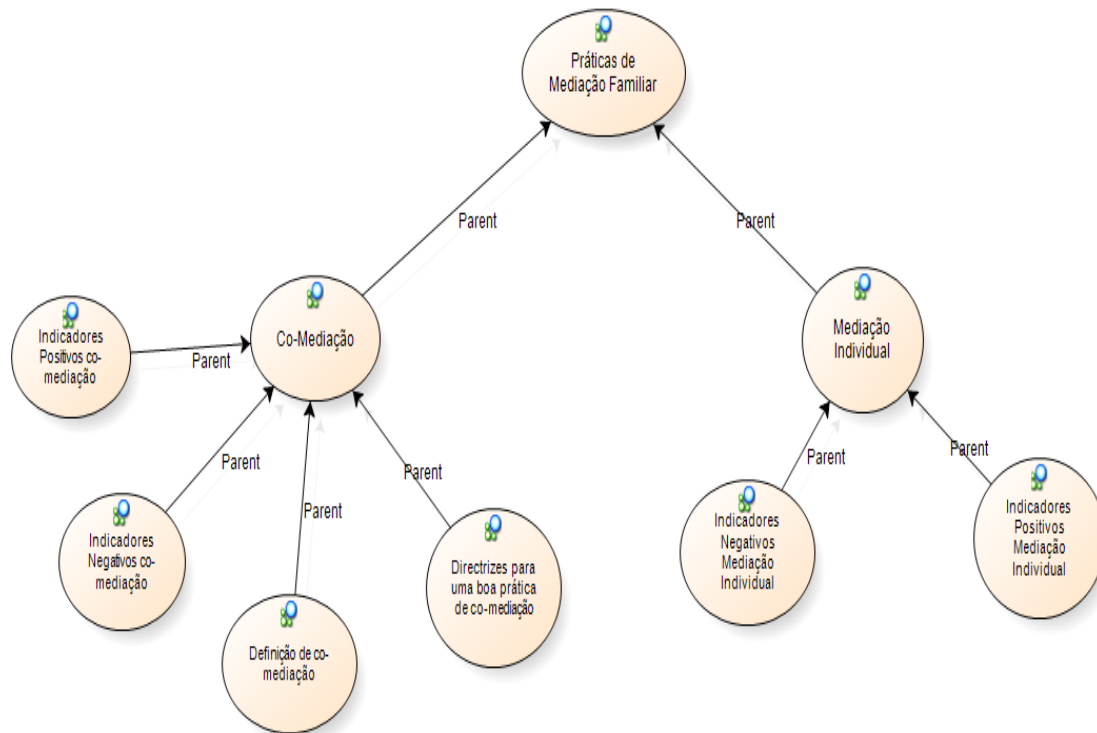
Da segunda “categoria mãe” – a **co-mediação** emergiram “categorias filhas” a **definição da co-mediação** (no sentido de a caracterizar como estratégia, método, técnica ou forma de trabalhar em mediação familiar de acordo com a experiência dos mediadores), os **indicadores positivos da co-mediação** (indicadores positivos identificados pelos mediadores familiares na co-mediação), os **indicadores negativos na co-mediação** (indicadores negativos identificados pelos mediadores familiares na co-mediação), e as **directrizes para uma boa prática de co-mediação** (explorar pistas que permitam melhorar o trabalho dos mediadores familiares).

Nesta linha de pensamento, as “categorias-filhas” identificadas foram definidas tendo por base os objectivos específicos do estudo, nomeadamente:

- 1) Recolher as opiniões dos mediadores familiares sobre as potencialidades da co-mediação;
- 2) Perceber quais os critérios que levam os mediadores familiares a optar por trabalhar individualmente ou a trabalhar em co-mediação no processo de mediação familiar;
- 3) Conhecer em que situações os mediadores familiares utilizam a co-mediação;
- 4) Perceber que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar a co-mediação.

Neste âmbito, o seguinte esquema sintetiza as categorias anteriormente apresentadas.

Figura 2 – Árvore de Categorias Principais



Pretende-se analisar agora em pormenor cada uma das “sub-categorias” correspondentes à categoria **mediação individual** e à categoria **co-mediação**. De destacar que em relação a esta última categoria emergiram um maior número de “sub-categorias”, uma vez que esta investigação incide no estudo do trabalho em co-mediação.

### 3.1.1. Mediação Individual

#### 3.1.1.1. Indicadores Positivos da Mediação Individual

Os **indicadores positivos da mediação individual** constituem uma das sub-categorias referidas. Nesta pretende-se perceber quais os indicadores identificados pelos mediadores familiares como sendo benéficos do trabalho individual. Para tal foram identificados 3 indicadores como podemos observar no seguinte quadro.

Quadro 2 - Valores associados à “categoria filha” indicadores positivos para a prática da mediação individual

Indicadores positivos da mediação individual	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Resultados do Processo	6	7 (53.8%)
Ritmo do Mediador	3	4 (30.8%)
Tranquilidade dos Mediados	2	2 (15.2%)

O indicador mais referenciado (53.8%) é o **resultado do processo** (“*Um mediador sozinho pode perfeitamente fazer um excelente trabalho. Não é uma coisa que traga prejuízo*” M12; “*Agora se não for um processo tão prolongado, se calhar podemos optar por uma mediação sozinha*” M15), seguido do **ritmo do mediador** (30.8%) - considera que o mediador familiar conduz o processo ao seu próprio ritmo. “*Mas, há uma coisa muito importante quando estamos sozinhas que é o nosso ritmo. E termos noção de que tentamos adequar o nosso ritmo também aos mediados*” (M5); “*Portanto, oriento a mediação de uma determinada maneira*” (M6). Por último, com um menor número de referências (15.2%) surge a **tranquilidade dos mediados** (mediados sentem-se mais à vontade para expressar as suas fúrias). “*Haverá, mediados que se sentiram mais confortáveis com uma pessoa apenas*” (M13).

Na perspectiva de Araújo et al. (2011) a mediação individual surge como uma prática que fomenta uma relação de maior confiança e empatia entre o mediador e os mediados o que vai de encontro ao terceiro indicador apresentado pelos entrevistados como benéfico da mediação individual.

Neste contexto foram estes os três indicadores identificados pelos entrevistados importantes do trabalho individual do mediador num processo de mediação familiar.



### 3.1.1.2. Indicadores Negativos da Mediação Individual

No que respeita à “categoria filha” **indicadores negativos da mediação individual** foram identificados 2 pelos entrevistados.

Quadro 3 - Valores associados à “categoria filha” indicadores negativos para a prática da mediação individual

Indicadores negativos da mediação individual	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Trabalho Solitário	9	13 (86.7%)
Aliança ao Mediador	2	2 (13.3%)

Como constatámos o **trabalho solitário** foi o indicador negativo da mediação individual mais referenciado pelos mediadores ( “*Mas, se eu fizer tudo sozinha posso cometer os piores erros, muitas vezes sem me dar conta, de que os estou a cometer*” M1; “*Porque, quando estamos sozinhos temos que agir por nós. Aquilo que achamos melhor, mas pode não ser o melhor*” M5). Esta visão é partilhada por Parkinson (2008), que expressa que o mediador ao trabalhar sozinho pode afastar-se do assunto, desenvolver pistas inadequadas ou falhar pontos de vista importantes, sem que ninguém se aperceba do que está a acontecer.

O segundo indicador negativo identificado por 2 dos mediadores (com 13.3% de referências) foi a **aliança ao mediador** (“*Quer estejamos sozinhos, quer estejamos em co-mediação os mediados tentam encontrar no mediador um aliado*” M11).

Relativamente aos indicadores negativos da mediação individual foram apenas referidos dois pelos mediadores familiares entrevistados.

### 3.1.2. Co-Mediação

Em relação à categoria **co-mediação** a investigadora vai analisar as “categorias filhas” já anteriormente mencionadas.

#### 3.1.2.1. Definição Co-Mediação

A “sub-categoria” **definição co-mediação** foi definida pela investigadora com o objectivo de conhecer a forma como os mediadores familiares definem a co-mediação.

Quadro 4 - Valores associados à “categoria filha” definição co-mediação

Definição co-mediação	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Técnica	6	7 (29.2%)
Forma de Trabalhar	6	7 (29.2%)
Método	6	6 (25%)
Estratégia	4	5 (20.8%)

Neste sentido, 6 dos entrevistados definiram a co-mediação como sendo uma **técnica** – procedimento que tem como objectivo obter um determinado resultado - (29.2%).

*Como uma técnica, sim, pode ser encarado como uma técnica, nomeadamente, porque se é uma técnica deverá cumprir determinados objectivos e penso que sim, cumpre o objectivo da passagem de um modelo para as pessoas, cumpre o objectivo de ao trabalhar com outra pessoa poder discordar dela de uma forma não adversarial, podemos colocar os nossos pontos de vista em cima da mesa, as nossas metodologias de trabalho podem ser diferentes, mas poderemos encontrar soluções falando abertamente sobre elas isso é muito didáctico para as pessoas que estão a trabalhar connosco. Pode ser uma técnica de equilíbrio poder, nomeadamente, não gerar uma aliança a nível de sexo, quando trabalho sozinho, curiosamente, não sinto tanto o homem a querer fazer uma aliança comigo, mais a mulher a querer fazer a aliança (M8).*

Segundo Flynn (2005), a co-mediação é considerada como uma técnica que pode ser utilizada no processo de mediação, tal como o caucus, apoio a terceiros e “equipa de curta duração.” É vista como uma técnica comum no equilíbrio do poder.

*Uma técnica também poderá ser, exactamente para que, por vezes, na co-mediação o que eu tento é ser eu e um colega do sexo masculino, para haver aquele equilíbrio de sexos e não haver aquela ideia, é mulher e puxou pelo homem... Se houver esse tipo de equilíbrio perde-se um pouco essa ideia por parte deles. Também pelo facto de trocarmos opiniões torna-se importante (M10).*

Assim esta abordagem da co-mediação enquanto técnica que permite o equilíbrio de poder é comum aos entrevistados e à literatura. No entanto Gee e Urban (citado por Flynn, 2005), também a consideram como uma técnica a utilizar sobretudo em casos que envolvem famílias vítimas de violência. Que não é especificamente mencionada pelos mediadores familiares, embora façam referência que recorrem a esta técnica “Quando a co-mediação nos faz sentido como técnica para ajudar o processo não devemos hesitar em utilizá-la...” (M11).

A co-mediação também foi definida por 6 dos mediadores familiares como **uma forma de trabalhar** (é entendida como uma opção de trabalho) apresentando 29.2% de referências. “Para mim é uma forma de trabalhar, porque aplica-se os mesmos métodos que quando estou sozinha. A questão é a forma de trabalhar em conjunto, em parceria com uma outra pessoa. É uma forma de trabalhar” (M5). Similarmente para Parkinson (2008), a co-mediação é definida como uma das diferentes formas de trabalhar em mediação familiar, assim como a mediação “âncora”, a mediação com reuniões individuais e a presença de advogados na mediação, no sentido de que do trabalho de dois mediadores podem resultar vantagens significativas em relação a um mediador a trabalhar isoladamente. São opções de trabalho.

*Quando está em co-mediação tens de ter em conta mais factores. As agendas do outro mediador, a formação do outro mediador, o estilo do outro mediador. E, portanto, tens de definir uma forma de trabalho próprio na co-mediação. Se não depois não dá resultado (M2).*

Com 25% de referências surge a co-mediação como um **método** (escolha de um caminho para chegar a um fim). *“Mas, acho que é um método de trabalhar. E se achamos que esse método de trabalhar tem a ver connosco e que é útil e que produz benefícios só temos, é de continuar com ele.”* (M4). Esta abordagem é reforçada por Esptein e Esptein (2006), que definem a co-mediação como método eficaz e eficiente na resolução de conflitos.

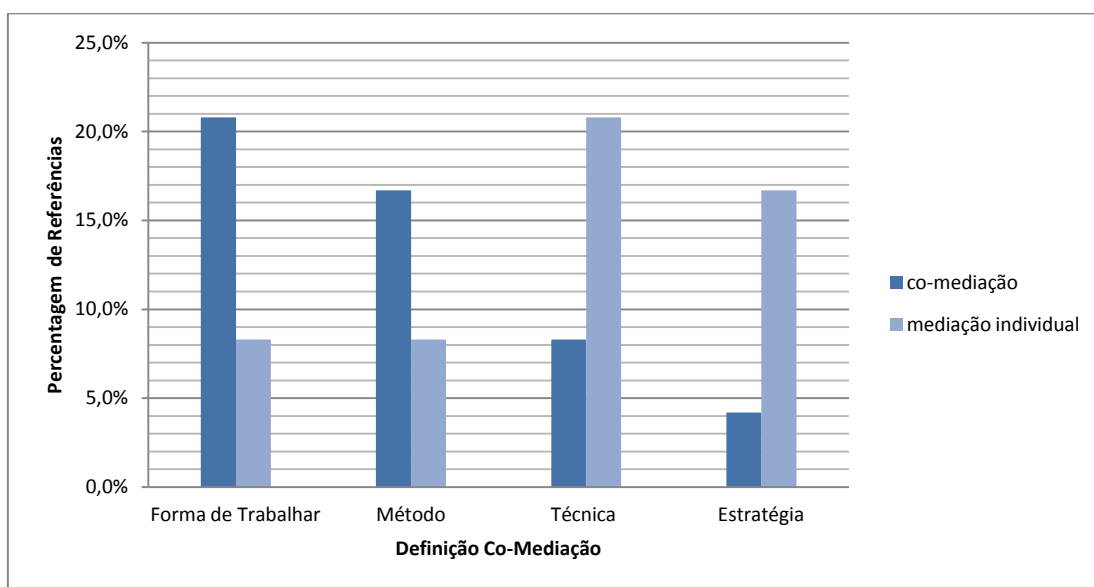
A co-mediação enquanto **estratégia** (tem finalidade concretizar um objectivo) foi a menos referenciada pelos mediadores (20.8%), nomeadamente, *“uma estratégia, às vezes, é. Eu já entrei até a meio de uma mediação como uma forma de estratégia. Precisamente, porque havia questões muito marcadas de género e, portanto, tive de entrar eu a meio porque era um homem”* (M2); *“é também uma estratégia, logicamente”* (M13). Esta perspectiva vai de encontro à literatura que apresenta a mediação como uma estratégia da mediação familiar com muitas vantagens e algumas desvantagens (CDR Associates, Moore cit. por Regina, 2000).

Paralelamente, é de realçar que 6 dos mediadores definiram a co-mediação em pelo menos dois dos termos. *“Não deixa de ser uma técnica e é também em si um método de trabalho”* (M14). Sendo que um dos mediadores realçou:

*O mediador é que tem de ter consciência do que é que vai fazer, como é que vai utilizar. Ter percepção se está a utilizar um método, se está a utilizar uma técnica, se está a utilizar uma estratégia. Tem que ser pensada. Haver uma consciência: aqui estou a utilizar uma estratégia, não aqui estou a utilizar um método* (M15).

Aquando a separação dos mediadores familiares em dois grupos, nomeadamente, os que trabalham regularmente em co-mediação e os que trabalham preferencialmente como mediadores individuais os resultados são os seguintes:

Gráfico nº 1 – Definição da Co-Mediação segundo a Prática de Mediação Familiar utilizada



Neste sentido é perceptível que independentemente de trabalharem com regularidade em co-mediação (8 mediadores) ou preferencialmente individualmente (7 mediadores) os entrevistados definem a co-mediação em mais de que um termo. Contudo, os mediadores que optam pela co-mediação entendem esta prática da mediação familiar sobretudo como uma **forma de trabalhar** (20,8% de referências) e como um **método** (16,7% de referências). E exactamente com a mesma percentagem de referências os mediadores que trabalham mais vezes individualmente têm uma visão da co-mediação como uma **técnica** e uma **estratégia**.

### 3.1.2.2. Indicadores Positivos da Co-mediação

Os **indicadores positivos da co-mediação** é outra das sub-categorias referidas. Nesta categoria pretende-se perceber quais os indicadores identificados pelos mediadores familiares como sendo benéficos para o trabalho em co-mediação. Para tal foram identificados 11 indicadores como podemos observar no seguinte quadro.

Quadro 5 - Valores associados à “categoria filha” indicadores positivos para a prática da co-mediação

Indicadores positivos da co-mediação	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Apoio mediadores	15	71 (25.5%)
Produtividade do processo	14	47 (16.9%)
Equilíbrio equipa de mediação	13	31 (11.2%)
Situações mediação familiar	12	17 (6.1%)
Reflexão dos mediadores sobre sessão	12	38 (13.7%)
Modelo para os mediados	10	28 (10.1%)
Aprendizagem mediadores	10	24 (8.6%)
Empatia e conhecer colega	10	17 (6.1%)
Estilos e Aptidões Complementares	8	20 (7.2%)
Continuidade processo mediação	6	9 (3.2%)
Supervisão	2	7 (2.5%)

Todos os mediadores familiares entrevistados identificaram como indicador positivo da co-mediação - **apoio mediadores** (25.5% de referências) – que engloba a partilha das responsabilidades entre os mediadores familiares, a segurança que os mediadores transmitem um ao outro ao trabalharem em equipa e a divisão das tarefas.

*Por outro lado, em co-mediação é mais fácil o mediador que num determinado momento está a conduzir a mediação, está a utilizar as técnicas, a fazer as perguntas estar menos atento do que aquele que está na posição passiva. O que está na posição passiva consegue prestar mais atenção e ver pormenores do que aquele que está no activo não consegue. Porque, quando estamos a falar não estamos a ouvir, não estamos a ver. Falamos e perdemos um bocadinho. E, portanto, nesse sentido, é melhor (M2).*

Este indicador vai de encontro à perspectiva de Parkinson (2008), que referência a mediação como um trabalho desgastante que exige um elevado grau de concentração do qual resulta muita informação para assimilar. Pelo que é fundamental a partilha de responsabilidades entre os mediadores.

Para Haynes (2006), é ainda necessário que os mediadores se reúnam antes da sessão de mediação para em conjunto reflectirem sobre estas questões e definir as estratégias a utilizar, o que tornará mais difícil a existência de conflitos durante a sessão. Esta visão é partilhada pelos mediadores familiares.

*Normalmente é regra no início perguntar: “O que é que fazes? Que parte é que queres fazer? Queres fazer pré-mediação? É mediação pura ou não? Isto é, se uma de nós faz uma determinada fase e a outra faz outra fase ou se uma lidera o processo e a outra fica mais apagadinha. Isto é falado (M5).*

A **produtividade do processo** representa os benefícios para os mediados em o processo ser conduzido por dois mediadores e maior produtividade do mesmo. Este indicador positivo da co-mediação foi enunciado por 14 dos mediadores familiares com 16.9% de referências.

*Mas, quando é em co-mediação há um maior conforto a todos os níveis, quer se conseguimos chegar... Embora o acordo não seja o ideal, seja obrigatório a verdade é que é sempre melhor chegarmos a um final com um acordo e não com um não acordo e seguir outras vias. Portanto, é bom partilhar com outra pessoa essa situação e depois falar mais aprofundadamente, um reflexo daquilo que se fez (M10).*

Esptein e Esptein (2006) reforçam que a co-mediação muitas vezes resulta num processo de mediação com ritmo mais rápido, sendo a resolução mais provável de ocorrer e o follow-up mais eficaz.

O **equilíbrio equipa de mediação** surge quando se encontra uma estabilidade na equipa de mediação devido à diversidade de mediadores (género diferente, culturas diferentes, formações e profissões diferentes). Dos 15 entrevistados 13 (com 11.2% de referências) mencionaram este indicador (*“por outro lado, o factor da complementaridade. De sermos de disciplinas diferentes, de sexos diferentes, estilos diferentes mas complementares não antagónicos”* M12). Este indicador citado pela maioria dos entrevistados tem uma fundamentação teórica. Autores como Love e Stulberg (1996),

Haynes (2006), Parkinson (2008), Schneider e O'Brien (s.d) afirmam, na linha de outros autores, entre os quais Regina (2000), Rosengard (2004) e Torremorell (2008), que um equilíbrio na equipa de mediação resultado da diversidade de mediadores é uma das vantagens da co-mediação. Neste sentido, se os mediadores forem homem e mulher há um equilíbrio de género que surge como um modelo para o equilíbrio de poderes. Quando os medidos são de culturas diferentes e um dos mediandos conhece as tradições e necessidades do casal é fundamental para o desenvolvimento do processo. Se os mediadores tiverem diferentes formações torna o processo mais rico no sentido que se complementam ao nível dos conhecimentos trazendo cada um a sua experiência para o processo.

*Se houver, por exemplo, um conflito de género acentuado homem/mulher é útil, nós procurarmos um co-mediador do outro género. Já fiz co-mediações com colegas homens exactamente por essa razão, por haver um conflito de género, em que o elemento masculino sentia-se desprotegido, sozinho no meio de mulheres. Então entra um colega homem e traz mais equilíbrio à mediação (M11).*

No que respeita aos mediadores com formação de base e experiências diversas, Parkinson (2008), designa de co-mediação interdisciplinar, no sentido que os mediadores apresentam uma maior competência e confiança para tratar uma panóplia de questões. Assim, co-mediadores com uma formação profissional diferente complementam-se permitindo ao processo um leque alargado de especializações; mediar em processos que se centram em diferentes questões interrelacionadas, nomeadamente, no equilíbrio no desenvolver do processo de divórcio emocional, familiar, financeiro e legal; maior criatividade ao nível das opções e ideias; maneiras estratégicas de prestar informações aos casais; debates estratégicos entre co-mediadores; usar o humor para aliviar a tensão e, por último, minutar sumários escritos.

Outro dos indicadores positivos identificados por 12 dos mediadores familiares foi a **reflexão dos mediadores sobre sessão** com 13.7% de referências. Esta refere-se à partilha entre os mediadores acerca da sessão de mediação (questionam-se acerca de como correu, como se sentiram; partilham as dificuldades e conquistas; definem as estratégias a seguir). *“Vamos, sentamos e discutimos sobre isso. E depois no final da*



*mediação discutimos as questões mais de ideologia, de princípio” M1; “ Reflectirem após cada sessão que fazem em conjunto, o que se passou o que funcionou melhor e pior; ver as estratégias e ver o que se pode pegar na sessão seguinte” M7; “Tem de haver um trabalho prévio, durante e no fim” M15).* Segundo Love e Stulberg (1996), Parkinson (2008), uma das condições para uma co-mediação eficaz assenta neste indicador identificado pelos mediadores familiares como sendo positivo para o trabalho em equipa. Para estes autores é fulcral fazer uma conclusão depois de cada sessão de co-mediação no sentido de um feedback construtivo (análise dos pontos fortes e fracos de cada um com o intuito de melhorar a intervenção e planear a próxima sessão).

O **modelo para os mediados** foi referido por 10 dos mediadores familiares (10.1% de referências) - quando os mediadores conseguem comunicar entre si, respeitar-se, cooperarem, terem confiança um no outro e serem transparentes resulta num modelo para os mediados. Realce-se o discurso de alguns destes:

*Se eu com o outro é muito mais fácil de passar o modelo de comunicação para os participantes, para os mediados do que se estiver sozinha. Para os mediados eu posso discordar do co-mediador continuando a respeitá-lo e continuando a cooperar com ele, ou seja, é possível passar este modelo aos outros. Muito mais ou pelo menos numa situação de conflito (M1).*

Esta abordagem é partilhada por vários autores que enumeram como uma das vantagens da co-mediação: promover às partes um modelo de comunicação, cooperação e interacção entre si. É de salientar que os mediadores não têm de estar sempre de acordo, ou seja, durante a sessão podem ter pontos de vista diferentes. O importante é discutirem as suas diferenças através de um diálogo amigável, o que revela uma maneira positiva de explorar as diferenças. Esta atitude pode ajudar os mediados a analisarem em conjunto as suas diferenças (Love & Stulberg, 1996; Regina, 2000; Rosengard, 2004; Haynes, 2006; Parkinson, 2008; Torremorell, 2008; Schneider & O’Brien, s.d).

*Tem também uma componente muito importante que eu não falei que é transmitirmos aos mediados um exemplo de comunicação. Se os mediadores comunicam convenientemente servem de exemplo aos mediados. É assim que se*

*comunica, com respeito, sem interrupções, pedindo a palavra ao colega. Servimos de exemplo. Portanto, eles devem ver em nós um modelo de comunicação. Dai que o contrario seja estragar a mediação. Portanto, tem de haver um bom modelo de comunicação entre mediadores e isso é pedagógico para os mediados. Isso pode ser integrado pelos mediados (M11).*

Outro dos indicadores benéficos para o trabalho em co-mediação definida pela investigadora e referida por 10 dos mediadores familiares é a **aprendizagem dos mediadores** (os mediadores familiares ao trabalharem em equipa tem oportunidade de treinar, aprender e enriquecer) com 8.6% de referências. *“Parece-me que a principal importância de trabalhar em co-mediação é aquilo que aprendemos a ver o outro”* (M2); *“Hoje em dia, co-mediação é utilizada como uma iniciativa prática à mediação. Para colmatar a falta de experiência do mediador coisa que na altura que eu fiz co-mediação não era essa a intenção”* (M14). Esta abordagem é também partilhada por Stulberg e Montgomery (cit. por Love & Stulberg, 1996), Haynes (2006) e Parkinson (2008) que referenciam a co-mediação enquanto dispositivo de aprendizagem e formação que favorece a oportunidade de crescimento profissional aos novos mediadores permiti-lhos avaliar o que funciona e não funciona sendo uma mais-valia para melhorar a sua prática.

A **empatia e conhecer o colega** (significa os mediadores terem empatia um pelo o outro e conhecerem-se) é referenciada por 10 dos entrevistados com 6.1% de referências. *“O conhecer-se bem, com quem estamos a trabalhar”* M4; *“É muito importante sentirmos empatia por essa pessoa. Muito, Muito importante. Empatia não só profissional, por pensar aquela pessoa já trabalha há imensos anos portanto, é uma mais-valia para mim, vou trabalhar com ela”*(M5). Neste enquadramento Haynes (2006), defende que a chave da co-mediação é a construção de uma equipa que trabalhe coordenadamente e que siga um modelo produtivo e não competitivo na resolução de conflitos do casal. Também Esptein e Esptein (2006), reforçam que quanto maior for a experiência do trabalho em conjunto dos mediadores, melhores serão os resultados que dependem de uma boa química e coordenação.

*Para mim, acho que é importante que as pessoas já se conheçam um bocado. E é importante que se defina muito bem a forma como se vai trabalhar. Posso-lho lhe*

*dizer que funciona muito melhor quando realmente se conhece, porque como eu lhe digo, não faço co-mediação com colegas que eu não conheça já um bocadinho. Mas, posso-lhe garantir que a segunda, a terceira, a quarta vez funcionou muito melhor que a primeira. Porque, exactamente, porque apesar de termos combinado ainda não conhecemos bem a forma como o outro trabalhará. O tipo de perguntas que faz. E depois nós já somos uma equipa fantástica, porque já conhecemos um bocado a maneira de trabalhar da colega e a coisa flui muitíssimo bem (M13).*

Dos mediadores familiares entrevistados 8 enunciaram os **estilos e aptidões complementares** (7.2% de referências) - os co-mediadores complementam-se um ao outro no que se refere a qualidades, estilos de trabalho e uso de aptidões específicas.

*No nosso caso penso que até há um valor acrescido, que é o facto, da minha formação ser jurídica e a da colega no âmbito da Psicologia. E isso no fundo, parecendo que não leva-nos a ter um horizonte maior sobre quem está à nossa frente e aquilo que nos está a trazer. Porque, há de facto diferenças relativamente à nossa formação e há maneira como estamos e como encaramos os problemas e interpretamos aquilo que ouvimos (M4).*

Nesta perspectiva uma equipa formada por um advogado e um terapeuta permite uma partilha de experiências profissionais, ou seja, um aproveitamento dos pontos fortes importantes para o desenrolar do processo (Stier & Hamilton cit. por Love & Stulberg, 1996). Haynes (2006), também faz referência a esta complementaridade como sendo benéfica para o processo de mediação. No entanto reforça, por exemplo, que o mediador advogado deverá aprender a lidar com questões mais emocionais e o mediador terapeuta adquirir conhecimentos no âmbito das questões legais e financeiras.

Dos mediadores familiares entrevistados 6 destacaram a **continuidade do processo mediação** (3.2% de referências) que se define pela não interrupção do processo em co-mediação quando um dos mediadores não pode fazer a sessão.

*Por vezes pode haver uma situação de doença de um dos elementos da equipa e o outro pode continuar o trabalho, sendo que o importante é que estejamos dois claro, mas pode haver uma situação de viagem também, de ausência prolongada, de onde se estiver apenas uma pessoa em sala o trabalho, em princípio tem de*

*abortar, se estiverem duas há sempre um que pode continuar se bem que eu defendo que o importante é que estejam os dois e haja sempre um esforço para que estejam os dois (M8).*

A **supervisão** (quando os mediadores familiares se reúnem depois da sessão com um supervisor) foi identificada apenas por 2 dos mediadores com 2.5% de referências (*“Há outros mecanismos, podemos ter supervisão. Devemos ter supervisão” M1; “(...) introduziu a co-mediação também para reflexão para ajudar na supervisão e na reflexão do que tinha acontecido na mediação” M15*). Na literatura a supervisão também é apontada como um dos benefícios do trabalho em equipa porque tal como referem os mediadores familiares contribui para um enriquecimento e a aportação de novas ideias.

Por último, quanto à categoria **situações mediação familiar** (6.1% de referências), pretende-se perceber quais as situações em que é útil recorrer à co-mediação. Neste sentido, 4 dos mediadores familiares referem que na **generalidade das situações** (a co-mediação é útil em todos os casos). *“Para mim não há nenhuma excepção à co-mediação. Devemos sempre poder trabalhar em co-mediação” (M1)*, assim como, em **situações elevado grau de conflitualidade e desequilíbrio mediados**, engloba os processos onde há um grande conflito e desequilíbrio entre os mediados (*“Quando os ânimos estão mais exaltados entre eles e o grau de conflito é mais alto é muito mais fácil” M3; “Relativamente ao mediados, situações, por exemplo, em que haja um grande desnível de equilíbrio entre as partes” M11*).

Os Mediadores 3, 4, 9 e 15 identificam as **situações de casais com crianças** (a co-mediação é útil em situações que envolvam divórcio/separação e crianças). Realce-se o discurso de alguns destes: *“Dentro da familiar acho que útil em quase todas. Vou fazer aqui um [familiar casais com crianças] parece-me que a co-mediação é extraordinariamente útil” (M3); “Agora se é para um processo complexo, que envolve regulação do poder paternal, as férias, aquele processo... se calhar torna-se importante ter mais alguém para podermos trabalhar esse processo” (M15)*.

Por 3 dos entrevistados são referenciadas as **situações problemáticas** (a co-mediação é útil em casos mais problemáticos, nomeadamente, violência doméstica, alcoolismo, entre outras). *“Por exemplo, se houver alguma violência doméstica. Este é um caso muito delicado; é um caso que merece uma abordagem muito particularizada”* (M11); *“A ideia que eu tenho na altura é que a co-mediação era utilizada para os casos mais problemáticos, onde havia situações de violência familiar ou onde o nível de conflitualidade entre o casal era bastante maior”* (M14).

Outra das situações identificadas por 2 dos mediadores como sendo útil a utilização da co-mediação é as **situações de impasse** que elenca os casos em que surge um impasse durante o processo (*“Para já eu trabalho em co-mediação desde o início, também se pode recorrer em casos, aquelas questões de impasses, portanto também se pode introduzir depois mediante autorização dos mediados”* M7).

É ainda de referir que apenas 1 dos mediadores fez alusão às **situações aliança mediador** (casos em que há uma aliança por parte dos mediados a um dos mediadores). *“Nas situações em que as pessoas tentam fazer muita aliança de género com o mediador. Porque, o mediador é homem ou mulher, podem fazer uma aliança com ele”* (M2).

De acordo com os resultados apresentados os mediadores familiares identificaram diversos indicadores que consideram benéficos para o seu trabalho em co-mediação. Segundo os autores que defendem a co-mediação esta é útil na maioria das situações, destacando-se os casos em que emergem conflitos difíceis e desgastante e em situações mais problemática (Parkinson, 2008), nomeadamente, violência doméstica (Flynn, 2005).

### 3.1.2.3. Indicadores Negativos da Co-Mediação

Em relação à “sub-categoria” **indicadores negativos da co-mediação** a investigadora pretende perceber quais as limitações do trabalho em equipa no processo de mediação familiar identificadas pelos mediadores familiares.

Quadro 6 - Valores associados à “categoria filha” indicadores negativos para a prática da co-mediação

Indicadores negativos da co-mediação	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Diferentes Procedimentos	12	25 (20.8%)
Dificuldade em trabalhar em equipa	11	26 (21.7%)
Obstáculos à prática da co-mediação (questões logísticas factores económicos)	11	32 (26.7%)
Divisão e Conquista da Equipa de Mediação	7	14 (11.7%)
Aliança aos mediadores	6	13 (10.8%)
Limitação trabalho	6	12 (10%)
Ausência empatia mediadores	6	8 (6.7%)
Incompatibilização mediados com mediadores	2	2 (1.7%)
Afinidade Mediadores	2	2 (1.7%)

Dos mediadores entrevistados 12 identificaram como uma das limitações ao trabalho em co-mediação os **diferentes procedimentos** (20.8% de referências) quando os mediadores numa sessão não estão de acordo quanto ao procedimento. “*Mesmo quando há empatia com as pessoas, às vezes o colega quer ir por uma via que se calhar eu não concordo ou se calhar faz uma pergunta que se calhar eu no momento não a faria*” (M5); “*Linhas diferentes, há colegas que trabalham numa linha muito objectiva e isso, por exemplo, comigo mexe um bocadinho com os meus princípios...*” (M8).

A **dificuldade de trabalhar em equipa** foi citada por 11 dos entrevistados (21% de referências). Quando durante o processo de mediação há competição, desrespeito, não há transparência e há ausência de comunicação entre os mediadores (*“O jogo de poderes, a falsa co-mediação que é o mais comum”* M6; *“Essencialmente no início quando eu comecei a trabalhar em mediação, eu estava como co-mediadora o meu colega estava como mediador principal e estava a fazer as perguntas e eu estava numa ansiedade e ele fazia uma série de perguntas e não havia maneira de conseguir interferir”* (M10). Estes dois indicadores negativos do trabalho em co-mediação identificados pelos entrevistados assentam na perspectiva de Love e Stulberg (1996), Regina (2000) e Parkinson (2008) que alertam para o conflito e competição que possam surgir durante este processo tornando a mediação mais difícil. Quando os mediadores apresentam perspectivas e maneiras diferentes de trabalhar que não conseguem controlar podem entrar em competição o que não é benéfico para o desenvolvimento do processo.

No que respeita aos **obstáculos à prática da co-mediação**, 11 dos mediadores familiares realçaram as **questões logísticas** (26.7%) - conciliação da disponibilidade dos mediadores (agenda, horários), *“ultimamente, por questões logísticas, simplesmente por questões logísticas tenho feito mais sozinha. Porque, não é fácil encontrar colegas co-mediadores com a mesma disponibilidade de tempo”* (M11) e os **factores económicos** (gastos inerentes ao processo). *“ (...) por outro lado, também essa agilização se torna mais dispendiosa para mim no caso tenho que eu própria fazer as chamadas, organizar as agendas”* (M12). Na literatura a logística também é vista como um obstáculo à prática da co-mediação, no sentido que a deslocação de um ou dois mediadores resulta em custos adicionais e tempo (Love & Stulberg, 1996; Regina, 2000; Parkinson, 2008).

Outra das limitações à prática da co-mediação com 11.7% de referências apontada pelos mediadores familiares é a **divisão e conquista da equipa de mediação**. Quando há uma divisão e conquista da equipa de mediação por parte do mediados (*“É natural que eles tentem fazer isso para conquistar, porque vêm num paradigma diferente. É o paradigma do eu/tu. Tu tens razão eu não tenho, eu tenho razão, tu não tens. Nunca fazem um pensamento cooperativo”* M2; *“Uma dessas colegas é uma rapariguinha bem*

*mais jovem e uma vez um mediado estava ostensivamente a seduzi-la. E era um desconforto para ela. Discutimos essa questão,...” M13).* Esta abordagem é partilhada por Love e Stulberg (1996), Regina (2000) e Parkinson (2008) que ressaltam o risco de os mediadores poderem ser manipulados e divididos pelos mediados. Estes durante a mediação tentam muitas das vezes persuadir os mediadores a tomarem um partido.

A **aliança aos mediadores** (quando os mediados tentam estabelecer aliança com um dos mediadores) foi referida por 6 dos entrevistados como um dos indicadores negativos do trabalho em co-mediação (10.8% de referências).

*Naturalmente. Sim, porque é só a parte inicial. Porque depois na própria sessão faço um esforço imenso para que seja equilibrado. E para que não haja aliança nenhuma. Lembrei-me agora de uma aliança óbvia que é quando nos piscam o olho. Quando nos piscam ou olho, ou o homem nos pisca o olho, ou a mulher faz aquela expressão de que ele está a dizer a maior das asneiras isso é claramente uma aliança (M5).*

Love e Stulberg (1996), Regina (2000) e Parkinson (2008), reforçam que os mediados podem tentar conquistar a equipa de mediação, centrando-se, por exemplo, no mediador mais simpático em vez de ter um foco único o que pode ser prejudicial para a sessão.

A **limitação trabalho** (os mediadores ao trabalharem em conjunto podem actuar de maneira diferente da que actuariam individualmente. Perda de poder.) é salientada por 6 dos mediadores com 10% de referências, nomeadamente, *“Agora com pessoas dentro das mesmas linhas de trabalho, com perspectivas diferentes. Sim, já tive. Há pessoas que mesmo na nossa linha privilegiam, por exemplo, trabalhar as questões objectivas. Sendo que nós privilegiamos as subjectivas e depois as objectivas” (M1).* Outra das desvantagens apontada por Love e Stulberg (1996), Parkinson (2008) e que vai de encontro à experiência dos entrevistados é o facto de os mediadores trabalhando em conjunto poderem actuar de maneira diferente da que actuariam individualmente para evitar sobrepor-se mutuamente, podendo resultar assim um trabalho deficiente e limitado.



A **ausência empatia mediadores** também foi mencionada por 6 dos mediadores familiares (6.7% de referências), ou seja, quando não há empatia entre os mediadores ou este não se conhecem. *“Penso é que é importante que os mediadores se conheçam entre si ...”* (M10); *“Não se pode trabalhar com um colega que não se deseja ou que não nos sentimos à vontade”* (M14).

Os mediadores 3 e 4 fazem referência à incompatibilização mediados com mediadores (1.7% de referências), ou seja, quando um dos mediados se incompatibiliza com um dos mediadores (*“Não funcionou a determinada altura, porque há uma postura de uma das partes que incompatibiliza directo comigo em particular”* M3).

Somente o mediador 8 referiu como limitação à prática da co-mediação **a afinidade dos mediadores** (mediadores têm um relacionamento entre si) com 1.7% de referências, nomeadamente:

*(...) e entendo que a co-mediação pode não ser útil, e eu já passei por experiências dessas, quando a trabalhar connosco está a nossa mulher ou a nossa namorada como co-mediadora pode haver transferência de situações que estão na mesa, pode haver uma transferência para o casal de mediadores e então pode levantar dificuldades ser uma equipa de mediadores que para além de ser uma equipa de mediação é um casal também* (M8).

Paralelamente aos indicadores positivos identificados pelos mediadores familiares na co-mediação também foram reconhecidos pelos mesmos indicadores negativos desta prática de mediação familiar. Tendo como referência a sua experiência os factores negativos identificados pelos entrevistados estão relacionados com a equipa de mediação, com o processo e com obstáculos à prática da co-mediação.

### 3.1.2.4. Directrizes para uma boa prática de co-mediação

Quanto à última “sub-categoria”, **directrizes para uma boa prática de co-mediação**, a investigadora pretende explorar pistas que permitam melhorar o trabalho da co-mediação. As pistas elencadas pelos mediadores familiares para uma boa prática da co-mediação foram:

Quadro 7 - Valores associados à “categoria filha” directrizes para uma boa prática de co-mediação

Directrizes boa prática da co-mediação	N.º de mediadores que a referiram (15)	N.º total de referências (%)
Perceber os pontos de vista um do outro	10	13 (36.1%)
Conhecimento do colega	7	8 (22.2%)
Preparação da sessão	7	7 (19.4%)
Ter confiança no co-mediador	5	5 (13.9%)
Fazer balanço da sessão	4	5 (13.9%)
Sintonia mediadores	3	4 (11.1%)
Mediadores exemplo mediados	3	4 (11.1%)
Envolver os mediados no processo	2	2 (5.6%)
Recorrer a um supervisor	1	2 (5.6%)

**Perceber os valores e pontos de vista um do outro** (os mediadores precisam de perceber os valores e pontos de vista um do outro fundamentalmente no que diferem) foi uma das directrizes identificadas por 10 dos mediadores com 36.1% de referências, nomeadamente:

*Eu respeitar o outro. E o respeito significa que eu posso não concordar com a linha que o outro mediador está a seguir ou que ele possa não concordar com a linha que eu estou a seguir. Eu posso dizer, podemos fazer uma pausa, podemos acertar (M1).*

Esta visão também é partilhada por Parkinson (2008), que reforça que se os co-

mediadores tiverem capacidade para perceber os pontos de vista e os valores um do outro, nomeadamente naquilo que diferem é fundamental para uma co-mediação eficaz. Têm ainda de gerir diferenças por meios que valorizem a complementaridade.

**Conhecimento colega** (os mediadores conheceram-se um ao outro) foi salientado por 7 dos entrevistados com 22.2% de referências, designadamente:

*Entre nós, o que nós muitas das vezes acabamos por fazer... quando eu trabalho em co-mediação como é uma pessoa que eu conheço bem, acabamos por, basta uma troca de olhares, ou há outros momentos em que já sentimos que esta é a deixa que quer falar ou esta é a deixa que eu quero falar (M10).*

**Preparação da sessão** apresenta 19.4% de referências (7 entrevistados).

*Primeiro que tudo, antes da mediação, os mediadores têm de definir a forma como vão trabalhar. Isso é importantíssimo. E para definir essa forma como vão trabalhar, também é importante que tipo de relação é que eles têm um com o outro. Porque, a forma como vão trabalhar também é capaz de ser um bocado em função da relação (M13).*

A preparação para a sessão é uma das condições para uma boa prática da co-mediação também mencionada na literatura (Love & Stulberg, 1996; Parkinson, 2008). Segundo estes autores é fundamental, os mediadores reunirem antes da sessão porque ao prepará-la em conjunto desenvolvem a compreensão e conhecimentos conjuntos e permite a atribuição de papéis.

**Ter confiança no co-mediador**, ou seja, os mediadores confiam e acreditam no trabalho um do outro, foi identificado por 5 dos mediadores familiares (13.9% de referências). “*Tenham confiança, respeito. Não tenham medo de falar. Tentem ganhar a confiança um do outro. E só assim é que conseguem atingir bons objectivos. É uma experiência muito interessante. Faz-se um trabalho mais completo*” (M4); “*(...) mas tem que haver uma grande confiança...*” (M7); “*Diálogo, estudo, preparação de trabalho e crença no ser humano*” (M8). Neste seguimento os mediadores têm de ter

confiança na integridade e na competência um do outro, ou seja, precisam de acreditar no colega. Este modelo é muito importante porque assegura a firmeza quando se trabalha com casais conflituosos (Love & Stulberg, 1996; Parkinson, 2008).

**Fazer balanço da sessão**, consiste nos mediadores depois da sessão a discutirem e foi referido pelos mediadores 1, 7, 8 e 11 (13.9% de referências). *“Reflectirem após cada sessão que fazem em conjunto, o que se passou o que funcionou melhor e pior; ver as estratégias e ver o que se pode pegar na sessão seguinte”* (M7). Esta directriz para uma boa prática de co-mediação vai de encontro à abordagem de Love e Stulberg (1996), Parkinson (2008) no que concerne ao benefício de se fazer uma conclusão depois de cada sessão em co-mediação. Tal como referem os entrevistados este balanço permite um feedback construtivo e melhor a intervenção.

**Sintonia mediadores** caracteriza-se pela simultaneidade que existe entre os mediadores. Foi citado por 3 mediadores familiares com 11.1% de referências, designadamente, *“seriam assim as grandes directrizes: uma grande sintonia da equipa, dos dois mediadores”* (M7); *“Trabalho em equipa funcionará bem se os mediadores...penso que é sempre importante que se entendam bem a nível profissional”* (M9). Também Araújo et al., (2011) defendem que um bom trabalho em equipa implica cumplicidade e sintonia entre os mediadores.

**Mediadores exemplo mediados** (os mediadores são um exemplo para os mediados) foi também referido por 3 dos entrevistados com 11.1% de referências, nomeadamente:

*Terá que ser um comportamento exemplo. Acho que os mediadores têm que ter o rigor igual, a como se estivessem a trabalhar sozinhos, o rigor de serem imparciais, de serem isentos, de serem mais neutros possível, de tentarem ajudar as partes mas, sem decidir por elas. Portanto, não ser demasiado directivos, não ser demasiados fechados ou controladores. Trabalhar mutuamente ao nível da passagem das competências para que as próprias partes reconhecendo que têm essas capacidades consigam aplicá-las na sua própria vida e no seu próprio contexto* (M12).

**Envolver os mediados no processo** (falar tudo á frente dos mediados e envolve-los no processo) foi mencionado pelos mediadores 2 e 9 com apenas 5.6% de referências. *“Outra é envolver sempre os mediados num destas decisões. Isso é sempre muito bom.*

*Eles sentem-se integrados. E damos o exemplo também” (M2). Esta visão é também partilhada por Love e Stulberg (1996), Parkinson (2008), no sentido que quando os mediadores recorrem com regularidade a um supervisor a juntar a uma formação contínua contribuirá para um enriquecimento e novas ideias.*

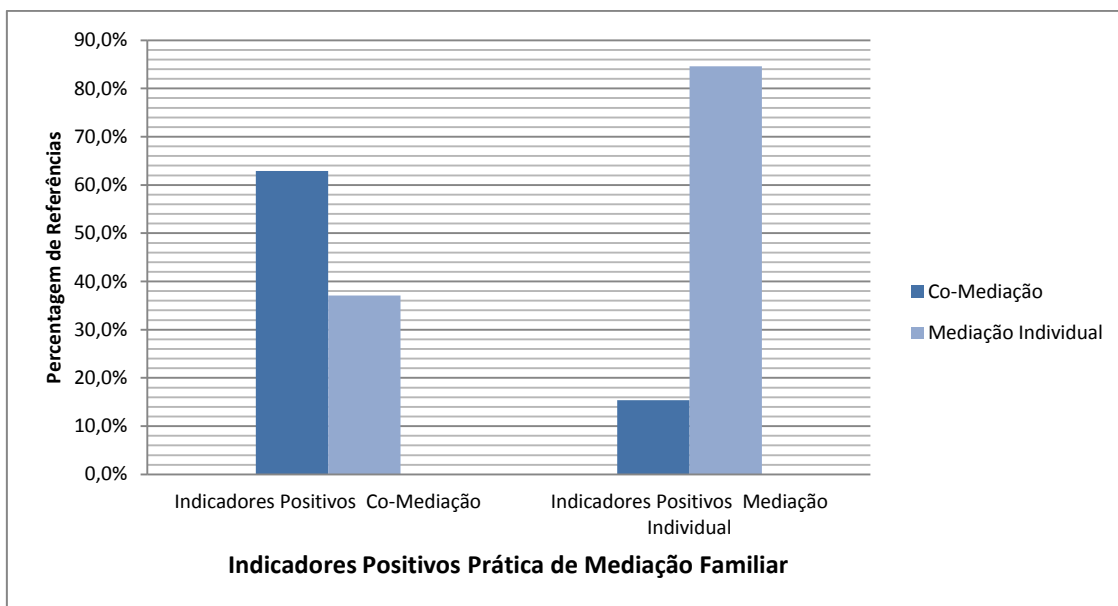
**Recorrer a um supervisor** (Conversar com um supervisor sobre o assunto contribuirá para um enriquecimento e novas ideias) foi referido apenas por 1 mediador (5.6% de referências). *“E depois a supervisão. (...) eu não vejo que seja possível, pelo menos da forma como eu vejo a mediação fazermos um trabalho de mediação sem questionamento e auto observação” (M1).*

Salienta-se que foram diversas as pistas mencionadas pelos mediadores familiares para uma boa prática do trabalho em co-mediação. Assim, tendo como ponto de partida as categorias identificadas e os resultados apresentados, importa analisar a sua relação tendo presente a finalidade da investigação.

### **3.1.3. Indicadores Positivos/Negativos da Co-Mediação e da Mediação Individual**

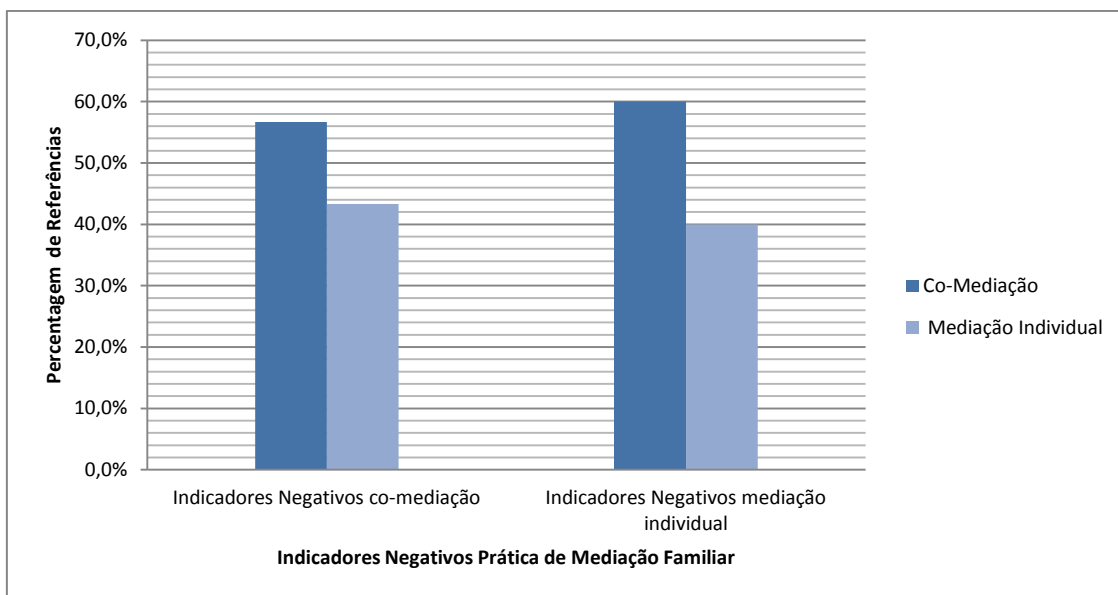
Em seguida pretende-se apresentar os resultados referentes à prática de mediação familiar (mediação individual ou co-mediação) e a sua relação com os respectivos indicadores positivos e negativos.

Gráfico nº 2 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Co-Mediação e Mediação Individual



Dos 15 mediadores entrevistados 8 trabalham com regularidade em co-mediação e 7 preferencialmente como mediadores individuais. Neste contexto é de referir que os entrevistados que optam pela co-mediação identificam mais indicadores positivos no trabalho em equipa (62.9%) do que na mediação individual (15.4%). Isto vai de encontro às vantagens deste trabalho apresentadas pelos entrevistados e simultaneamente referenciadas na literatura. O que também se verifica nos mediadores que trabalham na maioria dos casos individualmente. Os indicadores positivos da mediação individual apresentam 84,6% das referências enquanto os indicadores positivos da co-mediação 15,4%.

Gráfico nº 3 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Co-Mediação e Mediação Individual

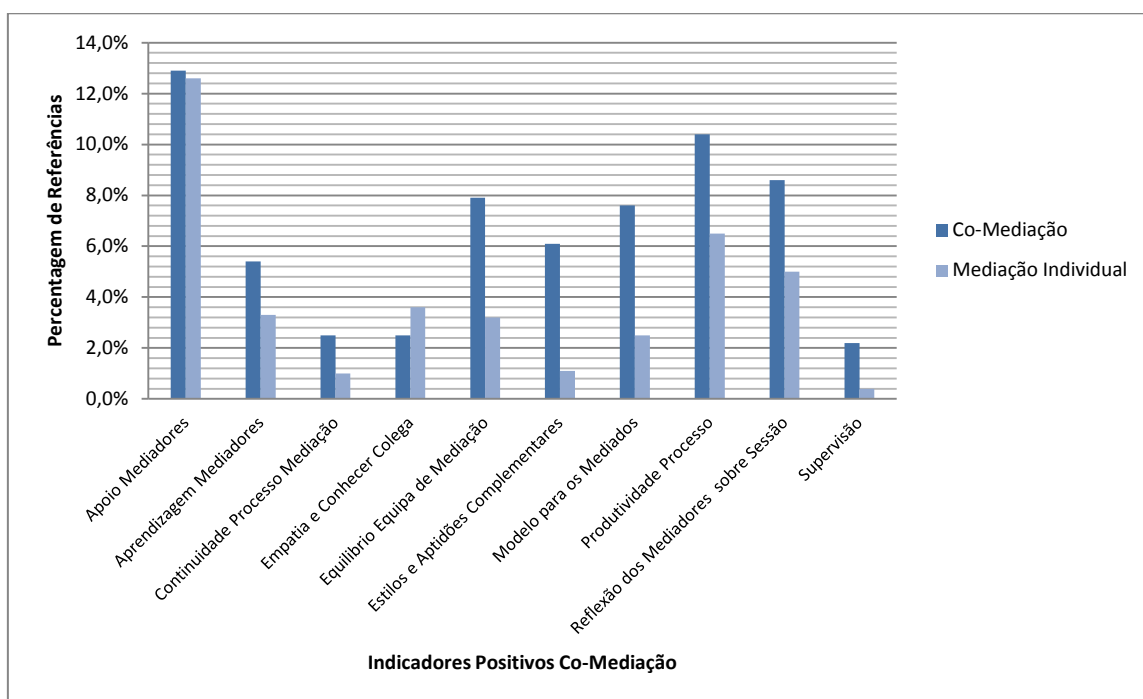


Os mediadores que trabalham preferencialmente em co-mediação apresentam um maior número de referências de indicadores negativos da co-mediação (56.7%) do que o outro grupo de entrevistados que referenciam 43.3%. O mesmo se verifica nos indicadores negativos da mediação individual.

#### 3.1.4.Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos e Negativos Co-Mediação

Continuando nesta linha de pensamento serão apresentados os resultados obtidos quando à prática de mediação familiar e aos indicadores positivos e negativos da co-mediação e da mediação individual conforme indicado no seguinte gráfico:

Gráfico nº 4 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Co-Mediação



Os indicadores positivos da co-mediação mais referenciados pelos mediadores que optam pela co-mediação são: **apoio mediadores** (12.9%), **produtividade do processo** (10.4%), **reflexão mediadores sobre a sessão** (8.6%), **modelo para os mediados** (8%) e **equilíbrio equipa de mediação** (7.9%).

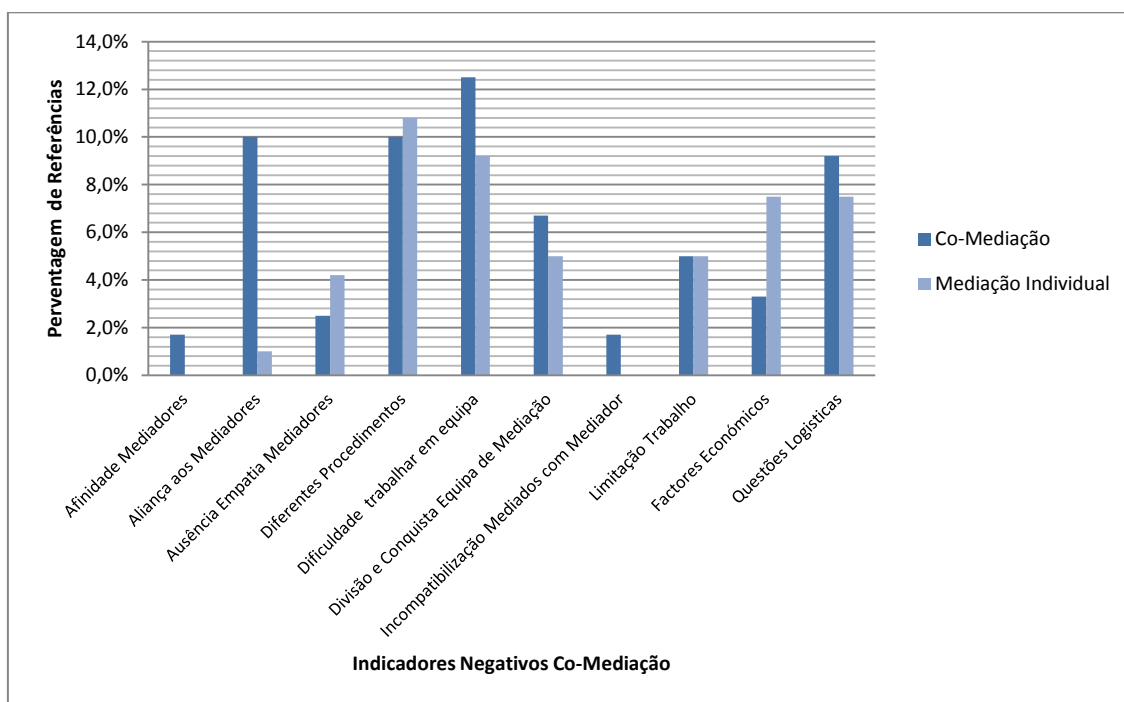
Quanto aos mediadores que trabalham individualmente na maioria dos processos os factores positivos do trabalho em co-mediação com um maior número de referências foram: **apoio aos mediadores** (12.6%), **produtividade processo** (6.5%), **reflexão dos mediadores sobre a sessão** (5%) e **empatia e conhecer o colega** (4%).

Assim, destes resultados conclui-se que o indicador positivo da co-mediação com um maior número de referências para estes dois grupos de mediadores é o **apoio mediadores**. A grande diferença assenta nos indicadores **modelo para os mediados** (8%), **equilíbrio e equipa de mediação** (7.9%) que são muito importantes para os



entrevistados que trabalham em co-mediação e são pouco referenciados (2.5% e 3.2%) pelo outro grupo de mediadores.

Gráfico nº 5 – Prática de Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Co-Mediação



Os indicadores **dificuldade trabalhar em equipa** (12.5%); **aliança ao mediador** (10%); **diferentes procedimentos** (10%) e **questões logísticas** (9.2%) foram os mais referenciados pelos mediadores que trabalham com regularidade em co-mediação como limitações ao trabalho em equipa. Os entrevistados que trabalham preferencialmente individualmente também apontam como obstáculos à co-mediação os **diferentes procedimentos** (10.8%); **dificuldade de trabalhar em equipa** (9.2%); **factores económicos** e **questões logísticas** (7.5%).

Assim, a grande diferença entre estes dois grupos de mediadores assenta que o terceiro obstáculo à prática da co-mediação para o primeiro grupo de entrevistados é a **aliança ao mediador** (10%) sendo apenas referenciado por 1 dos mediadores que trabalha na maioria dos processos individualmente. Também o indicador **factores económicos**

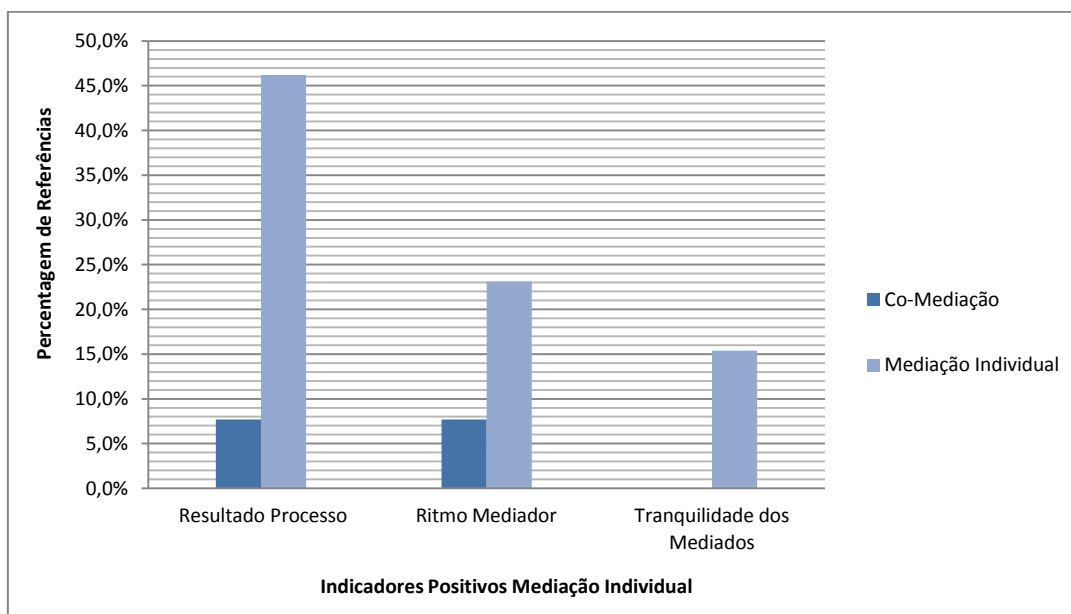
apresentam um grande número de referências (7.5%) para o segundo grupo de mediadores o que não acontece com os mediadores que trabalham com regularidade em co-mediação (3.3%).

Como se verificou nos indicadores positivos da co-mediação também os indicadores negativos desta prática de mediação vão de encontro às desvantagens do trabalho em co-mediação mencionadas na literatura.

### 3.1.5. Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos e Negativos Mediação Individual

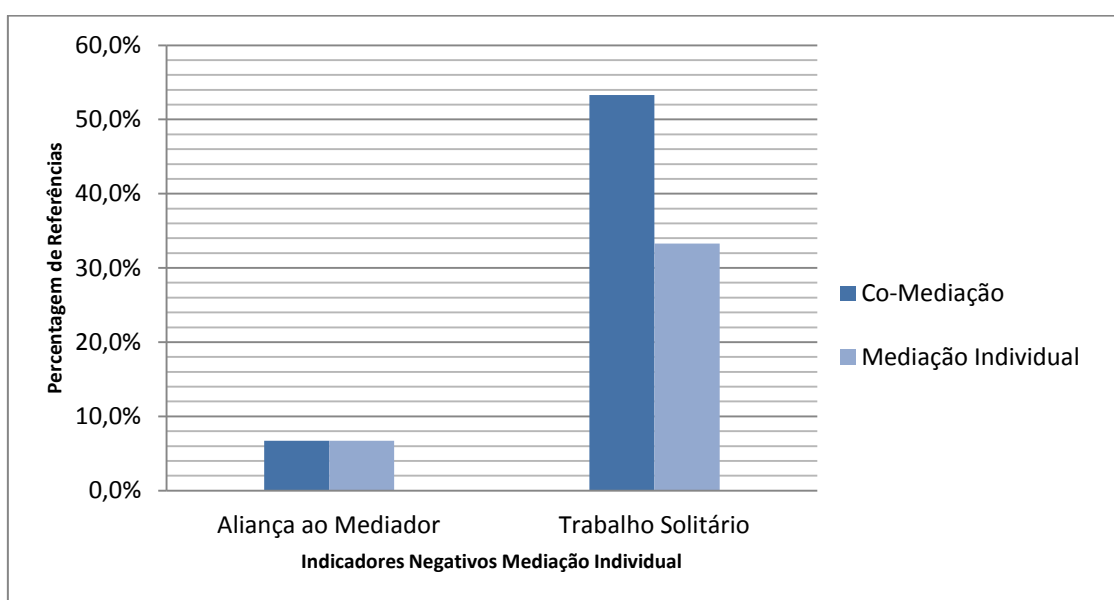
A próxima análise refere-se à relação entre a prática de mediação familiar e os factores benéficos e limitações da mediação individual.

Gráfico nº 6 – Prática Mediação Familiar vs Indicadores Positivos Mediação Individual



Em relação aos factores positivos da mediação individual estes são os mesmos com excepção da **tranquilidade dos mediados**. Este é identificado pelos entrevistados que recorrem com maior frequência à mediação individual. Porém, importa referir que o indicador **resultado do processo** é o que apresenta um maior número de referências (46.20%) seguido do **ritmo mediador** (23.10%) por parte dos mediadores que optam preferencialmente pela mediação individual. Relativamente a estes mesmos indicadores apresentam apenas 7.7% das referências dos entrevistados que trabalham com regularidade em co-mediação.

Gráfico nº 7 – Prática de Mediação Familiar vs Indicadores Negativos Mediação Individual

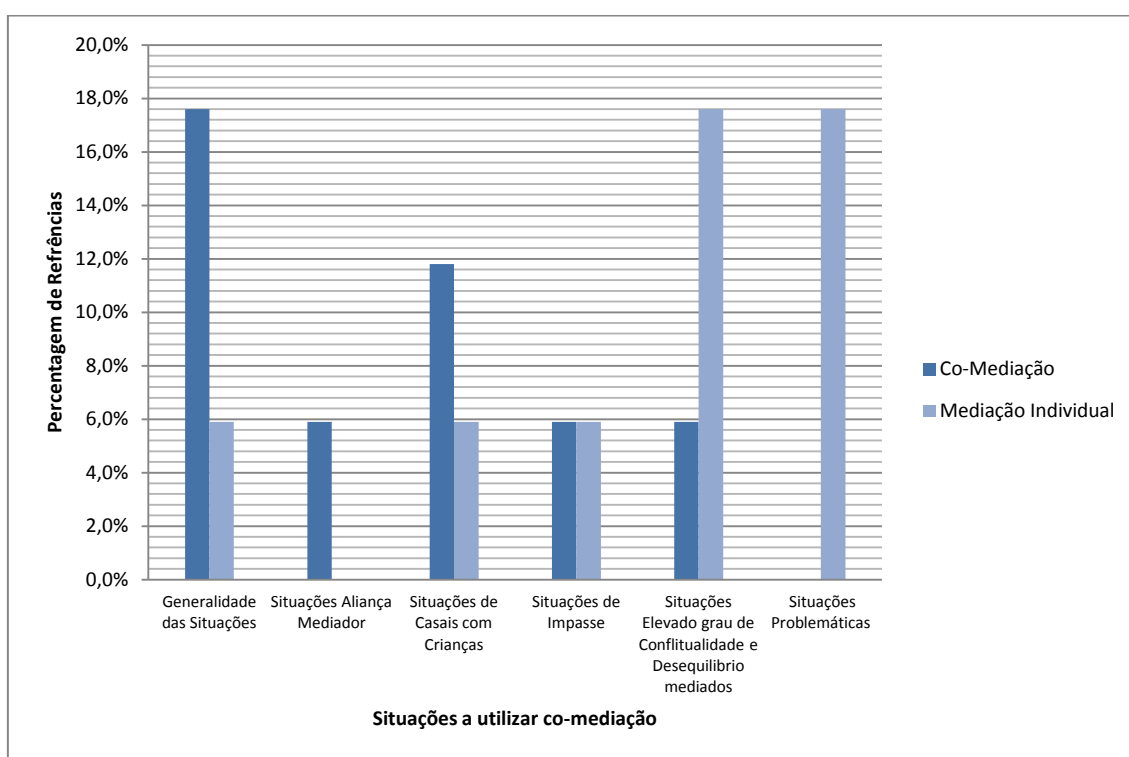


Por último, no que respeita aos indicadores negativos da mediação individual o que apresentou um maior número de referências independentemente da prática de mediação familiar utilizada foi o **trabalho isolado**. Para Parkinson (2008), “*um mediador a trabalhar sozinho pode desviar-se do assunto, desenvolver pistas inadequadas ou falhar pontos importantes, sem que ninguém se dê conta de que isso está a acontecer*” (p.26). Contudo, este apresenta 53.03% das referências identificadas pelos mediadores familiares que trabalham com regularidade em equipa e 33.03% dos mediadores que optam preferencialmente pela mediação individual.

### 3.1.6. Prática de Mediação Familiar vs Situações a Utilizar Co-Mediação

Sendo um dos objectivos específicos do estudo conhecer em que situações os mediadores familiares utilizam a co-mediação, aspecto já analisado neste trabalho, importa perceber qual a sua relação com a prática de mediação familiar utilizada e com os indicadores positivos da co-mediação.

Gráfico nº 8 – Prática de Mediação Familiar vs Situações a utilizar Co-Mediação



Segundo a experiência dos mediadores que trabalham com regularidade em co-mediação, as situações onde é benéfico recorrer à co-mediação mais referenciadas são: **generalidade das situações** (17.6%) e **situações de casais com crianças** (11.8%). Pelo contrário, na perspectiva do outro grupo de mediadores as situações mais referenciadas são **situações de elevado grau de conflitualidade e desequilíbrio mediados** e **situações problemáticas** (17.6%). É ainda de mencionar que esta última não é mencionada pelos entrevistados que optam pelo trabalho em co-mediação.

Perante esta análise conclui-se que para os mediadores que optam preferencialmente pela mediação individual é mais útil recorrer à co-mediação em situações de maior complexidade.

### 3.1.7. Situações a Utilizar Co-Mediação vs Indicadores Positivos Co-Mediação

Para além de analisar a relação entre as práticas de mediação familiar e as situações a utilizar a co-mediação é importante no âmbito da investigação perceber se há uma associação entre estas situações e os indicadores positivos do trabalho em co-mediação.

Quadro 8 – Situações a utilizar co-mediação vs Indicadores positivos co-mediação

Situações Utilizar Co-Mediação	Indicadores Positivos Co-Mediação
Elevado Grau de Conflitualidade e desequilíbrio mediados	Apoio Mediadores
Impasse	Produtividade Processo
Aliança Mediador	Equilíbrio Equipa de Mediação
	Reflexão dos Mediadores sobre Sessão
Generalidade das Situações	Produtividade do Processo
	Modelo para os Mediadados

Segundo os mediadores familiares há uma associação entre as situações que consideram útil recorrer à co-mediação e os indicadores identificados como positivos para a prática da co-mediação. Assim, conclui-se que na perspectiva de 2 dos entrevistados o apoio mediadores (partilha das responsabilidades entre mediadores familiares, a segurança que os mediadores transmitem um ao outro ao trabalharem em equipa e a divisão das tarefas) é importante nas situações onde há um elevado grau de conflito.

*Mas, se houver qualquer laivo de violência entre os mediados que nós nos apercebamos a tempo também é bom termos um outro mediador connosco. Tornamo-nos mais fortes, somos capazes de conter melhor esses eventuais*

*impulsos mais agressivos dos mediados. E posso-lhe dizer que na minha experiência isso já aconteceu, ter impulsos de agressão dentro de sala. E felizmente estar com uma colega e sermos duas para podermos conter esses impulsos (M11).*

Quanto às situações de impasse também 2 dos mediadores estabelecem uma relação entre indicadores positivos do trabalho em equipa – produtividade do processo.

*(...) às vezes penso eu que estou a usar muito bem aquela técnica e chego a uma situação de impasse, não a consigo ultrapassar e ter uma pessoa ao lado vai-me socorrer nesse sentido e vice-versa. Quando sou eu como co-mediadora, quando reparo que podemos estar a chegar a uma situação de impasse e que, se calhar, uma outra técnica seja apropriada de a utilizar (M10).*

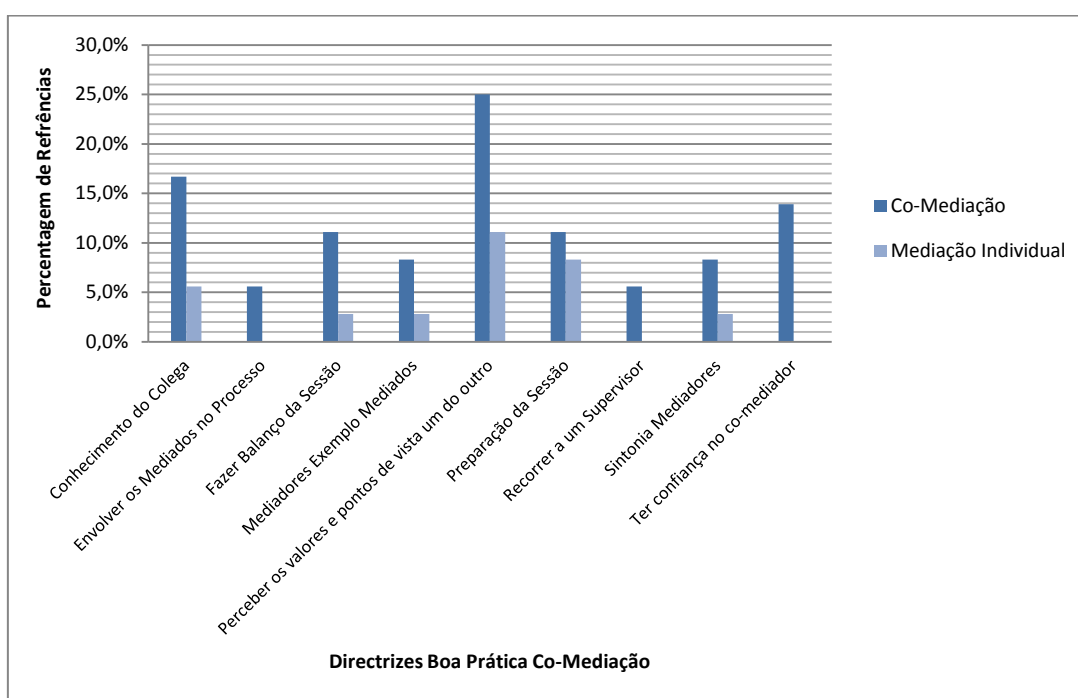
Outra das situações em que é benéfico trabalhar em co-mediação são os casos onde há uma aliança ao mediador. Embora tenha sido referida apenas por 1 dos entrevistados, há uma relação com um dos indicadores positivos do trabalho em co-mediação – equilíbrio equipa de mediação. *“Nas situações em que as pessoas tentam fazer muita aliança de género com o mediador. Porque, o mediador é homem ou mulher, podem fazer uma aliança com ele. E aí em co-mediação, homem, mulher é muito mais fácil” (M2).*

Por último, e como já foi mencionado 4 dos mediadores familiares referiram que a co-mediação é útil em todas as situações. Sendo que três dos factores positivos desta prática de mediação familiar que contribuem para estes casos são: a reflexão dos mediadores sobre sessão; a produtividade do processo e o modelo para os mediados (*“Portanto, às vezes, muitas coisas que as pessoas dizem tocam-nos cá fundo ou porque já passamos por isto ou por uma coisa qualquer. E, portanto é muito importante ter-se alguém ao nosso lado até para partilharmos a nossas angústias” M5; “Pode ser mais útil, porque eu parto da premissa inversa. Para mim não há nenhuma excepção à co-mediação. Devemos sempre poder trabalhar em co-mediação” M1; “Eu acho que é sempre útil, porque podemos partilhar, falar” M12*). Contudo, estes indicadores foram apenas identificados por um dos mediadores.

### 3.1.8. Prática de Mediação Familiar vs Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação

Da análise das entrevistas surgiram orientações para se desenvolver um bom trabalho em co-mediação. Neste âmbito pretende-se agora perceber qual a sua ligação com as práticas de mediação familiar, o objecto de estudo.

Gráfico nº 9 – Prática de Mediação Familiar vs Directrizes Boa Prática Co-Mediação



Em relação às directrizes para uma boa prática de co-mediação independentemente da prática de mediação familiar utilizada pelos mediadores familiares as pistas identificadas para um bom trabalho em co-mediação são na sua maioria as mesmas. No entanto, a que apresenta um maior número de referências pelos dois grupos de mediadores é **perceber os valores e pontos de vista um do outro**. A grande diferença está no **conhecimento do colega** que apresenta 13,9% das referências dos mediadores que optam pela com mediação e não é referenciada pelos outros entrevistados. Também **fazer balanço da sessão** apresenta 11,1% das referências segundo os mediadores que

trabalham em co-mediação e apenas 2.8% para os entrevistados que optam pela mediação individual. Todavia, como se vê no gráfico os mediadores que trabalham com regularidade em co-mediação identificaram mais duas orientações para a boa prática deste trabalho.

### 3.1.9. Indicadores Positivos Co-Mediação vs Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação

Por fim, é pertinente de analisar que tipo de relação existe entre os indicadores positivos da co-mediação identificados pelos mediadores familiares e as orientações para um bom trabalho em co-mediação.

Quadro 9 – Indicadores positivos co-mediação vs Directrizes boa prática co-mediação

<b>Indicadores Positivos Co-Mediação</b>	<b>Directrizes para uma Boa Prática de Co-Mediação</b>
Modelo para Mediados	Perceber os valores e pontos de vista um do outro
Apoio Mediadores	Preparação da Sessão
Empatia e Conhecer o colega	Conhecimento Colega
Reflexão Sessão	Fazer Balanço da Sessão

Assim se conclui que há uma relação entre alguns dos indicadores identificados pelos mediadores familiares como benéficos para o trabalho em co-mediação e as pistas para uma boa prática deste trabalho. Como se constata no dos mediadores familiares: *“Eu respeitar o outro. E o respeito significa que eu posso não concordar com a linha que o outro mediador está a seguir ou que ele possa não concordar com a linha que eu estou a seguir”* (M5); *“Primeiro que tudo, antes da mediação, os mediadores têm de definir a forma como vão trabalhar. Isso é importantíssimo. E para definir essa forma como vão trabalhar, também é importante que tipo de relação é que eles têm um com o outro”* (M13); *“Acho que é conhecer a pessoa”* (M3); *“Reflectirem após cada sessão que*



*fazem em conjunto, o que se passou o que funcionou melhor e pior; ver as estratégias e ver o que se pode pegar na sessão seguinte” (M7).*

### **3.2. Discussão Resultados**

No seguimento da apresentação e a análise dos resultados das entrevistas e a sua relação com a revisão da literatura pretende-se perceber o contributo do presente estudo na área da co-mediação em Portugal, ou seja, perceber o impacto dos resultados e apresentar algumas boas práticas a seguir enquanto prática da mediação familiar.

#### **3.2.1. Benefícios e Limitações da Co-Mediação**

Neste âmbito, como verificámos ao longo da investigação os mediadores familiares independentemente de trabalharem com regularidade em co-mediação ou preferencialmente como mediadores individuais identificaram indicadores positivos e negativos destas duas práticas de mediação familiar.

Deste modo, partindo da sua experiência os principais benefícios do trabalho em equipa são: o poderem partilhar as responsabilidades, a segurança que transmitem um ao outro e a divisão das tarefas (apoio mediadores); consideram a maior produtividade do processo (benefícios para os mediados); a partilha dos mediadores (após sessão acerca da mesma). Fundamentalmente estas vantagens estão direccionadas tanto para os mediados como para os próprios mediadores e, conseqüentemente para o bom desenvolvimento do processo.

No entanto, é de ressaltar que os entrevistados que trabalham preferencialmente em co-mediação recorrem a esta prática porque a vêem como um modelo para os mediados. O conseguirem comunicar entre si, respeitar-se, cooperarem, terem confiança um no outro

e serem transparentes traduz-se num exemplo a seguir pelos mediados que pode ajudar na resolução do conflito. E por poderem trabalhar com diferentes mediadores (género diferente, culturas diferentes, formações e profissões diferentes). Estes assumem-se como dois dos indicadores positivos mais importantes do trabalho em equipa. Esta é a principal diferença no que respeita aos benefícios da co-mediação quando analisamos a opinião dos dois grupos de mediadores familiares.

É interessante que todos os mediadores familiares que trabalham na maioria dos processos individualmente reconheçam benefícios no trabalho em equipa. Esta explicação pode estar relacionada por todos eles já terem trabalhado mais do que uma vez em co-mediação, à excepção de um dos entrevistados.

As principais limitações da co-mediação apontadas pelos entrevistados independentemente da prática de mediação utilizada estão inerentes à utilização de procedimentos diferentes durante a sessão e quando há competição entre os mediadores, ou seja, não se respeitam, não há transparência e há ausência de comunicação entre ambos. A conciliação da disponibilidade dos mediadores também é referenciada com um dos impedimentos do trabalho em equipa. Para os entrevistados que trabalham com regularidade em co-mediação a aliança por parte dos mediados a um dos mediadores também é um dos grandes obstáculos à prática da co-mediação.

Partindo destes dados o que explica um dos grupos de mediadores continuar a optar preferencialmente pela co-mediação e o outro pela mediação individual? Uma das razões poderá estar associada aos factores económicos (gastos inerentes ao processo) que são o terceiro indicador negativo mencionada pelos entrevistados que recorrem à mediação individual, assim como, as questões logísticas que alienados às outras limitações levam a esta escolha.

Neste seguimento, tendo presente que a investigação se centra fundamentalmente no estudo do trabalho em co-mediação, os indicadores identificados pelos mediadores são

citados como vantagens e desvantagens na literatura (Love & Stulberg, 1996; Regina, 2000; Rosengard, 2004; Haynes, 2006; Parkinson, 2008; Torremorell, 2008; Schneider & O'Brien, s.d).

Contudo, para além destes indicadores referidos na revisão bibliográfica os mediadores familiares pautados pela sua experiência mencionaram também como benefícios do trabalho em equipa: a produtividade do processo – consideram que o processo é mais produtivo e benéfico para os mediados; continuidade do processo - não interrupção do processo quando um dos mediadores não pode fazer a sessão; a reflexão dos mediadores sobre a sessão - refere-se à partilha entre os mediadores acerca da sessão de mediação, como correu; como se sentiram; partilha dificuldades, conquistas; estratégias a seguir; empatia e conhecer o colega. É de referir que estes dois últimos indicadores foram considerados pelos autores estudados como orientações para uma boa prática da co-mediação.

Saliente-se que na literatura surge também como uma das vantagens do trabalho em equipa, a manutenção de uma boa prática, no sentido de evitar esquecimentos e omissões, que não foi referido directamente pelos mediadores familiares. No entanto, os entrevistados que optam com regularidade pela co-mediação referem que uma das desvantagens da mediação individual é o trabalho solitário.

Paralelamente aos indicadores positivos também os indicadores negativos mencionados pelos mediadores familiares tem uma fundamentação teórica. Para além destes foram ainda destacados pelos entrevistados a ausência empatia mediadores - quando não há empatia entre os mediadores ou estes não se conhecem e, a afinidade mediadores – mediadores têm um relacionamento entre si, como sendo prejudiciais para este tipo de trabalho.

No que concerne aos resultados apresentados relativamente aos indicadores positivos e negativos da co-mediação e da mediação individual verificou-se que independentemente da prática utilizada há uma relação entre os factores identificados como sendo benéficos

para o trabalho em equipa e as limitações do trabalho individual. Assim, sobressai o apoio aos mediadores (engloba a partilha das responsabilidades entre os mediadores familiares, a segurança que os mediadores transmitem um ao outro ao trabalharem em equipa e a divisão das tarefas) e o trabalho solitário (expressa que o mediador ao trabalhar sozinho pode desviar-se do assunto, desenvolver pistas inadequadas ou falhar pontos de vista importantes).

Assim, para além das limitações da co-mediação os entrevistados que continuam a optar por esta prática de mediação têm como fundamento a mediação individual ser um trabalho solitário e a co-mediação pelo contrário permitir um suporte entre os mediadores, a diversidade dos mesmos (género diferente, culturas diferentes, formações e profissões diferentes), ser um exemplo para os mediados e, consequentemente o processo ser mais produtivo.

O contrário não se verifica, ou seja, os indicadores negativos da co-mediação com maior incidência para os entrevistados não vão de encontro aos indicadores positivos da mediação individual. A explicação destes resultados pode estar relacionada com o facto de terem sido identificados apenas três indicadores benéficos do trabalho individual.

Nesta perspectiva conclui-se que os mediadores familiares pautam o seu trabalho pelo que é mais ou menos vantajoso para o processo. Quando confrontados com os critérios que os levam a optar por trabalhar individualmente ou em co-mediação no processo de mediação familiar estes remetem para as vantagens e desvantagens destas duas práticas de mediação familiar. Neste sentido, os dados apresentados não apontam para nenhum critério de eficácia bem definido por parte dos entrevistados quanto aos resultados que obtêm. Os mediadores familiares optam sim por uma destas duas práticas por ser ou não vantajoso para o processo. Neste contexto pode a co-mediação pode ser utilizada indiscriminadamente?

### **3.2.2. Situações a utilizar Co-Mediação**

Segundo Gee e Urban (cit. por Flynn, 2005), Haynes (2006), o trabalho em co-mediação é útil para equilibrar os conflitos de género que possam ocorrer por exemplo, nas situações de violência doméstica. Parkinson (2008) realça a utilidade da co-mediação quando surgem problemas relacionados com as crianças e as questões financeiras e, ainda a facilidade de tratar conflitos difíceis e desgastantes.

Esta visão é partilhada pelos mediadores familiares que quando confrontados com esta questão mencionaram as mesmas situações, ainda que tenham sido os entrevistados que trabalham a maioria dos processos individualmente a referir a utilidade desta prática nos casos mais complexos. Sendo que outro grupo de mediadores ressaltam a utilidade desta na generalidade das situações e em processos de casais com crianças.

É assim perceptível a relação entre alguns dos indicadores positivos da co-mediação e as situações onde é benéfico recorrer a esta prática de mediação familiar. Por exemplo, segundo os mediadores nos casos de elevado grau de conflitualidade e desequilíbrio entre os mediados é essencial poderem partilhar as responsabilidades e sentirem-se seguros. Também nas situações de impasse a presença de dois mediadores é essencial para a produtividade do processo. Para alguns dos entrevistados é fundamental o trabalho em equipa na generalidade dos processos porque conseguem transmitir aos mediados um modelo de comunicação, respeito e cooperação.

Nesta linha de pensamento, e segundo Love e Stulberg (1996), Parkinson (2008), existem algumas condições para uma co-mediação eficaz o que vai de encontro à perspectiva dos entrevistados (embora os mediadores que trabalham preferencialmente em co-mediação apresentam um maior número de referências para cada uma destas pistas). Assim, na sua opinião para um bom trabalho em equipa é fundamental:

- Perceber os valores e pontos de vista um do outro;

- Conhecer o colega;
- Existir uma sintonia entre os mediadores;
- Mediadores serem um exemplo para mediados;
- Fazer uma avaliação após a sessão;
- Recorrer a um supervisor;
- Ter confiança no co-mediador;
- Envolver os próprios mediados no processo (não é mencionado na literatura).

Importa referir as três últimas pistas para uma boa prática da co-mediação apenas foram mencionadas pelos mediadores que trabalham preferencialmente em co-mediação.

### **3.2.3. Percepção Mediadores Familiares em relação à Co-Mediação**

Tendo sido a co-mediação o objecto de estudo da investigação importa ainda analisar a definição da mesma tendo subjacente a literatura e a experiência dos mediadores familiares.

Durante a revisão da literatura constatou-se que a mediação familiar é percepcionada por um lado como uma técnica de intervenção e, por outro, como uma metodologia de descoberta e auto-reflexão. É vista como uma técnica de intervenção no sentido que recorre a uma panóplia de tácticas e procedimentos com vista à resolução do conflito. E como uma metodologia de descoberta e auto-reflexão porque para além destes procedimentos tem patente a participação activa dos mediados (Araújo et al., 2011). Por sua vez, a co-mediação é referenciada como uma forma de trabalhar, um método, uma técnica e uma estratégia. No entanto, partindo da análise e aprofundamento dos autores referenciados no enquadramento teórico a investigadora constatou que a co-mediação é retratada como uma das formas de trabalhar em mediação familiar.

Simultaneamente, também os mediadores familiares não têm uma definição clara da co-mediação. Esta é definida como uma forma de trabalhar, um método, uma estratégia e uma técnica ou em mais do que um destes termos. Uma explicação plausível para esta realidade assenta no facto de os entrevistados não terem claro cada um destes conceitos e não haver uma reflexão sobre a prática. *“Bom precisaria de ter presente o que é que esses conceitos cientificamente querem dizer”* (M1); *“Nunca tinha pensado nisso. Eu acho que é uma forma de trabalhar. O método é o mesmo. O método tem a ver com as ferramentas que nós usamos, com as abordagens, com isso tudo”* (M13).

Perante este contexto, é ainda de ressaltar a dualidade conceptual que surge quando analisamos a definição de co-mediação de acordo com a prática de mediação familiar utilizada pelos entrevistados. Como foi anteriormente apresentado aquando a análise dos resultados metade dos mediadores que utilizam com regularidade a co-mediação definem-na como uma forma de trabalhar seguido de um método, ou seja, como um caminho que utiliza técnicas e estratégias. Por sua vez, os mediadores que preferem a mediação individual mencionam a co-mediação sobretudo como uma técnica e estratégia. Esta prática é utilizada para obter um determinado resultado no âmbito da mediação familiar.

Em suma, dos resultados apresentados sobressai que os mediadores familiares quanto questionados acerca do seu trabalho focalizam-se fundamentalmente nas suas vantagens e desvantagens. Sendo estes os indicadores que orientam a sua prática, o que por sua vez que lhes permite identificar as orientações para uma boa prática do trabalho em co-mediação.

Outro aspecto importante está relacionado com a prática utilizada pelos mediadores familiares ir de encontro às situações em que consideram ser mais útil a co-mediação, embora não tenham claro o seu conceito. Assim, os mediadores quem vêem a co-mediação como uma forma de trabalhar são os mesmos que a consideram útil em todas as situações. Paralelamente os que trabalham preferencialmente como mediadores

individuais consideram-na como uma técnica da mediação familiar fundamental nas situações mais complexas.

#### **3.2.4. ‘Boas práticas’ a seguir na Co-Mediação**

Perante esta realidade é fundamental os mediadores familiares reflectirem individualmente e em conjunto acerca da sua prática. Partindo desta reflexão e tendo presente o propósito da investigação é fundamental apresentar algumas das ‘boas práticas’ a seguir na área da co-mediação enquanto prática da mediação familiar. A escolha do co-mediador é fulcral no sentido que vão trabalhar em conjunto num processo onde já está inerente o conflito. Assim, é importante perceber o que esperam um do outro e qual o seu estilo de trabalho. No entanto, os mediadores não têm de estar de acordo em tudo, têm sim de confiar, respeitar, cooperar e ser transparentes um com o outro, uma vez que surgem como um exemplo para os mediados. Neste âmbito, para que o trabalho possa fluir durante o decorrer do processo é necessário preparar as sessões em conjunto, ou seja, definir se vai haver um líder ou se vão predominar os dois. É igualmente importante no final de cada sessão fazer a avaliação da mesma, isto é, os mediadores analisarem o comportamento de cada um, o que correu bem, o que correu menos bem e quais as estratégias a adoptar na próxima sessão. Este tipo de trabalho assenta na não competição entre os mediadores que é fulcral para um bom trabalho em equipa. Perante esta abordagem é muito importante a supervisão que permite a discussão dos casos em grupo.

Assim, partindo destas perspectivas segue-se a síntese de todo o trabalho incluindo as perspectivas futuras de intervenção.



## Conclusão

O presente trabalho teve como finalidade estudar uma das práticas de mediação familiar, a co-mediação, no sentido da compreensão das suas potencialidades no sucesso da mediação familiar face aos resultados do processo de mediação familiar conduzido por um único mediador. Simultaneamente o estudo explorou em que contexto a co-mediação se revela mais eficaz e que factores podiam contribuir para o eventual sucesso da mesma em Portugal. Pelo que foram entrevistados 15 mediadores familiares dos Sistemas Público e/ou Privado, paralelamente foi executada uma revisão da literatura.

Tratando-se de um estudo qualitativo de carácter exploratório o ponto de partida da investigação foi: Quais as potencialidades do trabalho em equipa, co-mediação, no sucesso da mediação familiar comparativamente aos resultados do processo de mediação familiar conduzido por um único mediador?

Assim, este estudo permitiu analisar duas das práticas de mediação familiar: mediação individual e co-mediação e, consequentemente responder às questões de investigação, nomeadamente:

- 1 – Quais os critérios de decisão que levam os mediadores familiares a trabalhar em co-mediação ou individualmente no processo de mediação familiar?
- 2 – Qual a percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação?
- 3 – No processo de mediação familiar em que situações a co-mediação pode ser mais eficaz?

No que concerne à primeira questão a análise dos resultados revelou que os mediadores familiares que optam por trabalhar em co-mediação identificam mais vantagens neste tipo de trabalho do que na mediação individual. Já os mediadores que trabalham na maioria dos casos individualmente têm uma visão contrária o que vai de encontro às

suas escolhas. Embora os primeiros apresentem um maior número de referências de indicadores negativos da co-mediação e da mediação individual comparativamente aos mediadores que trabalham individualmente. Neste sentido, orientam o seu trabalho pelo que é mais ou menos vantajoso para o processo. Quando confrontados com os critérios que os levam a optar por trabalhar individualmente ou em co-mediação no processo de mediação familiar estes remetam para as vantagens e desvantagens destas duas práticas de mediação familiar. Neste sentido, os dados apresentados não apontam para nenhum critério de eficácia bem definido por parte dos entrevistados quanto aos resultados que obtêm. Os mediadores familiares optam sim por uma destas duas práticas por ser ou não vantajoso para o processo.

A segunda questão foi direccionada para a percepção dos mediadores em relação à co-mediação. A investigação revela que os mediadores familiares não têm uma definição clara da co-mediação. Esta é definida como uma forma de trabalhar, um método, uma estratégia e uma técnica ou em mais do que um destes termos. Por outro lado, quando analisada a definição de co-mediação de acordo com a prática de mediação familiar utilizada pelos entrevistados emerge uma dualidade conceptual. Assim os entrevistados que optam com regularidade pela co-mediação definem-na como uma forma de trabalhar seguido de um método, ou seja, definem um caminho que utiliza técnicas e estratégias. Por sua vez, os mediadores que preferem a mediação individual mencionam a co-mediação sobretudo como uma técnica e estratégia. Esta prática é utilizada para obter um determinado resultado no âmbito da mediação familiar.

Em relação à terceira questão de investigação inerente às situações em que a co-mediação pode ser mais útil destaca-se na generalidade das situações, em casos de elevado grau de conflitualidade e desequilíbrio mediados, em processos de casais com crianças e em casos problemáticos. É ainda de referir que a prática utilizada pelos mediadores familiares vai ao encontro das situações em que consideram ser mais útil a co-mediação, embora não tenham claro o seu conceito. Assim, os entrevistados que vêem a co-mediação como uma forma de trabalhar são os mesmos que a consideram útil em todos os processos. Paralelamente os que trabalham preferencialmente como

mediadores individuais consideram-na como uma técnica da mediação familiar fundamental nos casos mais complexos.

Com este estudo foi possível ter uma visão da percepção dos mediadores familiares em relação à co-mediação. Sendo que os principais resultados salientam que para os mediadores familiares não está claro a definição de co-mediação. Nesta linha os profissionais orientam o seu trabalho em detrimento das suas vantagens e desvantagens. Assim, conclui-se, que não têm critérios definidos para trabalhar individualmente ou em co-mediação no processo de mediação familiar. Neste sentido, é fundamental os mediadores familiares reflectirem individualmente e em conjunto acerca da sua prática. Por outro lado, foram identificadas orientações para uma boa prática do trabalho em co-mediação.

Perante esta realidade as orientações identificadas pelos mediadores familiares para uma melhor prática de co-mediação estão fundamentalmente direccionadas para a relação entre mediadores e para a sua postura enquanto equipa, nomeadamente:

- Conhecerem-se um ao outro;
- Confiarem e acreditarem no trabalho um do outro;
- Perceber os valores e pontos de vista um do outro fundamentalmente no que diferem;
- Haver sintonia entre mediadores;
- Planificarem em conjunto as sessões;
- Depois de cada sessão debaterem acerca da mesma;
- Serem um exemplo para os mediados;
- Envolverem os mediados no processo;
- Recorrerem à supervisão;

Em síntese, este estudo permitiu à investigadora ter contacto com a realidade estudada e caracterizá-la embora resulte apenas da visão de uma das partes. Como anteriormente mencionando o estudo não contemplou a perspectiva dos mediados. Contudo, este

assume-se antes de mais como é um ponto de partida, uma tomada de consciência do trabalho realizado ao nível da co-mediação. Foi fundamental no sentido em que segundo sabemos não existe nenhum estudo neste âmbito e a co-mediação não estar suficientemente conceptualizada.

A sua continuidade seria fundamental para uma análise mais pormenorizada depois de um primeiro diagnóstico. Neste sentido, seria enriquecedor desenvolver um focus group com os mediadores familiares devolvendo-lhes estes resultados. Permitir que reflectam em conjunto e, posteriormente individualmente sobre a sua prática.

*A mediação familiar impõe, de facto, a necessidade de aquisição e de treino de competências vastas, consubstanciais num perfil profissional específico, que abarca conhecimentos aprofundados sobre a formação e o desenvolvimento da personalidade, a origem e as fases de manifestação do conflito, o conceito de poder, as relações sociais de género e a violência em contexto familiar, a administração do direito, a psicologia (...)* (Araújo et al., 2011, p.302).

Assim, seria igualmente importante formar grupos de trabalho onde se realizassem role-playings e discussão de casos (alargamento e actualização de competências). E, em simultâneo ter a percepção dos mediados pois é para e com eles que os mediadores trabalham. São os principais intervenientes. Ficam estas sugestões para futuras investigações acerca deste tema.

## Referências Bibliográficas

Afonso, H. (1997). Relação Coparental Depois da Separação e do Divórcio. In H. Marchand, H. Pinto. (Eds), *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação* (pp. 63-76). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Araújo, E., Rodrigues, C., Fernandes, H. & Ribeiro, M. (2011). Porque o tempo conta: elementos para uma abordagem sociológica da mediação familiar. *Análise Social*, 199, 283-308.

Ausubel, D. (1968). *Educational Psychology: a cognitive view*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Barbosa, M. J. (2002). *Como Gerir Conflitos Familiares – Um Guia para casais em crise*. Lisboa: Editora Presença.

Bouché, J. H. & Hidalgo, F. L. (2008). *Mediación y Orientación Familiar - Volume II*. Madrid: DYKINSON, S.L.

Breitman, S. & Porto, A. C. (2001). *Mediação Familiar: Uma Intervenção em Busca da Paz*. Porto Alegre: Criação Humana.

Bustelo, D. (1995). *Ensayo - La Mediación Familiar Interdisciplinar*. Madrid.

Campos, L. M. (2008). Mediação de Conflitos: enquadramentos institucionais e posturas epistemológicas. *Documentos MEDIARCOM – Mediação: prática de carácter técnico ou científico? Investigação-Acção e Interferência*, 1-27. Consultado em de 18 de Janeiro de 2011 através de <http://www.mediarcom.com>.

Denzin, N.K. & Lincoln Y.S. (1994). Entering the Field of Qualitative Research. In N.K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1-22). Thousand Oaks: Sage Publications.

Epstein, J. & Epstein, S. (2006). Co-Mediation. *The Colorado Lawyer*, 35, 6-21.

Farinha, A. & Lavadinho, C. (1997). *Mediação Familiar e Responsabilidades Parentais*. Coimbra: Livraria Almedina.

Flynn, D. (2005). The social worker as family mediator: Balancing power in cases involving family violence. *Australian Social Worker*, 58, 407-418.

Folger, J. & Taylor, A. (1894). *Mediation: A Comprehensive Guide to Resolving Conflicts without Litigation*. São Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Ganancia, D. (2001). Justiça e mediação familiar: uma parceria a serviço da co-parentalidade. *Revista do Advogado*, 62, 7-15.

García, L. & Gómez, M. (2009). Mediación familiar: un espacio de intervención para trabajadores sociales. *Trabajo Social*, 11, 25-41.

Gold, L. (1984). Interdisciplinary Team Mediation. *Mediation Quarterly*, 6, 27-46.

Grunspun, H. (2000). *Mediação Familiar – O Mediador e a Separação de Casais com Filhos*. São Paulo: LTR Editora.

Guba, E.G, & Lincoln, YS (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N.K Denzin, & Y.S Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: Sage Publications.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Analise de Conteúdo – sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.

Haynes, J. (2006). *Fundamentos de la Mediación Familiar (3ª edición)*. Madrid: Gaia Ediciones.

Katz, E. (2007). A Family Therapy Perspective on Mediation. *Family Process*, 46, 93-107.

Lopes, C., Cunha, P., & Serrano, G. (2010). Papel do Mediador na Mediação Familiar: alguns resultados provenientes de um estudo realizado em Lisboa. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 917 - 930). Braga: Universidade do Minho.

Love, L. & Stulberg, J. (1996). Practice Guidelines for Co-Mediation: Making Certain That “Two Heads Are Better Than One”. *Mediation Quarterly*, 13, 179-189.

Martin, J. & Douglas, K. (2007). Social Work and Family Dispute Resolution. *Australian Social Work*, 60, 295-307.

Mertens, D. (1998). *Research methods in education and psychology. Integrating diversity with quantitative & qualitative approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Parkinson, L. (2008). *Mediação Familiar*. Lisboa: Agora Comunicação.

Quivy, R. & Campenhoudt, L., (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Regina, W. (2000). Bowen Systems Theory and Mediation. *Mediation Quarterly*, 18, 111-128.

Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica* (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

Rios, P. L. (2005). Mediação Familiar – Estudo Preliminar para uma Regulamentação Legal da Mediação Familiar em Portugal. *Verbojuridico*, 1-21. Consultado em 18 de Janeiro de 2011 através de <http://verbojuridico.com/doutrina/familia/mediacaofamiliar.html>

Rosengard, L. (2004). Learning from law firms: Using co-mediation to train new mediators. *Dispute Resolution Journal*, 16-19.



Sauber, R., Beiner, S. & Meddoff, G. (s.d.). *Divorce Mediation: A New System For Dealing With The Family In Transition*. (pp. 285-298).

Schneider, C. & O'Brien, D. (s.d.). *Opportunities for clarity, understanding, and choice: The practice of divorce mediation*. (pp. 87-99).

Taylor, A. (2010). *The Handbook of Family Dispute Resolution: Mediation Theory and Practice*. São Francisco: Jossey-Bass.

Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Vezzulla, J. C. (2001). *Mediação: Teoria e Prática e Prática*. Guia para Utilizadores e Profissionais (1ª ed.). Ministério da Justiça. Direcção Geral da Administração Extrajudicial.

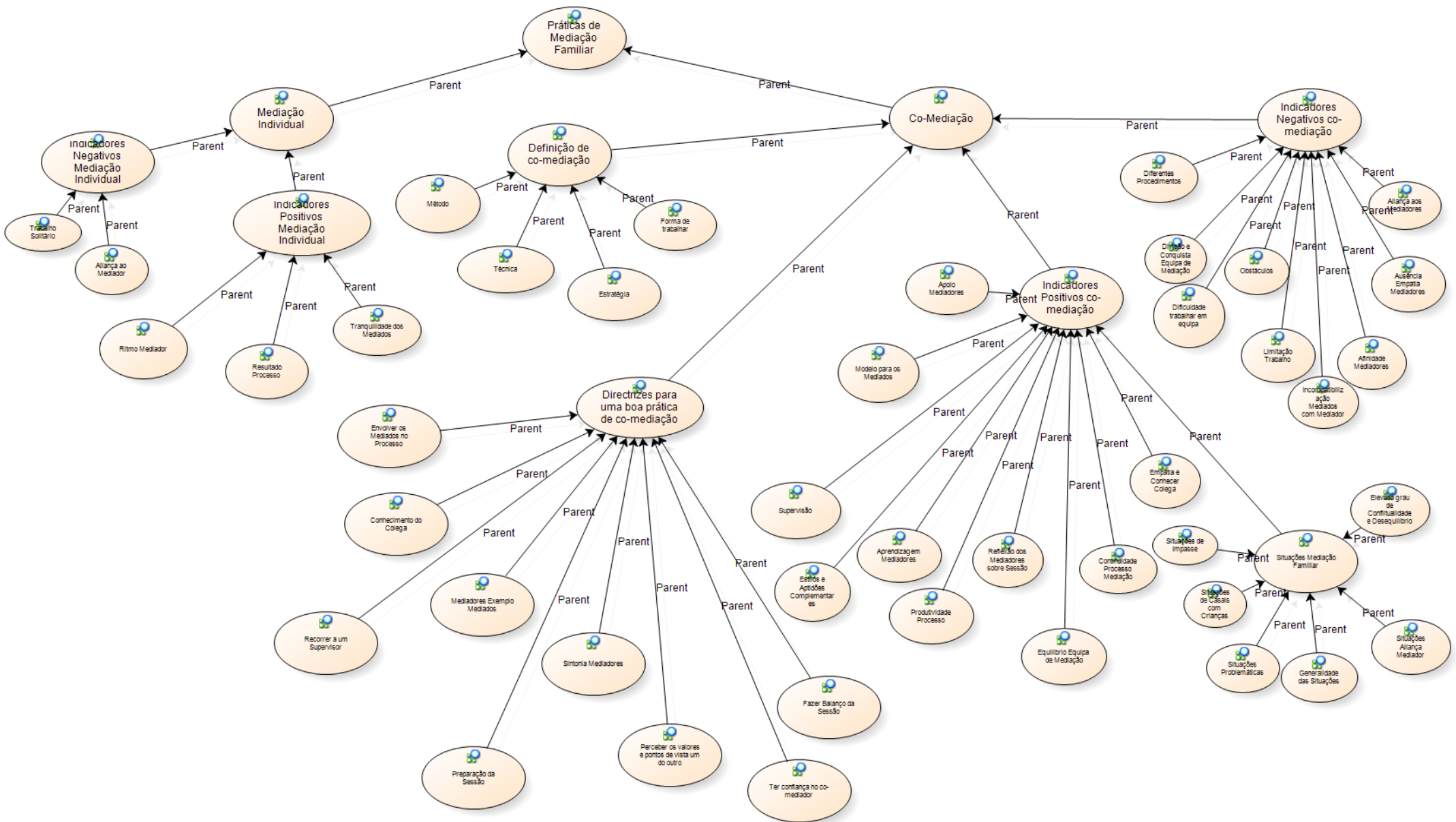
Wilson, H.S. & Hutchinson, S. A. (1997). *Presenting qualitative research up close: Visual literacy in poster presentations*. In J.M. Morse (Ed.) *Completing a qualitative project: Details and dialogue*. Thousand Oaks, CA: Sage.



# ANEXO A



## Árvore de Categorias





# ANEXO B





## **Entrevista 1**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M1:** Eu penso que a Mediação Familiar em Portugal deve ser das áreas que continuará a crescer mais em relação a outros tipos de mediação. Foi aquela por onde começou, por onde foi introduzida a mediação em Portugal, foi aquela por onde se desenvolveu nos Estados Unidos ou nos Países Anglo-saxónicos.

**M1:** Mas, essencialmente nos Estados Unidos, porque nasceu de uma necessidade das pessoas.

**M1:** Na minha perspectiva tem todo um campo, toda uma margem para progredir, porque nasce da necessidade.

**M1:** E a mediação nasce como uma resposta à necessidade das pessoas. Não como uma necessidade dos tribunais, não como uma necessidade da economia, não para descongestionar processos, não para poupar recursos, mas porque as pessoas sentem falta de algo, de resposta. A Mediação Familiar e a Mediação Escolar na minha perspectiva são aquelas que, a Mediação Familiar continua a ter muitas pessoas a recorrer. É aquela que da minha experiência, eu sou mediadora familiar, escolar, penal, laboral, julgados de paz, por aí fora. É aquela que tem um maior número de pessoas a recorrer. Porque é aquela, em que nós sentimos mais na “pele” da minha perspectiva essa necessidade.

**M1:** Vai continuar a crescer no sentido do recurso a, como resposta, como forma complementar.

**M1:** Aproveito para dizer que eu não creio que a mediação seja um meio alternativo. A mediação é um meio complementar de resolução de conflitos. Porque a ser alternativo seriam os Tribunais. Porque os tribunais são uma invenção em termos de história da humanidade moderna em relação à forma de resolver conflitos. Não da maneira que a conhecemos hoje, mas a mediação sempre existiu. Exactamente, porque nasce da necessidade de resolver conflitos entre duas pessoas da mesma família, seja família de sangue, ou seja, família pelo laço, pelo vínculo.

**M1:** Eu creio que vai continuar haver um recurso maior até pela menor resposta que é dada por outros mecanismos. Perspectivo que sim. A Familiar e Escolar pela necessidade são aquelas que maior expansão terão.

## **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M1:** Eu sou mediadora desde 2001. Desde 2003 que faço mediação familiar.

## **3.Trabalha em co-mediação? Se, sim qual o número de processos que já acompanhou?**

**M1:** Sim, sempre em co-mediação. Para além disso sou Formadora desde 2003 e, portanto, todos os cursos de formação nós falamos sempre e formamos sempre os alunos em co-mediação. Portanto, sou uma adepta fervorosa da co-mediação. E trabalho sempre, a não ser por motivos excepcionais, sobretudo na mediação familiar.

**M1:** Se a M. está a estudar sabe que a co-mediação também nasceu por via da mediação familiar e também por via da necessidade de dar resposta às necessidades dos intervenientes, dos mediados na mediação.

**M1:** E uma resposta enfim, nasceu mais como complementar entre os Técnicos. Ainda numa forma muito rudimentar dos Técnicos, e dos Profissionais e dos Mediadores. Mais como equipas disciplinares diferentes, com licenciaturas de base diferentes. Um mediador da área do direito e um mediador da área da psicologia, portanto, complementavam-se nesse sentido. E há muito que já foi abandonado essa forma de constituir as equipas de co-mediação. Por interdisciplinaridade. Por aí, para colmatar algum défice de formação dos próprios mediadores. E, portanto, uma forma muito rudimentar.

**M1:** E depois nasceu também pela questão do género. Tendo em conta que na altura não se falava tanto em pares, pessoas do mesmo género. Embora a mediação familiar não seja só para pares. Mas, não se fala tanto em pares de pessoas de género igual. Mas, a questão dos mediadores serem de género diferente para como “a Mulher de César não bastar ser, mas para parecer”, haver um equilíbrio de géneros.

**M1:** E, portanto, a co-mediação é uma maravilha e, sobretudo, é imprescindível para o trabalho na mediação familiar.

**M1:** Eu não sou tão quase tão fundamentalista como uma colega minha que também dá formação connosco e que diz que se recusa a fazer mediação sem ser em co-mediação. E eu já o tenho feito, mas não há dúvida que é exceção e não a regra. Sobretudo em Família. Nas outras também, mas sobretudo em família.

**M1:** Não faço ideia. Mas, seguramente 80% em co-mediação. Os outros 20% mediação singular, sozinha. Por razões excepcionais.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M1:** Referi um em função da constituição das equipas. Trabalhar em co-mediação é mais um par de ouvidos, é mais um cérebro, é mais uma boca. Não necessariamente, mais uma vantagem, mas pode ser. Enquanto mediador é mais um par de olhos, é mais um corpo, é mais um imenso órgão que é a pele. Todo ele a trabalhar em prole dos mediados. É todo um ser humano, é também toda uma percepção diferente. Colocada ao dispor dos mediados. Não fico sozinha com a minha percepção daquilo que os participantes trazem, daquilo que penso que eles dizem, daquilo que penso que lhes digo. Portanto, é sempre a somar de vantagens.

**M1:** Esta é uma vantagem mais formal e não só. Todos nós trabalhamos com a comunicação e se trabalhamos com o passar o modelo de comunicação, ou de respeito, de cooperação.

**M1:** Se eu com o outro é muito mais fácil de passar o modelo de comunicação para os participantes, para os mediados do que se estiver sozinha. Para os mediados eu posso discursar do co-mediador continuando a respeitá-lo e continuando a cooperar com ele, ou seja, é possível passar este modelo aos outros. Muito mais ou pelo menos numa situação de conflito.

**M1:** Por acaso, estava a pensar que aqui nos Julgados está um colega nosso, o J.E., com quem já fiz co-mediação. Ele é mediador familiar e, portanto, já fizemos co-mediações em família. Posso dizer: “J. penso que se calhar devíamos ir por este caminho, o que é

que achas? Ele pode dizer-me olha penso que não se calhar deveríamos continuar por aqui. Ok, então vamos por aqui. Podemos discordar ou sim, sim, vamos. Ou devíamos fazer uma pausa, o que é que achas.” Ou seja, podemos discordar em frente aos participantes e, isto é que é aquilo que eu penso que é fundamental na co-mediação. É sermos transparentes.

**M1:** Isso é o reverso da co-mediação. É não termos este espírito de cooperação, de respeito e de transparência. Que é adotarmos um espírito de competição com o colega, de desrespeito e de não transparência. Passar bilhetes ou notas para o colega. Isso não. Isso é tudo aquilo que a co-mediação não pretende e é o que pode de facto se conjugar com um trabalho em conjunto.

**M1:** O que me leva a optar pela co-mediação é sobretudo um serviço melhor aos participantes.

**M1:** Que obviamente é mais uma questão a tratar no trabalho a prestar. Claro, se nós dissermos, mas isso é como o trabalho em equipa. Obviamente que demora mais tempo nós atingirmos, se calhar o ponto óptimo do trabalho em equipa. Porque exige que nós escutemos os outros, que respeitemos do que se eu fizer tudo sozinha.

**M1:** Mas, se eu fizer tudo sozinha posso cometer os piores erros, muitas vezes sem me dar conta, de que os estou a cometer. Enquanto com o outro não.

**M1:** Enquanto, por exemplo, utilizando uma técnica da mediação em co-mediação se eu subir à galeria com o outro é muito mais rico, muito mais enriquecedor ambos subirmos à galeria, em discutirmos como está a ir a mediação, quais são os caminhos para onde estamos a ir, que pensas fazer, que técnicas podemos utilizar. Isto também pode ser apontado como uma vantagem ou desvantagem da co-mediação.

**M1:** Eu trabalhar numa linha de mediação, por exemplo, que trabalhamos no IMAP que é uma linha mais integradora. Uma linha que utiliza essencialmente as três grandes escolas, uma linha circular narrativa e a de Harvet, mas com uma componente psicanalítica que é dada, essencialmente, pelo V. e, portanto trabalhamos mais nesta linha. Mas, pode ser muito enriquecedor trabalhar com uma pessoa que trabalhe, exclusivamente, numa linha apenas de Harvet ou numa linha apenas circular narrativa ou apenas transformativa ou numa outra que não seja nenhuma destas três que são as mais representativas. Também pode enriquecer. O colega vem, fantástico como ele

introduziu esta técnica, ou seja, é um crescimento conjunto. E isso notou-se bastante quando nós começamos a fazer co-mediação. A partir daí eu sinto que tive o um crescimento profissional muito maior e estou em querer que o trabalho que prestamos aos participantes também é muito melhor. Co-mediação sempre. Só vejo vantagens.

**M1:** Fazer co-mediação e embora isto não seja unânime e mesmo dentro da equipa de trabalho do IMAP, haja alguma dissonância mas felizmente produtiva no sentido em que cada um de nós obviamente fará aquilo com que se sentirá mais confortável. Entendo que tenho de co-mediador com o maior número possível de mediadores. Para que esta partilha, esta troca e aprendizagem, para que este trabalho para os outros saia melhorado. Sempre com alguma rede, porque não estamos aqui para fazer experiências com a vida dos outros muito menos na mediação familiar.

**5. Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M1:** Uma enorme solidão.

**M1:** Se a Mediação se propõe a uma mudança de paradigma, essencialmente, simplificando mudar de um paradigma adversarial para um paradigma cooperativo, passar de um paradigma onde se trabalham os factos e os problemas para um paradigma onde se trabalhem as pessoas para que trabalhem os problemas. Desde logo aparecem dois profissionais e isso causa impacto.

**M1:** Eu tive uma situação em que eu e o V. éramos os co-mediadores, mediador e co-mediador e a I. que é outra colega do IMAP era observadora. E quando chegámos para fazer a co-mediação houve de facto uma surpresa quer no casal quer na Advogada do senhor que ia participar na mediação. Sendo que a advogada também é mediadora familiar. Nem sequer no processo de aprendizagem, de formação enquanto mediadora tinham falado em co-mediação. Portanto, desde logo há esta mudança em relação ao paradigma habitual que é um profissional, um Advogado, um Assistente Social, um Psicólogo.

**M1:** A excepção é de facto a Terapia Familiar. No caso da terapia de casal e não é todas

as correntes julgo eu ter entendido.

**M1:** Há quem trabalhe com este modelo de dois profissionais de género diferente. Desde logo esta questão há dois profissionais, há uma diferença. Se se pretende mudar ou alterar o paradigma logo começa a mudança. Então se estamos sozinhos essa mudança de paradigma começa a ficar mais difícil. E, portanto, para os próprios intervenientes vão ficar numa coisa muito próxima daquilo que existe.

**M1:** E, depois por mais que não se queira, que se explique a função do mediador, sempre há uma tendência natural e humana de se querer criar, querer fazer alianças com o profissional com que se está. Seja ele um médico, psicólogo, o Advogado o que quer que seja. E quando está um Mediador essa tentativa pode ser de ambos ou de um é maior.

**M1:** E nós enfim também temos técnicas para esse efeito. Deixamos ou não também influenciar por essas tentativas, mas é sobretudo mais difícil passar essa mensagem. E para os participantes ainda é mais difícil sair do paradigma.

**M1:** E para o próprio profissional a sensação de solidão é maior. Eu quando estou a mediar sozinha sinto-me mais só, é muito mais difícil aquilo tudo que já disse passar o modelo de comunicação, etc..

**M1:** Há coisas que nos escapam mais obviamente, quando está o outro colega a fazer a mediação há coisas que eu escuto e ele ou ela não escutam, há coisas que ele ou ela vêem que eu não vejo, ou seja, é complementar. É sempre a somar.

**M1:** E digo ele ou ela porque nós temos alguma dificuldade com os homens na mediação familiar. Há poucos colegas homens mediadores. Ainda que esta equivalência de género seja útil até para os próprios. Já várias vezes nos disseram que bom que é ter dois profissionais, que bom serem de géneros diferentes. Curiosamente num dos casos em que o J. não pode ir porque estava doente e, a primeira coisa que o mediado me disse foi por ele. Que pena que ele não pode vir. Gosto que estejam os dois. Perguntei-lhe: Se sentia alguma falta de isenção? Não. Não é nada consigo. Mas, isto é muito importante de facto a presença dos dois. E acho que é uma mais-valia, também simbolicamente para os participantes é muito útil. Ainda que num primeiro momento possam não valorizar.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M1:** Bom precisaria de ter presente o que é que esses conceitos cientificamente querem dizer. Devo dizer ainda que a minha formação de base seja o Direito. Andei até ao 3º ano em Sociologia, portanto, tive Métodos e Técnicas. Deveria ter isso bastante fresco. Embora, já foi há 20 anos. Descobri hoje que uma mediada me reconheceu que à 20 anos andamos na faculdade. Devia ter bastante presente a distinção entre Método, Técnica, entre Estratégia ou uma Forma de Organizar específica da mediação familiar.

**M1:** Pode ser utilizado como uma técnica se nós pretendermos passar aquilo que á pouco disse o modelo cooperativo, o modelo de respeito, o modelo de escuta.

**M1:** Pode ser utilizado dessa forma como uma técnica. À priori eu não entendo que seja uma técnica. Eu não trabalho em mediação como esta é uma técnica que eu vou utilizar na mediação. Eu não entendo isso. Eu entendo uma técnica como tivéssemos uma caixa de ferramentas e lá dentro tivéssemos as várias ferramentas, o martelo, a chave de fendas, o alicate, por aí fora. E as técnicas para mim são isso, a chave de fendas, o alicate, etc. Eu não vejo a co-mediação como isso. A co-mediação faz parte da caixa de ferramentas, ou seja, faz parte o conjunto daquilo que é a mediação. Para mim a mediação é trabalhar em co-mediação. Uma forma de organização do trabalho. É mais um método de trabalho do que uma técnica.

**M1:** Agora devo dizer que eu sou muito pouco formal, deve ser por isso que esqueci tudo o que define técnica, método. Sou muito pouco formal neste sentido lógico das palavras. Para mim não é muito importante se é método, técnica. Para mim não faz apenas parte da mediação familiar nem nada que se pareça. Por aquilo, que disse anteriormente para mim adequa-se a todo o tipo de mediação.

**M1:** Não sou tão fundamentalista a dizer que em todas devia ser e quase que devia se obrigatório. Isto é quase uma contradição com aquilo que é a ideologia da mediação. Ideologia, neste sentido, de forma de organizar a realidade. Que é de as pessoas poderem adequar o caso concreto, segundo as circunstâncias. Não vejo rigidamente como sendo uma coisa ou outra. Entendo, é que é muito útil para os participantes e utilíssimo para o mediador. Chamemos-lhe o que quisermos, tenhamos a coragem e a humildade e a vontade de querermos trabalhar em co-mediação.

**M1:** Porque, como disse trabalhar em co-mediação não é fácil, porque é mais um elemento. Porque, nós temos de saber trabalhar em equipa. Porque para mim um dos grandes problemas daqueles que não gostam de trabalhar em co-mediação ou dizem que não é útil. É, a dificuldade que têm em trabalhar em equipa.

**M1:** É interessante, porque nós pedimos aos participantes para que em conjunto tomem opções e possibilidades e construam soluções conjuntamente. Mas, não somos capazes de o fazer com o outro colega para prestar um serviço aos participantes. Então acho que há uma certa contradição nisso tudo.

**M1:** E acho muita graça, isto agora é irónico. Muitos mediadores disserem: “trabalhar em co-mediação, não. Não gosto, não quero. Eu faço tudo.” Eu acho que cristaliza bastante.

**M1:** Há outros mecanismos, podemos ter supervisão. Devemos ter supervisão. Como sou fundamentalista, acho que devia ser obrigatório. Devíamos ter supervisão ou intervisão que em Portugal temos sempre um problema com as palavras. Devíamos ter observadores em sala. O que lhes queiramos chamar. Mas, sempre para não cristalizarmos. Acho, que é um desafio trabalharmos em co-mediação.

**M1:** E trabalhar em equipa não é fácil, por isso é que é muito melhor o resultado para nós e sobretudo para os outros e é para os outros que nós trabalhamos o que devemos trabalhar na minha perspectiva.

## **7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M1:** Pode ser mais útil, porque eu parto da premissa inversa. Para mim não há nenhuma excepção à co-mediação. Devemos sempre poder trabalhar em co-mediação.

**M1:** Uma vantagem que me lembrei agora, estamos a trabalhar em co-mediação e um de nós adoece, alguém tem de viajar, as pessoas não têm de retomar o processo de início com outro mediador. Seguem mediação individual com aquele que ficou. Isso já aconteceu, por exemplo, com o P. outro colega do IMAP que já trabalhamos nisto há 10 anos. Também com o nosso formador que foi o V. já aconteceu. Estarmos num processo e houve um dia que ele não apareceu, como com o J. como já referi há pouco. Não puderam prosseguir, prossegui eu. Assim como, eu estive doente não pode prosseguir.



**M1:** O V. que viagem imenso. Se ele não trabalhasse em co-mediação, nunca conseguiria fazer mediação. Sempre em Formação, Congressos, por aí fora. Até por isso também é um melhor serviço prestado às pessoas. Porque senão nunca poderiam começar ou teriam sempre de estar a retomar, no caso em que as pessoas têm alguma eventualidade que não lhes permite estar presente ou que não lhes permite continuar.

**M1:** Situações em concreto eu elegeria sempre de facto a área da mediação familiar.

**M1:** Acho que há muito poucos ou nenhuns mediadores familiares a trabalhar em isoladamente. Nenhuns não é verdade, mas há menos mediadores familiares a trabalhar sozinhos. Até pela própria forma como os serviços estão organizados. Por exemplo, nos Julgado de Paz trabalhamos quase sempre em mediação individual como as coisas estão organizadas.

**M1:** No laboral, na penal, na familiar trabalhamos 90% das situações em co-mediação porque é possível organizar o trabalho uma outra forma.

**M1:** Eu elegeria a mediação familiar como a área mais visível em que a co-mediação mais se justifica. Falam da laboral, da penal, claro que é importantíssimo, mas família todos temos. Ninguém nasceu de a couve, é muito umbilical. Mexe muito connosco. Quando temos uma questão familiar, seja com o parceiro, com a parceira, com o pai, com a mãe, com o filho, com o irmão, com a prima é uma coisa que mexe muito. Procuramos muito uma resposta. E essa resposta vinda apenas de um cérebro é pouco.

**M1:** São dois com percepções diferentes e isto também é da natureza do que é ser-se mediador. Ser-se mediador é uma série de coisas, mas sobretudo sermos capazes de alargarmos, de aceitarmos e respeitarmos os participantes tal qual eles são.

**M1:** Mas, isto é muito bonito na teoria, mas na prática somos seres humanos e voltamos a bater de não termos nascido de uma couve e também temos família. Questões que nos tocam. Então esta isenção, esta imparcialidade, esta neutralidade este respeito pelo outro da forma como os outros são um e outro torna-se mais fácil e equilibrado.

**M1:** Também ter outro colega mediador que possa auxiliar esse trabalho. Então casos concretos, todos os de família.

## **8. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M1:** Duas palavras: respeito e cooperação. Se eu respeitar o outro e for cooperativo não vejo que a co-mediação não possa funcionar. Não gosto muito da palavra sucesso. Eu respeitar o outro. E o respeito significa que eu posso não concordar com a linha que o outro mediador está a seguir ou que ele possa não concordar com a linha que eu estou a seguir. Eu posso dizer, podemos fazer uma pausa, podemos acertar. Com respeito e cooperação. Isso exige proactividade. Respeitar e cooperar não é não atrapalhar é respeitar e cooperar proactivamente, é participar, é estar, é regressar, é fazer, é acontecer. Nunca corremos o risco de não funcionar. Respeitando e cooperando.

**M1:** A questão é se não respeitamos e se entramos em competição. Em vez de cooperar entramos em competição. Desrespeitamos. Então aí é a desgraça total. Passamos todo o modelo ao contrário do que queremos passar e mais vale ou não continuarmos ou calarmos a boca na mediação. Na mediação ou naquela sessão não abrimos mais a boca. Não vamos nós atirar “aches” para uma fogueira que em regra já está muito acesa.

## **9. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M1:** Depende do que estamos a fazer. Depende da dimensão em que estamos. Ou estamos a trabalhar em formação ou em estágio.

**M1:** Se tivermos na formação, sim. Têm sempre que definir que tipo de co-mediação. Primeiro: como é que vão constituir as equipas que tipo de co-mediação vão fazer. E nós normalmente aí pedimos para que respeitem, a forma que escolheram.

**M1:** Se estamos a trabalhar em estágio, o IMAP tem um modelo de estágio já programado. Já temos as nossas turmas de estágio há três, quatro anos e, portanto, já seguem aquele modelo. Aí também se mantém mais ou menos rígido. Quando estamos no processo de formação para saber o que cada um está a fazer o quê. É um bocado como andar de carro, a aprender a conduzir. Para saber que agora carregamos na embraiagem e soltamos, carregamos no acelerador, depois no travão. Não é como agora que até fumamos, atendemos o telemóvel, mudamos a estação do rádio. Se não estamos neste contexto também devemos combinar qual é a forma de co-mediação que vamos utilizar. Sendo que não é tão rígido como eu estou a querer passar. Sobre tudo nesta

última é muito menos rígida.

**M1:** Podemos escolher a forma de co-mediação pura, por exemplo, e depois acabamos por ir para mediador, co-mediador ou combinamos mediador, co-mediador e acabamos por ir para pura. Se bem que em situações as coisas sejam mais rígidas, também para não criar muita dificuldade. Mas, convém combinar. Fazer a abertura, ou pelo menos que vai iniciar a abertura, se vamos fazer os dois, se faz só um, quem é que vai iniciar a fase da investigação ou da exploração.

**M1:** Depois depende das escolas. Enfim, essas questões mínimas. Mas, convém sempre ter o trabalho organizado.

**M1:** Se é a primeira vez que vamos co-mediador com a pessoa, se nunca a vimos na vida também da minha perspectiva convém estarmos um tempo antes, falarmos um pouco, acertarmos terminologias. A terminologia pode ser diferente, mas daquilo que vou conhecendo de escolas diferentes, até de latitudes diferentes. Podemos chamar coisas diferentes a técnicas iguais ou semelhantes. A objectivos também semelhantes para irmos por caminhos diferentes. Acho que é importante esse trabalho prévio.

**M1:** E até de conhecimento. Não conhecia a M. pessoalmente só por telefone, mas se fossemos co-mediador acho que era importante falarmos um bocadinho sobre coisas que nem tivessem a ver com o trabalho, sobre nós. Se somos pessoas e se vamos trabalhar com pessoas conhecermo-nos. O que é que gostamos, o que é que não gostamos. Conhecer minimamente. E preparar o trabalho. Prepara o trabalho significa isto também que tipo de co-mediação utilizar, quem vai fazer o quê, pelo menos no momento inicial. E depois estar disponível para eles. Pelo menos o início do trabalho.

#### **10. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M1:** Eu acho que é por isso que eu gosto tanto da mediação e da co-mediação, porque eu acho que encontro sempre problemas, sempre questões para resolver, sempre questões novas na co-mediação e na mediação. Como é que os ultrapassamos? Na hora falamos, mediador e co-mediador, ou seja, os dois mediadores.

**M1:** Depois falamos com quem faz a supervisão, se for preciso voltamos a falar da

questão, voltamos a falar numa situação posterior.

**M1:** Para além dos Julgados de Paz, laboral, penal, familiar, por aí fora, também no IMAP as nossas turmas de estágio funcionam no Centro de Arbitragem do Sector Automóvel onde fazemos também muitas mediações por semana e onde fazemos a orientação de estágios e a supervisão. Isto para dizer, que em estágio nós trabalhamos, é uma regra do estágio do IMAP que só trabalhamos em co-mediação. E, portanto, veja como veio ter à porta certa. Se falar comigo ou com o P. M. que também é um dos Mediadores Familiares do IMAP estou a falar-lhe dos das listas de Lisboa. Se for para o Porto é a I. A. É uma regra que nós temos no nosso regulamento de estágio. Só trabalhamos em co-mediação e o estágio é exactamente isto. Há uma parte em que os colegas estão na função de co-mediador, ou seja, estão menos interventivos e depois mudam para mediador. Mas, sempre com dois mediadores. Portanto, é requisito dos estágios.

**M1:** Poucas ou nenhuma desvantagens vemos na co-mediação.

**M1:** E somos uns adeptos da co-mediação. Seguramente ouvirá opiniões diferentes de muitos colegas nossos que não partilham da nossa opinião. Não é o nosso caso. Somos uns entusiastas.

**M1:** Em relação a situações em concreto. A semana passada, acho que foi 5<sup>a</sup>f, com um colega combinamos que íamos trabalhar mediador, co-mediado. Que eu seria a mediadora e ele o co-mediador ainda que ele fizesse abertura da mediação e eu depois continuasse. E ele faz a abertura e direcciona de alguma forma a abertura com alguns questionamentos. Direcciona a mediação sobretudo pedindo às pessoas para falarem um pouco. Uma das pessoas fala. E a outra quando fala ele intervém. E a minha questão era intervir no sentido de deixar a pessoa falar. Quando procuro integrar não obviamente desrespeitando a intervenção dele. Também me retira algum espaço. Depois a coisa continuou. Em determinado momento ele entendeu que devia de dar por encerrada a mediação ainda que eu entendesse que não. Tivemos uma diferença de linha de orientação e uma diferença em termos de avaliação da situação que estava a acontecer. E o que é que fizemos? As pessoas foram embora, sentamos com o supervisor que no caso foi o P. e falamos sobre o que tinha acontecido com ele, sobre o que tinha acontecido comigo, o que sentimos, o que percebemos das pessoas. Pedimos obviamente o contributo do P. e dos colegas que estavam a observar. O que é que

observaram, o que é que podiam contribuir com a percepção deles. E falamos.

**E quando isso acontece falam sempre com o supervisor? Nunca falam só entre vocês?**

**M1:** Depende. Se tivermos o privilégio de podermos falar com o supervisor.

**M1:** Por exemplo, às vezes, isso não acontece. Não temos esse privilégio, só estamos os dois, falamos os dois. O que é que aconteceu contigo? Não será uma supervisão, aí sim será uma intervisão porque só estamos os dois e de alguma forma tentamos sair de nós mas continuamos a ser nós. Não há uma voz fora de nós para nos auxiliar a reflectir. O que aconteceu? Quando disseste aquilo, porque é que disseste? O que sentiste? Tive esta percepção. Olha, engraçado: eu senti isto.

**M1:** A mesma coisa, o mesmo invólucro preto para um tem uma consequência para o outro tem outra. Isto é o fascinante, é o bom da coisa. É obvio que isto só é possível perceber, que o mesmo invólucro preto pode ter conclusões diferentes se tivermos outro na mesa a intervir, a pensar

**M1:** Então em co-mediação com as turmas que nós temos de estágio, esta troca. Há quem esteja a observar, há quem esteja a orientar, há quem esteja a fazer mediação, há quem esteja a fazer co-mediação. Cada um de nós ocupa um papel e tem uma função. É super enriquecedor. Eu acho que é sempre a somar, não há nada que subtrair.

**11. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M1:** Eu sinceramente não. Já me senti mais ou menos confortável já.

**12. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M1:** Já me senti mais e menos confortável. Não tenho tido a oportunidade de mediar muito com quem venha de escolas diferentes ou de aprendizagens diferentes.

**M1:** Porque, até há bem pouco tempo o IMAP tinha formado a grande maioria dos mediadores. As pessoas no início acabam por reproduzir tudo o que nos é ensinado. E

portanto não tinha muita possibilidade de pessoas que tenham feito formação noutras instituições que pudéssemos partilhar essa troca, essa aprendizagem. Esses modelos diferentes, coisas diferentes. Mas, depois também todas as Associações e Institutos que entretanto foram nascendo, foram também muito influenciados pela formação que tiveram. Felizmente depois já foram trazendo outras coisas. Também aqui ninguém quer reproduzir tudo igualzinho. Portanto, essa experiência de escolas diametralmente opostas, não. Já tive pessoas até que vieram de formações anteriores, a de 2001.

**M1:** Mas, não assim tão diferentes. Mas, mesmo com escolas diferentes não senti muito. Agora com pessoas dentro das mesmas linhas de trabalho, com perspectivas diferentes. Sim, já tive. Há pessoas que mesmo na nossa linha privilegiam, por exemplo, trabalhar as questões objectivas. Sendo que nós privilegiamos as subjectivas e depois as objectivas.

### **E como é que se sente quando isso acontece?**

**M1:** Não posso dizer que me sinto confortável, porque acredito que é trabalhando as pessoas as pessoas resolvem os seus problemas. Mas, penso que não fico ansiosa, penso que não passo por cima dos colegas (“não, vamos lá para as subjectivas”).

### **Como é que resolvem...**

**M1:** Temos sempre resolvido, penso que é mesmo assim, respeito e cooperação. Ou digo: “x ou y parece que aqui não estamos a avançar” ou então posso dizer: “parece que aqui seria mais importante conhecer o A e o B. O que pensas? Ou se já tentámos por aqui e não dá, fazer uma pausa. E dizer: “acho que se calhar precisávamos de parar um bocadinho, para ver como é que vamos avançar com o trabalho. O que é que achas?” E nunca ninguém me disse: não, não vamos fazer uma paragem.”

**M1:** Vamos, sentamos e discutimos sobre isso. E depois no final da mediação discutimos as questões mais de ideologia, de princípio. Nunca tive nenhum problema em relação a isso. E o desconforto é o desconforto momentâneo, durante a sessão. Mas, quando começo a sentir: por aqui não está...Primeiro, penso sempre mas quem és tu, para achares que o caminho que queres seguir é melhor do que aquele que ele ou ela vão seguir? Respeita e depois tenta outro caminho que possas achar que é mais útil. Se não derem pensa em conjunto como é que pode dar.

**M1:** Falamos abertamente, estou a sentir-me esquisita, acho que estamos a falar muito daquilo ou não. E o inverso também já me disseram - acho que estás a insistir muito nisto ou naquilo, acho que devíamos não focar tanto aqui, mais acolá. Falando. É a falar que nos entendemos. Pedimos às pessoas que falem sobre o que sentem, que se esclareçam, o que desejam que os mediadores devem fazer.

**M1:** E é isso, que não fazem. E é por isso que muitas das vezes sai uma desintonia entre a prática e o discurso.

**M1:** É uma questão a rever noutro trabalho. É para depois quando fizer o Doutoramento.

**13. Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?**

**M1:** Sim. Isso faz parte em todas as mediações. Em todas as áreas da mediação, muito mais na mediação familiar. É necessário em termos do nosso ilusório colectivo, entendemos que é necessário conquistar aqueles, ainda que nos seja dito no início que não vão tomar partido, etc., mas tendemos, é uma coisa humana, de termos os aliados.

**M1:** Podes não decidir, mas ficas do meu lado. É mais um ou mais uma para o meu lado. E isso acontece. E isso acontece em todas as mediações e obviamente acontece na mediação familiar. E, se calhar, até por maioria de razão na mediação familiar em que de facto assistimos a algumas situações, a uma guerra. Uma guerra quase sem quartel, em que de facto se começa a somar: quantos temos de um lado, tenho o teu pai, tenho a tua mãe, tenho a prima, tenho não sei o quê.

**M1:** Portanto entra-se num jogo em algumas situações. E, portanto, os mediadores são mais uns para essa contabilidade. É claro que temos de ter algum tempo para chegarem à conclusão que o mediador em última análise vai ficar na soma de ambos os lados. E portanto assim como os filhos quando os têm estão em ambos os lados. E depois quando se chega a essa conclusão acaba-se por se perder sequer essa vontade, e deixarem de criar essas alianças.

**M1:** Mas, isso é frequentíssimo. Como é que os mediadores lidam com isso? Tem técnicas específicas para esse efeito. Eu diria muito rapidamente acolhendo cada um

deles, acolhendo cada participante que tenta fazer. Mas, sempre devolvendo essa tentativa de criação de alianças. De formas, umas mais manifestas, outras mais subtis. Desde dar beijinho; desde dizer que está com a pele muito desidratada, precisa de um creme hidratante; desde por a mão; é mãe ou é pai você sabe como é que são as mulheres, ou como é que são os homens.

#### **14. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M1:** E quais são os objectivos da mediação?

**Chegar ao acordo.**

**M1:** Eu não parto para a mediação com nenhum objectivo. De outra forma, eu não parto para uma mediação muito menos para uma mediação familiar com o objectivo que eles cheguem a acordo.

**M1:** Eu muito menos. Porque, agora vou dar uma ferruadinha política. O GARL está cansado de saber.

**M1:** Isso viola o código de conduta europeu do mediador que diz que o mediador não pode ter participação no resultado da mediação. Ora se não pode ter participação no resultado da mediação, o mediador não pode ser avaliado pelo facto de os mediados terem ou não terem chegado a acordo. O acordo não é do mediador. O acordo é dos mediados. Porque é muito fácil os mediadores conseguirem um acordo.

**M1:** Agora para isso chamem Juízes, chamem Procuradores, chamem Conciliadores, chamem quem quiserem, mas não chamem os mediadores. Não vamos estar a duplicar funções, para isso não são, precisas mediadores.

**M1:** A mediação não é para se chegar a acordo na minha perspectiva. A mediação é para auxiliar pessoas com problemas para que essas pessoas resolvam os seus problemas. E a mediação tem uma repercussão que não se traduz no acordo. A mediação tem sobretudo uma repercussão ao nível da comunicação, do esclarecimento, que as pessoas possam transmitir o que sentem e o que desejam.

**M1:** Isso é dito na familiar, em várias. Muitas vezes agradecem-nos e não têm que nos



agradecer a nós mediadores. Também nos fazia sair do plano como diz Daniel Bustelo que é um mediador familiar Argentino, mas que trabalha aqui em Madrid. Agradecemos, pelo facto de termos pela mediação ter proporcionado um encontro entre aquelas pessoas e que elas possam ter dito o que tenham dito uma à outra. Isso não resulta num acordo. E na estatística é mediação sem acordo. E para aquelas pessoas é muito mais importante dizer: eu sinto isto, e aquilo; fizeste-me sentir isto e aquilo.

**M1:** Por isso, estava a meter-me consigo M., porque obviamente nos não podemos fugir da estatística e dos números. É para isso que ela serve e que toda a gente mede e pergunta.

**M1:** Para mim a mediação não tem como objectivo o acordo e, portanto, eu não parto com esse objectivo nem com expectativa nenhuma. Eu parto para a mediação, sobretudo para a mediação familiar, vamos ver o quem é que são estas pessoas e em que é que eu posso ser útil a estas pessoas. Não no sentido assistencialista, porque também não vejo a perspectiva nesse sentido. O que é que posso ser útil enquanto mediadora. Em que é que a mediação as pode auxiliar.

**M1:** Precisam de espaço, diálogo, comunicação, de responsabilidade, responsabilização e de troca de informação. Acho que é mais por aqui que eu vejo a mediação. Então, se é mais por aqui que eu vejo a mediação eu penso que isto se consegue quer individualmente ou singularmente quer em co-mediação. Mas, por tudo aquilo que disse anteriormente acho que é muito mais fácil sobretudo este espaço da responsabilidade, responsabilização, do poderem dizer um ao outro efectivamente o que pensam, o que desejam. Todo este trabalho de auxilia a é muito mais fácil quando somos dois. Principalmente, por aquilo que disse, pelo respeito, pela cooperação, pelo modelo de comunicação.

**M1:** Porque se formos dois e, sobretudo, de formos dois muito diferentes até na forma de comunicarmos, de nos expressarmos, somos pessoas diferentes, também transmitimos mensagens diferentes aos outros. Podemos não criar empatia. Eu, por exemplo, posso não criar empatia com uma ou com ambos mas o co-mediador ou mediadora podem criar essa empatia. Enquanto mediadora devo fazer, mas pode não acontecer. É sempre a somar, são mais hipóteses, são mais possibilidades. É um trabalho mais para eles, abre-se um campo maior.

**M1:** Pode ocorrer esse espaço dessa troca, dessa partilha.

### **15. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M1:** Eu vou seleccionar. Uma delas a M. já escolheu com o seu tema e se pudesse ver ou ler noutros trabalhos de outros colegas quando me fazem essa pergunta, o que é que podemos melhorar na prática ou o que é que podemos melhorar para que a prática da mediação melhore?

**M1:** Aponto sempre a questão da co-mediação. Portanto, uma delas já está elencada no tema do trabalho. Eu creio que a co-mediação auxilia muito o trabalho que prestamos aos participantes e o nosso crescimento enquanto profissionais.

**M1:** Depois a formação. Acho que escutarmos outros de outros países, do próprio, de outras escolas, da mesma escola, a troca, a partilha de experiências, de conhecimentos, de bater a cabeça nas paredes, ou seja, das coisas que não correm bem nos leva a todos a crescer muito. A Formação neste sentido e cada um de nós onde nos faz mais falta e há medida das nossas possibilidades, porque a formação também está cara.

**M1:** E depois a supervisão. Não necessariamente por esta ordem. Chamemos-lhe supervisão, intervisão, ultrapassemos o problema com as palavras e passemos aquilo que é importante que é este trabalho de espelho de alguma forma e de questionamento. Eu não vejo que seja possível, pelo menos da forma como eu vejo a mediação fazermos um trabalho de mediação sem questionamento e auto observação. Então a auto-observação e o auto-questionamento, claro esse dever ser permanente em nós, na minha perspectiva em todas as dimensões da vida. Mas, isso é uma perspectiva sobre a vida, cada um terá a sua. Agora em termos da mediação e da prática da co-mediação o hetero questionamento também é muito importante. E o outro auxiliar-nos a pensar.

**M1:** Por isso, são muito importantes os Psicólogos e todos os terapeutas. Eles são importantes para nos auxiliar a pensar e a pensar também com método. Portanto, a intervisão ou a Supervisão chamem o que quiserem é para nos auxiliar a pensar também com método e coisas que, às vezes, nem nos questionamos.

**M1:** Para mim tem sido um privilégio nos últimos três/ quatro anos poder, simultaneamente, orientar e fazer intervisão com as turmas de estágio. Tenho crescido

muitíssimo neste hetero questionamento, que simultaneamente, se traduz num auto questionamento e nas práticas. Acho que isto é que é enriquecedor. Partilhar com outros colegas.

**M1:** Ainda há 15 dias trabalhei com uma colega que fez comigo a formação em 2001, a K., há imenso tempo que não trabalhava com ela. Termos feito mediação, co-mediação familiar. Eu fiquei contentíssima, porque há imenso tempo que não trabalhava com ela e aprendi imensas coisas.

**M1:** Se tivesse que seleccionar três para melhores práticas seria esta sem dúvida. Depois há toda uma série de outros mecanismos de trabalho em rede que também é uma palavra tão gasta em Portugal, mas que seria importante ter outros auxílios, que às vezes pedem milagres à mediação, como às vezes, pedem milagres à medição, como pedem aos Assistente Sociais, aos Julgados de Paz num trabalho mais articulado. Para a prática da mediação para escolher três seriam estes. Se conseguíssemos nestes três fazer uma aposta individual e não só à espera que seja o Estado, as Associações. Isto tem que vir de dentro. Não é: o GRAL não faz...Não é o GRAL que tem de fazer. Cada vez mais temos de ser nós, individualmente. No IMAP somos menos, somos quatro. Fazemos a nossa auto e hetero formação, à medida das necessidades, das possibilidades. Fazemos este trabalho e outros também o fazem. Falo de conhecimento de causa. Se isto nascesse da nossa necessidade interior, individual, de cada um de nós, pois seria muito mais fácil colectivamente as coisas processarem de outra forma.

## **Entrevista 2**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M2:** Muito boa. Acho que vai crescer a olhos vistos nos próximos anos da mesma forma que cresceu a olhos vistos nos últimos 10 anos. E, portanto, acho que a perspectiva é muito boa. Há cada vez mais escolas, há cada vez mais centros de mediação, há cada vez mais mediação privada. As pessoas estão cada vez mais inteiradas do que é a mediação familiar. Existem já diversos protocolos, públicos e privados no âmbito da mediação familiar e, portanto, a perspectiva de crescimento é óptima e a perspectiva do impacto na sociedade. A perspectiva que tenho é realmente muito boa.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M2:** Desde o início da criação do sistema de mediação familiar. Acho que é de 2007.

### **3.Trabalha em co-mediação? Se, sim qual o número de processos que já acompanhou?**

**M2:** Às vezes. Diria 20.

### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M2:** Nenhum critério.

**M2:** É o critério da oportunidade. É o único, ou seja, para mim é importante fazer em co-mediação para que os colegas possam aprender comigo e para que eu poder aprender com outros colegas. E, portanto, é a questão da oportunidade de fazer uma mediação em co-mediação com outro colega ou com outra colega.

**M2:** Para dizer a verdade, como sabes só existe outro mediador familiar para além da

minha pessoa e, normalmente, faço com uma mulher. O que aliás é bom, porque nas questões de género facilita bastante.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M2:** Há. Desde logo as questões de género. Logicamente uma identificação de género do mediado em que, normalmente, os homens tentam-se mais colar ao mediador e logicamente as mediadas sentem-se mais distantes do mediador. Quando o processo é em co-mediação, portanto, um mediador e uma mediadora geralmente é mais fácil de facto eliminar estas questões de género. Porque, os co-mediadores como geralmente trabalham em conjunto isto se estivermos atentos e, creio que normalmente estamos atentos a esse tipo de questões é de facto mais fácil.

**M2:** Por outro lado, em co-mediação é mais fácil o mediador que num determinado momento está a conduzir a mediação, está a utilizar as técnicas, a fazer as perguntas estar menos atento do que aquele que está na posição passiva. O que está na posição passiva consegue prestar mais atenção e ver pormenores do que aquele que está no activo não consegue. Porque, quando estamos a falar não estamos a ouvir, não estamos a ver. Falamos e perdemos um bocadinho. E, portanto, nesse sentido, é melhor.

**M2:** Por outro lado, também temos as questões relativas à Formação, portanto, trabalhar com psicólogos, às vezes, é bom. Estamos muito atentos e conseguem outro tipo de perspectiva. E, portanto, acabamos por nos complementar um bocadinho. Apesar de tudo, gostemos ou não nota-se.

**M2:** E, por outro lado, também se calhar temos sempre uma perspectiva paradigmática dos nossos preconceitos sempre diferentes. Porque, quando entramos em mediação temos os nossos próprios preconceitos. É inevitável e a outra pessoa tem outros preconceitos. Que é bom. Na mediação têm a mania de dizer que os preconceitos São maus. É uma treta. São tudo coisas académicas. Não é nada. O preconceito é bom. O preconceito é um conhecimento à partida. O que não podemos é ficar agarrados a esses preconceitos. Mas, às vezes, dos preconceitos do outro mediador ainda conseguimos sacar algumas coisas. Isso são as questões mais importantes.

**M2:** Depois há outra questão importante, o cansaço. Então a dois tu não sentes o mesmo cansaço. E é mais giro, é mais motivante.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M2:** Uma estratégia, às vezes, é. Eu já entrei até a meio de uma mediação como uma forma de estratégia. Precisamente, porque havia questões muito marcadas de género e, portanto, tive de entrar eu a meio porque era um homem

**M2:** É um método, é uma metodologia de trabalho e implica um método. E dentro da própria mediação, os estilos de co-mediação. Se fazes co-mediação pura, em alternância ou em estilo mediador, co-mediador, a própria co-mediação implica uma metodologia de trabalho. E algum entrosamento entre os mediadores.

**M2:** Uma técnica, não lhe chamaria uma técnica. Técnica acho sinceramente que é uma outra coisa. Existem as técnicas próprias da mediação. Mas, isto é uma questão de terminologia.

**M2:** Uma forma de mediação. Não sei o que se poderá entender por forma? **Uma forma de trabalhar em co-mediação.** Sim, mas aí forma, tem a ver com o que mede. Eu conseguiria argumentar e dizer tudo isso. Tudo isso que colocaste aqui eu conseguiria dizer que sim.

**M2:** Uma forma também é uma forma, no sentido em que enforma o processo e dá-lhe forma, no sentido, em que trabalhas de uma maneira que não trabalhas de outra individualmente. E, portanto, dá-lhe uma certa forma. Nesse, sentido também é, porque não se trabalha da mesma forma.

**M2:** Quando está em co-mediação tens de ter em conta mais factores. As agendas do outro mediador, a formação do outro mediador, o estilo do outro mediador. E, portanto, tens de definir uma a forma de trabalho própria na co-mediação. Se não depois não dá resultado.

## **7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M2:** Nas situações em que as pessoas tentam fazer muita aliança de género com o mediador. Porque, o mediador é homem ou mulher, podem fazer uma aliança com ele. E aí em co-mediação, homem, mulher é muito mais fácil. Por exemplo, quando o mediado me diz: “ah, você é homem sabe aquilo que eu quero dizer. Sabe as mulheres não percebem destas coisas, nós homens entendemos de outra maneira.” E começa a tentar ganhar o mediador nesse sentido. Às vezes é bom, porque a mediação é um jogo de alianças. Alianças com um e com outro, mas tem de ser à vez. Nesse sentido, é bom.

**M2:** Em que mais pode ajudar a co-mediação? Essa é a única ocasião em que eu de facto acho que é muito estratégico. As questões de género.

**M2:** Há uma outra situação que é, às vezes, quando tomas conhecimento de um determinado mediador que é bom, porque já trabalhaste com ele. Há mediadores que têm muito jeito para umas coisas e outros que têm muito jeito para outras. Por exemplo, há mediadores que são muito bons a fazer resumos, há mediadores que são muito bons a apanhar questões psicológicas, pronto há mediadores que são melhores numas coisas do que noutras. E, às vezes, quando te sentes um bocadinho num impasse podes ter tendência a dizer: “Lembro-me de um colega, é um tipo bom, tem uma formação qualquer específica, ou que já treinou muito, ou que já teve experiência noutra ocasião ou falaste com um colega a dizer, por exemplo, já tiveste experiência, por exemplo, de maus tratos a crianças? Tive uma vez, e aconteceu isto. Não queres vir comigo, fazíamos os dois.” Juntam-se e é mais fácil.

## **8. Da sua experiência pode indicar-me alguns benefícios da co-mediação?**

**M2:** Eliminar as questões de género, a complementaridade da formação de base ou da formação específica em mediação. Porque, pode acontecer também complementarem-se no sentido em que eu posso estar a trabalhar com um colega, por exemplo, no meu caso eu tenho formação também em mediação penal, há situações que são um bocadinho mistas e então podes agarrar num colega e complementar, porque ele tem uma formação também em mediação e outra coisa qualquer. Ou, por exemplo, em conciliação e eventualmente enxertas um bocadinho de outro procedimento dentro da mediação e isso é bom.

**M2:** O sexo não ser o mesmo, dos mediadores.

**M2:** Dos mediados para te ser sincero não sei. Porque, não tenho muita experiência de mediados do mesmo sexo.

**M2:** Eu percebo. Mas repara que o outcome vai depender do sexo dos mediados. Não é a mesma coisa ter duas mulheres e um homem e uma mulher a fazer a medição e uma mulher e um homem como mediados e um homem e uma mulher com mediadores não será por certo a mesma coisa. Agora isso é difícil de medir e fazer as correlações. Relativamente ao sexo não tenho muita noção.

**M2:** Agora acho que o sexo é importante, ser um homem e uma mulher.

**M2:** A formação de base, acho que também pode influenciar o sucesso ou insucesso.

**M2:** As sessões a que os mediadores assistem em conjunto ou individualmente. Porque, às vezes, acontecesse um mediador já ir assistir a meio do procedimento e, portanto, não deve ser a mesma coisa um mediador entrar a meio ou entrar no início.

**M2:** Sexo e formação de base e a formação em mediação. O sexo dos mediadores, o sexo dos mediados. Provavelmente, a idade quer dos mediados quer dos mediadores. Não é a mesma coisa fazer um processo em co-mediação com pessoas com 50 anos e a pessoas com 20. Não é a mesma coisa e, provavelmente, o resultado final também não é a mesma coisa. Não quer dizer que não vá mais ou menos no mesmo sentido, mas as correlações já não devem ser as mesmas por causa da idade. É diferente. E muito provavelmente, acho que será completamente diferente o meio sócio económico em que estamos a mediar. Fazer uma co-mediação no meio rural entre o homem e a mulher é, provavelmente, mais fácil do que fazer no meio urbano. Digo eu. Também resulta da minha experiência, não resulta de nada científico. Para mim tem sido mais fácil mediar em meios rurais. Meios rurais, quer dizer fora da área metropolitana de Lisboa.

## **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M2:** Mas, sai sempre furado. Comigo sai sempre furado, depois quando leres isto aqui hás-de perceber que eu sou um fala-barato.

**M2:** Então como fazemos? Não vamos definir nada. Co-mediação pura. Depois na



altura eu acho que falei 90% e o co-mediador falou 10%. Mas, alguns mediadores falam mais. Por exemplo, já tive oportunidade de fazer co-mediação com a C., a C. é mais interventiva. Os de direito são mais interventivos, falam muito mais.

**M2:** Muito. Os psicólogos falam menos e ouvem mais. Os de direito têm duas bocas, não vou dizer que têm só uma orelha, mas têm pelo menos duas bocas e uma orelha. O que é mau. Porque devíamos ouvir o dobro do que falamos.

**10. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M2:** Não encontrei nenhum que eu disse-se: eu tenho de recorrer à co-mediação.

**11. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M2:** Não me lembro. Até hoje com todos os mediadores tive boas experiências. Em mediação familiar.

**12. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M2:** Nunca senti.

**13. Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação?**

**M2:** Dividir não. Conquistar a equipa mediação sempre.

**Como é que lidaram com isso?**

**M2:** Pessoalmente, nunca faço uma aliança directa, faço sempre uma aliança indirecta, ou seja, se eu me dirijo a um mediado posso tentar fazê-lo ver a posição do outro e até chamar-lhe à atenção. Porque, estamos em mediação familiar, e há coisas que os

mediados trazem para cima da mesa eu são totalmente descabidas.

**M2:** Por exemplo, relativamente aos filhos. Tenho de dizer: “mas já viu que a sua mulher, não lhe parece isto....” Portanto, tento fazer alianças mas nunca do género de ser interpelado pelo mediado e de fazer uma aliança. Se ele diz: “ok, fica registado, não é por causa disso que eu vou dar mais um minuto da minha atenção.”

**M2:** É natural que eles tentem fazer isso para conquistar, porque vêm num paradigma diferente. É o paradigma do eu/tu. Tu tens razão eu não tenho, eu tenho razão, tu não tens. Nunca fazem um pensamento cooperativo. Nunca, também não é, então em mediação familiar.

**M2:** Também há pessoas que sabem, faze-lo muito bem, mas normalmente, tentam fazer alianças. Às vezes, simplesmente ignoro. E a pessoa vem noutro paradigma.

**M2:** Mais tarde, vou explicitando melhor as regras. Normalmente, é uma boa “arma de arremesso”, no sentido positivo de trazer as pessoas, mais aquilo que queremos da mediação. Aquilo que, normalmente, explicitamos quanto estamos a explicar as regras. Que precisamos de cooperação, que as decisões são vossas, é preciso empenho, é preciso que tragam para cima da mesa todas as questões que considerem importantes. O mediador também tem no fundo de saber dar o exemplo. Falar das coisas abertamente. Também dizer-lhe: “como lhes disse não estou nem do lado de um, nem do lado de outro.

**M2:** Os mediadores como disse no início são neutros e imparciais a menos que estejamos a falar dos filhos, do superior interesse das crianças. Mas, de outro modo não estou aqui para dar razão. A única coisa que quero é que se entendam, que possam dialogar de uma forma que vos permita chegar a consenso.”

#### **14. Acha que há desvantagens ao trabalhar em co-mediação?**

**M2:** Não. A única desvantagem que eu vejo, para te ser sincero estou a lembrar-me de uma situação e não foi em mediação familiar. Mas, poderia perfeitamente ter acontecido em mediação familiar. Isto aconteceu numa mediação que era uma mediação laboral. Chegamos a um impasse e o impasse tratava-se de valores. Estávamos constantemente a discutir dinheiro, era uma questão comercial. A questão era laboral, mas comercial, no

sentido de se falar de cifrões. E as pessoas, normalmente, logicamente têm sempre um interesse subjacente que é o interesse do dinheiro. Querem pagar o mínimo possível. Fiz um caucus e reuni com um disse: “Quanto é que é que você dá para se ir embora?” E, reuni com o outro e disse: “Quanto é que você dá para se ir embora?” E, portanto, tentei ver qual era o ponto de entrada e de saída de cada um deles na discussão financeira. E, portanto, quando chegámos à reunião o que constatámos que aquilo que os separava de um acordo era um valor irrisório que depois acabou por ser basicamente por eles dividido. Mas, sejamos sinceros, em bom rigor, isto não é mediação. Isto é uma outra coisa qualquer. Não é mediação. Será eventualmente de conciliação. Mediação não é isto. Mediação seriam eles a fazer uma criação de opções, a tentarem “puxar”, fazer um determinado trabalho. E quando chegámos cá fora, a minha colega que estava a fazer co-mediação diz-me: “J. nós temos de falar sobre isto. Isto para mim está completamente fora.” Eu disse-lhe: “Eu percebo, mas estamos num impasse. Sejamos sinceros esta gente vai toda para tribunal por meia dúzia de euros, sem saber ler nem escrever.” Porque eventualmente nós não fizemos bem o trabalho, Ou seja, para mim aquilo era válido. Isto podia ter acontecido com um casal em co-mediação. Tenta imaginar que aquilo era o valor da casa. Era rigorosamente a mesma coisa. Eu teria feito na mesma e a minha colega não estava de acordo, ou seja, uma desvantagem, a única que eu vejo em fazer co-mediação é eventualmente os mediadores poderão não estar de acordo quanto ao procedimento.

**M2:** Dou-te outro exemplo, que pode acontecer. Eu lembro-me que quando estava a tirar o curso de Ciências da Família alguém foi explicitar que os encontros em caucus em mediação familiar são confidenciais dentro da própria mediação. Mas, isso não é rigorosamente verdade, porque há autores que dizem que é exactamente o contrário. Que na mediação familiar não devem ser confidenciais. E, portanto, essa é uma questão que eventualmente poderá ser discutida por dois mediadores e um ter a sensibilidade para um tipo de procedimento, portanto, haver confidencialidade e o outro dizer que não. Logicamente um quer enveredar por um caminho e outro quer enveredar por outro caminho. E têm, eventualmente, de chegar a um consenso.

**M2:** Sejamos sinceros, os autores falam muito disto, mas é tudo “blablablás”. Aqui entre nós, escreve-se muito sobre mediação familiar mas é tudo “uma tanga do caraças”. Os autores falam, falam, dão formação a toda a gente, mas rigor científico que é bom, esse não há nenhum. O rigor científico que começa a existir agora com os cursos que a

Católica tem feito, com os mestrados. A analisarem cientificamente as coisas. De resto os autores dizem: “isto é assim; isto é melhor, isto é pior.” Mas, ninguém mediu isto. Portanto, o E. estar aqui a dizer: “que isto é assim e assim.” Isto não tem valor nenhum. Isto é tudo treta. Pode ser um indicador, é uma experiência. É melhor uma experiência do que uma não experiência. Mas, às vezes é casuisticamente. Depois aí temos de decidir em concreto.

**M2:** E tu não podes em co-mediação decidir apenas e só pela tua cabeça. Tens de arranjar um procedimento de negociação com o teu colega de mediação sobre a forma como conduzes o processo. Se vais fazer caucus, se não vais; se fazes pausa se não fazes. Mas, normalmente como é que isso se resolve? Resolve-se como se resolve na mediação. Falamos abertamente. Pelo menos é assim que falo. Sobre os procedimentos - /que podemos ou não adoptar. À frente dos mediados.

**M2:** Nada obstem que seja falado à frente deles. E até os próprios mediados podem participar, porque isto é um trabalho conjunto. E, às vezes, coloco mesmo ao mediados: “O que é que achariam se víssemos em separado agora? Acham que faz sentido que não faz sentido, querem fazer uma pausa, por exemplo?” Às vezes, as pausas são quase milagrosas. Eu costumava utilizar uma técnica muito boa que era a técnica do café: “não querem fazer uma pausa para tomar café?” A gente pára um bocadinho, toma um café. Às vezes, até fazia no início da mediação. Tínhamos lá uma máquina de café e aquilo dá um resultadão. O pessoal vem tenso para a mediação. É uma coisa corriqueira e deixa de ter tanto peso. Eles vêm completamente concentradas naquilo.

## **15. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M2:** Sim.

## **16. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação**

**M2:** Tudo ser falado à frente dos mediados. Sem problemas. Às vezes com linguagem simples, sem utilizar terminologias como caucus, não vale a pena, ou pausas técnicas, não. Vamos fazer uma pausa, podemos fazer reuniões em separado. Isso parece-me boa

política.

**M2:** Outra é envolver sempre os mediados num destas decisões. Isso é sempre muito bom. Eles sentem-se integrados. E damos o exemplo também.

**M2:** Nós na co-mediação podemos servir de modelo. Exemplificando. Eu tenho uma opinião sobre o próximo procedimento a seguir e a minha colega de co-mediação tem outra opinião. Então, vemos o porquê. “Eu acho que se fizessemos agora uma pausa e depois um bocadinho mais frescos, tenho impressão que depois eventualmente, até era útil porque alguma reflexão podia trazer os interesses quando nos reuníssemos. Eh pá, mas olha se agora ficássemos aqui mais um bocadinho e fizessemos uma agenda talvez a seguir pudéssemos trabalhar de acordo com a agenda e ver os itens em separado e talvez isso ajudasse. Então o que é que fazemos? Então e porquê? Então e se fizessemos metade da agenda e depois uma pausa. Então e se fizessemos primeiro a pausa e depois a agenda? Então e se não fizessemos nem a pausa nem a agenda?” Riscamos as hipóteses todas, uma a uma, aquelas que não interessam e ficamos com a que interessa. E eles ficam a ver, havia aqui duas perspectivas diferentes meteram aquilo ali no quadro branco, riscaram uma a uma.

**M2:** Servimos de modelo. Servirmos de modelo é óptimo, não nos enervarmos, mostrarmos tranquilidade, um para com o outro, explicitarmos tudo claramente acho que é muito bom. Sabermos estar a falar, mas também saber estar a ouvir o que o colega está a dizer. Servimos também de modelo, no caso em quando um colega fala o outro está calado. Não nos atropelarmos. É a pior coisa que pode acontecer atropelarmo-nos. Muitas vezes, temos de fazer algum esforço para nos calarmos pois temos tendência para falar, mas estão ali mais três pessoas, pelo menos que querem falar. Não sabemos bem quando, mas querem falar. E, portanto, temos de fazer algum esforço para dizer: “não espera aí, tenho de o ouvir agora. Está o colega a falar.” E, portanto, isso parece-me essencial como directiva que o colega fala mesmo que eu não esteja muito de acordo, mas agora vou ouvir. O colega dirigiu isto para o outro lado, olha paciência, vamos atrás. Já seguiu ali um caminho, olha, vou atrás e vou ajudá-lo. Logo se vê. Se for preciso volto outra vez atrás onde tinha ficado a ponte.” Essa também é uma boa técnica, uma boa directiva. Tenho uma ideia qualquer mas, o colega levou aquilo para outro caminho, eu aponto no papel. Mais tarde voltou à “baila” ou outra coisa qualquer, “há bocado passou-me, mas como é que é esta questão.” Portanto, não vou interromper

a directiva que o colega está a tomar e vice-versa.

## **17. Quer dar mais algum contributo?**

**M2:** A mediação familiar é mais rica do que as outras e é mais difícil. Tem uma carga emocional muito maior.

**M2:** Parece-me que a principal importância de trabalhar em co-mediação é aquilo que aprendemos a ver o outro. Gostemos ou não, por mais livros que possamos ler, não podemos nunca esquecer uma realidade humana indiscutível que é somos autênticos macaquinhos de imitação. E, portanto, partindo dessa premissa de que somos macaquinhos de imitação temos de imitar pela positiva. Nós imitamos os comportamentos uns dos outros e, portanto, da mesma forma que os mediados devem e podem imitar o mediador. O mediador também pode e deve imitar alguém. E, portanto, aquilo que vemos do comportamento dos nossos colegas serve-nos, como arma. Melhor do que qualquer curso, que possamos tirar, ou seja, fazer co-mediação é como fazer um curso de formação. Porque, nós vemos colegas que fazem resumos maravilhosos, lineares, porreiros, mas há outro que faz resumos cooperativos que até te passas. Há outro que a gente diz: “aquele gajo a fazer perguntas circulares.” É difícil fazer perguntas circulares, a maioria do pessoal não sabe. Até na escola ensinam perguntas circulares. Esquece. Há outro que consegue, por exemplo, fazer perguntas abertas muito bem, há outro que consegue estar calado. E nós vamos apanhando cada uma destas coisas e vamos retirando aqui e ali. Por exemplo, a C., fazia resumos muito bem. Encontrava sempre uma história comum naquilo. Uma espécie de um modelo circular narrativo, uma coisa assim parecida. E fazia esses resumos de uma forma maravilhosa. E, portanto, isso é uma aprendizagem. Se começamos a trabalhar muito sozinhos e não fazemos formação na mediação chega a uma certa altura que não estamos a fazer nada. Sem isto, sem trabalharmos com outras pessoas e sem termos formação, não andamos a fazer nada.

**M2:** Nós, podemos tirar um curso de mediação mas, isso não faz de nós mediadores. Mediação Familiar, faço há menos tempo, mas já faço mediação há alguns anos e só agora é que estou a começar a ter um cheirinho do que é. Agora quando chega a uma certa altura já estou a ter um estilo muito próprio. Já chego ali e digo deixa lá o livro da

Lisa Parkinson para o lado. E então deixo o livro da Lisa Parkinson um bocadinho para o lado e começo com o meu livro e, depois chega a uma certa altura, então lá vou buscar o livro da Lisa Parkinson.

**M2:** E é isso que a riqueza da co-mediação também traz. Que é: não te deixares “aburrallar”. Porque há mediadores que podem ser extraordinários, mas se tu não tomas contacto com outros colegas, se não ouves falar, se não te vais actualizando e se não vês outros a fazer passado algum tempo, não estás a fazer nada. Esqueceste todo o procedimento, esqueceste aquelas coisas. Trabalhar com outros mediadores é ótimo. Porque, às vezes, há mediadores que até inventam técnicas que tu nunca viste. Que são feitas de uma forma peculiar, que só aquele mediador consegue fazer. Então tu vês aquilo e dizes: se eu usasse aquela coisa ali, já dá um resultadão”. Coisas simples. Há, uma mediadora, por exemplo, como é mais velha diz: (ela quer fazer as perguntas) “Sabem, já estou um bocado gagá, já tenho aqui cabelos brancos, já me esqueci, o que é que estava a dizer há bocado...” Não é nada. É tudo treta. Mas, utiliza aquela técnica muito dela. E tu vês, eu não tenho tantos cabelos brancos assim, mas posso dizer que sou esquecido. “Desculpem lá, eu sou um esquecido do raio, como é que era aquela coisa que me estavam a falar? Disseram, mas eu perdi-me um bocado, se calhar não tomei as notas...” Fazes, se calhar, com que eles façam aquilo novamente. E, portanto, usas aquilo que não é teu que é de outro mediador. Não está em livro nenhum. Não está em livro nenhum dizer: “vamos utilizar a técnica dos cabelos brancos ou do esquecimento”. Mas tu viste noutro mediador, dá resultado. Dá resultado, usa. Isso dá-te uma panóplia muito maior.

**M2:** Aquilo que inicialmente é um procedimento de um, dois, três, quatro fases. Fazes tu as contas que fizeres, são sempre quatro fases. Utilizes o modelo que utilizares são sempre quatro fases. Eles explicitam uma coisa, vêem-se umas opções, riscam-se umas opções até se encontrar um e vê-se se é exequível. Este é o modelo da mediação. A partir de uma certa altura o procedimento já é muito mais aberto e comesças a perceber que a mediação de facto é... Tu tens de te adaptar.

**M2:** Por exemplo, agora tenho um caso que tenho um mediado que tem um problema de alcoolismo. Convidei-o para ir a uma reunião de alcoólicos anónimos. E tu dizes: “Em que livro, está isso? Mas isso faz parte da mediação?” Não faz parte porquê? Se outro mediador tiver a fazer comigo uma co-mediação um dia vou dizer: “Aquele tipo

foi aos alcoólicos anónimos. E não é que aquilo deu resultado.” Se calhar não dá resultado nenhum, mas vou saber. E outro mediador vai poder aprender comigo. Isso é importantíssimo aprendermos uns com os outros.

**M2:** É uma troca desgraçada. E isso é a coisa mais importante. Na co-mediação é aquilo que tu aprendes.

**M2:** Se fizermos um estudo sobre os mediadores que fazem co-mediação e os mediadores que não fazem co-mediação estou absolutamente convicto que e em co-mediação vão ter resultados práticos, estamos mesmo a falar do número de acordos que fazem, vão ter resultados práticos melhores. E sem contar com o facto de um acordo, às vezes, não ser tudo na mediação. Porque, às vezes, não é mesmo tudo. Porque, se eles aprendem ou não é muito mais importante do que fazer um acordo.

**M2:** Sim. Têm mais armas. Aqueles que nunca fizeram co-mediação... Eu vi isso acontecer nos Julgados de Paz. Chegava a uma certa altura, não era nada. Chegavam ali, a uma conversa... Ok, qualquer pessoa faz aquilo. Não precisas do mediador.



## **Entrevista 3 e 4**

### **1.Actualmente qual a vossa perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M3:** Antes de lhe responder a essa questão tenho de lhe fazer uma outra. Refere-se à Mediação Familiar em Portugal em que âmbito? Público ou Privado. Não me parece que seja eu a Mediadora, ainda que seja mediadora do sistema público, possa estar eu a fazer uma perspectiva de forma nenhuma. Não conheço nenhuma das envolventes que possam perspectivar. Enquanto Mediadora reconheço algumas das necessidades na prática e no quotidiano da mediação, mas que me ultrapassam e acho que não devo ser eu de forma nenhuma a dizer-vos. Perspectivas públicas a quem tem a capacidade de transformar, de fazer alterações.

**M4:** Enquanto Mediadora Familiar penso que temos um sistema que está a funcionar bem na prática, pelo menos na localidade em que estou a trabalhar que é Lisboa. A área, portanto, de aplicação. Quanto ao futuro não sei. Vai depender muito de todos nós, não só de quem manda ou comanda, como também de que está no terreno que são os próprios mediadores que devemos tentar trabalhar com a máxima qualidade. Mas, para isso temos de ter condições. O sucesso ou não da Mediação Familiar em Portugal acho que vai depender de muita coisa e de todos nós no fundo.

### **2.Há quanto tempo fazem Mediação Familiar?**

**M3:** Desde o início da abertura do sistema público. Desde Julho de 2007 (abertura, primeiro concurso público)

**M4:** Desde o início da abertura do sistema público. Desde Julho de 2007 (abertura, primeiro concurso público)

**3.Trabalham em co-mediação? Se, sim qual o número de processos que já acompanharam?**

**M3:** Sim. Em média 10 a 15 por ano, 10 a 15 meus com 10 a 15 da colega. Que significa que tivemos anos de acompanhar. A última vez que fechei foi 10 e não foi do ano inteiro, 10 a 12 anuais, seja a média. Estamos a acompanhar 25 processos ano. **E sem ser em co-mediação?** Ao longo destes anos todos, meus devo ter aí uns cinco. Não tenho mais, cinco, seis.

**M4:** Eu tenho à volta de 10 anuais. **E sem ser em co-mediação?** Mais ou menos isso, cinco/seis.

**4.Quais são os critérios que vos levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M3:** No meu caso só é sozinha quando de facto é absolutamente impossível de conseguirmos conciliar agenda. Daquele género de ser extremamente necessário, aconteceu algumas... um dos processos não. Foi nas primeiras listas que existiam, eu fazia parte da lista do Porto. Por isso, a colega não me ia acompanhar para o Porto. Eu fiz o processo do Porto. E depois situações de diferenças de timings em motivos de férias. Porque, as nossas férias depois não eram coincidentes e teve que se agarrar o processo numa situação ou outra neste sentido. De resto é único critério que eu tenho para não estar acompanhada em co-mediação e impossibilidade absoluta de agenda.

**M4:** Sim, prorrogo o que a colega está a dizer. Para além das férias em período de grande trabalho, porque a minha vida não é só a mediação e, de facto, torna-se incomportável ter os meus processos, mais os da colega. De maneira que, por vezes, intercala-se. Precisamente, por causa disso.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M4:** Quanto a mim há mais vantagens em se trabalhar em co-mediação e, por isso, é

que também optamos a maior parte das vezes por o fazer. Penso que, na generalidade dos casos confere um maior equilíbrio ao próprio processo. No nosso caso penso que até há um valor acrescido, que é o facto, da minha formação ser jurídica e a da colega no âmbito da Psicologia. E isso no fundo, parecendo que não leva-nos a ter um horizonte maior sobre quem está à nossa frente e aquilo que nos está a trazer. Porque, há de facto diferenças relativamente à nossa formação e há maneira como estamos e como encaramos os problemas e interpretamos aquilo que ouvimos. Acho que há grandes vantagens nisso e também em relação aos próprios mediados. Que acho que é diferente, porque por vezes pode haver algum deles que não se identifique tanto com algum dos mediadores, se calhar com o outro já se identifica mais e já se sente mais confortável. Acaba por se traduzir no tal equilíbrio. Acho que esta é uma das grandes vantagens, mas há outras.

**M3:** Corroboro a questão do equilíbrio (M3) e uma outra questão que para mim é fundamental. A atenção que se consegue a cada um deles, ou seja, a nossa atenção é algo que é selectivo. Não conseguimos estar durante duas horas em perfeita sintonia com o discurso deles. Muitas das vezes, precisamos de momentos de paragem nossos, para se calhar reformular as ideias deles, repensar e conseguir um discurso com eles e o sistema de apoio, ter em determinada altura o meu colega que toma a palavra permite-nos esvaziar muitas das, vezes, do discurso deles para continuar. Quando os ânimos estão mais exaltados entre eles e o grau de conflito é mais alto é muito mais fácil. Por questões de segurança. A questão o jurídico com a psicologia a mim e, isto muito pessoalmente, dá-me algum conforto. Gosto muito de tudo o que seja jurídico só como colegas de trabalho e como colaboração. É área que não me sinto confortável e não gosto. Acho que é importante, porque também me permite conseguir estar quando são estas áreas firmes, estar muito mais leve e com muito mais atenção perceber as intenções deles, o paralinguístico, a comunicação não verbal deles. Perceber, sentir. Se acredito ou não que os acordos são para serem cumpridos ou se estamos ali a fazer um acordo de papel. Isso não. Fundamentalmente, quando há crianças em jogo, por isso, o facto de estar ali alguém. E depois uma outra questão a maturidade que se vai criando e o que vai crescendo connosco ao longo do tempo que se faz mediação... o tempo com eles, mas depois o tempo que temos oportunidade de parar, pensar, reflectir e comentar. Decompor, fazer a auto-decomposição do litígio deles novamente. E este nosso crescimento de mediadores; eles disseram-nos isto, agiu-se desta forma; eles foram por

ali; como é que foi? O perspectivar, o preparar a sessão, o fazer a reflexão da sessão anterior. Às vezes, as angústias que evidentemente levamos connosco: “Aquele criança. E o que vai ser daquela criança; e porque é que é assim?; E porque é que estão neste estado e não estão naquele?” Eu já tive situações e cheguei a comentar com a colega, muito particular, de um processo qualquer que pelas questões das agendas eu tive de fazer sozinha. Acabei de sair da sessão e peguei no telefone e disse: “fizeste-me uma falta brutal, porque houve ali uma altura em que eu estava a precisar de parar naquilo para tentar perceber onde é que eles iam e faltava ...” E depois tive de lhe contar tudo para se repensar e para a preparação das sessões seguintes. Acho que se faz um trabalho muito mais sério. Menos tarefeiro. Menos vocacionado, direccionado e objectivado para o acordo. No sentido de objectivo fundamental: interessa-nos o acordo. Contra mim, falo se o acordo vier é bem-vindo, mas há muito mais a trabalhar com famílias em litigância durante isto tudo. E acho que a co-mediação permite isto. Acho que é mais coerente com o espaço do diálogo e da cooperação. Estarmos a pedir a um casal cooperação entre eles os dois num espaço triangular tentando-lhes dizer: “estamos todos em igualdade”, mas eles continuam a olhar para o vértice do triângulo, o mediador. Só por este esquema gráfico já não me parece que possam sentir-se muito confortáveis. Assim, acho que o cruzamento dos olhares, as posições, tudo consegue ser muito mais diluído. É muito mais confortável para todos. No meu entender acho que é isto.

**6. De acordo com a vossa experiência como é que definem a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M4:** Acho que é uma opção de trabalho como outra qualquer. E se vemos que há resultados é seguir com ela. Porque, ela também nem sempre resulta. Mas, acho que é um método de trabalhar. E se achamos que esse método de trabalhar tem a ver connosco e que é útil e que produz benefícios só temos, é de continuar com ele. Portanto, para mim é um método de trabalho.

**M3:** Eu dividia numa trilogia da actuação, no sentido do, saber fazer mediação, o saber ser mediador e o saber estar em mediação. E aqui muito pelo sentido da colaboração e da cooperação. O saber fazer é tarefeiro, qualquer um de nós eventualmente faz, melhor ou pior. Segue as normas. Técnica. “Alguém diria que para se estar na gestão construtiva de conflitos teria de se ter um quê de técnica, de loucura e bom senso.” É

um bocadinho por aqui. O saber ser mediador, o saber sentir e o saber estar em colaboração e em cooperação. Eu acho que é muito isto que define a co-mediação. É isto que eu dizia há pouco, colaborar, solicitando colaboração. Então vamos mostrar que nós também somos colaboradores. Acho que é um bocadinho isto. Acho que é forma de estar, de encarar e de viver a mediação. Ainda que possa ser uma actividade com alguns momentos de isolamento não pode ser de forma alguma uma actividade autónoma.

**M3:** Comparativamente com o Judicial não pode ser o Advogado autonomamente a analisar e a dizer alguma coisa. Não consigo ver isto. Quer dizer, não consigo ver a medição desta forma tão autónoma por parte do Técnico. Acho que temos mesmo todos de estar e sentir as emoções de cada um, até as de cada um de nós. Temos certos dias em que assumimos com eles uma sessão de mediação e não estamos nos nossos melhores dias, aí a co-mediação é fantástica. Porque se a gente não está pelo menos alguém ali que... Se não vamos fazer certamente um mau trabalho e não vamos ter veleidades que vamos estar todos os dias bons.

**M4:** Eu acho que a co-mediação tem grandes vantagens. Mas eu não acho que seja um requisito para se fazer mediação. Daí que eu diga é um método de trabalhar, porque acho que o mediador pode fazer um bom trabalho mesmo não estando em co-mediação.

**M4:** Até porque nem todas as pessoas podem ter a sorte de conseguir trabalhar com alguém numa sintonia perfeita ou quase perfeita, por isso, se a mediação também só pudesse existir na forma da co-mediação estaria condenada. Também não poderia ser.

**M4:** Claro que para mim, pessoalmente, tem vantagens mas concebo perfeitamente, até porque o faço também, concebo perfeitamente, a mediação sem ser em co-mediação. Isso é pessoal e cada um é que sabe como é que se sente melhor. Acho que passa muito por aí, por estarmos confortáveis na maneira como estamos a desempenhar o nosso trabalho. De facto se nos sentimos mais confortáveis de uma maneira e essa maneira funciona então devemos continuar a fazê-lo. O que não quer dizer que não nos possamos sentir confortáveis de ambas as formas. Até porque eu acho e nós não conseguimos saber a priori, se calhar até há processos que resultam melhor só com um mediador. Também há casos assim, Mas, isto é tudo muito relativo. Acho que depende muito da forma como cada um sente esta actividade.

**M3:** E encontrarmo-nos também como profissionais. Encontrarmos e acomodarmo-nos.

É isto que a colega estava a dizer. Eu já tive a experiência de tentar fazer, fui convidada por uma outra colega para co-mediação. Convidou-me, gostava de fazer, e de facto se a minha primeira experiência tivesse ficado por ali, eu se calhar hoje estava a dizer-lhe: “não, eu gosto de trabalhar sozinha.” E é isto que a colega diz, para se conseguir trabalhar em co-mediação é preciso que se consiga uma sinergia e uma cumplicidade. Não nos podemos atropelar, não podemos entrar em contradições. Longe de nós que mesmo que pudéssemos não concordar com o que uma de nós fala aos mediados a última coisa que pode acontecer é entrarmos no sinal mais leve que seja ou de contradição ou de conflitualidade. Isso aí seria “deitar por terra” todo o trabalho.

**M3:** Eu se calhar tenho esta visão bonita e vivo-a. Mas, como eu costumo dizer, porque eu tenho um casamento feliz. Se não também continuava a ser apologista... o melhor é dizer não casem...é os quadros referenciais que cada um tem.

**M3:** Eu consegui posicionar-me muito bem. Acho que fomos fazendo esta evolução com uns dias melhores outros piores, correu muito bem. Neste sentido, sinergias, o mesmo nível de linguagem, se calhar, conseguimos ter uma coerência de valores ou até de padrões, de actuação muito similares e depois que se encaixa. Acredito que seja mesmo aquilo a que se possa chamar um casamento mesmo muito feliz.

**M3:** Alguém há muitos anos na minha vida dizia: que o mais importante do que o casamento de casa tinha de ser o casamento com alguém que ele trabalhava todos os dias. Quer dizer, conviver com essa pessoa 12 horas por dia e em casa só estava meia dúzia delas. Aqui não é o caso. Mas, para se continuar com a actividade.

**M3:** E eu falo, por mim, na co-mediação só se a co-mediação for muito confortável. O que eu acho é que é uma mais-valia para mim e para eles. Se não no dia em que fosse para me violentar e para achar que é desagradável. Isso acontece muitas vezes noutras actividades em que já nos vamos arrastar para cumprir o quotidiano. Não me iria arrastar para fazer co-mediação. Quer dizer, isso não. Acho que é importante passar isto. Eu quando faço uma co-mediação. É uma co-mediação feliz.

**M4:** Porque é muito importante o respeito que se tem que ter quando se está a trabalhar em parceria. No nosso caso até somos pessoas muito diferentes de feitios e de maneiras de estar e tudo mais. Foi um caminho até aqui percorrido. Não corre agora como corria no início, portanto fora sendo limadas arestas. Mas, foram-se ultrapassando as

divergências que foram existindo, porque existe uma relação de respeito por cada uma das diferenças que temos e também a frontalidade e a sinceridade com que... Falamos à parceira, neste caso, aquilo que nos fez sentir desconfortável em determinada sessão e vice-versa. Porque só assim é que conseguimos evoluir. Se eu não me sinto confortável a trabalhar com ela por qualquer questão que surgiu e deixo passar, vou acumulando e depois cada uma acaba por ir para o seu lado. Portanto, se tivermos a frontalidade e o respeito, com respeito falarmos daquilo que achamos menos bom ou que nos fez sentir pior para que o outro possa perceber. Se calhar o outro nem percebeu. Quantas vezes isso acontece. E, não é só no trabalho a outros níveis também. É tentarmos isso e irmos ultrapassando as dificuldades à medida que forem surgindo para que o nosso trabalho seja cada vez mais rico e com isso também proporcionar a quem está sentado connosco um trabalho também melhor. Porque quanto melhor for a parceria também melhor é o trabalho prestado. Ganhamos todos.

## **7. Costumam definir os papéis de cada uma?**

**M4:** Não.

**M3:** Nunca fizemos isso.

**M4:** Por acaso isso é desde o início. Houve uma mediação ou duas no início que uma de nós estava a sentir mal disposta, por acaso até fui eu. E disse à colega: “Olha, de facto hoje não estou muito bem.” Tinha tido alguns problemas, coisas chatas que me tinham sucedido no dia anterior ou nesse dia de manhã. Foi uma coisa daquelas que enervam. Não matam mas moem. De facto estava muito quebrada. Portanto, disse à colega: “Olha, assume tu mais o comando da sessão, porque de facto hoje não estou muito bem-disposta.” Portanto, na co-mediação também existe isto de bom. Que é quando um colega não está a 100%, porque isso pode acontecer a qualquer um de nós, todos temos dias maus. Pelo menos, está lá o outro. Temos um porto seguro ali.

**M4:** Ao contrário, quando estamos sozinhos temos de enfrentar. E seja o que Deus quiser.

**M3:** E ficamos há quem do que seria desejado. Do que eles mereciam.

**M4:** Exacto. É mais uma coisa boa que tem a co-mediação.

**M3:** Eu acho que desde o primeiro momento, nunca dividimos as tarefas.

**M4:** Nunca. Deixamos fluir.

**M3:** Deixamos fluir. O discurso corre muito... somos capazes de ter aquela frase celebre: “Colega mas, eu não sei se me está a falhar alguma coisa? Quer acrescentar alguma coisa?” São os princípios de abertura ou então damos um sinal. Acho que nunca dividimos.

**M3:** Recordo-me de um processo meu que íamos a duas naturalmente e que nesse dia de manhã eu liguei-lhe e disse: “Não estou em condições. É daqueles processos que não queria desmarcar a sessão. Por favor, aguenta-me a sessão sozinha.” E a colega aguentou. Assumo nos meus processos com os mediados desde o primeiro momento: “ok, estaremos em co-mediação sempre, mas se alguma coisa me surgir que eu por algum momento não possa estar colega vai acompanhar o vosso processo da mesma forma.” Ainda que haja aquela questão perante o GRAL da responsabilidade. Não interessa. Perante deles é uma coisa destas. A única coisa eventualmente que acho que era o que estavas a dizer quando o processo é de cada uma de nós quem avança as apresentações e o começo da pré-mediação.

**M4:** Sim. Digamos que a linha de conduta daquele processo é mais definida por quem tem o processo.

**M3:** E que se nota mais na apresentação.

**M4:** Se houver divergência, normalmente, fazemos pausa e conversamos. Mas, normalmente quem tem o processo, nós naturalmente deixamos, porque pode ser por vários caminhos, aí fica mais ao menos ao critério

**M3:** Mas, acho que já fazemos tão naturalmente (...)

**M4:** Acaba por fluir.

**M3:** Mas, depois quem faz a redacção dos acordos é quem tem o processo. Mesmo que façamos juntas a parte administrativa, os agendamentos das sessões. Mas, já me aconteceu estarmos a comentar sobre processos de quem faz o que e eu perguntar: “Esse processo é de quem? É teu ou meu?” Em determinada altura já não sabemos de que era o processo. Acho que nunca dividimos. Dividir numa área em que estamos a tentar



trabalhar para a convergência... é uma questão de coerência. Vamos conseguir vestir um papel, todo ele coerente. Para depois avançarmos por aí. Eu, se calhar, no lugar deles sentir-me-ia mais fácil se eu visse que me estavam a falar de algo, que me estavam a mostrar em simultâneo que é possível fazer-se. É a minha perspectiva.

### **8. Em que situações a co-mediação é útil? Podiam dar-me exemplos?**

**M3:** Eu dentro da familiar vou ser muito honesta. Dentro da familiar acho que útil em quase todas. Vou fazer aqui um [familiar casais com crianças] parece-me que a co-mediação é extraordinariamente útil.

**M3:** Por isso, estou-me a referir à mediação familiar que abrange e que é coberta pelo sistema Português. Não estou a falar da mediação familiar no âmbito absolutamente alargado que é muito mais do que é prática em Portugal. E as experiências noutros países são muito mais alargadas do que estas em que aí não me parece que seja tão imperioso e tão necessário. Por algumas das vantagens, que nós dissemos aqui.

**M3:** A questão do equilíbrio de poder. Depende. Quando são questões familiares intergeracionais, às vezes, o desequilíbrio é só um desequilíbrio emocional e afectivo. Podem sentir-se muito mais acolhidos se tiverem duas pessoas que conseguem estabelecer ou tentar estabelecer aquele apoio de... Mas, aí eu se calhar passaria melhor. Acho que pode ser menos, há situações... Mas, em Familiar, em Mediação Familiar e partindo do pressuposto que vamos tentar que ambas as partes estejam sempre ou quase sempre presentes que é mais agradável.

**M3:** Em graus de alto nível de litigância quando se fazem opções técnicas específicas é indiferente. Andar um mediador de um lado para o outro ou andarem dois para eles é indiferente. Quando sai um processo nunca se sabe o que vai acontecer a meio. Imaginemos para uma questão só de partilhas, só de coisas, aí não vejo que tenha uma suprema importância. Para mim o fundamental e o grau de importância relevante são as pessoas, aquela componente muito mais de afectos, de emoções que podem envolver o conflito e não a questão das coisas. Acho que se é uma questão no âmbito da família, mas que não é de relação do humano, não é da relação dos afectos aí não me parece...

**M4:** Estou a pensar, porque nunca tive nenhum processo que não fosse pai, mãe e

filhos. O problema é esse. Acho que não estou à vontade com precisão para responder. Estava a tentar projectar-me num processo complicadíssimo de partilhas de herança, por exemplo, em que há vários herdeiros cada um a puxar para o seu lado. Aí não sei se a co-mediação não seria também...

**M4:** Agora numa pequenina questão quase que é o que se faz nos julgados de paz, que eu também sou mediadora lá e não faço co-mediação. Em pequenas questões penso que não. Aí vamos trabalhar questões muito objectivas, sobre dados muito concretos. Não me parece que faça também sentido a co-mediação ser imprescindível.

### **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M4:** O conhecer-se bem, com quem estamos a trabalhar. O identificarmo-nos com a pessoa que está a trabalhar connosco, pelo menos, pelo menos naquilo que é essencial. As pessoas não precisam de ser gémeas. Mas, portanto, há um conjunto se calhar de valores como a colega há bocado já disse.

**M3:** E tu disseste a questão do respeito.

**M4:** O respeito, acima de tudo.

**M3:** E a flexibilidade. Porque apesar de tudo é a questão da flexibilidade. Eu acho que há muito deixamos de ser... ou quando se faz esta actividade é muito a questão do trabalho em equipa puro e duro. Quer dizer, um mais um, há muito que deixou de ter uma soma total de dois. Os contributos que cada uma tem dá muito mais do que isto.

**M3:** Nós temos a oportunidade de para além da co-mediação de fazermos uma outra actividade que me dá muito prazer que é a Formação. A Colega também em co-formação comigo, para além de toda a autonomia que tem nos módulos de direito que eu não me meto. Esta complementaridade, já começa a extrapolar. As áreas onde nós vamos andando, falando da mediação. Exactamente, por isto, o respeito, a colaboração a complementaridade é uma sensação confortável. Porque há sempre qualquer coisa que nos vai falhar. O conhecer, o respeitar e uma situação que para mim é fundamental que é a confiança. Aquela confiança de credibilidade pura e dura que eu tenho do colega. Porque, estarmos num trabalho destes naquela sensação desconfortável. Infelizmente, são muitas as situações em que passamos com pessoas que mais tarde ou mais cedo

surge algo em que se percebe que está alicerçada em terrenos movediços e não numa base sólida acho que é muito complicado. Aí, é a altura em que estaria a fazer um profundo sacrifício. E muito menos numa área onde sou voluntária. Por isso, obrigada a coisas dessas não. Acho que é conhecer, respeitar e confiar.

**M4:** É a questão da confiança. Temos de confiar no outro, porque senão estamos a trabalhar sem rede. E é muito complicado, portanto é essencial também.

**10. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podiam dar-me exemplos?**

**M3:** Em co-mediação a combinação das agendas é caótico.

**M4:** É. Isso é o mais complicado de tudo. A conciliação das agendas é de facto o mais complicado.

**M4:** De resto não sei. Foi o que há pouco disse. Temos feito um trabalho ao longo deste tempo. Houve arestas a limar, porque nem sempre a pessoa está de acordo com tudo. Isso é um problema, mas que temos de o saber ultrapassar. E falar.

**M3:** Não passa de uma situação a tratar pós sessão.

**M4:** Sim, que tem de ser tratada logo.

**M3:** Até temos um cuidado, regra geral, as deslocações fazemo-las conjuntamente. Ainda há pouco a sua questão era: Preparam as sessões? Não dividimos tarefas, mas regra geral fazemos as viagens em conjunto, então temos uma divisão muito engraçada. Então vamos para lá a falar de quem são eles e depois para cá de como é que correu. No como é que correu, às vezes, há aquele desempate. Quem me conhece sabe: toma palavra e vai disto... Não pode. Depois chega no pós e tenho a minha consciência mor que me diz... Agora já temos outras estratégias muito mais agradáveis. Quando é preciso ela bate-me mesmo debaixo da mesa em plena sessão e a coisa resolve-se.

**M3:** Estamos unicamente a focalizarmo-nos no nosso trabalho e estamos a esquecermo-nos de uma coisa que o que há de pior de tudo na co-mediação. Conciliação de agendas e a duplicação de custos inerentes à mediação. Custos temporais, precisamos do dobro.

**M4:** Sem dúvida. Ainda é pior para mim, isso do que as agendas.

**M3:** É. Custos temporais é uma coisa horrorosa e depois é tudo o que esteja inerente. São dias que passamos em dobro com todas as despesas inerentes a um processo de mediação, que são as deslocações, os parquímetros as multas. É todo um conjunto de coisas. E aí sim, acho que é um problema gravíssimo da co-mediação, é tudo a dobrar. Num contexto que conhecemos bem. Sou voluntária.

**M4:** Estamos a falar, relembro contexto de mediação pública. Se vamos para a mediação privada, obviamente, que o custo de dois mediadores não é a mesma coisa que o custo só de um. Essa seria também uma desvantagem da co-mediação.

**M4:** Agora das dificuldades estou a lembrar-me de um processo, há dois anos, em que uma de nós com uma linha que estava a ser seguida e, depois no final da sessão tivemos mesmo de falar as duas sobre isso. Nunca podemos estar sempre em sintonia. Mas lá está, vamos sempre cair ao mesmo. Ao respeito e á capacidade e algo que tem de haver para se continuar o trabalho, sob pena de ele ficar pelo caminho.

### **11.Recordam-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M3:** Não. A não funcionar, pode não funcionar momentos de co-mediação. Não funcionou a determinada altura, porque há uma postura de uma das partes que incompatibiliza directo comigo em particular. Com as regras da mediação disse: “ok, tudo bem. Eu sou mediadora, estou fora.” Mas, havia muito material.

**M4:** A mediação terminou ali. Era, eu a responsável pelo processo e a mediação terminou aí nesse dia.

**M3:** Havia condicionantes para... havia muita coisa para aquelas duas almas acabarem os processos impecáveis. E muitas coisas para não acontecer.

**M4:** Deixa-me dizer uma coisa é que isso aconteceu numa sessão de caucus. A outra parte não estava presente e não tinha culpa nenhuma daquilo que se tinha passado. E depois ia haver um conjunto de coisas que ia ser posto em causa se o processo terminasse ali.

**M3:**Conquistas de meio ano de trabalho com eles e conquistas fabulosas. A partir do

momento em que havia um não explícito, como é que se volta a atrás? Porque é que aconteceu? Fizemos um pedido expresso para com ela, por favor para ela não deixar o processo ir abaixo. O processo estava todo, faltava assinar acordos. Eu não avanço mais. A colega continuou com eles. Neste cariz.

**M4:** Excepcionalmente.

**M3:** Que lhes explicou excepcionalmente, porque o processo b, eu estava de fora. Acompanhei o processo todo, mas estava de fora.

**M4:** Foi uma decisão de ambas, mas respeitamos.

**M3:** A colega estava muito angustiada, porque queria continuar o processo com eles mas, por outro lado, achava que não, porque era aquela questão... mas há algo que nós tínhamos tomado como certo. Calma, se tivesse na tua posição, se calhar, fazia exactamente a mesma coisa. Agora perante uma atitude de desrespeito da mediada eu tinha que reagir, mas também é mau de mais, e no meu entender outra grande vantagem da co-mediação é lamentável por esta questão um processo de processo de meio ano de conquistas vá abaixo. Acho muito bem feito. Aquilo que não se concorda, chega-se cá fora...Eu acho que nunca chegou a durar mais de 20 min. Não tem significado, não tem dimensão. Nunca conseguimos que tivesse dimensão de coisa nenhuma. Acho que em situação nenhuma. Não me recordo.

**M3:** Com vontade de bater à mulher.

**M4:** Foi muito desconfortável e de facto, na altura, o que pesou foi haver muita coisa em jogo. Era um processo que já litigavam em tribunal, eles estavam divorciados. Já litigavam em tribunal há uns anos com uma série de processos, um contra o outro. Três filhos. Havia muita coisa. E pesou-se na balança e, de facto pesou mais para aquele lado. E foi isso que levou a continuar.

**M3:** Pesou não alimentar a litigância deles. Eu não tinha que litigar com eles, eles não tinham de litigar comigo. Se lhes fazia bem litigarem comigo então que ficassem eles a litigar comigo, mas que acabassem com a litigância deles. Porque a eles nunca mais os vejo. Às vezes, eles precisam de exorcizar o conflito em cima de alguém. E, às vezes, o mediador também é um bocadinho esponja nesse sentido. Mas, seguiram as vidas deles resolvidas e acho que isso é que era fundamental.

**12. Durante as sessões alguma vez sentiram que os mediadores tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidaram com isso?**

**M4:** O dividir nunca senti, mas o cativarem-nos sim.

**M4:** Lidamos fazendo de conta que não se passa nada.

**M3:** Regra geral somos más.

**M4:** Estamos na galeria a assistir ao teatro cá em baixo e tentamos fazer o nosso papel de imparcialidade. É basicamente isso.

**M3:** Já tivemos situações muito engraçadas, que eles ao longo do processo, essa é parte mais curiosa e divertida. A co-mediação tem muita coisa gira. A gente divertir-se com os amores e desamores deles. Durante o processo. Eles, a determinada altura sentem uma mais empatia e tentarem o jogo de sedução para uma, mas porque a determinada altura houve uma determinada questão que essa pessoa lhe fez no âmbito do processo em que ele se sentiu mais chocado e então aí apanha uma desilusão muito grande. Caso que na sessão seguinte “joga uma beija” para aquela e tenta o jogo de sedução. E muito engraçado. Nós já tivemos alguns que passaram por amores e desamores e nós sentimos isto. Não foi?

**M4:** Foi sem dúvida.

**M3:** E esse passou por amores e desamores por qualquer uma de nós, aliás com a mediação e com qualquer uma de nós. Ele chegava a pontos que já nem se despedia dela. Mas, depois se dizia alguma coisa na semana seguinte era uma coisa giríssima. Amores e desamores consoante se sentiam mais confortáveis ou menos com os avanços faziam jogos.

**M4:** Eu acho, que todos os mediadores devem sentir isso. E durante o curso fomos alertados que ia obviamente acontecer. A procura das alianças e ganhar terreno face ao outro. Só que depois começam a aperceber-se ao longo do processo que isto é uma outra forma de trabalhar, uma outra forma de estar. Que não conseguem nada connosco. Que não têm Advogados ali à frente, têm mediadores perfeitamente imparciais. Que não estão ali para os julgar, da mesma forma que não estão a julgar o outro que está ao lado deles. Portanto, o caminho não é por aí. E rapidamente acabam por largar essa tática.

**13. Da vossa experiência ao trabalharem em co-mediação atingem os mesmos objectivos do que trabalhando sozinhas?**

**M3:** Eu acho que conseguimos mais.

**M4:** Eu acho que é mais vantajosa a co-mediação.

**M3:** Uma coisa que temos de partilhar, agora já não ligamos. Mas, a meio deste percurso, nosso de crescimento divertíamos-nos imenso as duas e validávamos o nosso trabalho. E dizíamos: “Estamos a fazer um bom trabalho.” A questão de termos de ser imparciais, neutrais... Isto é tudo muito bonito, mas como é que se mede estas coisas? Muito menos não conseguimos saber qual foi a medida que eles fizeram nossa. Não perguntamos. Então havia um divertimento giríssimo. Que alguns mediados nos fazem da primeira à última sessão que é fazerem-nos um despiste absoluto de apostas connosco para dizer quem é a Advogada e a Psicóloga. Em alguns casos dizemos. Se for importante no final e se o processo terminar com acordo e se isto for levado a “bom porto”, nós depois divulgamos. E há uma coisa que nos faz sentir muito bem que é quando as apostas deles são exactamente ao contrário. A colega é que é a Psicóloga e eu sou a Advogada. Isto dava-nos uma felicidade. Estamos a fazer um excelente trabalho. Porque, a partir do momento em que aquela colagem à formação de base está desfeita significa que há uma quebra de paradigma e uma construção de paradigma do mediador absolutamente diferente. Estamos a conseguir durante uma hora e meia, duas horas ser mediadores. Esquecemos um bocadinho tudo o que está para trás. E acho que é isto tudo que nos movimenta. É conseguirmos ter esta questão. Somos mediadores.

**M4:** Vimos que saímos do nosso quadrado. Temos a capacidade camaliónica, que no fundo temos de ter, porque a nossa actividade não é só esta. E de facto se, calhar aqui até é mais difícil para quem é Jurista do que para quem é Psicólogo.

**M3:** Não sei.

**M4:** Não é fácil por vezes sair daquela forma de trabalhar mais fechada, mais hermética. Ser mediadora é muito mais flexível. Eu acho que tenho conseguido isso gradualmente.

#### **14.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M4:** Já as demos aqui o longo da entrevista.

**M3:** Acreditem e amem.

**M4:** E encontrem um colega que se identifique com vocês e vice-versa. Assim de tudo é isso.

**M4:** Tenham confiança, respeito. Não tenham medo de falar. Tentem ganhar a confiança um do outro. E só assim é que conseguem atingir bons objectivos. É uma experiência muito interessante. Faz-se um trabalho mais completo.

**M4:** Agora é assim, se de facto não encontrarem a pessoa certa, pessoa ou pessoas, podemos ter mais do que uma pessoa a trabalharem connosco. Então aí mais vale fazerem sozinhos. Porque, depois pode correr muito mal quando não existe sintonia entre os mediadores. E isso vai reflectir-se depois no trabalho que se está a desempenhar e quem está à vossa frente, se vê que nem os mediadores se entendem como é que vão conseguir que eles se entendam. Portanto, atenção tem que ser muito pensado.

**M4:** Nos estamos aqui, porque de facto a nossa parceria funciona na prática. Seria interessante também ver o outro lado. Quando a parceria não funciona então aferir e comparar antes de seguir o caminho e dar o passo.

**M3:** Também tem a ver com o que cada um espera do colega, o que é que cada um espera do colega co-mediador. Eu acho que é o que pode ser uma variável importante no êxito ou não êxito. O que é que eu espero do meu colega? Eu espero que faça o trabalho comigo? Para eu ter eu abrir a boca e quiser calma suficiente eu ficar a brilhar e os holofotes virarem para mim. Ou quero alguém que esteja ali para registar tudo o que eu disse e eu é que vou falando só e depois vou ter alguém que me vai dizer: “Fizeste uma sessão fantástica”. O que é que eu quero? Quero alguém que esteja ali para colmatar as minhas lacunas todas? Quando ele não as colmatar a culpa é de quem não chegou a tempo de colmatar? Ou o que é que eu quero? É viver o humano e vamos tentar fazer o melhor? E se corre bem corre bem se não corre. O que é que cada um espera da co-mediação? O que é que cada um espera da sua actividade, da sua postura e da postura do outro e da colaboração. Muitas das vezes, a questão do trabalhar como é utópico. As pessoas não querem trabalhar como querem que alguém trabalhe com elas.



**M4:** Ou pode ser que entrem em competição uma com a outra. Que é péssimo para darem uma imagem perante quem estão de quem é que é melhor. Quem é que é mais competente, quem é que é mais profissional, portanto, há aqui muita coisa a ter em atenção.

**M4:** No nosso caso, acho que houve uma coisa também importante, que para quem está a iniciar-se nesta área é importante, nós fizemos um dos cursos juntas. Há um conhecimento que já vem do curso. Para vocês que ainda estão a fazer o curso há sempre colegas que com quem nos identificamos mais outros com quem nos identificamos menos. E durante o curso temos oportunidade de testar, de trabalhar com. Tudo bem são role-plays, ok, não é a mesma coisa do que a prática. Mas, já pode indicar muita coisa. Mas, é importante depois na prática depois se houver oportunidade trabalhar com algumas das colegas que já conhecemos. Porque, também partir para o desconhecido, para um processo completamente novo com pessoas que não conhecemos, que não sabemos o que nos vão trazer, qual é o problema delas e ainda por cima estamos com uma pessoa com quem nunca trabalhamos, é desconhecido é um tiro no escuro. Pode ser complicado.

**M3:** Acho que é conhecer a pessoa. Dar o benefício da dúvida. Será que vamos funcionar a trabalhar. Há que conhecer.

**M4:** É natural que haja outros colegas que trabalham em parceria que tenham uma visão completamente diferente da nossa e que funcione com eles.

**M3:** E eu vejo isto na minha perspectiva viciada que é a perspectiva das relações do humana, da profissão do humano e das profissões da relação. Porque se for para outra actividade qualquer que tenha de trabalhar em equipa, mas que seja fazer algo que eu não tenha de trabalhar com as emoções do outro não é tão importante. Desde que cada um cumpra regras, normas, as normas éticas, as normas de conduta e as da tarefa. Não me parece que seja tão importante e tão sensível. Agora, não nos podemos esquecer de uma coisa, eles quando nos chegam, estão fragilizados, estão emocionalmente desequilibrados. Estão com um grau de conflito e nós somos esponjas, tal e qual as crianças. Nós não estamos nós suficientemente confiantes para e não inspiramos esta confiança. Porque estamos com a desconfiança com o outro, porque achamos que outro pode cometer uma calinada, ou queremos ser melhor do que o outro, ou porque o outro está inseguro, ou à espera que eu diga. Afinal onde é que nós estamos? Estamos a tratar

o problema deles se ainda não tratamos o nosso. Eu, às vezes, dou este exemplo ao meus alunos em mediação. Se vocês for ao médico com problemas e tiverem muito angustiados e tiverem de receber uma notícia menos simpática, se ele vos disser com segurança, com uma palavra de ânimo, de coragem, se calhar vocês mais facilmente encararem com coragem. Agora imaginem que quando o médico tiver de vos verbalizar isto. Estar ele num pranto, a chorar. O que é que vos acontece? Qualquer réstia de esperança. Eu acho que é um pouco isto que pode acontecer aos mediados.

**M4:** Confiança no trabalho e isso está a ser testado.

**M3:** Quem diz isto, diz uma outra coisa. Não é tudo, mas é uma variável a ter em conta que também é uma questão da postura física, da forma como as pessoas estão, da forma como as pessoas se apresentam no profissional. Que também tem de haver quanto a mim o mínimo de equilíbrio connosco. Acho que passa para os mediados se há um desigualdade absoluta. Porque, não dá uma imagem de coerência. Parece que há ali peças que não se encaixam mas que estão lá postas. Eu acho que é um todo.

## **Entrevista 5**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M5:** É muito má, porque se bem que seja um método super útil e que realmente para se resolver os conflitos ou alguns conflitos é um método muito eficaz, mas em Portugal acho que não tem um pensamento e uma forma de actuação que seja adequado para a aplicação da mediação. E, eu explico porque é que penso isto. Já algumas vezes reflecti sobre isso. Porque eu acho que os casais, primeiro não reconhecem logo à partida que têm um problema. Não recorrem à ajuda, deixam a coisa alongar. Portanto, o conflito agudiza-se de tal maneira que quando vão para Tribunal e por orientação do juiz recorrem à mediação ou por sua iniciativa decidem ir para a mediação acho que muitas vezes o conflito já está muito agudizado. Seria muito mais útil se estivesse implementado em Portugal a mentalidade de precaver, preventivo, de logo aos primeiros sinais de crise recorrer a um método que ajudasse. Mas, não. Acho que os Portugueses são muito acomodados. Deixam passar o tempo para ver se resolvem as coisas por si mesmos e depois dá asneira. Acho que é um método óptimo, acho que como medida preventiva é óptimo, mas acho que em Portugal para a mentalidade dos nosso casais acho que tem de ser mudada a mentalidade e a forma de encarar os relacionamentos.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M5:** Eu acho que talvez há três anos.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M5:** Sim.

### **Quantos processos já fez sem ser em co-mediação?**

**M5:** Não sei. Quando a co-mediação resulta é muito mais produtivo, porque um dos co-mediadores é mais sensível a determinados aspectos e o outro é mais sensível a outros, está mais atento a determinados sinais e o outro a outros em relação aos mediados. Um se calhar está a fazer uma pergunta e um dos mediados está a responder quando o outro está a ver a reacção do outro. É mais fácil. É sem dúvida mais fácil.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M5:** Eu se pudesse só trabalhava em co-mediação, mas há um problema muito grande em trabalhar em co-mediação que é nós só temos empatia por algumas pessoas, não temos por todas. E para trabalhar em co-mediação tem de haver alguma empatia entre os mediadores, tem que haver alguma confiança. E então nem sempre resulta isso entre os mediadores. Isto é uma situação.

**M5:** E ir sempre aos mesmos mediadores é muito complicado, pela segunda razão que eu vou dar em termos económicos. Ou seja vai para um regime privado e aí estabelecem-se os preços e a repartição ou no Sistema Público é muito complicado. Os honorários são baixíssimos e sinceramente pesa-me a consciência estar a pedir, por exemplo, a meia dúzia de mediadores com quem eu já tenho alguma empatia e alguma experiência. Estar sempre a pedir aos mesmos para fazer uma mediação comigo. Quando a mediação resulta as sessões nunca são poucas. São sempre talvez cinco, seis. E às vezes até mais. Por isso, estar a pedir às pessoas que para além dos processos dela participarem também despesas de deslocação, com gasto de tempo, com prejuízo para a família, às vezes é muito complicado. Mas, é a única razão.

#### **5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M5:** Acho que sim. E tem logo impacto necessariamente nos resultados, porque os mediadores está muito mais à vontade, muito mais confiante. E tem alguém. Não é bem a bengalinha, mas sabe que está ali alguém. E que se houver alguma falha, por exemplo, ou de imparcialidade, ou de não ter percebido bem determinada questão, ou às vezes o desequilíbrio de poder. Há sempre uma ajuda.

**M5:** Enquanto se está sozinho tem sempre de estar alerta, atenta a estes pormenores todos, a ver se existe alguma coisa.

**M5:** Quando estamos em co-mediação é mais fácil. Se bem que estejamos atentos também, porque podemos participar, mas está ali alguém ao lado. É completamente diferente. E logo aí influência de certeza os resultados.

**M5:** Acho que para os mediados também é importante, porque obviamente que nem todos os mediados podem gostar de nós ou se sentem há vontade connosco. Portanto, o

ter duas pessoas, às vezes, o identificar-se mais com uma mediadora ou um mediador é bom. Isso acontece muito. Os homens em mediação são muito inferiores. Na lista pública são dois homens. Mas, percebo que para o homem mediado o ter a identificação do mediador homem é muito importante.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M5:** Para mim é uma forma de trabalhar, porque aplica-se os mesmos métodos que quando estou sozinha. A questão é a forma de trabalhar em conjunto, em parceria com uma outra pessoa. É uma forma de trabalhar.

**M5:** Acho que é útil em todos os casos. É sempre útil. As situações com que nos deparamos nunca nos são neutras. Nós aprendemos que temos de ter o princípio da neutralidade. Mas, nós somos humanos, tivemos as nossas relações, tivemos os nossos desapontamentos. Portanto, às vezes, muitas coisas que as pessoas dizem tocam-nos cá fundo ou porque já passamos por isto ou por uma coisa qualquer. E, portanto é muito importante ter-se alguém ao nosso lado até para partilharmos a nossas angústias.

**M5:** Até para mesmo que inconscientemente não estejamos a ser, se calhar um pouco mais duros ou, se calhar para simplificar a linguagem, utilizar outro tipo linguagem, alguém que nos possa chamar atenção e que possa ajudar-nos a fazer o melhor trabalho possível.

**M5:** Porque, quando estamos sozinhos temos que agir por nós. Aquilo que achamos melhor, mas pode não ser o melhor.

**M5:** Duas cabeças pensam melhor do que uma e isso é a grande vantagem. Por isso vantagens de co-mediação há sempre. É sempre preferível a co-mediação a estar sozinha. Sempre, sempre, sempre.

**7. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M5:** O respeito, pela pessoa que temos ao nosso lado.

**M5:** É muito importante sentirmos empatia por essa pessoa. Muito, Muito importante. Empatia não só profissional, por pensar aquela pessoa já trabalha há imensos anos portanto, é uma mais-valia para mim, vou trabalhar com ela. Não chega. Porque, já me aconteceu uma vez eu trabalhar com uma pessoa em co-mediação que eu tinha a noção que já trabalhava há imenso tempo. E tinha imensa experiência e fui trabalhar com ele e

não gostei. Portanto, acho que é importante a experiência profissional. Por isso é que nos pode ajudar e ensinar às vezes formas de contornar as situações e de dar ali a volta mas mais ou tão importante é a vertente pessoal. A empatia pessoal. A forma de estar. É muito mais importante.

#### **8. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M5:** Sim. Normalmente é regra no início perguntar: “O que é que fazes? Que parte é que queres fazer? Queres fazer pré-mediação? É mediação pura ou não? Isto é, se uma de nós faz uma determinada fase e a outra faz outra fase ou se uma lidera o processo e a outra fica mais apagadinha. Isto é falado.

#### **9. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M5:** Mesmo quando há empatia com as pessoas, às vezes o colega quer ir por uma via que se calhar eu não concordo ou se calhar faz uma pergunta que se calhar eu no momento não a faria. Mas, é o que eu estava a dizer há pouco é muito importante o respeito. Portanto, se isso acontece, pode acontecer.

**M5:** É deixar o colega seguir com o raciocínio, acabar de fazer o questionamento e a seguir a fazer isso eu tentar, se calhar, sugerir ao colega: “E então se perguntássemos tal, tal... e se perguntássemos tal, tal...” Isto é, nunca interromper o colega, mesmo que eu não concorde. Deixar ir até ao fim. E depois de uma forma diplomática perguntar ao colega: “Não achas que seria importante perguntar isto e isto...?” Ou pedir, por exemplo, uma interrupção. E falar com o colega: “Mas, porque é que foste seguir este caminho?”. Isso é uma forma.

**M5:** Outra forma, se calhar quando não se conhece muito bem as pessoas ou quando se conhece só se tem expectativa em relação há vertente profissional e não se conhece a pessoal.

**M5:** Se calhar quando a colega age de uma forma que eu não concorde eu aí apago-me mais. Aí deixo-a seguir, deixo-a liderar a sessão e eu apago-me. Prefiro assim.

#### **10. Recorda-se de algumas situações em que a co-mediação não funciona?**

**M5:** Não.

**11. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M5:** Eu quando me sinto mal, a situação em que me sinto mal em co-mediação é precisamente quando pelo prévio conhecimento profissional e as coisas não correm bem. E aí eu anulo-me por completo. Eu calo-me e deixo a outra pessoa seguir. E o que eu faço é, provavelmente, não vou trabalhar em co-mediação com esta pessoa. E não se repete a experiência.

**12. Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?**

**M5:** A equipa de mediação não. Mas, os mediados tentam fazer logo jogos de aliança. Isso por acaso tem um pouco a ver com a nossa forma de lidar, por exemplo, é normal na primeira sessão em que nós nos apresentamos dar um aperto de mão a cada um deles ao homem e à mulher. Não os conhecemos, é a primeira vez, portanto, a primeira reacção é um aperto de mão. Na segunda ou terceira sessão já é o beijo a ela e um aperto de mão a ele. E eu já pensei nisto. Não sei até que ponto isto não é uma aliança que se está a estabelecer.

**M5:** Outra coisa que pode acontecer é, por exemplo, as conversas de mulheres. Às vezes, há comentários das mediadas para nós ou de nós para as mediadas: “Que saia tão gira, que não sei quê tão gira...” E este tipo de coisas depois de reflectir podem ser jogos de poder e que depois durante a co-mediação tentasse que isso não acontece. E, por isso, é que é tão importante a co-mediação. Em que provavelmente se isso acontecer com um dos mediadores ou outro mediador se calhar chama atenção. Por exemplo, já aconteceu numa mediação e depois, por acaso, as mediadoras que era eu e outra colega. Comentamos isso. Em que a mediada ao principio deu-me um beijo a mim e deu um aperto de mão à colega. Nós depois falamos sobre isso. Às vezes, isto acontece. Mas, se calhar porque nos preferiram a uma ou à outra.

**M5:** Mas tentar separar as mediadoras ou tentar arranjar conflito entre as mediadoras não.

**M5:** Naturalmente. Sim, porque é só a parte inicial. Porque depois na própria sessão faço um esforço imenso para que seja equilibrado. E para que não haja aliança nenhuma. Lembrei-me agora de uma aliança óbvia que é quando nos piscam o olho. Quando nos piscam o olho, ou o homem nos pisca o olho, ou a mulher faz aquela

expressão de que ele está a dizer a maior das asneiras isso é claramente uma aliança. Querem estabelecer. Mas, aí fico impávida e serena.

**13. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M5:** Não, por tudo o que eu já disse. Porque, é muito mais eficaz a co-mediação. Quatro olhos reparam melhor do que dois, quatro ouvidos também.

**M5:** Mas, há uma coisa muito importante quando estamos sozinhas que é o nosso ritmo. E termos noção de que tentamos adequar o nosso ritmo também aos mediados.

**M5:** E, às vezes, quando estamos em co-mediação as mediadoras podem não achar, podem não ter a mesma opinião sobre os ritmos dos mediados. Um, por exemplo, pode achar que se deve abordar determinada questão ou que se deve ir por um determinado caminho enquanto que, a outra acha que não.

**M5:** Mas, em forma geral acho que em co-mediação os resultados podem ser muito mais eficazes.

**14. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M5:** O respeito, o dar espaço à outra pessoa. Nunca mostrar atrito. Isso nunca. O dar espaço, respeitar o profissional que está ao nosso lado. Isto é, aquilo que tentamos fazer com eles temos que fazer na prática.

**M5:** Ouvir o colega, perceber que ela quer ir por aquele lado, e portanto ela que vá e vamos seguir esse caminho.

**M5:** Não nos anularmos também.

**15. Quer dar mais algum contributo, alguma coisa que ache importante para a co-mediação?**

**M5:** Só tenho mesmo pena que não haja mais possibilidades de fazer co-mediação. É uma grande pena. Os colegas até costumam ser simpáticos e costumam aceder, mas o problema é depois sentirmos que estamos a abusar e de todos os pontos de vista. Do ponto de vista financeiro, do ponto de vista do tempo. É muito mau.

**M5:** Não.

**M5:** Com várias. Mas, são muito escolhidas. Não faço com qualquer pessoa. Pode dar para o torto. É preciso ter atenção



## **Entrevista 6**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M6:** A minha perspectiva... foi a perspectiva que perguntou não foi?

**M6:** Acho que é uma actividade em progresso porque desde que foi introduzida no direito familiar, nos tribunais e um bocadinho na consciência das pessoas cada vez mais as pessoas são confrontadas com uma palavra que não conheciam que é a palavra mediação familiar, não sabiam sequer o que é que era e neste momento o juiz pergunta-lhes “já alguma vez pensaram em recorrer à mediação familiar?” e as pessoas ficam “ah o que é?” e acham sempre que é “ai devem obrigar-nos a reconciliarmo-nos, não nos apetece nada reconciliar, não gosto da outra parte, nunca jamais”, mas depois o juiz diz “não, é um bocadinho tentarem os acordos por vocês com uma ajuda externa, mas uma ajuda qualificada e tentar que vocês encontrem um ponto de equilíbrio entre o casal para seguir em frente bem, para não seguirem em frente zangados”. Porque é muito importante, especialmente, se há crianças não seguir em frente zangados. Porque pode-se dizer “ah demitem-se como casal, não se demitem como pais” mas o demitir como casal é também demitir um bocadinho como pais. Não estou a dizer casais que vivem juntos mas tem de haver um ponto de equilíbrio e têm de ter qualquer coisa em comum e têm de estar harmónicos para que o filho se sinta bem com os 2, não tenha problemas de lealdade para um e para outro.

**M6:** E portanto, desde que isto foi introduzido no nosso direito, esta obrigação da mediação, as pessoas aparecem mais, ouve-se mais falar nisto.

**M6:** E, muitas vezes... repare que a minha licenciatura de base é direito. Muitas vezes, os meus clientes são mandados para a mediação já no apenso H, no apenso I do processo, quando há tantos incumprimentos que aquilo não está a ir, não está a ir direito. Têm de falar um com o outro e normalmente, depara-se-me muitas vezes as pessoas que não querem dialogar, não querem. “Ah ele vai lá? Vai lá estar? Então não vou. Desculpe lá doutora mas eu não vou lá pôr os pés” e digo “Olhe vá, eu já não sou nova e tomo conta de vocês, não se preocupe que eu estou lá, eu estou lá por si. Pode ir à vontade que nós estamos lá.” E então acontece isso exactamente, quer dizer, a pessoa vai pela primeira falar, dialogar com o outro. Dialogar primeiro agressivamente mas

depois se tiverem os seus tempos de conversa, primeiro fala um depois fala outro, vamos respeitar e tal... “Muito obrigada por estarem aqui, o esforço que foi vocês estarem aqui”. A mulher depois “ai mas ele é um grande estupor e não sei quê...” “Não, ele pode ter sido um grandessíssimo estupor mas estamos agora a fazer para o futuro. A verdade é que o grande estupor apareceu, não apareceu? Alguma coisa quis dizer com isto, quer dizer, está cá, está connosco, vamos aproveitar, pronto. Portanto eu acho que a mediação está em progresso e vai cada vez mais estar em progresso, Graças a Deus não é? Vá, já estou a alongar e se calhar a ir para outras conversas.

## **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M6:** Não faço ideia... 6 anos, 7 anos... olhe não faço ideia. Eu tirei o curso de direito e só muito mais tarde é que tirei o curso de mediação e fiquei com muita pena... não estava nada dentro destas coisas da mediação. Achei que gostava de conversar com as pessoas e que podia dar uma achega para as pessoas se darem um bocadinho melhor, sou uma pessoa feliz e portanto estava tudo bem. Mas tive pena, muita pena, de ter feito o curso de mediação familiar porque o que eu devia ter feito, e nem sabia que se podia fazer, e todos os meus colegas quase fizeram, e eu tive pena de não ter feito, foi o curso de mediação de conflitos e depois uma especialização. Ora se eu tivesse feito a mediação de conflitos e depois a especialização de família, eu também teria feito penal porque repare, eu sou advogada de família e de crime depara-se muitas vezes, e agora com os instrumentos que gente tem aprendido da mediação familiar, a tentativa da conciliação. Podemos aliviar muitíssimo os tribunais se as pessoas pronto, com uma condição outra condição, com um pedido de desculpas, com a retratação que até é fácil às vezes conseguir porque a pessoa está encurralada e seguia-se para a frente e a vida era muito mais feliz. Sabe que a vida é muito curta. A vida é muito curta para a gente estar com estas ninharias, portanto, eu tenho pena também de não fazer a penal mas olha não posso senão tinha de fazer outra vez o curso inteiro de mediação de conflitos que já não tenho paciência porque já tenho os instrumentos todos porque a minha... o meu curso de mediação familiar foi um curso extremamente longo e, portanto, foi muitíssimo completo e no fundo não me deu a carteira de mediação de conflitos mas podia-ma ter dado, está perceber? Aprendi o mesmo mas não deu, pronto.

### **3. Já me tinha referido que não trabalha em co-mediação. Trabalha sempre individualmente?**

**M6:** Eu... sabe porquê? Tenho aquela sensação da perda de poder.

**M6:** Portanto, oriento a mediação de uma determinada maneira. Sou franca em dizer-lhe que me corre quase sempre bem. As pessoas têm confiança em mim e isso é fundamental porque a pessoa tem de ter confiança no outro.

**M6:** Pronto, já vivi muitos anos, já sou avó, tenho 6 netos, quer dizer... já é assim uma vida, já... posso ajudar sem eles acharem que estou a explorá-los de alguma maneira. E a vida é realmente muito curta, passo um bocadinho essa imagem. Temos... não vale a pena, há coisas que não valem a pena e há coisas importantes, pronto.

**M6:** Mas a 1ª mediação de todas que eu vi na minha vida, e já era mediadora familiar sem exercer, que é muito difícil exercer na privada, a 1ª de todas fui como advogada. Eles permitem que os advogados estejam nas mediações familiares e eu sugeri aos meus clientes que fossem para uma mediação familiar por uma questão muito simples: a rapariga fugiu com o filho, sem nunca ter dado um indício, um indício, portanto, como todos os dias, beijou-o à entrada do emprego, ele ia lá pô-la e ela disse: “Então às 4 depois vens-me cá buscar?” ele disse “vou sim senhora. Vou agora pôr o menino na creche, adeus beijos, beijos”. Tudo muito bem, não havia uma mala feita, não havia nada, estava tudo impecável, pronto. E ele foi por a criança no infantário e foi trabalhar. Mas ela não foi trabalhar, ela saiu imediatamente a seguir a ele, foi a casa, fez as malas, foi ao infantário, buscou a criança e desapareceu. E se nós formos recorrer aos tribunais, isto como advogada de família sei dizer, isto é para o ano que vem, ou daqui a uns meses a gente talvez saiba que ela talvez... tenha faltado já a várias conferências, talvez apareça. E ele queria o filho, ver o filho, porque ele ficou tão magoado por ela e até podia aquilo haver uma reconciliação mas na altura, mas na primeira altura, no primeiro impasse foi tanta mágoa ter sido, no fundo, tão enganado que já nem queria saber dela, queria o filho. E a mediação é a coisa mais rápida porque como sabe, pelo menos no GRAL, em 48 horas nós estamos completamente... temos de dizer sim, os outros têm de saber quem nós somos. Eu às vezes digo “sim” quando me perguntam e eu digo “sim” e no mesmo minuto está-me a telefonar alguém e eu digo “hei que é isto?” portanto é muito rápido e se houver este encontro de mediação das pessoas num instantinho ele poderia saber onde estava o filho, nem que não o visse, sabia onde é que

estava e assim foi.

**M6:** Eles aceitaram, eles aceitaram, eu pedi para o GRAL e fui. E pela 1ª vez na vida vi uma mediação e era uma mediação familiar com co-mediação. E eram dois pesos pesados, foi a Dr.<sup>a</sup> S R. não sei se conhece?

**M6:** E um argentino que é o (...), portanto eu tive dois pesos pesados logo na minha primeira... assim... co-mediação que assisti, não participei. E depois vou-lhe dizer francamente que o meu cliente dispensou-me porque eu fui com ele a 10 sessões e ele achou que eu não estava do lado dele, achou que eu não podia estar do lado dos dois e realmente eu disse: “bom eu lixei-me porque eu acho que aqui havia um ponto de encontro” e se calhar devia ter lutado que nem uma maluca pelo cliente. Quando uma pessoa tira um curso de mediação, o divórcio que fazemos já não é um divórcio normal é... que divórcio? Que divórcio é que a gente está aqui a fazer? Estamos a fazer um divórcio pró pessoas ou estamos a fazer um divórcio pró advogado e acabou-se a minha ideia...

**M6:** Depois ele achou que eu falava com a outra parte e tentava um entendimento para ver se ele tinha o mais depressa possível aquilo e ele não me entendeu bem assim. As pessoas realmente quando querem um advogado... ele trocou-me por outros advogados que lhe fizeram aquilo rapidíssimo, passaram por cima da mediação. Porque se os juízes já estão sensibilizados os advogados não estão, não tenha dúvida que não estão. Eu trabalho neste edifício com imensos advogados e não há um que me chame para uma mediação. Não estão... porque a ideia do advogado é vão-lhes retirar poder. “As pessoas então fazem tudo sozinhas para que é que nos hão de querer? Como é que a gente ganha os nossos honorários?”

**M6:** Bom, pronto... o que é que foi a minha sensação, se calhar má, dessa minha primeira co-mediação que assisti? É que há um jogo de poderes em co-mediação. Se a co-mediação... isto fica aqui entre nós, se era dele, se era da S., quem liderou foi ele. Eu compreendo que quem liderasse era ele porque ele era o mentor dela portanto ela também, com esta mediação que o convidou estaria a aprender. E bem porque ele foi um bom mediador, só que ela estar ali ou não estar, nada... ele às vezes perguntava-lhe “concorda S.” e ela lá do fundo nem lhe ouvia a voz.

**M6:** Portanto pode ser que isto seja errado da minha parte, e você teve experiência de

co-mediadores, a minha experiência é ou há um atabalhoamento, não há um fio condutor comum, ou não há uma acção dominante e não é uma co-mediação, é uma falsa co-mediação. É uma mediação de um.

**M6:** A co-mediação costuma-se dizer que é boa, e às vezes queriam-nos obrigar já a fazer co-mediação... costuma-se dizer que é boa pelo encontro de sexos, mas há poucos homens sabe? Os homens seriam sempre uma correria para nos atender a nós mulheres que somos imensas.

**M6:** Então vamos lá ver, quer dizer, é uma loucura, portanto eles teriam de ser uma correria desenfreada. Eu não sei porquê, já é sexismo da minha parte acho que as mulheres são mais calhadas para estas coisas mas pronto... mas a verdade é que o homem podia sentir-se em perigo porque a co-mediadora é da categoria da mulher ou vice-versa “ai é um homem não tem esta sensibilidade e a gente até nos custa estar aqui a falar”. Portanto, eu não sou a favor da co-mediação. É uma coisa mazinha que eu estou aqui a dizer.

**M6:** É porque eu vou ser obrigada um dia a co-mediar senão põem-me no olho da rua (...)

**M6:** E eu gosto muito de fazer isto e pronto (...)

#### **4. Há mais algum critério que a leve a optar por trabalhar sozinha em vez de trabalhar em co-mediação?**

**M6:** Sim, principalmente isso.

**M6:** O jogo de poderes, a falsa co-mediação que é o mais comum e aquela sensação que me tiram o protagonismo da mediação. Eu não devia ser protagonista como mediadora mas sou sabe? Tem de ser a minha sensibilidade a pôr um a falar e outro a calar, outro a falar e um a calar e a minha sensibilidade não joga às vezes com a sensibilidade do outro por melhor que o outro seja, quer dizer cada um tem a sua mesmo. Podemos adorar trabalhar com o outro mas a sensibilidade é uma coisa diferente é uma coisa nossa interior, está a perceber? E eu tenho feito mediações muitíssimo difíceis e agora tenho feito uma coisa muito engraçada que são mediadores do exterior que me mandam para mim, para o GRAL, portanto... como é que se chama... há uma coisa de mediação... o Instituto Superior de Mediação, ainda agora me mandou uma mediação para o GRAL, para mim, para mim e eu sinto-me muito honrada e tenho muito gosto em

fazê-las e depois se eu dividisse isto em co-mediação, a minha sensibilidade, aquilo que eles apostaram em mim, se calhar não podia estar ali completamente, se calhar eu faria qualquer... teria medo de errar nalguma posição que eu tomasse ou nalguma sugestão que eu fizesse, está perceber? Eu já não estaria à vontade, por isso...

**5. Apesar de não trabalhar em co-mediação já teve essa experiência o que lhe deu algum conhecimento. Quais acha que são as principais diferenças entre trabalhar enquanto mediadora individual e em co-mediação?**

**M6:** Exacto. A minha ideia... como é que lhe hei de dizer, é um bocadinho primária, quer dizer, com falta de experiência, eu não gosto de fazer co-mediação e quem sabe se um dia for obrigada a isso não gosto imenso de fazer co-mediação e as coisas até se tornam mais fáceis.

**M6:** O que eu acho é que podem realmente tornar-se mais fáceis porque é muito fácil dividir responsabilidades não é? Eu sou responsável por um casal e deixo de ser somos os dois, quer dizer. É como num casamento a pessoa tem um problema mas se for bem casada, se tiver uma boa relação com o parceiro, divide a preocupação, não deixa... não cai só sobre nós, vamos dividir, o casamento é exactamente isso, dividem-se as coisas boas mas também se dividem as coisas más e é um alívio, pronto. E isso pode ser bom, a facilidade da desresponsabilização pela co-mediação porque eu não tenho... a mediação para mim é uma responsabilidade.

**M6:** Eu encaro aquela gente, se eu acho que a vida é curta, se eu acho que a vida deve ser levada a bem o que é que eu posso orientar a este casal que aqui vem e que furioso não se falam? Pronto. Ou daqueles que nunca mais dizem nada. Ou daqueles, que já me aconteceu, que quando começam a falar se reconciliam e eu acho muito bom. Será que o outro co-mediador ainda continuaria a puxar para ter os acordos e para poder ganhar um bocadinho mais? Ou será que largará como eu largo? E digo “bem se vocês tiverem algum problema voltem a aparecer” porque isto pode acontecer não é? E eu tenho medo da reacção do outro que não conheço bem e ainda por cima são só 2, sei lá como é que eles são.... Tenho um bocadinho de medo da reacção do outro, nenhum é da minha idade, nenhum tem a minha experiência, nenhum tem a minha maneira, como eu não tenho a deles, está perceber? Também não sou da idade deles, também não tenho a

experiência deles, também não tenho a maneira de agir deles, portanto, nós temos de nos trabalhar a nós, pensando em nós e também pensando no casal, e eu assim só penso em mim, penso no casal já nem preciso de pensar em mim, penso no casal, portanto, já ultrapassei essa fase. Olhe sei lá, se calhar isto são argumentos falaciosos e errados mas olha é a minha ideia.

## **6. Como é que define a co-mediação?**

**M6:** Como é que eu defino? Em que sentido? No sentido literal? Uma mediação feita por dois mediadores?

**Acha que poderá ser uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de trabalhar em mediação familiar?**

**M6:** Uma estratégia, um método ou uma forma de trabalhar... eu acho que tudo. A estratégia vem-nos de cada um dos membros do casal, ainda não fiz mediação a casais homossexuais, mas cada membro do casal encontra um mediador do seu sexo e sente-se talvez mais identificado. Isso por aí sim. Você pode achar, por exemplo, quando eu faço mediações as mulheres caem-me nos braços e os homens um bocadinho não é é verdade. As mulheres ligam-se muito a mim e os homens não. Portanto, quando os homens me vêm a dar-lhes razão de repente a mulher sente-se frustrada “então que é isto? Fui traída pelo meu sexo” é um bocadinho a sensação que eu tenho. Não aconteceria em mediação, depois aquilo acaba tudo em bem, porque eu dou uma no cravo uma na ferradura “então você acha isso, então e se fosse ao contrário, vamos lá virar o pau...”.

**Como é que lida com essas situações?**

**M6:** Virando as situações, mas isto é uma técnica normal, portanto a mãe diz-me “ah mas eu não quero que a criança vá com ele mais do que o fim-de-semana de 15 em 15 dias, não posso admitir, porque eu sou mãe...” “olhe isto agora já não é assim, já não se dão as crianças à mãe, dão-se as crianças àquela pessoa que melhor provar que consegue partilhar o seu filho e tornar o seu filho feliz, portanto, já não há essa situação...” que eu tenho muita pena, pessoalmente, mas enfim... portanto acha que... “não não não quero...” “mas então vamos inverter, é o seu marido que tem a criança

todo o dia e só lhe vai dar os fins-de-semana e você vai-me dizer o que é que acha, vamos inverter...”. A reacção delas é “ah porque é um desequilíbrio muito grande para a criança, depois ser mais do que um fim de semana...” “Ah é desequilíbrio ter... é o seu marido que tem a criança sempre e só vai de 15 em 15 dias, para não estragar esse equilíbrio, só vai de 15 em 15 dias para si, qual é a sua reacção? O que é que acha disto?”. Está a perceber? E de repente elas... quer dizer... eles vêm e dizem logo “uau... que tal?”. Porque a pessoa tem de inverter. A pessoa tem de se ouvir, porque as pessoas dizem o que lhes vem no coração e o que vem no coração é só possessão, “é para mim, é para mim, é meu”. É verdade isto, querem para si, a coisa que mais gostam no mundo, criaram, amaram, dedicaram-se e acham que sempre incondicionalmente vai gostar delas, façam o que elas fizerem vai gostar dela. E portanto querem para elas e não admitem que o homem que não as teve na barriga, aquelas crianças, as queiram para eles. Com que direito? Elas é que sofreram 9 meses na vida de 20 anos da criança. Com que direito? Portanto, quando se ouvem de novo a coisa vira. Eles ficam contentes elas ficam um bocadinho traídas e depois eu volto um bocadinho outra vez a elas, quer dizer isto gere-se... há truques de gerência disso e a gente também tem de perceber até onde é que pode esticar a corda delas ou deles se ouvirem. E normalmente chega-se a acordos, quer dizer uma pessoa que quer sempre às vezes admite ficar só de semana a semana. Ou o outro quer de semana a semana e o outro não e às vezes admite fins-de-semana muito alargados e aquilo depois vai aumentando. Fazem-se períodos experimentais. Há muita coisa para fazer. Qual foi a sua pergunta?

**Como é que definia a co-mediação, como uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de trabalhar em mediação familiar?**

**M6:** Forma de trabalhar, pronto seria uma forma de trabalhar que eu não... à cabeça não...utilizaria a co-mediação como estratégia, se fosse fazer co-mediação, nessa estratégia da união dos sexos.

**Em que situações é que poderia utilizar como uma estratégia?**

**M6:** Há casos em que os homens de repente excedem-se e põem-se aos gritos comigo. Que não há paciência. Depois arrependem-se um bocado e depois não sei quê... Mas estou convencida, se fosse uma co-mediação, essas situações não aconteceriam.

**M6:** Por outro lado, também, lhe vou dizer, e essas são as que correm bem, não porque



o homem fique envergonhado e de repente cai em si... não. É isso mesmo. Muitas vezes. O extravasar estes primeiros momentos de fúria, principalmente por estar ali, se calhar dominado por duas mulheres e outra mulher vê como ele é, vê, vê, vê como ele é, que até nos enfurece mais, quando a gente está furiosa e nos dizem assim “calma, calma” a gente até bate com as cabeças nas paredes, não é coisa que se diga mas a verdade é que depois de extravasar isto tudo a pessoa acaba muito mais... eu prefiro eu não estejam muito contidos, se estiverem muito contidos, acabam por não ser reais, não estarem a falar a verdade, não estarem abertos. A pessoa grita, grita, insultam-se “tu és uma estúpida” e depois eu digo “então não estamos em casa, vocês têm de ter um bocadinho mais respeito aqui por esta instituição, vamos lá”. Mas depois já disse, já disse e ela disse “vê não se pode falar com ele, ta, ta, ta, ...”. Mas olhe que acabam muito bem essas mediações porque ele disse, ela disse que não se pode falar assim como ela, ele diz “mas tu é que me exaltaste por isto e por aquilo”, ela diz que não ou o que acha porquê e eu meto umas deixas e aquilo acaba por correr bem. Essas situações de extravasar, principalmente o homem, a mulher não extravasa, tive um caso de uma mulher que extravasava, mas é muito raro, mas principalmente o homem, que é muito mais emotivo à flor da pele, no extravasar da fúria, ela é noutras coisas, isso não aconteceria em co-mediação. Estou convencida, que ficavam intimidados. A minha ideia é que é muito mais intimidante uma co-mediação.

## **7. Já falou dos benefícios de trabalhar individualmente. Há mais algum que queira acrescentar?**

**M6:** É mesmo eu poder usar o próprio instinto, e eu acho que tenho instinto para isto porque gosto de falar com as pessoas, porque nem por isso sou agressiva, porque acho que inspiro um bocado confiança, pelo menos dizem-me que sim, tenho uma boa relação... portanto posso... sinto que posso já seguir os meus instintos, ao fim de 58 anos de vida uma pessoa sabe os instintos que pode seguir e os meus instintos é: estas pessoas vão-se divorciar, têm à frente delas o resto da vida delas que é o dobro do que já têm agora a viver. Vale a pena esta relação assim? Zangados, furiosos, contra as crianças, sem se falarem, não vale, se nós conseguirmos os pontos de equilíbrio, ver o que é que... muitas vezes eles estão furiosos, um com o outro, porque há dinheiro no meio, muitas vezes é a casa, um tem de sair e nenhum quer sair, é a casa que

compraram, está-lhes a custar e não têm dinheiro para outra, pronto. Outras vezes é a própria criança que têm muita pena de abandonar que é a única coisa. Nós temos de incutir na cabeça daquelas pessoas é que... “ai mas ele nunca foi um pai presente”. Mas a verdade também é esta e é a minha experiência que fala, quando se separam, quando um pai e uma mãe se separam, o pai passa a ser presente, entende? Não era mas passou a ser pai. E os filhos, eu digo isto muitas vezes à mãe, “os filhos só têm a ganhar porque os filhos tinham-na a si, e um pai que delegava em si, e agora os filhos têm uma mãe e um pai. É uma coisa muito boa para eles, temos de pensar neles, não é? Pronto, de resto não me lembro de mais nada.

**E há alguma desvantagem que queira acrescentar?**

**M6:** Na mediação?

**Sim, enquanto mediadora que trabalha individualmente.**

**M6:** Pouco dinheiro, ganha-se pouquíssimo dinheiro, eu enquanto advogada a tomar conta de um e dar um pontapé a outro, ganhava muito mais.

**8. E da sua experiência ao trabalhar individualmente atinge os mesmos objectivos do que se trabalhasse em co-mediação?**

**M6:** Sim. Exactamente os mesmos. Olhe essa que eu fiz dos pesos pesados não fizeram a mediação, está a perceber? Não fizeram, aquilo é um bocadinho... eles perguntavam “mas o que é que está ali a fazer aquela senhora? É secretária?” e eu pensei cá para mim “ele é que é a mediadora principal deste processo”, está a ver? De repente, para quê?

**9. Quer dar mais algum contributo?**

**M6:** Não, a única coisa. Posso-lhe acrescentar uma coisa. Assim como os assistentes sociais e os psicólogos acham que são a essência da mediação eu admira-me não serem os advogados a essência da mediação, veja lá... porque é assim, houve uma vez que eu fiz um desses fóruns de advogados e era com uns outros advogados e eles nenhum era formado em direito e depois disseram-me uma coisa que eu fiquei de boca aberta, que foi “não, nós fazemos os acordos...” porque depois o GRAL tem um impresso que diz

assim – depois de fazerem os acordos as partes são convidadas a irem a advogados para que seja redigido o acordo – e às vezes é difícil, porque as partes vão a um advogado e já não querem aquilo, afinal o advogado disse “então não foi assinar aquilo?” já me aconteceu uma vez, os advogados disseram “não foi assinar aquilo?” e depois liga lá para o GRAL “o meu cliente não concorda” e o cliente tinha concordado, tinha sido ele a sugerir, quer dizer... de repente, quer dizer, de repente aqui joga outra classe contra mim falo. E os advogados fazem uma coisa que talvez não façam tão bem os psicólogos e os assistentes sociais, e não lhes é pedido, que são a redacção dos acordos. Eu faço acordos todos os dias, na minha profissão, e eu sei o que é que o juiz aceita e o que é que não e o que é que o juiz manda para trás e o que é que não, portanto, há elementos base que têm de lá estar e que se uma pessoa não sabe, faz um acordo perfeito é o que eles querem, perfeito, mas o juiz não aceita e depois? Ficam aqueles dois, que já tiveram tanto trabalho, que já não... que achavam que estava tudo bem, ainda têm de se voltar a encontrar e voltar a trabalhar e isso custa-me, isso custa-me, portanto quando um dia eu fui a um desses mestrado e me disseram “mas eu já tive vários acordos que não foram aceites pelo tribunal, mas isso não me interessa, eu fiz os acordos” e eu pensei assim será que a mediação é isto? Será que a mediação não é um bocadinho trabalhá-los num acordo de maneira que eles não precisem, não é que eles não precisem de ir a um advogado, porque isso até devem ir para ver se estão acautelados nos seus direitos, mas não precisem de voltar a isto outra vez com uma coisa às vezes simples que falta, uma coisa que podiam ter feito ali, porque disseram isso mas não foi formulado. Ou uma pergunta que o mediador possa fazer “olhe diga-me cá e se o seu filho quiser ir ao estrangeiro? Dá-lhe autorização já ou pontualmente quando for o momento dá-lhe autorização?” quer dizer o mediador, o mediador que é psicólogo ou assistente social saberá destas pequenas coisas? Tenho ideia que não porque não é a área dele, não é? Se calhar está mais perto das pessoas como psicólogo, como assistente social, e se calhar para a parte técnica, porque isto é para a entrar, não tenha dúvida, isto é para entrar no tribunal, e tem de entrar o acordo no tribunal porque senão os incumprimentos não são penalizados. O outro pode incumprir assim... “mas tu assinaste o acordo” “ah mas quero lá saber do acordo”, o acordo tem de entrar que é para ficar garantido. Portanto a ter de entrar um acordo custa-me que não seja uma pessoa formada em direito, é engraçado isto.

## **Entrevista 7**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M7:** Ainda está numa fase de recente implementação, há muito por fazer. Ainda está muito... ao nível público há muita, não direi empenhamento, mas não se tem despendido aquilo que seria necessário para a implementação da mediação familiar. E depois ao nível do privado está relacionado com o público. Se não há também ao nível do público um serviço sustentado também o privado não consegue singrar. Portanto, está no início. E pelas condições que o Sistema Público tem vindo a dar, penso que até se tem vindo a agravar especialmente as condições de trabalho dos mediadores que trabalham praticamente mais por gosto não é, de exercer a mediação familiar. E ninguém pode viver só da mediação familiar. Penso que ninguém viverá em Portugal salvo alguns casos, muito raros.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M7:** Desde que surgiu o sistema de mediação familiar publico em 2006/2007.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M7:** Às vezes.

### **Qual o número de processos que já acompanhou?**

**M7:** Com outra colega uma dúzia deles.

### **E sem ser em co-mediação?**

**M7:** Nestes quatro anos mais de 50, talvez.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M7:** Os critérios... portanto eu prefiro trabalhar em co - mediação, até pelas formações, pelas especificidades de cada uma de nós ou de cada um, pode ser um mediador. Pela complementaridade.

**M7:** Por outro lado, nem sempre é possível fazer co-mediação porque depende também da disponibilidade da outra pessoa, ou seja, eu não faço sempre em co-mediação.

**M7:** Quando é possível faço, quando é possível conciliar com a colega que tenho habitualmente essa prática com ela mas de resto a maioria é em mediação sozinha.

#### **5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado?**

**M7:** Há duas visões, há dois olhar, também o nível da interacção com os mediados há um maior equilíbrio

**M7:** e ao mesmo tempo há uma “verificação”, uma intervisão de trabalho de uma e da outra.

**M7:** Há várias formas de fazer co-mediação, depende como se faz. Geralmente quando faço em co-mediação temos as duas o mesmo poder, ou seja, combinamos quem intervêm onde e como.

#### **Há algum impacto nos resultados?**

**M7:** Sim... talvez haja mais facilidade se calhar em fazerem em menos tempo poderá ser, ao nível qualidade também poderá. Não sei se os impactos que... para mim são esses, a qualidade também a morosidade do processo. Normalmente quando são duas pessoas, por exemplo, quando se utiliza o caucus também se somos duas também se pode fazer de forma diferente.

**M7:** Portanto, há uma serie de vantagens. A questão dos poderes, isso tudo são impactos positivos que o outro mediador pode trazer.

**M7:** E questões de impasse, questões em que o mediador se defronta com grandes

dificuldades em gerir aquilo processo de mediação.

**M7:** Portanto, há oportunidade em partilharmos com a outra pessoa as dificuldades e por onde seguir, autoavaliarmo-nos e avaliarmo-nos uma a outra. Claro que não na presença dos mediados, obviamente.

**M7:**Penso que os mediados também sentem... Cada caso também é um caso. Para fazer co-mediação também tem de se pedir autorização se eles concordam, antes de fazer. Nunca tive ninguém que recusa-se, todos aceitaram. Penso que a eles também lhes dá segurança, geralmente são duas partes. Não é segurança pelo lado, vou aliar-me a uma, pode haver essas tentativas de ligação, mas penso que sentem-se mais acompanhados. É a minha percepção.

## **6. Costumam definir os papéis de cada um ?**

**M7:** Sim, quando intervém cada uma. Geralmente uma faz a parte inicial e depois a outra intervém. Temos um bom equilíbrio na gestão das sessões. A parte mais dinâmica é sempre geralmente ela que vai para o quadro. Há uma divisão já implícita também de acordo com o aquilo que cada uma sabe fazer melhor e gosta. Sentimos que é produtivo, nas sessões anteriores tenta-se aplicar.

## **Faz co-mediação sempre com a mesma pessoa?**

**M7:** Não, já fiz com outras pessoas e também era assim. Através das técnicas também conseguimos controlar mesmo não havendo a divisão exacta e não pode haver exactamente, não se pode dizer: “esta linha é minha, a partir de ali é para ti, mas tem de haver um grande conhecimento enquanto pessoas e enquanto mediadores, senão depois também não resulta. Penso que é fácil de trabalhar. (

## **7. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M7:** Não, para mim é uma forma de trabalhar em mediação familiar. Eu sei que para alguns é uma estratégia. É uma das formas de trabalhar em que tem vantagens mas também tem grandes riscos.

## **8. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M7:** Para já eu trabalho em co-mediação desde o início, também se pode recorrer em casos, aquelas questões de impasses, portanto também se pode introduzir depois mediante autorização dos mediados.

**M7:** Mas, eu prefiro, ou seja, quando me é distribuído o caso começar logo a partir daí ou sim ou não a co-mediação. E nós sabemos muitas vezes as situações são indicadas que é para resoluções de responsabilidades parentais e depois há muito mais questões para além disso. Portanto isso não condiciona trabalhar ou não em co-mediação.

**M7:** Eu sinto a co-mediação como útil então só quando não é possível conciliarmos é que trabalho isoladamente.

**M7:** Se calhar está-se a referir fazer a sessão de pré-mediação e depois ver se necessito.

**Não, às vezes, pode haver algum tipo de situação que se justifique a co-mediação.**

**M7:** Não sei. Maior conflito. Mas, também isso dá para os dois lados pode ser positivo pode ser negativo.

**M7:** Quando há aquelas questões de impasse eu penso que a co-mediação, mesmo que não tenha sido desde o princípio poderá ser uma mais-valia certamente embora depois o outro mediador entre numa situação, já meio... pode gerar por parte dos mediados uma não aceitação. Isso como tudo tem de ser muito bem trabalhado. Não é assim tão linear.

## **9. Já referiu alguns dos benefícios da co-mediação, há mais algum que queira acrescentar?**

**M7:** Eu penso que para o Mediador também dá mais segurança, também depende. Em princípio só escolherá outra pessoa para mediar quando tiver confiança nela e souber que está de acordo com a formação que é o mediador e com a actuação dele. Dá também segurança ao mediador e aos mediados.

**M7:** Serve para equilibrar os poderes. Dois mediadores geralmente... então se for homem/mulher era o ideal mas, há poucos homens.

## **10. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M7:** Uma grande sintonia entre os mediadores. Sintonia.

**M7:** Concertação e planificação das sessões, esclarecimento antecipado dos papéis de cada um. Há varias formas de fazer a co-mediação, de trabalhar em co-mediação: os dois são activos ou então um fica na recta guarda.

**M7:** A chave é planificar o conhecimento do mediador enquanto o nosso auto conhecimento e o conhecimento também do outro. Ter prática, estar a vontade com as temáticas que cada caso traz. Outra vantagem é quando são formações diferentes, por exemplo, área jurídica, área social, também se complementam e é muito importante no processo em si. Há questões que tem mais á ver com o direito, outras com as emoções. Por ai tem uma grande vantagem.

## **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M7:** Uma vez ou outra estava eu como mediadora e um dos mediados tentou aliar-se à outra parte dizendo: “Aquela senhora compreende, está a ver doutora. Para a outra colega” Isso é um dos problemas: a tentativa de... é difícil... as pessoas não são iguais e os mediados se reverem mais num do que do noutro.

**M7:** Temos de devolver aos mediados fazer o resumo e o enquadramento. E que não estamos ali para... e que estamos a compreender os dois lados. Tentar perceber porquê é que a outra pessoa está a pensar assim.

## **12. Recorda-se de algumas situações em que a co-mediação não funciona?**

**M7:** Não.



**13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M7:** Sim. Tentar através das técnicas e tentar devolver aos mediados para perceber porque que é que eles estão a sentir aquilo. Temos de falar sobre isso. Esclarecer. Os mediados vão dando sinais e se eles disseram isso é porque nós também em mediação tivemos alguma atitude verbal ou não verbal que demonstrou essa ... ou pelo menos ele percebeu que era uma aliança, um entendimento de estar do lado dele ou então está a tentar seduzir nos.

**14. Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?**

**M7:** Às vezes há casos que as pessoas têm as suas personalidades e depois as coisas podem não se encaminhar naquele rumo, pronto através do não verbal conseguimos mostrar ao outro mediador, tem de estar sempre nesta posição visual em que nos vejamos um ao outro através...ou de perceber que há qualquer coisa ali que não está e intervir o outro. Mas já aconteceu.

**M7:** A pessoa não fica... atrapalhada não direi! Nós temos é de fazer alguma coisa, não podemos ficar em pânico. As pausas se for oportuno é uma das estratégias, o olhar também a outra pessoa percebe e dá-nos a palavra e damos outro enquadramento à situação.

**15. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M7:** Sim. Acho que sim até agora. Embora haja um enriquecimento melhor nos objectivos. Os principais são atingidos de formas diferentes mas são. O processo é mais rico se tiver dois mediadores tanto para as partes como para os mediadores.

## **16.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M7:** As pessoas conhecerem se bem; planificarem as sessões; reflectirem após cada sessão que fazem em conjunto, o que se passou o que funcionou melhor e pior; ver as estratégias e ver o que se pode pegar na sessão seguinte. Seriam assim as grandes directrizes: uma grande sintonia da equipa, dos dois mediadores, mas tem que haver uma grande confiança, para além de saberes... acho que é importante saberes distintos, ou então formas de estar diferentes perante as situações, mas tem de haver uma grande coordenação e uma grande sintonia entre os dois senão aquilo descamba mesmo. Se nós intervimos num sentido e depois o outro mediador faz precisamente o retrocesso temos que...tem que haver uma sequência, tem que haver um trabalho sequencial: o outro tem que pegar onde eu deixei e vice versa. Essas são as directrizes fundamentais.

## **17. Da sua experiência quer dar mais algum contributo?**

**M7:** Acho que o essencial foi referido mas era também fazer uma investigação aos mediados, como é que eles se sentem em relação ao processo em co-mediação, porque quando eles colocam o processo para co-mediação sabem que é um mediador, depois a partir daí devia ser interessante...

## **Entrevista 8**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M8:** Neste momento é uma perspectiva de dúvida, se pensarmos quando comecei a trabalhar nesta área, que já foi em 2001, se observasse... se me perguntasse em 2001 se o estado da mediação em 2011 seria este eu se calhar não responderia que teríamos tantos avanços como temos hoje. Mas tendo sido alguém que tendo estado a trabalhar activamente de 2001 a 2011 sinto que poderíamos ter conseguido melhores resultados, nestes anos de trabalho.

**M8:** Penso sobretudo que a mediação familiar continua a ser vista por algumas pessoas como ou algo desconhecido ou algo que gera, em vez de cooperação, gera competição, refiro-me a alguns grupos de trabalho e não tanto a advogados, mais em relação até a juízes, professores universitários que muitas vezes passam uma imagem da mediação errónea tanto aos seus alunos com a pessoas que podem vir a ser clientes da mediação. Mas sinto também que houve muitas coisas positivas ao longo destes anos, tenho assistido penso eu à satisfação das pessoas que recorrem à mediação, pelo menos dos trabalhos que eu acompanho de outros colegas e dos meus tenho sentido esse feedback.

**M8:** Há alguns mediadores que procuram bastante lutar pelas boas práticas na mediação. Há outros mais acomodados e não procuram evoluir e por vezes sinto quando o escuto ou quando tenho algum feedback de pessoas a quem peço sempre para não dizerem o nome do mediador por razões de confidencialidade mas que me fale um pouco do trabalho que é feito (...)

**M8:** (...) sinto que estamos muitas vezes a cair mais num trabalho de resolver conflitos pontualmente e não trabalhar relacionamentos no seu todo.

**M8:** E por isso é que eu lhe dizia sinto que neste momento é uma questão de dúvida. Estamos naquele momento onde a mediação poderá ter um crescimento muito grande nos próximos tempos. A situação de crise poderá proporcionar pelas piores razões um recurso à mediação mas também sinto que se não há o agarrar da ideia agora, com todas estas modificações políticas que temos estado a assistir poderá a corda torcer pelo lado mais fracos.

**M8:** E neste momento infelizmente o lado mais fraco é o lado das pessoas, é o lado do relacionamento que se estabelece entre as pessoas e esse é o lado onde a mediação se insere.

**M8:** O que eu quero dizer é que muitas vezes tomamos as pessoas como números e não o contrário porque os números devem estar sim ao dispor das pessoas. Enquanto não modificarmos esta cultura a corda torcerá pelo lado da mediação infelizmente.

## **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M8:** Na área familiar desde 2004.

## **3.Trabalha em co-mediação?**

**M8:** Sim, várias vezes.

## **Qual o número de processos que já acompanhou?**

**M8:** Não podendo dar um número certo. Diria 80 a 120.

## **Se sem ser em co-mediação?**

**M8:** Mesmo número ou menos. Em família menos de certeza. Se falarmos em mediação familiar...

## **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M8:** Disponibilidade dos meus colegas (...)

**M8:** (...) local da realização da mediação, por vezes são os meus colegas que recorrem a mim porque fui formador deles, na grande maioria, e tento sempre ter um espaço apara trabalhar com eles, quando não consigo fazer um trabalho presencial, ou seja, quando não posso estar em sala com eles faço supervisão de caso procuro sempre é que haja um intercâmbio de experiências, acho que isso é fundamental. Para não

estagnarmos, para continuarmos a crescer, não só com a nossa experiência, com o feedback que obtemos dos nossos colegas, mas também com a experiência dos outros.

**5. Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M8:** Penso que para as pessoas que estão a trabalhar connosco é um serviço mais completo.

**M8:** Até porque trabalhar em co-mediação não é apenas um trabalho feito em sala é um trabalho que começa antes com a preparação da sessão e que continua após a sessão com os participantes, nomeadamente, fazer uma reflexão sobre o trabalho que foi feito.

**M8:** Considero importante que a co-mediação seja feita por pessoas que tenham alguma afinidade, ou seja, não acho que seja possível co-mediador com qualquer pessoa e sei que aqui a opinião é controversa porque a minha querida amiga e colega de mediação e colega de instituição C. R. apregoa exactamente o contrário. E eu não concordo eu penso que é necessário um grau de conhecimento entre as pessoas, é necessário eu saber o que é que a M. pensa da mediação. Necessito de perceber que tipo de linhas está a seguir, preciso de preparar muito esse trabalho consigo.

**M8:** Portanto, antes de entrar na sala com o colega tenho de fazer um trabalho prévio para saber se o impacto do nosso trabalho será positivo nas pessoas. Ou se temos uma linha de trabalho divergente e aí ponderarmos se devemos trabalhar em equipa ou não.

**6. Prepara sempre a distribuição das tarefas e papéis da cada um?**

**M8:** Sim, dependerá do grau de relacionamento e de experiência. Muitas vezes quando são colegas que estão a iniciar a sua prática quando me convidam eu prefiro liderar a sessão e o colega acompanha-me (...)

**M8:** (...) mas à medida que vamos trabalhando em conjunto o importante é variarmos de posição. E quando ele se sinta com mais aptidão, mais experiência, com mais segurança passar nessa altura a ser ele a liderar e eu a acompanhar o trabalho. Mas isto é

o trabalho em sala, onde podemos fazer uma divisão de tarefas ficando eu a liderar numa determinada fase e o colega a acompanhar mas podemos modificar ao longo da experiência do colega.

**M8:** Mas fora de sala considero fundamental o contributo dos dois de igual forma, aí não considero que exista alguém que lidera e outro que acompanha. Considero que os dois devem partilhar ideias livremente e devem, sobretudo, fazer uma revisão do processo da sessão, procurando perceber o que é que levou a determinadas intervenções, procurando perceber se a escuta esteve apurada ou não, (...)

**M8:** (...) aliás essa é uma das grandes vantagens da co-mediação, o reforço da escuta ou a escuta de forma diferente por parte dos dois mediadores que poderá permitir um melhor questionamento depois. O mesmo em relação a outras vantagens, a observação activa que podemos fazer, estar mais atentos ao não-verbal, estar mais atentos a para-verbal e a incongruências que possam acontecer entre a comunicação verbal e não-verbal. O importante que é o acompanhamento e sobretudo, o acolhimento, da componente emocional na mediação familiar.

**7. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M8:** Não a vejo como estratégia, porque estratégia tem um determinado objectivo pré-definido. Eu acho que o melhor que nós temos a fazer quando entramos numa sessão de pré-mediação é não entrar com objectivos já definidos e sim ao decorrer da vontade dos participantes. Claro, considerando sempre que os princípios da mediação devem estar respeitados, voluntariado, cooperação e confidencialidade que é o mínimo que podemos ter. Pronto estratégia eu não consigo ver.

**M8:** Como uma técnica, sim, pode ser encarado como uma técnica, nomeadamente, porque se é uma técnica deverá cumprir determinados objectivos e penso que sim cumpre o objectivo da passagem de um modelo para as pessoas, cumpre o objectivo de ao trabalhar com outra pessoa poder discordar dela de uma forma não adversarial, podemos colocar os nossos pontos de vista em cima da mesa, as nossas metodologias de trabalho podem ser diferentes mas poderemos encontrar soluções falando abertamente sobre elas isso é muito didáctico para as pessoas que estão a trabalhar connosco. Pode

ser uma técnica de equilíbrio poder, nomeadamente, não gerar uma aliança a nível de sexo, quando trabalho sozinho, curiosamente, não sinto tanto o homem a querer fazer uma aliança comigo, mais a mulher a querer fazer a aliança.

### **8. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M8:** Acho que em todas, não consigo...eu entendo que a co-mediação pode não ser útil se existir o modelo competitivo entre os mediadores, e entendo que a co-mediação pode não ser útil, e eu já passei por experiências dessas, quando a trabalhar connosco está a nossa mulher ou a nossa namorada como co-mediadora pode haver transferência de situações que estão na mesa, pode haver uma transferência para o casal de mediadores e então pode levantar dificuldades ser uma equipa de mediadores que para além de ser uma equipa de mediação é um casal também.

**M8:** Mas a dinâmica competitiva entre a equipa de mediadores pode levar a dificuldades também.

### **9. Já referiu anteriormente algumas vantagens há mais alguma que queira identificar?**

**M8:** Por vezes pode haver uma situação de doença de um dos elementos da equipa e o outro pode continuar o trabalho, sendo que o importante é que estejamos dois claro, mas pode haver uma situação de viagem também, de ausência prolongada, de onde se estiver apenas uma pessoa em sala o trabalho, em princípio tem de abortar, se estiverem duas há sempre um que pode continuar se bem que eu defendo que o importante é que estejam os dois e haja sempre um esforço para que estejam os dois.

**M8:** O aspecto didáctico que eu referi há pouco da co-mediação, da passagem de modelo, que mais? A melhoria da tal escuta, da observação activa e, (...)

**M8:** (...) sobretudo, um questionamento do trabalho que pode ser feito pelo outro colega, enquanto se eu estiver sozinho poderei ter mais preguiça em questionar-me e não terei acesso à visão do outro.

**M8:** O mesmo se passa quando temos em sala pessoas a apoiar... colegas a acompanhar

o nosso trabalho numa postura não activa, aquilo a que se chama um observador, também eles trazem um contributo importante para a mediação, se bem que diferente da co-mediação.

#### **10. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M8:** Respeito entre as pessoas, predisposição a trabalhar em equipa (...)

**M8:** (...) tempo para debater os casos, reflectir por escrito sobre as sessões e, inclusivamente se tivermos alguém de fora para poder ler essas reflexões e questionar-nos melhor, isso penso que é importante para o sucesso.

#### **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M8:** Sobretudo recorrendo a pausas no trabalho. Todos temos uma família, em princípio todos já passámos por uma situação de ruptura e é sempre importante não colocarmos o nosso pensamento na mesa. E muitas vezes isso acontece, acontece colocarmos as nossas crenças, os nossos paradigmas, os nossos preconceitos e ao colocá-los sobre a mesa estamos a influir negativamente o trabalho.

**M8:** Então é sempre importante fazer uma pausa, é sempre importante utilizar técnicas, nomeadamente, uma técnica que a escola de Harvard fala que se chama Subir a Galeria e que permite um campo de observação sobre o que está a acontecer connosco, o que está a acontecer com os mediados e o que está a acontecer na relação que se estabelece entre todos para poder observá-la e sobretudo transformar essa observação em operativo para o trabalho que estamos a realizar.

#### **12. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M8:** Quando não conseguimos, enquanto equipa gerar um clima que permita a intervenção dos dois.

**M8:** Como eu referi há pouco muitas vezes sou eu que lidero as sessões e muitas vezes



questiono-me será que eu estou a dar espaço para que o outro possa intervir. Ou também posso questionar ao contrário, será que o outro não estará demasiado colado e confortável sendo eu a fazer o trabalho e ele a não intervir?

**M8:** Penso que é muito importante... como a mediação tem a vantagem para a co-mediação de não ser feita em uma ou duas sessões, ser feita em várias sessões, podemos sempre lidar com estas dificuldades de sessão para sessão. Então penso que podemos aprimorar e na segunda/terceira sessão já estamos com a máquina mais aprimorada.

### **13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M8:** Sobretudo lá está através da pausa. Procurando colocar em cima da mesa o que está a ser falado relativamente a nós.

**M8:** Por vezes há situação em que temos com o nosso co-mediador um clima de amizade forte e de brincadeira e, por vezes, não é o melhor registo para o trabalho, não quer dizer que por vezes também não seja mas com um certo limite, não é? Outras vezes isso pode dificultar o trabalho em co-mediação.

**M8:** Linhas diferentes, há colegas que trabalham numa linha muito objectiva e isso, por exemplo, comigo mexe um bocadinho com os meus princípios porque se estão a falar que se querem divorciar, se vamos pegar directamente pelo divórcio provavelmente vai gerar impasse. Temos de conhecer melhor a realidade das pessoas, conhecer melhor a realidade dos filhos, das famílias, a situação de trabalho. Uma situação de divórcio nunca atinge apenas o divórcio, atinge outros relacionamentos, atinge a situação laboral, a situação de proprietário, casas, carros, qualquer coisa. Não podemos apenas trabalhar o divórcio temos de trabalhar a vida das pessoas e por vezes sinto que pode existir uma discrepância de linhas de trabalho.

**M8:** Lá está, trabalhasse em equipa, pausas técnicas, encontros antes das sessões iniciarem e pós sessões.

**14.Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?**

**M8:** Na familiar não, noutros registos sim, na familiar não. Não sinto, não senti pelo menos até agora.

**15.Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M8:** Acho que consigo atingir mais, acho que consigo atingir mais.

**16.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M8:** Acho que é um trabalho mais completo para as pessoas, há um equilíbrio de poder a nível de sexos para as pessoas, talvez não tanto para nós que temos ferramentas mas as pessoas podem vir com fantasmas. Eu sou um homem a mulher está em conflito com um homem, eu sou visto como um homem. Eu posso ser visto como um homem parcial por via do sexo. Pode alguma pergunta que eu faça enquanto homem ser vista como parcial também. E é tão simples como a colega pensar como a outra mulher em sala, ou seja, a co-mediação por género ajuda muito neste equilíbrio de poder. Em família só de género. Até porque em Lisboa só há o J. e eu.

**M8:** Diálogo, estudo, preparação de trabalho e crença no ser humano.

**M8:** Só que recomendo vivamente a sua prática, apesar de várias vezes trabalhar sozinho, sinto sempre necessidade de interagir com outras pessoas.

**M8:** A minha namorada é mediadora desde 2007 e quantas vezes não estamos no carro, não estamos no sofá, não estamos na cama e não falamos sobre estas situações, ou seja, a mediação não é uma prática isolada, a mediação é uma prática que deve ser construída em conjunto com outros profissionais, porque são esses profissionais que nos questionam e que nos fazem, lá está, através desse questionamento, crescer enquanto pessoas, enquanto profissionais.

## **Entrevista 9**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M9:** Tenho... A minha perspectiva posso dizer que é bastante positiva porque atendendo a que cada vez estamos perante um maior... uma maior disfuncionalidade familiar, se é que posso chamar-lhe assim. Há cada vez mais problemas a nível da família e que necessitam de ser resolvidos. Os próprios não conseguem por si resolvê-los muitas vezes porque estão com todos... estão afectados por toda aquela vivencia, os traumas... sei lá, todos os conflitos existentes e como se diz, juiz em causa própria nunca consegue chegar a muito bom porto, não é? Portanto penso que cada vez mais a mediação vai ser, vai ser realmente o caminho do futuro para ajudar as pessoas a comunicarem.

**M9:** Um mediador é essencialmente um facilitador da comunicação como sabemos e o que acontece, e da experiência que tenho em mediação familiar, é que as pessoas não comunicam de todo. Não conseguem, estão precisamente e literalmente de costas voltadas. E quando nos chegam o nosso trabalho é principalmente esse. É facilitar essa comunicação, pô-los a pensar, pô-los a falar e relativamente aos processos em que estamos a regular as responsabilidades parentais, tentar centrar a discussão nas crianças e no principal interesse delas que é o que está ali em causa e é realmente o valor mais importante, coisa que não é fácil desde logo porque as pessoas têm... assim que têm uma oportunidade e sentem depois uma porta ou uma janela aberta para então dizer qualquer coisa ao outro é sempre ou quase sempre para tentar culpabilizar o outro, voltar atrás e voltar ao passado e reviver ali algumas coisas menos boas e... mas pronto mas por tudo isto e pela evolução. Não sei se é evolução se involução mas... familiar a que assistimos. Penso que a mediação é muito importante em termos familiares.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M9:** Eu faço mediação familiar desde 2008, mas tive um ano e meio sem fazer. Aquela 1ª fase, na primeira fase ... e vinha e estou muito agradada com este tipo de trabalho e muito envolvida porque é uma área que eu acho que nos toca a todos, principalmente a

mim, porque já tenho alguma vivência em termos de anos e sou filha e sou mãe e sou mulher e sou tudo isso, não é? Portanto há uma outra visão já também da vida e da família e dos valores que a norteiam, vinha muito, com muita vontade e muito optimista, reconheço que, nos primeiros tempos, tive alguma dificuldade porque encontrei alguns processos muito difíceis, principalmente os processos que nos chegam remetidos do tribunal são processos praticamente que é o juiz que encaminha as pessoas para a mediação. Não são as pessoas de sua livre e espontânea vontade que a escolhem e aí vêm muito com aquela postura de estamos aqui para resolver, queremos é assinar o papel, fazer o acordo, mas não querem propriamente trabalhar o que está mal e apanhei... portanto, a maior parte dos processos vindos do tribunal com filhos na idade pré-adolescente e adolescente, fiz alguns processos, também, em que chamámos os filhos e isso mexeu um bocado comigo, mexeu mesmo a nível de emoções. Entretanto, depois tive, por motivos pessoais, tive de me afastar um pouco e diminuir o trabalho e, de facto, deixei de fazer a mediação familiar, que era aquela que me estava a desgastar muito e voltei novamente agora à mediação familiar, porque é uma coisa que eu quero fazer e desenvolver. (

### **3. Trabalha em co-mediação.**

**M9:** É.

**Trabalha sempre em co-mediação?**

**M9:** Não.

**Sabe o qual o número de processos que já acompanhou em co-mediação e individualmente?**

**M9:** Não foram muitos, por causa desta interrupção mas assim sem ter números exactos devo ter feito uns quatro processos em co-mediação e uns seis processos sozinha, não fiz muitos.

### **4. Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar**

**M9:** Em co-mediação, eu optei logo nos iniciais, porque não me sentia, na prática, preparada para enfrentar depois o turbilhão de emoções e de conflitos sem ter, portanto, a colaboração de um colega mais experiente. Portanto, foram logo os primeiros processos, foi talvez insegurança, o querer estar mais apta a ajudar as pessoas, ter, no fundo, ali uma retaguarda, também, que me ajudasse, principalmente que ajudasse as pessoas, mas claro que tinha que ser através de mim, não é? Portanto, todos os primeiros processos eu fiz em co-mediação.

**M9:** Depois, quis experimentar fazer sozinha e fiz sozinha e agora, nesta segunda fase da mediação familiar, não tenho assim critérios muito rígidos.

**M9:** Agora tem surgido mais a co-mediação, porque eu penso que é mais enriquecedor.

**M9:** O mediador sozinho não tem a mesma riqueza, duas pessoas são sempre mais ricas do que uma só, não é?

**M9:** Têm mais criatividade, conseguem trazer, realmente, essa criatividade para a mesa e tudo circula muito mais eficazmente.

**M9:** No entanto, tenho a referir também que penso que nem todas as pessoas conseguem fazer um bom trabalho em conjunto, em co-mediação. É preciso saber características próximas de trabalho.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M9:** Penso que sim, penso que sim, que é preferível trabalhar em equipa porque, regra geral, da experiência que eu tenho, temos sempre, pelo menos aquilo que me tem aparecido e aparece mais é um casal, ou porque quer divorciar-se, ou porque precisa de regular as responsabilidades parentais ou ambas as coisas. Embora a mediação seja mais alargada, possa tratar de problemas familiares de avós, netos, enfim, mas o que aparece mais é isso, não é? Não estamos ainda muito vocacionados em termos de mentalidade para trabalhar outros relacionamentos dentro da família.

**M9:** E portanto, e voltando ao casal, que é sempre aqui o cerne, estou aqui com um

preconceito que não disse, que é, acho importante, não é obrigatório, mas por acaso penso que surte algum efeito, os mediadores a trabalhar em co-mediação e, se possível, serem um de cada sexo, isso complementa imenso, não só a visão da vida, como as sensibilidades que são diferentes, como também em relação ao casal de mediados, e era aí que eu fui buscar, porque era aí que já estava e vi que me tinha faltado um pressuposto, e em relação ao casal acontece muitas vezes haver as empatias naturais por vezes do mediado homem em relação à minha pessoa, ou não, ou à pessoa do outro, está a ver? Pronto, e isso entrecruza-se.

#### **6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M9:** Tendo em conta a minha experiência mesmo, que não tem nada de científico, nunca pensei muito nisso... só na prática é que se consegue depois aprender. Penso que é uma forma de trabalhar. Primeiramente é uma forma de trabalhar, não utilizamos muito, pelo menos da minha experiência, dos colegas com quem trabalhei, é claro que há técnicas para trabalhar em mediação, desde logo as co-mediações puras, as não puras, em que fala, às vezes há um mediador, em que é ele único a falar, a questionar, a fazer perguntas, quer sejam fechadas, abertas, circulares, enfim, o outro faz o papel muito quase de espectador, diria eu, e de vez em quando, então, intervém, por sua vez há depois outras técnicas em que são os dois mediadores em co-mediação, mas numa mediação aberta, que vão intervindo de acordo com, à medida que o caso se vai desenrolando, e que vai surgindo, portanto, de facto, para mim, é uma forma de trabalhar com a técnica que, ao caso, os intervenientes decidem ali no momento. É claro que também, se não resultar bem, e uma mediação familiar nunca se faz em menos de três sessões, pelo menos da minha experiência, se na primeira sessão se verificar que aquela técnica utilizada não está a surtir muito efeito, claro que alteramos para outra.

#### **7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M9:** Penso que já respondi há um bocadinho mas volto a dizer, nessas situações de regulação do divórcio, separação, e das responsabilidades parentais, acho que é importante.

## **8. Quer acrescentar mais algum dos benefícios da co-mediação?**

**M9:** Eu penso que é aquilo que referi, que é muito mais enriquecedor para a mesa, para as pessoas, para os intervenientes, há uma maior capacidade de ajuda aos mediados e de resolver com sucesso essa mediação, desde que haja esse entendimento entre mediadores, porque se temos mediadores muito diferentes a trabalharem em co-mediação, podem-se atrapalhar um pouco e isso vai-se reflectir no objectivo, que é ajudar as partes a ultrapassar.

**M9:** Mas penso, portanto, mediadores que já tenham trabalhado em conjunto e que, à partida, se entendam bem no trabalho, que definam uma técnica, que pode ser ajustada ou não à medida do progresso do caso, é sempre preferível trabalhar em co-mediação e é sempre muito mais enriquecedor para as partes.

## **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M9:** Para o sucesso, para o sucesso... a formação dos mediadores, e quando eu digo formação dos mediadores não me reporto só à formação académica, mas à formação pessoal em primeira linha, e depois, então, à formação académica e à formação específica e experiência em mediação.

## **10. E costuma definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M9:** Sim, sim, comigo não é rígida, não consigo depois cingir-me a métodos muito rígidos. Portanto, definimos sempre, no início de cada processo, nós não conhecemos quando vamos pela primeira vez para uma sessão de mediação, só temos acesso ao nome das partes, à idade, mas temos acesso à idade, ao que fazem na vida em termos profissionais, qual o seu agregado familiar, têm filhos, não têm filhos, portanto, isso dá-nos, enfim, uma ideia muito má, muito deficitária, das pessoas que se nos deparam, mas pronto, se o processo vem do tribunal, se foi por autodeterminação das partes, por exemplo, este processo que eu terminei agora não veio do tribunal, foram as partes que decidiram contactar o serviço de mediação familiar e então está-me a dar muito prazer fazê-lo, porque apesar das pessoas terem sempre algumas e muitas arestas, porque se não, não estavam, enfim, aqui, mas nota-se que não estão naquela fase já de processos

de anos nos tribunais com muita agressividade recíproca e é muito bom e sabe muito bem trabalhar assim.

**M9:** Eu diria que neste processo eu não teria dificuldade em trabalhar sozinha. Hoje fiz a sessão sozinha, já fiz com o colega na primeira, e vamos fazer a terceira já em co-mediação, novamente. Mas agora perdi-me ...

**M9:** regra geral definimos logo no início, se falamos os dois, se fala primeiro só um, quando é que o outro intervém, se fica um só tipo espectador, ou não, e a tomar notas, definimos minimamente, mas depois só quando temos contacto com as pessoas é que conseguimos ajustar-nos.

**M9:** As pessoas que temos.

**M9:** Sim, no final trocamos as nossas opiniões, as nossas ideias sobre o que temos ali, sobre o que achamos que nos estão a esconder, esconder entre aspas, porque, no fundo, apresentam-nos um problema mas depois há N problemas por detrás que têm que ser trabalhados e descobertos e trazidos ali à colação para serem trabalhados, mas sim, juntamo-nos depois e transmitimos as nossas opiniões um ao outro, entre os mediadores, e partimos para a sessão seguinte e fazemos isso sucessivamente até se alcançar o acordo, que é aquilo que se pretende. Nem sempre se consegue, mas é aquilo que se pretende.

## **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M9:** Pois... os problemas que se me têm deparado, de acordo com a minha experiência até como já referi são pessoas que querem divorciar-se e regular, por exemplo, a partilha dos seus bens a forma como vão... porque nós... o divórcio tem de ser na conservatória, no fundo querem aqui partilhar... resolver e definir tudo o resto, ou seja, o relacionamento para o futuro, a partilha dos seus bens, regras geral têm quase sempre filhos e aí entram depois as responsabilidades parentais, não é? Que é depois também o mais difícil de resolver ali. Esses são casos que eu tenho assim mais...

**M9:** Na mediação familiar por acaso não. Da minha experiência não me ocorreu nenhum problema mas também, pode parecer mal eu dizer isto mas é verdade, é aquilo que eu



sinto, não faço com qualquer colega. Eu tenho de conhecer bem o colega, senão não avanço, prefiro fazer sozinha se não tiver um colega, daqueles colegas que eu consigo trabalhar bem disponíveis então faço sozinha. Porque na outra mediação, que não lhe interessa muito para o caso, na mediação de conflitos, eu faço mediação de conflitos nos Julgados de Paz, e isso aconteceu-me, portanto agora já não tanto mas no início, portanto fazer mediação com colegas com os quais não nos sentimos entrosados e que não funcionou, não funciona mesmo bem. Com prejuízo para os mediados.

## **12. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M9:** Não, da experiência que eu tenho não.

## **13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M9:** Senti... eu lembro-me de uma vez que estava com uma colega que, sem se aperceber, monopolizou um pouco a conversa, não é? Pronto e fez com que, por um lado, a outra mediadora, eu, deixasse de existir, não é? Eu não estou ali para existir mas no fundo é o meu trabalho e quero fazê-lo. Deixasse de existir porque não dava para estar a intervir senão parece que estava a tentar passar por cima e isso dava um mau aspecto, no fundo e não se pretendia. E no fundo também quase que inibia um pouco os mediados de se pronunciarem, pelo menos de estarem a deixar fluir as suas emoções, não é? Isso foi assim o problema com que eu me deparei.

**M9:** Pronto no fundo tentei dizer à colega depois no final que achava que ela tinha sido um bocadinho interventiva demais, que no fundo nós não estamos ali, não somos nenhuns negociadores, não é? Como ela bem sabia mas por vezes há aqueles momentos, enfim... também temos os nossos, os nossos dias, as nossas formas de estar, enfim... e que se calhar não era... não tinha sido a melhor forma e que eu não me tinha sentido muito bem também porque não era essa a minha escola entre aspas. Resolvi assim e pronto mais sinceramente possível, sem ser indelicada, mas o mais sinceramente possível, mas de facto é essa a experiência menos boa.

**14.Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação?**

**M9:** Tentam, tentam.

**E como é que lidam com isso?**

**M9:** Tentamos desarmá-los. Tentamos desarmá-los, passando a palavra ao outro colega. Isso aconteceu-me também uma situação mais ou menos dessas em que eu depois transferi literalmente para o outro colega para tentar quebrar aquela linha de mim para mim então tentei passar para o lado. Funcionou, pois... funcionou. Porque as pessoas estão, para além de terem os problemas, estão um bocado fragilizadas também, isso também pode ser uma não boa postura da nossa parte. Sem querer, porque às vezes é difícil não dar mais atenção a um... manter, não é? Aquela equidistância sem nos deixarmos envolver minimamente, não é? Às vezes até o olhar trai-nos, a linguagem não verbal trai-nos e às vezes basta um clique, que nós não nos apercebemos daquele clique e temos já ali uma pessoa a tentar seduzir-nos, seduzir-nos entre aspas, não é? Para o problema. Então depois temos de desmontar isso e em co-mediação é muito mais fácil porque se estivermos sozinhos é mais complicado não é?

**M9:** E assim às vezes “o colega aqui tem algo para dizer, ou algo para vos perguntar. Gostaria de saber, vou passar a palavra”, pronto algo ali para...

**15.Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M9:** Ah atinjo. Acho muito importante trabalhar em conjunto.

**16.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M9:** Muito no início. Mas eu diria que é tentarmos nunca esquecer que o nosso papel não é opinar, é ser como disse há pouco, sermos facilitadores da comunicação, tentar estabelecer pontões entre os mediados que por qualquer motivo ficaram obstruídas e elas precisam de ser reabertas, essas pontes da comunicação. Esse é... para mim é fundamental ter isso sempre presente. Estar numa situação equidistante de ambos, o

máximo possível, nunca denunciarmos que estamos a ficar mais a pender mais para um lado do que para o outro porque achamos que aquela pessoa tem mais razão, isto aqui pelo nosso feel experimental, tem mais razão, coitadinho, está mais fragilizado. Não ali temos que pô-los a eles a ver isso, não é?

**M9:** Tentar que sejam eles a ver que o outro tem as suas fragilidades, tem as suas queixas e tentar sempre evitar que voltem atrás na análise dos problemas porque aí vão sempre culpabilizar-se “se aconteceu aquela situação foi por tua culpa porque tu é que não deixaste, tu é que não fizeste, tu não disseste” pronto tentar evitar isso e tentar fazer sempre um diálogo construtivo, sempre do hoje para a frente, perspectivando o futuro, o futuro, o futuro, o futuro... o passado vai servir para nos ajudar a corrigir erros mas para o futuro. Ser construtivo. Penso que para mim isso é o mais importante. (M9) É restabelecer as pontes de comunicação, equidistância, não nos deixarmos seduzir, como há pouco falámos, ah... e responsabilizar as pessoas, quando estamos a falar essencialmente das responsabilidades parentais porque encontram-se muitos pais que gostam muito dos filhos mas, neste momento, estão aqui a tentar arranjar culpas e somar culpas e desculparem-se a si e culpar o outro. Mas no fundo, muitas situações de separações mal resolvidas em que as crianças parecem meros brinquedos ali nas mãos dos adultos.

**M9:** O trabalho em equipa funcionará bem se os mediadores... penso que é sempre importante que se entendam bem a nível profissional (...)

**M9** (...) que tenham já experiência de trabalhar em conjunto (...)

**M9:** (...) que definam a técnica previamente que vão utilizar para não ser ali no meio e à frente das pessoas.

**M9:** Mas no fundo que depois se respeitem também, claro que se respeitam mas que respeitem o trabalho que ele está a fazer, não é? Penso que funciona, que funciona.

**M9:** Deste trabalho em equipa. Acho que é extremamente importante, penso que no âmbito da mediação vêm-se muitos colegas a trabalhar sozinhos mas eu penso que a co-mediação é muito mais importante. Acho que as pessoas deviam apostar, as entidades, as instituições no trabalho em co-mediação.

**M9:** Por acaso não, por acaso não trabalham mais em co-mediação do que

individualmente.

**M9:** Exactamente, exactamente, é mesmo só na familiar. Mas dever-se-ia continuar assim e até alargar mesmo. Não é obrigatório mas é quase como se fosse, está a ver? É mais essa a ideia. Mediação familiar uma pessoa sozinha é... penso que não é o melhor, devia ser sempre um trabalho de equipa.

## **Entrevista 10**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M10:** É uma perspectiva positiva. Acredito que se houver um maior investimento na divulgação também começa a haver uma maior adesão por parte da população. Pelo menos os processos que tenho tido, tenho a sensação quase certa que os participantes saem satisfeitos com a mediação e que alguns que não me conheciam passaram a conhecer e ficaram com misto quer da alegria de ter ficado a conhecer quer também de embaraço por não conhecerem anteriormente que existia este mecanismo.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M10:** Penso eu que integrei as listas em 2008.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M10:** Quando é possível sim. Por vezes, é complicado quer pelos custos, quer termos disponibilidade ambos no mesmo horário, mas sempre que possível.

### **Qual o número de processos que já acompanhou?**

**M10:** Não sei precisar. Sei que foram mais sem ser em co-mediação, foram sozinhos. Em co-mediação devo ter tido processos efectivamente meus três ou quatro. Processo de outros colegas também andará à volta de três/quatro.

**M10:** Individualmente não tenho... é um pouco complicado porque começa-se a perder no tempo porque foram vários, embora não sejam tantos quanto isso acaba-se por perder um pouco a noção.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M10:** Por vezes, mesmo com o próprio casal dá para ver que se calhar é melhor ter um apoio extra que é para ajudar, também para não... Ultimamente, tenho sentido, por vezes, que há um ou outro participante que quer chamar a atenção para si mesmo, procurar ali um pouco de apoio. Como nós fomos treinados a não dar esse tipo de apoio se houver duas pessoas quem for com essa ideia também fica com um problema quem é vai tentar agradar.

**M10:** Também para ajudar na escuta. Por vezes, perdem-se algumas coisas. Eu escuto uma forma, a pessoa com quem estou escutou de outra forma. Escutou ainda mais ou menos.

**M10:** Para falarmos, para debatermos, para ver o que é que se passou ali.

#### **5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M10:** Impacto directo não posso dizer que veja, porque se calhar, estou mal habituada, porque mesmo trabalhando sozinha tenho atingido os objectivos a que me proponho individualmente.

**M10:** Mas, quando é em co-mediação há um maior conforto a todos os níveis, quer se conseguimos chegar... Embora o acordo não seja o ideal, seja obrigatório a verdade é que é sempre melhor chegarmos a um final com um acordo e não com um não acordo e seguir outras vias. Portanto, é bom partilhar com outra pessoa essa situação e depois falar mais aprofundadamente, um reflexo daquilo que se fez.

#### **São essas das diferenças?**

**M10:** Sim, porque em mediação individualmente só me tenho a mim própria então torna-se um pouco esquizofrénico ou egoísta pensar: “Fiz muito bem, ou não, não fiz bem. Poderias ter feito daquela maneira”. Por vezes, não há essa abertura ou essa possibilidade imediata.

**M10:** Enquanto que, se estivermos em co-mediação podemos ter uma pausa, falar um com o outro e tentar outra abordagem.

**M10:** Se for sozinha, embora eu possa pedir a pausa terei de pensar sozinha apenas: O que é que eu vou fazer? Que abordagem poderei tomar?

**M10:** E quase sempre é melhor ter duas pessoas a pensar para tomar uma decisão

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M10:** Se calhar um pouco de todas. Sem dúvidas que é uma forma, uma técnica também poderá ser, exactamente para que, por vezes, na co-mediação o que eu tento é ser eu e um colega do sexo masculino, para haver aquele equilíbrio de sexos e não haver aquela ideia, é mulher puxou pela mulher ou então é homem e puxou pelo homem ou então é mulher e puxou pelo homem... Se houver esse tipo de equilíbrio perde-se um pouco essa ideia por parte deles. Também pelo facto de trocarmos opiniões torna-se importante. Disse uma técnica...

**Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de trabalhar em mediação familiar.**

**M10:** Se calhar a forma acaba por englobar tudo, se calhar opto pela forma.

**M10:** Se calhar é uma forma dos autores não se quererem repetir uns aos outros e acabam por dar outro nome apesar do conteúdo gerar sempre em torno um bocadinho do mesmo.

**7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M10:** É que é mais útil... quando há se calhar uma maior crispação entre os participantes porque permite canalizar melhor a comunicação e tentar acalmar um pouco mais. Em processos mais complicados que vêm do tribunal ou quando se sente na sessão inicial, quando fazemos aquela abordagem se será ou não o procedimento correcto dá para tentar ver como é que está o nível entre os participantes. E o que eu

tento ver é quando há um grande afastamento entre eles, quando há uma grande crispação, ter alguém ao meu lado que me consiga auxiliar, sem dúvida.

#### **8. Já referiu algumas das vantagens da co-mediação. Quer acrescentar mais alguma?**

**M10:** Essencialmente é o facto de podermos trocar... de duas cabeças conseguirem pensar melhor que uma, de ter aquele apoio presente, por vezes eu poderei não estar a seguir o caminho indicado e a outra pessoa que está comigo puxar um pouco mais para a... canalizar melhor a sessão porque, por vezes, está-se tão embrenhado numa determinada situação que não conseguimos, por mais que tentemos alargar os horizontes... às vezes penso eu que estou a usar muito bem aquela técnica e chego a uma situação de impasse, não a consigo ultrapassar e ter uma pessoa ao lado vai-me socorrer nesse sentido e vice-versa. Quando sou eu como co-mediadora, quando reparo que podemos estar a chegar a uma situação de impasse e que, se calhar, uma outra técnica seja apropriada de a utilizar.

#### **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M10:** Ui... estamos a chegar à fase dos critérios financeiros... A mediação pública, como deve saber, não é bem remunerada é quase uma questão de voluntariado e de... voluntariado porque se bem que, por vezes, eu tenho processo que tenho uma maior despesa do que um mero quantia de honorários. E como é só dado ao mediador, estar a repartir com o co-mediador às vezes acaba por se diluir.

**M10:** E também a perda de tempo, porque muitos de nós temos outras profissões e exercemos outras funções e para irmos para uma sessão de mediação temos sempre de ter 1 hora e meia, duas horas, tirando o tempo da deslocação e do regresso, perde-se quase uma manhã ou uma tarde de trabalho e acaba por pesar. Entre não ir ganhar nada e ganhar muito pouco e uma falta no local de trabalho ou poder colmatar no local de trabalho, poderá pesar.

**M10:** Também a nível também depois dos contactos, da própria disponibilidade de cada um, dos horários, porque muitas das vezes peço que seja um horário pós-laboral e não



temos locais disponíveis em pós-laboral, depois outras vezes tentamos a meio da tarde ou o horário de almoço mas acaba sempre por ir prejudicar um período ou outro e é constrangedor porque estar a pedir a um colega que tenha essa amabilidade comigo, vamos fazer esse trabalho... porque eu não posso deixar de sentir que é um favor que aquela pessoa me está a fazer, vamos estar a trabalhar em conjunto mas sei que está numa posição que eu estou, entre aspas, a pedir aquele favor e que não vou, se calhar, recompensar da maneira como deveria, mas pronto, pode ser que mude.

**M10:** Mude a política e mude as ideias e que se torne... e depois também é o facto de, na minha lista de Setúbal, abarca também Évora e o que é que acontece? Eu penso que efectivamente estarei eu e outra colega mesmo a fazer mediações, outra penso que terá saído por incompatibilidade por causa das outras funções, outra efectivamente nunca vimos e outra colega é de Évora e só aceita processos que sejam na área de Évora, portanto acabam todos os processos para virem para mim ou para a minha colega e torna-se complicado, por vezes, conseguir a... conciliar tudo. Porque depois também estar a pedir a colegas das outras listas, por vezes, eles também não têm essa disponibilidade porque têm as mediações deles e sermos só nós duas imagine, por exemplo, a minha colega desiste do processo porque conhece um interveniente eu ir pedir à minha colega para ela ser minha co-mediadora ela não pode porque nós somos só duas e os colegas das outras listas, por vezes, não têm essa disponibilidade

**M10:** Os horários, isso tudo...

## **10. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M10:** Sim, regra acabamos definir. Se é co-mediação pura, há um mediador e o outro ficará a escutar e só intervirá quando pedirmos. Se não será uma co-mediação pura será uma mediação com dois mediadores em que cada qual vai intervindo e passa basicamente por aí... eu pelo menos não gosto de determinar, dizer: “vais fazer X, Y, e Z porque eu vou fazer assim e assim” porque quando lá chegamos são pessoas e tudo aquilo que eu idealizei poderá terminar logo na primeira abordagem por isso mais vale determinar só se vai ser co-mediação pura ou mediação com dois mediadores do que estarmos ali a predeterminar tarefas.

**Se calhar, não sei, mas depois também poderá ser alterado dependendo de como**

**decorre a primeira sessão e à mediados que conhecem o casal ou os mediados, não é?**

**M10:** Exactamente. Sim eu já tive, mas esse processo nem deve acabar por seguir, que é um processo que será mediar mais os pais com o filho mais velho.

**Interessante porque a maior parte em Portugal, pelo que tenho ouvido, dos outros mediadores que entrevistei e também da pouca experiência que tenho e do que li, em Portugal a mediação familiar é muito a nível do casal, depois também em relação aos filhos, mas a parte da regulação...**

**M10:** das responsabilidades parentais.

**Exactamente. Noutros países já há ao nível das heranças e de outros relacionamentos...**

**M10:** entre irmãos.

**Entre irmãos ou entre os pais e os filhos.**

**M10:** Para mim foi novidade, é um processo que é recente, não sei exactamente se vai prosseguir porque fiz a primeira sessão e deixei agora, da parte deles, reflectirem se querem prosseguir ou não. Mas apetecia-me, é um óptimo desafio. Porque é original, é novidade e segundo penso que me vai enriquecer quer a nível de trabalho quer a nível pessoal também porque vai ser trabalhar o relacionamento dos pais com o filho. Vamos ver... e seria óptimo processo para ser em co-mediação, mas não vai ser possível.

**Está a fazer individualmente, não é?**

**M10:** Sim.

**11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M10:** Os processos que eu tenho trabalhado em co-mediação têm resultado bem, têm funcionado bem, também tenho só feito com um mediador, que é com quem tenho mais confiança, mais à vontade portanto sinto-me mais confortável em solicitar a presença dele do que outros colegas.

**M10:** Mas tem sido... até ao momento não tive nenhuma má experiência. Foi sempre pela positiva, mas acredito que possa chegar a um momento que se os dois mediadores não estiverem em sintonia, se cada qual estiver a pensar numa determinada estratégia que acabe por não se entender e seja necessário, se calhar a mediação entre os próprios mediadores. Acredito que acontece mas a mim ainda não...

## **12. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M10:** Não, não me posso recordar porque efectivamente não existiu.

## **13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação?**

**M10:** Sim. Essencialmente no início quando eu comecei a trabalhar em mediação, eu estava como co-mediadora o meu colega estava como mediador principal e estava a fazer as perguntas e eu estava numa ansiedade e ele fazia uma série de perguntas e não havia maneira de conseguir interferir. Entretanto paramos um pouco porque foi necessário ir beber água e eu pedi se poderia fazer algumas questões porque estava ali a ferver, era uma ansiedade... mas acho que foi do início, se der aquela...

### **Como é que se sentiu com isso?**

**M10:** Estava-me a sentir um bocadinho asfíxiada mas depois foi-me dada autorização, se é assim quem se pode dizer, para perguntar e isso aí correu bem, acabou por me sentir mais aliviada, mais satisfeita e penso que tenha sortido algum efeito mas foi necessário claro ter pedido para, ao mediador, se era possível fazer algumas questões estava-me a fazer alguma confusão não estarem a ser respondidas algumas perguntas que podiam parecer muito simples mas para mim, enquanto quem estava de fora ainda numa posição mais distanciada que o mediador, de considerar importante ver respondidas.

### **Porque também se consegue aperceber de outras coisas, quem está...**

**M10:** Exactamente.

### **Então essas dificuldades se calhar sentiu mais no início?**

**M10:** Se bem que agora também se continua a sentir algumas dificuldades... Mas no início as primeiras duas sessões em co-mediação foram mais... mais fervilhantes. Se calhar a necessidade de fazer perguntas, não se me evidenciar, mas de fazer perguntas que eu considerava que eram importantes e que continuo ainda a considerar algumas vezes importantes.

### **Não sei se quer referir mais alguma limitação ou desvantagem que vê no trabalho em co-mediação?**

**M10:** Eu desvantagem em mediação não vejo.

**M10:** Penso é que é importante que os mediadores se conheçam entre si e que sigam mesmo a mesma linha, que haja coerência entre eles porque, vamos supor que eu agarrava na lista e dizia “olha esta pessoa está disponível vou trabalhar com ela” e não tinha um conhecimento prévio, chegarmos estarmos meia hora, uma hora sobre que vamos fazer o processo em co-mediação, tentar esta linha, de repente chegar em sala e cada qual estar a seguir uma linha torna-se praticamente impossível. Eu falo por mim em sessões de treino, quando nós fazemos simulações já me aconteceu estar com uma co-mediadora em que tínhamos de facto uma divergência total de pensamento e a minha vontade era pedir delicadamente para não interferir daí que eu penso... em simulação não há problema, agora se for em realidade torna-se muito constrangedor, daí que eu defenda quando convidamos alguém em mediação, vamos fazer um trabalho como co-mediadores, que conheçamos bem a pessoa e a linha que ela trabalha, se é ou não coincidente com a nossa e se nós vemos se temos ou não possibilidade de fazer um bom trabalho. Porque co-mediação não é simplesmente estarmos ali a olhar, fazemos uma pergunta ou outra, estar de fora, fazer uma espécie de relatório, “aconteceu isto, aconteceu aquilo, reagiu desta forma, reagiu daquela”, não assim não. Também não vale a pena estar apenas por estar, também não... e se não estivermos em concordância acaba por passar para os próprios mediados. E penso que um mediado que tem um assunto a tratar com o outro, que conta com aquelas pessoas para ajudar e para tentar ver qual a melhor forma chegar, de debaterem, de fazerem várias questões, se vir que as pessoas não estão em consonância, “se eles que são profissionais não estão em consonância como é que eles nos vão conseguir por a cooperar um com o outro?”. Penso que é também um pouco... debato-me com essa situação.

**14.Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação?**

**M10:** Sim.

**Como lidou com isso?**

**M10:** Eu penso que, como já trabalhamos muito essa situação, acabo por não... sinto de facto por vezes a mediada ou o mediado está a querer captar mais a minha atenção ou a atenção do outro, mas como nós já estamos quase como que imunes acaba por sentir um reflexo muitas das vezes ficam constrangidos e passam a ter uma abordagem diferente, outras das vezes passa-lhes... ficam... é como uma criança que tenta chamar a atenção e se não lhe dermos a atenção que ela quer ou faz uma grande birra ou então de facto fica sossegada. Penso que com os mediados isso também acontece. Tive um processo, curiosamente, em que eu era co-mediadora de mediação pura, portanto tinha um papel mais secundário, em que o mediado a determinada altura disse “então mas não interfere, não faz perguntas?” e eu respondi que, efectivamente, quando sentisse necessidade de fazer perguntas que as faria, agora naquele momento não havia necessidade de intervir. Depois no decorrer desse processo fiz algumas intervenções e no final ele disse “ah de facto até tem uma participação, até falou algumas vezes, não como eu estaria à espera...”. Há ainda a tendência de algumas pessoas tentarem cativar, conquistar, que é um risco que em co-mediação nós podemos evitar, enquanto se for em mediação individual, individualmente é mais complicado lidar com isso, porque temos ali as atenções de ambos só para um. Na co-mediação eles ainda diversificam, vão ali pensando qual será o melhor para influenciar mas depressa se apercebem que não têm muita sorte.

**15.Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M10:** Analisando a ponto frio sim mas em co-mediação é preferível, exactamente pela troca de ideias, de um estar mais afastado, ter uma visão mais alargada.

**Acha que é mais fácil atingir os objectivos trabalhando em co-mediação?**

**M10:** Não sei se podemos utilizar o termo mais fácil... Mas mais benéfico. Mais

benéfico é.

## **16. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M10:** Eu penso que passa muito por termos primeiro uma boa base, e termos uma grande sensibilidade para vermos quem está à nossa frente, do que é que é pretendido e de acordo com a bagagem que nos é dada, o que é que nós poderemos utilizar ali. Penso que é muito importante fazermos uma pré-avaliação e depois tentar ver quais as melhores técnicas porque há pessoas que querem uma situação... querem uma mediação mais, que seja mais vocacionada, e para que nós consigamos abrir o campo temos de o fazer de uma forma um bocadinho diferente, uma abordagem um bocadinho diferente. Enquanto há pessoas que querem muito falar sobre elas, sobre a questão, e que depois torna-se também difícil tentar que parem para tentar separar o que é que é mais importante quando se chega a uma altura em que se está a reiterar, a reiterar e já não interessa muito. Portanto penso que é importante na pré-avaliação vermos bem quem é que temos à nossa frente e depois fazer um trabalhinho de casa e pensar quais as melhores técnicas e pensar também num plano B, se aquelas técnicas não funcionarem quais as que podemos utilizar em socorro mas assim pistas não... é claro que é importante o acolhimento, a empatia, é importante deixá-los à vontade, é importante esclarecer em que é que consiste a mediação, deixar bem explícito que não é o mediador que vai decidir e, se tiverem de facto cientes do que é a mediação, é importante que os participantes estejam cientes do que é que vai ser, informá-los do que é que vai ser a mediação, explicar-lhes muito bem o que é a imparcialidade, explicar que não se vai dar razão nem ao A nem ao B, dizer-lhes que não vou estar a fazer pré-julgamentos, tentando que quando essa tentativa de conquista, que é indiferente virem dizer que são os melhores do mundo, ou os outros são os piores do mundo, que eu não estou para avaliar, não sou ninguém para dizer quem é que é melhor ou pior pessoa e será importante que eles tenham essa percepção também.

**M10:** Entre nós, o que nós muitas das vezes acabamos por fazer... quando eu trabalho em co-mediação como é uma pessoa que eu conheço bem, acabamos por, basta uma troca de olhares, ou há outros momentos em que já sentimos que esta é a deixa que quer falar ou esta é a deixa que eu quero falar. Passará por aí. Há quem opte por fazer algum risquinho, alguma coisa que chame um pouco a atenção, ou então o próprio mediador

quando está mais aflito perguntar se quer intervir, uma situação que por vezes acontece, bloquearmos, estarmos a fazer uma questão e quando queremos prosseguir, termos quebrado o raciocínio e de facto pedirmos à outra pessoa que intervenha e que conduza a mediação... outra vantagem do trabalho em equipa

### **17. Tendo em conta a sua experiência quer dar mais algum contributo?**

**M10:** Se quer incentivar é muito bom, se se conseguisse que trabalhássemos mais em co-mediação do que sozinhos seria importante, quer para os mediadores quer, essencialmente, para os mediados, que é o que conta mais, será o mediado e não os mediadores. Porque é diferente. Penso eu se fosse mediado e entrasse numa sala e tivesse só uma pessoa, ou duas, torna-se bem mais acolhedor serem duas pessoas, ser mais intimista, não se uma relação tão triangular, talvez por aí, penso que... mas para se trabalhar mais em co-mediação é preciso haver um investimento diferente.

**M10:** Era preciso também que nós, enquanto mediadores, tivéssemos um maior trabalho também em reunirmo-nos e conhecermo-nos um pouco melhor, porque eu posso dizer que é uma pessoa da lista que eu nunca vi, nem eu, nem ninguém, portanto, para trabalharmos em co-mediação, seria importante de facto que nós todos nos conhecêssemos e escolhêssemos com quem temos maior afinidade, o que é que, por exemplo, num processo seria importante se calhar o raciocínio de uma outra pessoa que tenha outra base de licenciatura, que tenha outros conhecimentos, torna-se muito importante, e se nós não conhecermos as pessoas, não falarmos com elas, estar a convidar alguém que não conhecemos, é um risco. Isso também parte um pouco de nós mediadores conhecermo-nos e darmos-nos a conhecer. Às vezes tem que se assumir que há essa falha da nossa parte, mas o investimento, ainda assim, de certa maneira é importante ...

**M10:** Talvez o factor económico pese, porque se é pouco para um mediador individualmente, estar a repartir com outro colega...

## **Entrevista 11**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M11:** A minha perspectiva é de que seja realmente criada a lei de que seja desenvolvida de que se aposte fortemente na mediação. Acho que é um meio de resolução alternativa de conflitos familiares extremamente adequado à protecção desenvolvido no conflito. Por isso, merece um desenvolvimento e uma aposta maior do que aquela que tem sido feita até aqui.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M11:** Tenho uma gabinete privado aberto desde 96 no Sistema Público faço desde 99 data em que ele abriu portas.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M11:** Já trabalhei em, co-mediação. Actualmente não tenho trabalhado em co-mediação. Mas já trabalhei. Já fiz várias experiências de co-mediação com colegas, quer homens quer mulheres.

### **Qual o número de processos que já acompanhou em co-mediação?**

**M11:** Não lhe sei dizer quantos mas, muito menos do que em mediação só com uma pessoa, só por mim. Mas, qualquer forma foram alguns e com diferentes colegas. Experimentar diferentes formas de trabalhar, com colegas com diferentes perfis.

**M11:** E os últimos processos que fiz em co-mediação teve muito mais a ver com a formação das colegas. Eram colegas mais novas do que eu que pediram para estar com elas em co-mediação nas primeiras sessões. É uma das vertentes que a co-mediação pode ter, é a formação dos mediadores. As últimas co-mediações que fiz foi exactamente a pedido de colegas novas que queriam entrar na mediação com algum suporte.



**E há quanto tempo deixou de fazer co-mediação?**

**M11:** A última que fiz, terá sido há um ano atrás.

**4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M11:** No início os critérios que me levaram a trabalhar em co-mediação foi precisamente o experimentarmos as potencialidades da co-mediação. Experimentarmos, eu, os mediadores com que combinei co-mediações aferir potencialidades.

**M11:** Noutros casos foi mesmo por acharmos que era tecnicamente adequado ao caso fazer co-mediação.

**M11:** Os últimos, como lhe disse, foi por uma questão de formação dos novos mediadores, por suporte, primeiras mediações. Um bocado dar uma ajuda às colegas mais novas.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M11:** Há impacto nos resultados. Dependendo da escolha do co-mediador e da interacção dos mediadores.

**M11:** A co-mediação para mim tem tanto de bom como de perigoso.

**M11:** Tem muito de bom se nós estivermos num trabalho de co-mediação com o colega adequado, com o colega que tenha alguma identidade profissional connosco

**M11:** (...) e que tenhamos a mesma visão, a mesma forma de trabalhar os casos.

**M11:** E será muito perigoso se nós não tivermos a mesma perspectiva sobre a mediação, se nós não tivermos a mesma abordagem dos casos.

**M11:** E será perigosíssimo se nós entrarmos num registo de competitividade. Também acontece, somos seres humanos mesmo enquanto mediadores. E se nós entrarmos num

registo de competitividade, de querermos ficar melhor do que o nosso colega, enfim de dar uma imagem mais positiva ou mais sabedora do que o outro acabamos a estragar tudo. Como se costuma dizer: “Sai pior a emenda do que o soneto” e corremos o risco de reproduzir o conflito dos próprios mediados. E, então aí penso mesmo que é a desgraça. Vale mais mediarmos sozinhos do que mediarmos no esquema em que a mediação seja prejudicial aos mediados.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M11:** Eu definia como uma técnica. É uma técnica passível de ser utilizada quando o caso realmente carece dessa técnica. Temos diferentes técnicas e, no momento certo, devemos utilizar a técnica certa. Quando a co-mediação nos faz sentido como uma técnica para ajudar o processo não devemos hesitar em utiliza-la procurando, obviamente a tal identidade de parceiro para fazer a co-mediação. Isso resulta num benefício para os mediados. Resulta num aproveitamento do tempo, portanto duas pessoas a fazer o mesmo trabalho fazem-no mais depressa, duas cabeças a terem ideias e criatividade criam mais. Prestam um melhor trabalho. Se for bem sintonizado, bem sincronizado terá vantagens para os mediados. Por isso, entendo que é uma técnica a utilizar sempre que seja possível e quando nos faça sentido. É uma questão de sensibilidade. Nós escolhemos as técnicas, às vezes, quase que intuitivamente e a co-mediação é qualquer coisa que nós também podemos perceber numa primeira sessão de que este caso é difícil o suficiente para justificar uma co-mediação.

**M11:** É complexo, ou por exemplo, pode ser também uma questão do mediador, o estado do mediador. Sentir que estou numa fase de extremo cansaço, não um cansaço ao ponto de não fazer a mediação, mas estou num estado de cansaço que os resultados serão melhores se eu tiver uma colega comigo. Devo ter essa consciência, essa auto-análise. Se de facto sinto que, neste momento, da minha vida preciso de uma colega para me ajudar a fazer um bom trabalho não devo hesitar em fazê-lo com uma colega.

## **7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M11:** Relativamente ao mediados, situações, por exemplo, em que haja um grande desnível de equilíbrio entre as partes. Se houver um grande desnível de equilíbrio o mediador tem um trabalho acrescido de equilibrar essas partes. Esse trabalho, por vezes, é muito difícil. Se formos dois mediadores a fazer mais facilmente o conseguiremos. Além de que sendo dois mediadores e tendo dois mediados em sala também o próprio preenchimento dos lugares traz equilíbrio ao processo. São dois mediadores, dois mediados desde logo visualmente traz maior equilíbrio ao processo.

**M11:** Se houver, por exemplo, um conflito de género acentuado homem/mulher é útil, nós procurarmos um co-mediador do outro género. Já fiz co-mediações com colegas homens exactamente por essa razão, por haver um conflito de género, em que o elemento masculino sentia-se desprotegido, sozinho no meio de mulheres. Então entra um colega homem e traz mais equilíbrio à mediação.

**M11:** Por exemplo, se houver alguma violência doméstica. Este é um caso muito delicado, é um caso que merece uma abordagem muito particularizada.

**M11:** Mas, se houver qualquer laivo de violência entre os mediados que nós nos apercebamos a tempo também é bom termos um outro mediador connosco. Tornamo-nos mais fortes, somos capazes de conter melhor esses eventuais impulsos mais agressivos dos mediados. E poso-lhe dizer que na minha experiência isso já aconteceu, ter impulsos de agressão dentro de sala. E felizmente estar com uma colega e sermos duas para podermos conter esses impulsos.

**M11:** Sim. Tenho um caso que me vem facilmente à memória, em que eu digo se eu estivesse sozinha não sei como é que teria contido aquela situação. Mas, estávamos duas e contivemos a situação, porque cada uma ocupou-se de um dos mediados.

## **8. Já referiu benefícios da co-mediação. Que acrescentar mais algum?**

**M11:** Eu acho que a co-mediação é bastante útil quando estão reunidos os requisitos. Seja bem-feita ela é muito útil. Aqueles que já lhe disse, aproveitar o tempo, rentabilizar o tempo, em termos de criatividade.

**M11:** Tem também uma componente muito importante que eu não falei que é transmitirmos aos mediados um exemplo de comunicação. Se os mediadores comunicam convenientemente servem de exemplo aos mediados. É assim que se comunica, com respeito, sem interrupções, pedindo a palavra ao colega. Servimos de exemplo. Portanto, eles devem ver em nós um modelo de comunicação. Dai que o contrario seja estragar a mediação. Portanto, tem de haver um bom modelo de comunicação entre mediadores e isso é pedagógico para os mediados. Isso pode ser integrado pelos mediados.

### **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M11:** Eu acho que é essencial para o bom resultado da mediação, é essencial, nós trabalharmos com um colega com quem tenhamos uma empatia profissional grande em que não sintamos necessidade de nos sobrepor ao colega em que realmente sentimos que somos colaboradores. Que estamos ali mesmo para colaborar, para nos ajudar, interiorizarmos bem essa função. É muito positivo.

### **10. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M9:** Chegamos a fazer das diferentes formas, porque isso é possível fazer. É possível fazer definir tarefas para cada um ou não definir tarefas. Pode ser uma co-mediação solta, livre em que cada um intervêm quando quer, mas respeitando as tais regras no mínimo da boa educação e de pedir a palavra, de não interromper. Acho que podemos optar por essa co-mediação livre. Por outro lado, ainda que seja esse modelo de co-mediação há sempre necessidade de prepararmos as sessões.

**M11:** De cada sessão de mediação, os mediadores devem reunir-se, falar, prepare o que vão fazer e sobre aquilo que fizeram, que aconteceu. Fazerem digamos que uma análise dos seus próprios comportamentos em co-mediação. Como é que me senti? Como é que o outro se sentiu? O que é que correu bem? O que é que correu mal? Em que momento a mediação deu um salto qualitativo? Em que momento é que a mediação teve qualquer retrocesso ou qualquer impasse? Analisarmos tudo isso, para melhorarmos na sessão seguinte)

**M11:** E devemos também definir quais vão ser os nossos papéis. E perguntar ao colega: “ Em que regime queres trabalhar? Vamos definir um método de trabalho?” Cheguei a definir com alguns colegas métodos de trabalho temáticos. Por exemplo, colegas que não gostam de trabalhar a área emocional a dizerem-me: “trabalhas tu a partes das emoções que eu trabalho a parte económica quando se tratar dinheiros, pensões, partilhas.” Há uma divisão por temáticas. Tenho maior apetência para esta temática, trabalho esta temática.

**M11:** Ou podemos fazer isso simplesmente por funções. Posso pedir ao colega que está em co-mediação comigo ou o colega pode-me pedir a mim obviamente que tenha um papel mais interventivo, um de nós tem um papel mais interventivo na condução do processo e o outro ter um papel mais passivo. Mas, ao mesmo tempo extremamente importante que é um papel de observação cuidada, observação da linguagem, observação dos comportamentos físicos, do não verbal das pessoas e da expressão das emoções. O registo em que o colega tem um papel mais passivo em termos de intervenção durante a sessão de mediação mas, tem um papel extremamente importante no registo daquilo que se vai passando com os mediados. De qualquer forma quando optamos por esse modelo de trabalho o mediador ainda assim tem sempre o lugar à palavra durante a mediação. Pelo menos durante o início e o final da sessão temos que dar a palavra. E é bom que seja dada a palavra realmente ao colega, porque normalmente têm questões muito pertinentes que analisaram. Enquanto que, o mediador que está a conduzir o processo não se apercebeu tão bem. O colega que esteve num papel mais passivo, mais distante, a observar tem intervenções que, às vezes, são de uma riqueza enorme e que ajudam imenso no processo.

#### **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M11:** Quando nós nos deparamos com algum problema na co-mediação, quando a co-mediação não está a funcionar bem nós temos essa consciência durante o processo. Devemos tentar contorna-lo. E há diversas formas para o fazer.

**M11:** Um das formas pode ser pedir um intervalo, fazer um intervalo na mediação para conversar com colega numa sala à parte e dizer: “Olha há aqui qualquer coisa que não

estará a correr bem. Nesta altura, senti que qualquer correu mal, não interagimos da forma que me parece mais produtiva ou os mediados tiveram um recuo. O que é que aconteceu?” Se estivermos, por exemplo, perto do final de uma sessão podemos deixar que o colega continue e remetermos mais ao silêncio e trabalhar isso no tal espaço inter sessões.

**M11:** E trabalhar essa questão com o colega. Não devemos, é fingir que não aconteceu. Na mediação nada pode passar despercebido. Temos que tomar atenção a tudo e não podemos fingir que as coisas não aconteceram. O bem e o mal é para ser falado. No caso de co-mediação é para ser falado entre nós. Se os mediadores não se sentiram bem um com o outro, se os mediadores tiveram alguma dificuldade devem fora da sessão de mediação conversar claramente sobre isso e definir estratégias para. Na próxima sessão como é que vamos fazer? Se acontecer alguma coisa deste género, como é que vamos fazer? Eu digo sempre: Temos de ser claros e transparentes. Não é na sessão de mediação que vamos fazer gestos mais ou menos dissimulados. Não é na sessão de mediação que vamos fazer um piscar de olho, um sinal por debaixo da mesa, não. Perante os mediados tudo tem de ser muito claro e transparente. Se a coisa não correr bem podemos dizer: “Eu sinto que, nesta altura, é necessários pararmos um pouco, fazer um intervalo. Para falarmos do que não está a correr bem.” Penso que encontrar uma estratégia, conversando com o colega.

## **12. Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M11:** Recordo-me de algumas situações. Mais do que uma em a co-mediação realmente não resultou. E os mediados aperceberam-se. Quando os mediados se apercebem disto e os próprios mediados não querem continuar a mediação nós temos que reflectir sobre isso. Reflectir entre nós e depois reflectir em conjunto com os mediados. O que é que aconteceu? O que é que se passou? Analisarmos com sinceridade o que aconteceu e dizermos se de facto não funciona e as pessoas não o desejam não continuaremos em mediação. E chegou-me a acontecer isso. Mais do que um caso.

**M11:** Um caso concreto, a Senhora sentiu realmente que não havia condições para continuar a trabalhar com um dos mediadores. E a verdade é que nós colegas tivemos parceria para fazer essa mediação e tentámos mais do que uma vez e percebemos que

era a falta de identidade entre nós. E na verdade nunca mais fiz mediação com essa pessoa mediadora. Nunca mais fiz porque achei que não era produtivo para os mediados. Apesar de continuar a ser bom colega, apesar de continuar a respeitarmo-nos mutuamente. Sabemos que não trabalhamos bem juntos, porque há perspectivas diferentes na forma de conduzir o processo.

**M11:** Como sabe a mediação pode ser conduzida de uma forma mais directiva menos directiva e nós tínhamos realmente posturas diferentes. Quando isso foi muito visível entre nós e entre os mediados, tentámos duas vezes, não vamos tentar mais.

### **13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M11:** Lembro-me de sentir algumas dificuldades em co-mediação que não foram tão notórias e tão evidentes, mas que depois consegui falar com a colega mediadora e dizer: “Nesta altura, senti que fui interrompida e que não estavas a seguir a mesma linha que eu e isso não é bom para os mediados.” Quando cada um de nós segue uma linha diferente então estamos precisamente a por diante os mediados um modelo que não é adequado. Então vamos acertar agulhas, vamos tentar na próxima sessão tentar uma estratégia. Que é, por exemplo, eu fazer uma parte da sessão, trabalhar por divisão de tempo.

**M11:** É outro critério, divisão de tempo. Eu trabalho a primeira hora, tu trabalhas a segunda meia hora. Procuramos realmente fazer um resumo a meio da sessão e trabalhamos por alternância no tempo. Também é um outro método que é útil. Põe de lado este senão e traz uma vantagem que é de não nos cansarmos tanto. O processo de mediação é um processo extremamente cansativo e exigente para o mediador. Isto ajuda-nos imenso, porque não nos cansamos tanto. Na primeira meia hora eu sei que estou mais descansada, mais tranquila. Preparo-me para “arregaçar as mangas” na segunda meia hora e trabalhar mais afincadamente na segunda meia hora.

### **14. Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?**

**M11:** Sim. Quer estejamos sozinhos, quer estejamos em co-mediação os mediados tentam encontrar no mediador um aliado. E podem tentar encontrar na equipa, um aliado. Se nós estivermos numa boa equipa nós percebemos isso que nos protegemos um ao outro. Quase como num jogo de futebol em que alguém me guarda as costas. Protegemo-nos um ao outro nesse sentido. Se estivermos em sintonia isso é muito fácil de fazer, porque percebemos os dois mediadores, que estão a tentar fazer isso. Então os dois tentamos que não o façam e resulta muito mais eficaz, obviamente porque percebem. Encontram ali a barreira que é própria da actividade profissional. Mediador não é aliado de nenhum dos mediados. Isso já me aconteceu numa mediação e foi extremamente engraçado e sentido por nós mediadoras. E quando acabou a sessão demos até uma gargalhada, como nós conseguimos perceber como aquele senhor extremamente inteligente, informado, perspicaz tentou a aliança com as mediadoras. E as mediadoras perceberam e não deixaram que isso acontecesse. E isso foi muito bom, porque a mediada sentiu-se mais segura. A mediada estava algo desconfiada ainda em relação ao processo e sentiu-se protegida nessa altura, sentiu-se mais segura. Ela própria verbalizou na sua situação que ele tinha sempre mais poder do que ela, socialmente era mais conceituado, era mais reconhecido pela actividade profissional que exercia. E quando chegou ali e percebeu que o jogo dele continuava a ser o mesmo só que na mediação não teve o mesmo resultado. Ela sentiu-se segura e prossegui a mediação.

#### **15. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M11:** Eu acho que sim. Acho que os objectivos têm de ser atingidos. Os mesmos objectivos têm de ser atingidos. Mas, claro se a co-mediação correr bem atingem-se mais depressa e com menos esforço do mediador.

**M11:** É extremamente reconfortante sentirmos que temos alguém ao nosso lado que pode continuar o nosso trabalho. Eu já tive essa experiência de dizer a colegas mediadoras: “Tive muita vontade de baixar os braços e desistir desta mediação. Se não estivesses ao meu lado eu tinha desistido.” Mas, com uma mediadora ao lado quando eu baixava os braços ela pegava no caso. Quando eu achava que devia intervir pedia a palavra, fazia a minha intervenção e a colega descansava. Portanto, era quase uma alternância não combinada, mas uma alternância que foi produtiva porque conseguimos



fazer a mediação. Estive a pontos de desistir dessa mediação por achar que era extremamente exigente.

#### **16. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M11:** É tudo aquilo que já se falou. É acima de tudo um enorme respeito pelo trabalho do colega. Se quisesse uma frase só eu direi esta: Um enorme respeito pelo trabalho do colega. É essencial.

**M11:** E depois é tudo aquilo, fazermos trabalho de casa, estudar qual a melhor estratégia. Como é que eu vou intervir? Como é que tu vais intervir? Como é que nós vamos realmente fazer este trabalho para que resulte bem? O que é que pode acontecer? Reflectir até sobre aquilo não acontece, mas que pode acontecer. O que é que te pode acontecer que te perturbe na mediação? O que é que pode acontecer que me perturbe a mim na mediação? Vamos antecipar cenários. E antecipando cenários, antecipar caminhos, soluções. “Olha se eu me sentir assim, eu digo-te claramente, se não te importas continua tua mediação até ao final.” É nos dito claramente que alguma coisa se está a passar e o colega continuará a mediação.

**M11:** O processo terá todas as vantagens em que estejam dois com muito respeito pelo trabalho recíproco.

#### **17. Tendo em conta a sua experiência quer dar mais algum contributo?**

**M11:** Eu comecei sozinha e nos últimos tempos tenho feito sozinha.

**M11:** Co-mediação não começou logo no início, não foi uma experiência logo do início que também é importante nós termos isso em conta. No início da nossa actividade profissional será útil se nós precisarmos do apoio de um colega mais experiente. Quando eu comecei não tinha colegas mais experientes. Estávamos em pé de igualdade. O que também é útil, naquela parte de termos alguém que nos ajude e está em pé de igualdade connosco em termos de experiência, não sabe mais nem menos. No início foi mais sozinha, depois a dada altura da nossa experiência começamos a pedir aos colegas para fazermos co-mediação.

**M11:** Ultimamente, por questões logísticas, simplesmente por questões logísticas tenho feito mais sozinha. Porque, não é fácil encontrar colegas co-mediadores com a mesma disponibilidade de tempo. Se estamos em Serviços Privados, somos só nós. Eu tenho um gabinete privado onde trabalho sozinha, não tenho colegas a trabalhar no meu gabinete privado. No Serviço Público cada vez é mais difícil encontramos colegas que estejam disponíveis por questões de tempo, por questões de deslocação. O Serviço Público não está de facto a facilitarmo-nos as co-mediações.

**M11:** Também não são pagas as co-mediações. Se me pedirem para eu estar em co-mediação com um colega, eu dou o meu tempo, dou o meu trabalho ou o colega me dá mim se eu pedir ao colega. É algo que nós sabemos que estamos a exigir ao colega, muito boa vontade. Não é uma prática muito comum, neste momento

**M11:** Mas, sempre que há um colega que pede, que procura nós tentamos disponibilizar a bem da mediação. A bem da mediação devemos disponibilizarmo-nos para fazer isso. Também para nós experienciarmos essa riqueza. É uma riqueza tanto quando corre mal como quando corre bem. É uma riqueza enorme, nós percebermos. Se não tivesse feito essas experiências, se calhar não conseguia dizer-lhe hoje o que posso dizer sobre co-mediação.

**M11:** Sei que li muitas coisas, o que encontrei. Mas, sei que muita coisa deriva da reflexão que fiz sobre co-mediação na prática. As nossas reflexões acabam por ser também uma forte componente do nosso saber. Aquilo que li é tudo do estrangeiro, não havia nada em Portugal. Há aquela necessidade de adequarmos à nossa cultura, vamos experimentando como fazem no Canadá, como fazem em Inglaterra ou como fazem em Espanha. Vamos tentar, mas depois vemos que há coisas que têm de ser adequadas à nossa realidade sócio cultural.

## **Entrevista 12**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M12:** Em termos de sistema de mediação familiar público acho que os tribunais têm mandado vários casos para o sistema e tem havido alguma afluência, mas muito menos do que poderia ser. O funcionamento do Sistema poderia ser mais bem aproveitado e independentemente do que o Tribunal envia, as pessoas também não sabem, não conhecem, não recorrem muito. E, portanto, eu não tenho estatísticas mas tenho a ideia que está subaproveitado. Para além disso, não sei se vai haver uma questão sobre isso, mas o funcionamento em si da própria forma como os mediadores são envolvidos no processo de mediação é a meu ver fraco, porque não há qualquer acompanhamento em termos da qualidade do trabalho, não há partilhas entre os mediadores, o pagamento aos mediadores é muito pouco, é ridículo e os mediadores estão geralmente pouco motivados. Fazem o melhor que podem dentro das circunstâncias em que estão. Todo esses factores externos condicionam bastante o trabalho e, portanto, nesta óptica acho que o sistema, o Estado é fraco e há muitos aspectos a melhorar.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M12:** Desde que abriu o Sistema. Acho que foi em 2007. Mas, eu fiz a formação em 2003, muito antes.

### **3.Trabalha em co-mediação? Se, sim qual o número de processos que já acompanhou?**

**M12:** Em co-mediação talvez 1/3, nem isso. Muito poucos.

### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M12:** O trabalho em co-mediação embora seja muito mais rico e indicado acaba por ser

constrangedor, porque estamos a solicitar que alguém esteja a trabalhar connosco voluntariamente. A pessoa não recebe absolutamente nada por essa colaboração. Sabemos que os processos de mediação muitas vezes são longos, não são apenas de uma sessão, nem duas, nem três, nem quatro e, portanto, é exigente estar a solicitar tanto tempo e tanta disponibilidade de alguém que não está a receber absolutamente nada por isso e que tem de ter compatibilidade de agenda para estar a trabalhar connosco. Por um lado, custa-me por vezes incomodar as pessoas (...)

**M12:** (...) por outro lado, também essa agilização se torna mais dispendiosa para mim no caso tenho que eu própria fazer as chamadas, organizar as agendas. Acaba por ser mais moroso, mais trabalhoso.

**M12:** Mas, quando o faço os critérios que utilizo são do conhecimento também do trabalho do outro mediador em causa, sabendo que são mediadores, por um lado, ou também experientes, por outro lado, que possam estar a precisar de partilhar a vivência da mediação. Podem até não ser muito experientes, mas tendo a oportunidade de estar ao meu lado vão poder partilhar a sua visão comigo sobre aquilo que se está a passar na mediação. E utilizo esses dois critérios. Normalmente, como digo o mais fácil é não recorrer à co-mediação.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M12:** Acho que não há sombra de dúvida que o trabalho em equipa, co-mediação é mais vantajoso. E em termos de resultados eu penso, não fiz novamente contas nem sei objectivamente indicar dados, mas tenho noção que o trabalho em co-mediação normalmente deverá ser mais benéfico, mais vantajoso. Por um lado, para os mediados e sem sombra de dúvida para os mediadores.

**M12:** Porque, os mediadores ao poderem partilhar o que estão também ali a trabalhar e, o que estão a sentir e, os caminhos que estão a percorrer com os mediados podem crescer muito em termos do seu próprio autoconhecimento e do conhecimento da forma como estão a trabalhar.

**M12:** E os mediados em princípio poderão sentir-se mais seguros se houver, por exemplo, um homem e uma mulher mediadores poderão também sentir-se o homem mais acompanhado e a mulher mais acompanhada. Portanto, estando representados os dois sexos. E isso traz segurança e, portanto, de certa forma pode facilitar o processo, deixando as pessoas mais confiantes e mais abertas para o trabalho em mediação.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M12:** Não é uma técnica nem é uma forma de trabalhar em mediação familiar. É uma opção. É uma via mais completa e mais sólida em termos de estrutura do trabalho em mediação.

**M12:** Um mediador sozinho pode perfeitamente fazer um excelente trabalho. Não é uma coisa que traga prejuízo. Não traz prejuízo. Ter co-mediador pode trazer mais benefícios. Mas, trabalhar como um só, não traz por si só, prejuízo ao processo.

**7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M12:** Eu acho que é sempre útil, porque podemos partilhar, falar.

**M12:** Quando estamos a trabalhar sozinhos ficamos sempre na dúvida onde o que é que dissemos. Ou não temos tanta capacidade de auto-observação. Enquanto que se tivermos a observação de outra pessoa ou o apoio de outra pessoa podemos ver coisas que sozinhos no conseguimos ver. E, portanto, é mais útil nesse sentido da partilha e do crescimento em termos depois de análise do trabalho que está a ser feito.

**M12:** Também pode ser útil por aquelas outras razões que disse na pergunta anterior, em relação à segurança que pode transmitir aos mediados tendo em conta as diferenças de sexo sobretudo. E não só. Eu acho que também os mediados devem sentir que é mais útil, porque têm sempre um duplo apoio. Então de certa forma podem sentir que o trabalho que está a ser feito é ainda mais estruturado ou mais sólido de alguma forma. Pode ser útil nesse sentido, na impressão ou na sensação de maior estrutura do processo. Em mediação familiar sinto-me muito bem em co-mediação.

## **8. Da sua experiência pode indicar-me alguns benefícios da co-mediação?**

**M12:** Já tenho dito, que penso que são vários os benefícios. Mesmo quando não é uma pessoa do outro sexo também tem muitos benefícios. Uma pessoa, por exemplo, com uma outra área de formação ou com outra sensibilidade. Eu já fiz co-mediação com pessoas bem mais objectivas ou com um estilo um pouquinho mais directivo do que o meu e foi muito benéfico também e útil desde a celeridade do processo, à própria direcção que o processo foi tomando. Os vários estilos e a complementaridade de estilos, é muito importante.

**M12:** Mas lá está, também depende muito das escolas. Porque imagine que eu faço co-mediação que tem uma escola completamente diferente da minha pode trazer um choque ou criar incompatibilidades ou criar desconforto no trabalho entre os mediadores e isso poder tornar-se visível para os mediados e afectar negativamente a mediação. Portanto, também é perigoso. Quando eu não me revejo no estilo da outra pessoa ou quando eu sinto que a mediação está a ir por um caminho que eu sinto que é aquele que é mais necessário o que é o que os mediados mais precisam então não é confortável estar em mediação.

**M12:** À partida quando há humildade, verdadeiro trabalho de equipa estamos ambos em pé de igualdade.

**M12:** A co-mediação que eu adopto é sempre a co-mediação pura. O que é que significa isso? Significa basicamente que não há uma pessoa que esteja a liderar o processo de mediação, mas há sim uma interacção natural e fluida dos dois mediadores à medida daquilo que vai sendo o trabalho em mediação.

## **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M12:** Por um lado, eu acho que se as pessoas se conhecerem pode ajudar. Se os co-mediadores se conhecerem minimamente pode ser mais fácil gerir o processo. Porque, quando nos conhecemos as coisas fluem de forma mais natural. Não há tanto palpar terreno ao mesmo tempo que estamos a mediar pode tornar-se complicado

**M12:** Por outro lado, o factor da complementaridade. De sermos de disciplinas diferentes, de sexos diferentes, estilos diferentes mas complementares não antagónicos,

o conhecimento prévio do mediador, eventualmente, também a nível de fluidez da relação quer sejam ambos experientes ou um seja mais experiente que o outro.

**M12:** Que fique também pré estabelecido qual é que vai ser o modelo de co-mediação a adoptar, para depois não haver dúvida durante o processo. Imagine que não adoptamos a pura, que adoptamos que o co-mediador está só mais a observar ou não está num papel tão interventivo também é importante que haja esses respeito daquilo que foi combinado e que se possa cumprir do início ao fim o modelo que se escolher adoptar.

#### **10. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M12:** Sim. Mas, como eu tenho sempre trabalho em pura. Na pura não há muita coisa a definir. É só dizer se ambos queremos adoptar a pura ou não. E depois dizermos quem é que faz a abertura de resto depois flui naturalmente.

#### **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M12:** Eu nunca tive nenhum problema. Tive um problema, mas foi numa acção de formação inicial. Lembro-me que fizemos uma co-mediação em que o meu co-mediador não me deixou falar, ou seja, falou o tempo todo e eu senti-me muito mal na situação. Porque, senti que não havia espaço para eu falar. Mas, na vida real, ou seja, nas mediações reais isso nunca me aconteceu. E segundo me lembro correu sempre bem, nunca houve nenhum problema assim maior a ultrapassar.

#### **12. Recordas-te de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M12:** Não.

#### **13. Lembras-te de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M12** :Não. Correu sempre bem.

**14.Durante as sessões alguma vez sentiste que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação?**

**M12**: É normal.

**Como lidaram com isso?**

**M12**: Naturalmente, tendo sempre cuidado com a imparcialidade e com a neutralidade que é a nossa função. Mas, sem também ser agressivo, sem afastar demasiado aquele apoio que as pessoas precisam. Desde que a pessoa tenha consciência que não está a cair ou a tender para nenhum das partes e que tenha esses cuidados acho que em sala havendo isso por parte de um dos mediados também, a não ser que também seja uma coisa muito explicita não se vai estar sequer a alimentar a situação. Faz-se de conta que está tudo bem e segue-se em frente. Naturalmente.

**15. No inicio já tinhas falado de algumas das desvantagens da co-mediação há mais alguma que queiras acrescentar?**

**M12**: O factor pagamento. Mas, isso não é só da co-mediação. A forma como somos pagos está muito mal pensada ser ao processo, em vez de ser á sessão não faz grande sentido quando estamos a falar de processos que têm sempre necessariamente de passar por várias sessões. No fundo o que acaba por fazer é exactamente o contrário, pressiona o mediador para ser mais directivo e mais impositivo de certa forma. Por vezes, pode até ser inconscientemente, mas leva a uma certa pressão. Mas, isso não tem a ver com a co-mediação, mesmo em mediação...

**Mas, na co-mediação como são dois...**

**M12**: Ainda há mais pressão, porque temos de coordenar as agendas dos dois, mais custos e mais encargos para os próprios mediadores. Portanto, as desvantagens passam um bocado por essa questão logística e operacional da mediação. Em termos do trabalho em si não vejo mais nada.



## **16.Da tua experiência ao trabalhares em co-mediação atinges os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M12:** Os meus objectivos é trabalhar cumprindo com os princípios orientadores da mediação. Independentemente, do resultado da mediação. Se chegamos ou não chegamos a acordo isso é uma questão secundária, não é um objectivo o mediador chegar a acordo. O objectivo do mediador é trabalhar, orientando-se pelos princípios da mediação e facilitando o processo entre as partes para que elas próprias cheguem às suas próprias soluções e conclusões. Capacitando-se na própria resolução dos seus casos e isso tanto se faz em co-mediação ou em mediação sem co-mediador.

**M12:** Agora o objectivo da partilha posterior à sessão, do trabalhar a própria observação de um e de outro à posterior, isso só consegues, se tiveres alguém. Podes fazer um relatório, tu própria, reler aquilo, pensar mas não é a mesma coisa.

## **17.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M12:** No fundo são os princípios da mediação, o respeito, o servirmos como modelo de relacionamento para as próprias partes que certa forma ao estarmos ali estamos a servir de exemplo.

**M12:** Se entre nós há conflito, ou há mal entendidos, ou sobreposições, ou interrupções, ou levantar de vozes ou o que quer que seja em termos de comportamento tudo isso é apanhado e percebida pelas partes e, portanto, não pode ser senão exemplar.

**M12:** Terá que ser um comportamento exemplo. Acho que os mediadores têm que ter o rigor igual, a como se estivessem a trabalhar sozinhos, o rigor de serem imparciais, de serem isentos, de serem mais neutros possível, de tentarem ajudar as partes mas, sem decidir por elas. Portanto, não ser demasiado directivos, não ser demasiados fechados ou controladores. Trabalhar mutuamente ao nível da passagem das competências para que as próprias partes consigam reconhecendo que têm essas capacidades consigam aplica-las na sua própria vida e na sua próprio contexto. E, portanto, a boa prática é igual quando estamos sozinhos ou quando estamos com outro. Apenas a diferença é que quando estamos ali somos exemplo, portanto, temos de ter cuidado com a toda a aparência e imagem que estamos a transpor para o lado de lá.

**M12:** Portanto, se a pessoa sem querer deixa passar que é uma pessoa que está agitada, que está nervosa, que responde torto, que é impaciente tudo isso são factores que não ajudam no sucesso da mediação.

**18. De acordo com a tua experiência há mais algum contributo que queiras dar?**

**M12:** Seria muito bom que fosse possível trabalhar em co-mediação mais do que actualmente faço. Mas, efectivamente com as condições que temos que já trabalhar sozinha já é um encargo e já é só por amor à camisola que se faz. Porque, não há condições. O Sistema de Mediação Familiar é ridículo. Trabalha objectivamente em sistema de abuso da função do mediador. O mediar na minha óptica é abusado. Simplesmente ninguém nos obriga a estar ou a fazer parte do Sistema. Fazemos parte do Sistema porque queremos. E tendo essa noção e tendo a noção do nosso próprio brio profissional, fazemos o nosso melhor. Portanto, somos rigorosos na nossa própria prática por auto-recriatividade, porque não há qualquer acompanhamento nem há qualquer apoio, partilha, qualquer dinamização. Não há apoio sobretudo a todos os níveis. Acho que devíamos receber formação de reciclagem pelo GRAL, todos os encargos da mediação estão a cargo do mediador. É muita sobrecarga, pouca valorização da actividade do mediador. Sobretudo, acho que devia haver uma maior partilha de tudo, dos custos, do risco associado à própria mediação familiar. (DNC)

## **Entrevista 13**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M13:** Optimista. Eu acho que á medida que as pessoas forem conhecendo mais sobre mediação vão recorrendo mais a este serviço, porque é uma forma não litigiosa e é uma forma que os relacionamentos são trabalhados e isso é muito importante. E sobretudo na mediação familiar, os filhos, por exemplo, questões de divórcio, questões que tenham a ver com criança, o mínimo de bom senso levará a que as pessoas tentam resolver as questões em relação familiar. É o que eu acho.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M13:** Não é assim há tanto tempo, há quatro anos. Não tenho a certeza. Mediação aqui no Julgado de Paz, eu faço desde que eles começaram há 10. Mas, a familiar surgiu na minha vida mais tarde.

### **Mais ou menos há quatro anos?**

**M13:** Quatro/cinco.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M13:** Sempre que possível. Às vezes é difícil acertar as agendas dos mediados, da mediadora e da outra mediadora. Essa é sempre a nossa dificuldade, mas é muito melhor trabalhar em co-mediação.

### **.E qual o número de processos que já acompanhou em co-mediação e sem ser em co-mediação?**

**M13:** Infelizmente, mais sozinha. Precisamente por ser difícil essa questão de ser difícil acerta agendas que convenham a toda a gente. Mas, idealmente tudo em co-mediação. Gostaria de trabalhar unicamente em co-mediação, mas muitas vezes, tenho trabalhado também muito sozinha.

**4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M13:** Não tenho critérios. Definitivamente a co-mediação é vantajosa. Quando trabalho sozinha é porque me foi impossível organizar as agendas.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M13:** Eu não sinto que tenha resultados diferentes em termos da satisfação dos mediados, em termos de acordos, aí eu não sinto.

**M13:** A diferença é em mim. Eu sinto-me mais tranquila em co-mediação. Mas, logicamente que tento e felizmente, acho eu até agora tento que os mediados sejam tão bem tratados e que o meu trabalho de facilitadora funcione o melhor possível sozinha e que o resultado seja o melhor possível para eles. Mas, para mim claro que eu me sinto muito mais tranquila trabalhando em co-mediação.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M13:** Nunca tinha pensado nisso. Eu acho que é uma forma de trabalhar. O método é o mesmo. O método tem a ver com as ferramentas que nós usamos, com as abordagens, com isso tudo.

**M13:** É também uma estratégia, logicamente.

**7.Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M13:** Eu sinto que, por exemplo, na co-mediação há mais atenção à comunicação não verbal, porque somos quatro olhos a olhar. E, às vezes, sozinho temos dificuldade em estar a ouvir uma parte, olhar, etc... E perceber ao mesmo tempo um revirar de olhos, qualquer coisa assim que a outra parte faz. A comunicação não verbal é melhor

assimilada quando estamos em co-mediação.

**M13:** Depois os dois mediadores também discutirem a questão. Imagine situação de um conflito ali muito... em situações quentes a co-mediação é muito mais fácil restabelecer o equilíbrio.

## **8. Da sua experiência podes indicar-me alguns benefícios da co-mediação?**

**M13:** Eu nunca fiz co-mediação com um colega homem, mas tenho cá no meu imaginário que seria a co-mediação ideal. Questões de género contam. Do outro lado temos um homem. Por exemplo, estou a pensar numa questão de divórcio, uma questão de família. De família em termos de casal, se for uma mãe e uma filha não tem a ver. Mas, num casal, num divórcio, a questão de género está mais equilibrada. E parecendo que não eu sinto que essa história de género que pesa. Portanto, muito interessante de houvesse um mediador e uma mediadora. Mas, nunca fiz. Portanto, não sei é o que eu penso. Há mais mediadoras mulheres. Voltando à história das agendas tenho conseguido acertar mais com mulheres e nunca fiz co-mediação com um homem. Mas, penso que era capaz de ser bem interessante. Acho que em todas as situações é mais proveitosa.

## **9. Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?**

**M13:** O factor principal é os mediadores acertarem com a tal forma como vão trabalhar. Isso é fundamental.

**M13:** Se os mediadores se atropelam, por exemplo, acho que não vai funcionar muito bem. Acho que os mediados, se calhar até são capazes de pensar: “nós somos muito mais equilibrados do que estes mediadores. Vamos embora daqui.” Porque, vai um falar, o outro atropela.

**M13:** Nós temos de... e, se calhar, não ia conseguir co-mediador com alguém com uma postura completamente diferente da minha. Se calhar, ia ser diferente.

**M13:** Portanto, nós temos de combinar como é que vamos funcionar. Até agora tem funcionado muito bem.

## **10. Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M13:** É muito importante. Como muita liberdade, mas temos quase que códigos. Dar espaço à outra para que não haja atropelos. Não é tipo: “eu sou mediadora”, há quem faça assim: “eu sou mediadora, eu dirijo e nos buracos tu entras ou quando achares pertinente, ou coisa assim.” Até agora tem funcionado com as colegas com quem eu tenho mediado sermos as duas mediadoras em pé de igualdade. Não uma que esteja a dirigir o processo. Tem funcionado muitíssimo bem. Provavelmente, devido à personalidade da outra mediadora com quem tenho trabalhado. Mas, claro que creio que até há regras para se escolher o modelo, há uma que dirige, há outra que...A minha experiência tem sido no espontâneo. Combinamos, o processo é das duas. Nós fazemos a intervenção quando acharmos pertinente. Quase que há um código de olhares uma para a outra, mas de maneira discreta. Mas, tem funcionado. Eu sinto e sei pelo feedback que os mediados sempre sentiram que são duas mediadoras a trabalhar neste caso. Não é: há uma mediadora e uma ajudante ou há uma mediadora e outra que vai para os buracos. No entanto, cada um escolhe aquele que se adapta também à sua personalidade e à maneira como gosta de trabalhar, obviamente. (

## **11. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M13:** Nunca aconteceram problemas.

## **12. Recordas-te de algumas situações em que co-mediação não funciona?**

**M13:** Eu faço co-mediação sempre com as mesmas colegas. Duas apenas. E talvez, se calhar, já conseguimos acertar agulhas. Portanto, nunca aconteceu uma situação.

## **13. Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?**

**M13:** Como lhe digo não tenho uma experiência muito alargada, porque faço sempre co-mediação com uma destas colegas. Nós somos quase uma extensão de uma da outra.

Eu acho, que para o meu temperamento, para a minha maneira de trabalhar é assim que eu gosto de trabalhar. Estamos em pé de igualdade, somos quase uma extensão. Portanto, assim não há como funcionar mal.

**14.Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação?**

**M13:** Sim. Uma dessas colegas é uma rapariguinha bem mais jovem e uma vez um mediado estava ostensivamente a seduzi-la. E era um desconforto para ela. Discutimos essa questão, porque ela sentia perfeitamente que ele estava a tentar dar-lhe uma cantada, como dizem os brasileiros. Estava a tentar seduzi-la. Uma situação perfeitamente incrível.

**E como é que lidam com estas situações?**

**M13:** Lidou-se muito bem. Nós discutimos a questão. Ela disse o desconforto que aquilo lhe estava a dar e aí eu tomei o papel mais directivo. Eu seria a mediadora. E trabalhamos isso e acabou muito bem. Ainda podia ter acabado com um murro por parte da ex-mulher, sei lá. Mas, ele estava definitivamente a por todo o charme em cima dela.

**15.Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M13:** Os mesmos objectivos em que aspecto? Na satisfação dos mediados? No sucesso de um acordo satisfatório? O que eu sinto é que para mim é muito mais agradável. Sinto-me muito mais tranquila. Eu sinto sempre, e é estranho, se calhar é porque... no Julgado de Paz onde já estou quase há 10 anos eu sinto-me muito, muito confortável.

**M13:**Na mediação familiar cá bem no fundo, sinto ainda algum desconforto, não é desconforto, mas algumas inseguranças. E essas minhas inseguranças estão muito mais acalmadas quando trabalho em co-mediação. Como lhe digo, eu sinto que a co-mediação não é tão importante para os mediados quanto é importante para mim. Porque, os mediados não sente (é esse o meu papel) as angústias que eu posso estar a sentir quando estou sozinha. O resultado é o mesmo. Agora eu co-mediação eu não sinto essas

angústias. É para mim. A co-mediação ajuda-me imenso a mim. Para os mediados muito honestamente não vejo grande diferença. Acha que para eles é igual estar com uma mediadora ou mediador sozinho ou com dois mediadores? Se calhar não é. Mas, eu não tenho nenhum caso. Para mim...se calhar não é, se eu pensar bem, se calhar não é. Mas, olhando para trás para os casos que já medieei, etc... eu não sinto, não me parece que tenha havido diferença para os mediados. Eu continuo a achar que a co-mediação é importantíssima para o mediador.

**M13:** Provavelmente, em co-mediação poderão ser trazidas para a mesa questões importantes mais rapidamente. Porque, são quatro olhos, são quatro ouvido, há uma percepção ali do conflito latente diferente e talvez seja mais rápido.

**M13:** Enquanto que, um mediador sozinho estando atento a tudo é capaz de perder muita coisa pelo caminho e demorar mais tempo até conseguir chegar lá.

**M13:** Eu gostaria muito de lhe dizer: tenho quarenta anos de experiência em mediação familiar. Mas, não. Sinto ainda alguma intranquilidade.

## **16.Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M13:** Primeiro que tudo, antes da mediação, os mediadores têm de definir a forma como vão trabalhar. Isso é importantíssimo. E para definir essa forma como vão trabalhar, também é importante que tipo de relação é que eles têm um com o outro. Porque, a forma como vão trabalhar também é capaz de ser um bocado em função da relação. Acho que só trabalhar com uma colega que não conheço, que é a primeira vez que trabalho com ela, que não a conheço mesmo nada.

**M13:** Por alguma razão vamos co-mediador, não fui eu que escolhi. Não sei se isto poderá acontecer, porque as colegas com quem eu faço co-mediação sou eu que escolho e são elas que me escolhem a mim. Mas, imagine uma situação que eu não escolhi, eu não conheço a pessoa, etc. Eu apesar de combinar antecipadamente: Como é que vamos trabalhar? Como é que vamos fazer? É capaz de haver algum cuidado, porque não conheço a outra pessoa, não sei o tipo de modelo que ela segue... Sou capaz de estar com muito cuidado, sou capaz de não ser... de estar a proteger-me, a protegê-la, a proteger os mediados...não faço ideia.



**M13:** Para mim, acho que é importante que as pessoas já se conheçam um bocado. E é importante que se defina muito bem a forma como se vai trabalhar. Posso-lhe dizer que funciona muito melhor quando realmente se conhece, porque como eu lhe digo, não faço co-mediação com colegas que eu não conheça já um bocadinho. Mas, posso-lhe garantir que a segunda, a terceira, a quarta vez funcionou muito melhor que a primeira. Porque, exactamente, porque apesar de termos combinado ainda não conhecemos bem a forma como o outro trabalhará. O tipo de perguntas que faz. E depois nós já somos uma equipa fantástica, porque já conhecemos um bocado a maneira de trabalhar da colega e a coisa flui muitíssimo bem.

#### **17. De acordo com a sua experiência há mais algum contributo que queira dar?**

**M13:** Posso-lhe dizer que é importante a co-mediação. Eu sinto isso. Na minha opinião, mais para o mediador do que para os mediados.

**M13:** Haverá, mediados que se sentiram mais confortáveis com uma pessoa apenas.

**M13:** Mas, eu ainda não dei conta, precisamente porque trabalhamos, acertamos que vamos agir da mesma forma que não há nenhum com um papel de maior relevo ou com um papel mais activo do que a outra. Não tenho sentido que eles se sintam melhor ou pior, acho que se sentem confortáveis. Acho que sobretudo quando se tem pouca experiência devia ser obrigatório. Porque, é bom para o mediador estar em co-mediação, provavelmente, evitar-se-ão algumas falhas que poderão contaminar a mediação.

#### **Lembra-se de mais alguma desvantagem da co-mediação?**

**M13:** Quando não se acertar agulhas. Imagine que os mediadores se atropelam, imagine que os mediadores são contraditórios. Acho que vai arruinar... Imagine que às tantas os mediadores começam a dialogar entre eles. Eu não tenho dificuldade em imaginar que as coisas não estão tão sincronizadas quanto deviam estar. Um faz uma pergunta que o outro achou perfeitamente desnecessária ou até inconveniente ou coisa assim. E, às tantas, estão-se a digladiar e os mediados no meio daquilo tudo. O que é que se passa aqui com estes? Não tenho dificuldade em imaginar esse cenário. Nunca o vi, mas atendendo a que os mediadores antes de tudo mais são pessoas e que todos nós temos as nossas histórias de vida, a nossa personalidade, não tenho dificuldade em imaginar que

uma situação dessas poderá acontecer. Poderá completamente arrebentar com a co-mediação. Mas, espero bem que não aconteça.

**M13:** Tenho a certeza que todos os mediadores são de bom senso e com a formação de vida etc... As pessoas podem fazer uma formação em mediação, conseguir trabalhar em mediação e só depois de muito disparate é que descobrem: eu nunca devia estar aqui. E a verdade é que esses disparates, os mediados acabaram por sofrer-los. Não tenho dificuldade nenhuma em imaginar esse tipo de situações. Felizmente, apesar das minhas tais angústias as coisas têm corrido bem. Às vezes, tenho um nó no estômago. Família é uma coisa muito séria E eu sinto que talvez daqui a 20 anos eu me sinta muito confortável a trabalhar em família. Eu sinto-me muito confortável a trabalhar com questões comunitárias, etc

.

## **Entrevista 14**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M14:** Na perspectiva da Mediação Familiar eu diria que o Sistema Privado tenderá a desenvolver-se melhor do que tem sido feito até agora. Dado que o Sistema de Mediação Familiar começa a apresentar diversas falhas em termos de funcionamento e que isso irá ser aproveitado e mais a mais no enquadramento agora da crise económica pelas instituições, se calhar particulares, Associações, Sociedade Civil em geral. Provavelmente é isso que irá acontecer tendo em conta a realidade da Mediação Familiar.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M14:**Eu estou na Mediação Familiar desde 99 no âmbito da criação do Gabinete de Mediação Familiar, projecto protocolado entre Ordem dos Advogados, Ministério da Justiça e na altura Centro de Estudos Judiciários que durou até 2007. Foi a minha participação na Mediação Familiar Pública de 99 até 2007. Agora só faço no privado. E ao longo das mediações fomos nos adaptando e aprimorada a técnica. A co-mediação era utilizada

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M14:** Actualmente não. Durante cerca de três, quatro anos fazia co-mediação. A co-mediação familiar foi introduzida pelo Professor J. V. Ele esteve em 2002 salvo erro aqui em Portugal e deu um pequeno seminário e na altura visitou o gabinete e deu algumas dicas. Tivemos algumas sessões ainda que informais de supervisão até à data não tínhamos tido muito apoio em termos de equipa técnica. E como éramos todos jovens mediadores desasados digamos assim, sem um orientador que soubesse mais do que nós e então funcionávamos muito em equipa, em intervisão. E nessa sequência do seminário, o V. na altura incentivou-nos e porque não experimentar a co-mediação. Cuidados a ter na co-mediação, como devíamos começar, quem é que orientaria, quem é

que seria o mediador principal. Deu-nos algumas orientações como trabalhar em co-mediação. Enfim, deu-nos uns aspectos práticos que nos não tínhamos conhecimento e que não dominávamos. A experiência começou por aí, a ser um incentivo a fazer co-mediação. E ao longo depois das mediações fomos nos adaptando e aprimorando a técnica, a forma de fazer e ao fim de algum tempo já tínhamos, já sabíamos que nalguns casos íamos usar co-mediação e que noutros não.

**M14:** A ideia que eu tenho na altura é que a co-mediação era utilizada para os casos mais problemáticos, onde havia situações de violência familiar ou onde o nível de conflitualidade entre o casal era bastante maior. E na triagem que era feita na altura pelos Técnicos de Atendimento havia esse cuidado de por uma nota no processo dizendo: Atenção que esta mediação devia ser distribuída preferencialmente para uma equipa de co-mediadores. Havia outros casos que eram mais simples e fazíamos mediação sem ser em co-mediação. Naqueles casos mais complicados, ou porque vinham do tribunal e já tinham um grande historial de conflitualidade, ou porque isso era detectado na fase da pré-mediação, ou porque se percebia que havia ali potencial para violência doméstica seja emocional, seja física mesmo. Havia ali esse trabalho em co-mediação.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M14:** Resulta na sequência do que estava a dizer há pouco, dado que o processo de co-mediação tem custos acrescidos tem de alguma forma de se encontrar aqui um equilíbrio. Porque pagar a um mediador ou pagar a dois é diferente.

**M14:** Dai que a co-mediação é utilizada preferencialmente no caso, no serviço em questão era utilizada preferencialmente nestas situações de potencial de violência doméstica, situações de alcoolismo, por exemplo, ou uso de drogas. Coisas que normalmente estejam fora do que é o normal. E que de alguma forma poderia potenciar que a mediação degenera-se num clima mais agressivo. Essencialmente eram essas as situações.

**M14:** Obviamente que a co-mediação hoje em dia é praticada de uma forma diferente. Hoje em dia, co-mediação é utilizada como uma iniciativa prática à mediação. Para

colmatar a falta de experiência do mediador coisa que na altura que eu fiz co-mediação não era essa a intenção.

**M14:** Era sim redobramos a vigilância, a nossa capacidade de observação. Aumentarmos a nossa capacidade de observação e intervenção nos diálogos que se iam produzindo ao longo da dinâmica. Não com esta ideia co-mediação para defesa do mediador, como jovem mediador. Mas, mediação para melhorar as competências do processo.

**5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M14:** Desde logo é necessária mais disponibilidade para a equipa. Quando estamos a falar em co-mediação não estamos a falar, isto não quer dizer que sejam necessariamente dois mediadores, podemos até falar de mais. Eu recordo de fazer co-mediação, por exemplo, em que tinha uma estagiária. Tínhamos mais uma observadora de sala. E isso implicava uma maior disponibilidade da nossa parte. Porquê? Tínhamos de reunir antes da sessão e depois da sessão. Muitas das vezes ficávamos lá uma hora a trocar ideias, opiniões. Por outro lado, isso criava uma informação mais enriquecedora, porque era uma visão multilateral da dinâmica que tinha sido produzida. Havia um enriquecer de informação que a mediação feita por um só mediador não produz. É mais difícil o processo de reflexão auxiliado por uma outra presença, por um outro mediador do que individualmente. Obviamente que o processo tem vantagens e tem desvantagens. Também podemos falar desse ponto de vista.

**M14:** Vou desviar-me aqui do guião. Só para lhe explicar aqui uma ideia. Eu acompanhei a Formação e a implementação dos Julgados de Paz. E recordo-me perfeitamente que as experiências de co-mediação dessa altura, com jovens mediadores inexperientes. Resultava mais complicada a co-mediação e estamos a falar de um processo muito mais simples do que aquilo que acontecia na mediação familiar. A tal inexperiência, a tal falta de conhecimento, daquilo que se vai fazer inclusive provoca com que os mediadores que estão a trabalhar em co-mediação, em equipa cometam alguns erros que o colega que lá está ao lado, às vezes, nem os consegue detectar.

Porque, estão ao mesmo nível. Por si só a co-mediação, não é, digamos uma muleta que ajude os mediadores. É preciso ter muito isso em atenção.

**M14:** Eu só daquelas pessoas que defende a co-mediação como uma trabalho mais enriquecedor para os clientes.

**M14:** Não como suporte, como bengala dos mediadores.

**M14:** Talvez seja útil, no sentido de termos um mediador sem experiência e termos um mediador mais experiente que trabalha na co-mediação.

## **6. Quando trabalhava em co-mediação costumava definir os papéis e tarefas de cada um?**

**M14:** Havia algum cuidado para tentar perceber o que iríamos começar por fazer. Tentar estabelecer algumas indicações. Depois na prática tem de haver uma grande flexibilidade da nossa parte mediadores porque é que nós temos de transmitir aos nossos mediados. É que o processo embora existam algumas regras, alguns princípios é algo flexível. E a preparação desse trabalho de co-mediação é passar por essa mesma ideia. Algumas regras de enquadramento do trabalho, mas flexibilidade para ir trocando informação, também para evitar que um colega tivesse a desviar o contexto daquilo que estava a acontecer para uma outra situação sem o assunto estar aprofundado. Para isso é um trabalho um bocado intuitivo de estarmos em contacto visual com o colega, tentarmos perceber, intuir a mensagem que está por detrás do verbal. É algo que não fácil nem é simples. E, às vezes, funciona e outras vezes não funciona. É um bocado delicado. Ao fim de algum tempo de termos trocado entre nós, de ter trabalhado com vários mediadores. Aí acabamos por perceber quais os mediadores com quem trabalhamos fluidamente do que outras. Nesse, aspecto acho que valeu a pena.

## **7. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M14:** Pode ser visto por todas essas perspectivas. Não deixa de ser uma técnica e é também em si um método de trabalho. Um método de trabalho. Obviamente que temos

de encontrar a nossa metodologia de trabalho em função da presença de um outro colega. Mas atenção, estamos a falar em co-mediação, podemos estar a falar em diversas coisas. Podemos estar a falar na introdução de um observador de sala, que domina as técnicas e que é mediador. Mas não tem uma intervenção é apenas um observador. Podemos estar a falar de um co-mediador que tem um papel completamente passivo, só intervém excepcionalmente ou caso o mediador principal solicite a ajuda ou então podemos estar a falar de uma co-mediação mais livre em que dois mediadores familiares intervêm ao mesmo nível, no mesmo plano. Podemos estar a falar em várias situações de co-mediação.

**M14:** Inclusivamente, eu recordo-me de um trabalho que foi realizado pelo Bustelo e por outros mediadores na altura de 80 e depois 90, nos ...que estavam a ser analisados e trabalhadas em que quando se falava de uma equipa de co-mediação, era mesmo uma equipa com vários mediadores que iam entrando e saindo. Estou a falar da análise que fazia de vídeo filmagens. Na área da investigação. Uma co-mediação, mas com o instinto da investigação. Depois também há uma situação que é esta: estarmos à partida a pensar numa mediação familiar que está restringida às situações de separação e divórcio e casais com filhos. Mas, quando estamos a familiar de mediação familiar pode ser uma mediação familiar, por exemplo, entre familiares de uma empresa no âmbito empresarial, no âmbito laboral. Estamos a falar de uma mediação familiar no âmbito alargada. Uma mediação familiar intergeracional, entre os avós, por exemplo. Não é aquele conceito de mediação familiar restrito. Isso já está completamente ultrapassado. Noutros países europeus já não se fala nesta dimensão de mediação ligada à situação de separação e divórcio. Só se justifica no caso de restrição orçamental que serviço público apoia porque é aquele caso que é mais visível digamos para a opinião pública e que tem de ser tratado. Mas familiar é transversal a toda essa realidade neste momento. Muitas vezes nós sabemos que mesmo em situações de trabalho de mediação familiar em casais em fase de separação e divórcio, nós sabemos que há elementos que são chave e que estão fora daquele círculo familiar. Não estão ali. E estão lá fora. E que numa ou outra situação de trabalho seria importante trazer-los para dentro da sala. Mas também tem a ver com as algemas que nos põem.

**8.Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M14:** Não se pode fazer uma co-mediação sem haver uma preparação antes. Não se pode fazer co-mediação obrigatório isso é contra producente. Não se pode trabalhar com um colega que não se deseja ou que não nos sentimos à vontade. Isso é completamente aberrante. Portanto tem de haver todos esses preliminares e acaba por ser uma relação que é construída. Uma relação de colega, de trabalho. Daí que são várias etapas que têm de ser percorridas nessa etapa da co-mediação.

**M14:** Qual o efeito de uma equipa de mediadores perante o casal? Não é a mesma coisa que estarmos a ser escutados por um profissional ou por dois profissionais. Acho que...

**M14:** Há autores que estudaram esta questão da co-mediação antes. Pelo que tenho lido e escutado essa é uma das vantagens da co-mediação.

**M14:** É a identidade que é estabelecida para os mediadores, normalmente no casal que é terem duas figuras ali, masculina, feminina. Agora em França, por exemplo, está a discutir-se bastante e nós no Plano Europeu discutimos as questões que estão na grande moda que são os conflitos multiculturais. Há muitos países na Europa Central que cada vez mais existem casamentos de pessoas de diversas nacionalidades e que esses conflitos vêm também trazer uma nova abordagem. Uma abordagem multicultural. Aí também se apela a uma intervenção em co-mediação e de preferencial multicultural. Temos um mediador, por exemplo, nativo daquele território e temos um mediador de onde são um dos membros do casal ou da família. Há aqui uma necessidade de ter uma visão multicultural do problema.

### **9. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M14:** Estivemos a falar no âmbito do sistema familiar público. Desde logo, a questão financeira. Os mediadores já recebem miseravelmente pelo trabalho que fazem, alguns deles estão a trabalhar nitidamente para o bono, porque aquilo que é pago, é pago 120€ por processo com acordo. O acordo levar 8, 10, 12, 15 sessões a ser alcançado. É uma questão de dividir as 15 sessões por uma hora e meia ou duas horas pelos 120€. E ver que é um custo inferior, já não digo ao salário mínimo, mas se calhar a uma pensão de sobrevivência. Obviamente se tivermos de dividir esses 120€ com outro colega a mediação torna-se completamente... em vez de ser uma forma de ajuda financeira é uma



fonte de prejuízo. E daí que não haja incentivo da parte dos mediadores para trabalhar em co-mediação. O próprio sistema não olha ao trabalho que é feito com a família, olha sim ao resultado. E aquilo que o sistema nos diz é assim: obtenham o resultado e de preferência em pouco tempo para ganharem os 120€. Se o mediador tem esta regra está a ser coagido para fazer rapidamente seja aquilo que for para que o casal assine por baixo o acordo. O sistema está a criar uma grande pressão sobre o resultado da mediação familiar. Como nós sabemos muitas das vezes as famílias que recorrem à mediação familiar não necessitam do acordo escrito. Na maior parte das vezes, não tenho uma percentagem para dar, se calhar 50% das famílias fica satisfeita ainda que não tenha obtido o acordo. Fica satisfeita pela parte de ter passado pela mediação, de ter falado com o outro conjugue sobre os problemas. Ainda que não tenham chegado juridicamente a um acordo. Enfim o Sistema é aquele que temos. E temos de continuar a trabalhar com ele. Essa é uma grande desvantagem da co-mediação. E dificilmente com o sistema que está ela será ultrapassável

**M14:** Depois a outra dificuldade que já referi tem a ver com esta dinâmica de o trabalho com o colega. De sabermos com quem estamos a trabalhar, se existe alguma relação de confiança ou não, como é que essa relação de confiança está, se ela foi desenvolvida, se ela foi aprofundada.

**M14:** Há algumas desvantagens depois da má condução da mediação quando, por exemplo, os mediadores que estão numa sala se atrapalha a falar, um está a puxar para um lado outro está a puxar para o outro. Obviamente que quem está na mediação está a interrogar-se: “Esta malta não se entende. Se eles não se entendem como é que eles vão entender o que estamos a passar? Como é que vão entender o que estou a transmitir?” Isso obviamente que começa a criar insegurança da parte dos clientes e é mau.

## **10. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M14:** As coisas não podem ser aplicadas assim de uma forma crua, porque há utilidade em determinados processos que haja co-mediação e noutros processos nem tanto. E é em função disso que as coisas têm de ser analisadas. Mais por aí. O próprio entrar e sair da co-mediação enriquece mais o mediador do que estar a fazer apenas co-mediação ou

apenas sozinho. Se tivéssemos de fazer uma análise a um Serviço que funcionasse apenas em co-mediação iríamos estar a observar provavelmente uma forma, uma dinâmica de mediação que estaria um pouco viciada. Para trabalhar uma encostada à outra e acaba por não crescer. O ideal talvez seja o entrar e sair nesta forma de trabalhar. É bastante mais enriquecedor. (

## **11. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M14:** Existem um elenco de regras. Há vários autores que falam sobre isto.

## **12. Tendo em conta sua experiência e agora que faz mais mediação sozinha do que em co-mediação quer dar mais algum contributo?**

**M14:** Posso recordar uma situação engraçada de um caso que tive com a minha colega A.Q., é uma mediação, é a possibilidade de avançar porque estava a ser feito em co-mediação. E talvez não tivesse avançado se tivesse sido feito individualmente. Então acontecesse uma coisa engraçadíssima. Ao fim de uma pré-mediação, essa pré-mediação tinha sido feita com outro colega de gabinete e nós posteriormente entramos para a primeira sessão de mediação em co-mediação. Era uma situação de separação, tinha sido muito recente e os ânimos estavam muito exaltados. Salvo erro o casal ainda coabitava na mesma casa o que normalmente se torna bastante mais difícil em processos depois de mediação do que quando já há uma experiência autónoma de viver separados um do outro. Na altura ao fim dessa primeira sessão em co-mediação, ao fim de 20min, meia hora depois de olhar fixamente para a minha colega a A. diz-lhe assim: “Estou a reconhecê-lo de algum lado? E o senhor diz: Eu também a reconheço.” Outra situação atrás, nos tempos da juventude a A., a minha colega e o senhor tinham vivido na mesma zona. Só com a conversa é que a A. se apercebeu disso. E a questão foi tratada da seguinte maneira: ok, uma pausa. Mas eu recordo, tu vivias na outra rua, houve uma aproximação imediata muito dada a este facto de ter mutuamente se reconhecido que se tinham conhecido no tempo ainda da juventude. A A. tinha vivido em Oeiras onde o Senhor tinha os pais. Eles na altura viviam em Telheiras. Posto estes a partes, a A. virou-se para a Senhora e disse: A Senhora já se tinha apercebido que havia um conhecimento do passado entre a minha colega e o Senhor que ali estava. A questão era

esta, dado o conhecimento que existe anteriormente isso poderá por em causa ou não o trabalho da mediação? Como é que toda a gente que está aqui neste momento se está a sentir com isto? Será que isto vai impedir, há as questões de imparcialidade e neutralidade? Será que isto vai facilitar? E de alguma forma as cartas foram postas em cima da mesa desta maneira. Pelo facto, de eu ser um elemento completamente neutro deste ponto de vista, não conhecia ninguém, era a primeira vez que estava ali com eles, era também mediador, fazia parte da equipa. Isto fez de alguma forma que as coisas também avançassem. A Senhora acabou por aceitar que a mediadora avançasse porque, havia a possibilidade de trocarmos de mediadores por conhecimento desta situação. Os clientes podiam ter tido: “O melhor é termos aqui uma equipa nova que não nos conheça de lado nenhum.” Acabou por ser aceito. Aquele conhecimento acabou por ser integrado. Acabou por auxiliar no processo de negociação. Tendo a A. conhecimento da realidade familiar daquele homem de alguma forma foi mais fácil perceber de onde é que vinham e para onde vão. Aquelas questões. Acabou por ajudar. Se fosse em processo de mediação, sem co-mediação não sei se a senhora se sentia tão à vontade para avançar. Aliás foi um processo tão rico que várias conferências que a A. fez utilizava o caso para expor diversos assuntos.

## **Entrevista 15**

### **1.Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?**

**M15:** Eu acho que ela evoluiu desde que fiz a formação. Há um maior conhecimento do que é a mediação, existe mediação familiar e que ela é necessária. Ainda (...) os passos, ainda não está nesse caminho. Na minha opinião tem a ver como a questão, como chegar, como divulgar a mediação familiar. Acho que no privado pode haver algum crescimento, mas ainda está muito longe.

### **2.Há quanto tempo faz Mediação Familiar?**

**M15:** Eu estou desde 2000. No Público é recente desde 2008. Teve a ver com a entrada dos Sistema de Mediação Familiar. Foi na alteração do Gabinete e passou para o Sistema de Mediação Familiar. Foi aí que muitos dos mediadores familiares que já existiam puderam candidatar-se para o Sistema Público. Estou desde aí.

### **Trabalha no Sistema Privados ou nos dois?**

**M15:** Se houver solicitação, sim.

### **3.Trabalha em co-mediação?**

**M15:** Estou a tentar lembrar-me dos casos. Ao nível do sistema de mediação familiar dentro do público há muitas mediações que não se concretizam. Acabas por fazer o trabalho de mediação com cada uma das partes, mas depois leva-las à mediação, às vezes não tem sido possível.

**M15:** Dos casos que fiz que foram dois, que foram em co-mediação. Optei pela co-mediação, pois estavam Advogados envolvidos em cada uma das partes e achei que para equilibrar e sendo um processo de divorcio achei que era importante ter um colega. Para equilibrar. Era uma parte feminina com um Advogado, era uma parte masculina com um Advogado. Então achei que era importante também para equilibrar convidar um colega para a mediação.

#### **4.Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?**

**M15:** Acho que tem a ver com o que nos aborda inicialmente. Apesar de nós não sabermos muitas das vezes toda a contextualidade do processo, mas tem a ver com o primeiro contacto. Eu penso que naquele processo ajudou imenso o equilíbrio e a presença de ter um mediador masculino e um feminino no processo.

**M15:** Vai depender também de quem vamos convidar, se temos alguém, se nos sentimos à vontade para partilhar essa mediação.

**M15:** Se for só para decidir uma situação pontual do casal que é mais simples de optar. Agora se é para um processo complexo, que envolve regulação do poder paternal, as férias, aquele processo... se calhar torna-se importante ter mais alguém para podermos trabalhar esse processo.

**M15:** Agora se não for um processo tão prolongado, se calhar podemos optar por uma mediação sozinha.

#### **5.Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?**

**M15:** Eu não tenho dúvidas que a co-mediação como tinha dito há pouco é importante ao longo do processo. Já tinha referido também quem vai trabalhar connosco a importância de escolhermos quem vamos convidar também para a mediação. Muitas vezes, só vamos saber durante a experiência de estar a trabalhar com elas. Não tenho dúvidas que duas pessoas em sala...não há duvida.

**M15:** Mas, mais vale, às vezes, trabalharmos sozinhas numa determinada fase do que estarmos a trabalhar e equipa.

**M15:** Aí a diferença da equipa, pressupõe uma maior preparação do que vamos fazer. Alguma sensibilidade e flexibilidade tem a ver com os mediados. Não sabe o que vai sair dali. E temos de estar preparados para o que vem. Pode haver surpresas desagradáveis e não estamos preparados. Preparados no sentido de nos adaptarmos ao

processo. Eventualmente se não soubermos como é que o nosso colega pode reagir em determinadas situações. Às vezes, não podemos prevenir o comportamento, mas saber que há alguma flexibilidade no comportamento.

**M15:** Tem de haver um trabalho prévio, durante e no fim

**M15:** Eu quando fiz a primeira mediação no Sistema de Mediação Familiar. Pensei quem é que eu vou convidar? Mas, depois no dia da mediação alterei completamente esse pensamento. Primeiro foi: eu nunca tinha feito mediação no sistema de mediação, as regras. Deixa-me levar alguém experiente. Este foi o meu primeiro pensamento. Mas, depois a co-mediação inicialmente, articulamos com é que iríamos fazer. Eu já tinha mudado o meu pensamento. A meio do processo eu disse ao colega: “Vê lá se agora queres tu intervir? Não. Eu acho que tu estás ir bem.” No sentido, é o raciocínio que eu estava a levar portanto isto ajudou-me. Inicialmente o meu primeiro pensamento foi ter uma bengala. Não foi esse o propósito. Acho que é um risco. Formando nossos da mediação perguntam logo se podem assistir, se podem fazer co-mediação connosco tendo em foco essa bengala. Da minha experiência eu iniciei a mediação sem a co-mediação.

**M15:** Foi então que o Professor V. veio e introduziu medição e até introduziu a co-mediação também para reflexão para ajudar na supervisão e na reflexão do que tinha acontecido na mediação.

**6. De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?**

**M15:** O mediador é que tem de ter consciência do que é que vai fazer, como é que vai utilizar. Ter percepção se está a utilizar um método, se está a utilizar uma técnica, se está a utilizar uma estratégia. Tem que ser pensada. Haver uma consciência: aqui estou a utilizar uma estratégia, não aqui estou a utilizar um método.

**7. Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?**

**M15:** Tem a ver com o que estamos a utilizar. Se é uma vertente de estágio, se é para

estar um observador, tudo isso vai ter as suas partes positivas e negativas depois no processo. Depende do que é que estamos a utilizar.

**M15:** Tem de haver uma preparação prévia para essa mediação e um pouco de estudo. Acima de tudo a mediação continua a requer estudo. Um estudo do que é que vamos fazer e porque é que vamos fazer e pensar vai ser positivo ou negativo e tomar uma decisão. Não ser de animo leve, ser uma coisa pensada e elaborada que depois com a experiência vai crescendo, os aspectos positivos e negativos.

**E acha que essa preparação antes pode ser um dos factores para o sucesso da co-mediação?**

**M15:** Claro.

**M15:** Da minha experiência eu fiz ao nível da regulação do poder paternal em mediação e outra em co-mediação. E eu penso que apesar de ambos os processos não terem chegado a acordo, eu penso que a que teve a co-mediação teve mais sessões de mediação e sei que teríamos trabalhado melhor uma serie de questões, apesar de não termos chegado a acordo do que quando foi individualmente. Porque, chegou a uma parte, chegou a um impasse. Isto agora é reflectindo, não sei se estivesse um outro elemento que tivesse ajudado, um outro colega que tivesse ... se não teria desbloqueado. A tal observação, o tal raciocínio. Não teria ajudado.

**M15:** O equilíbrio é muito importante. Queira quer não nível presencial há uma aliança. A parte feminina e a parte masculina sente-se em desequilíbrio. Eu penso que naquele mediado houve ali algumas coisas que não avançaram. Eu não sei se a presença masculina não teria ajudado naquele impasse. São questões que nós podemos reflectir e pensar numa próxima mediação e arranjar estratégias.

**8. Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?**

**M15:** Sendo um método, uma ferramenta ou uma estratégia as desvantagens são só se não forem bem aplicadas em termos de conhecimento. Aí é que pode trazer desvantagens. Se é um método ou uma estratégia haverá sempre mais vantagens. Pode é chegar à conclusão depois da mediação não ter sido aplicável ou não ser ter conseguido

o objectivo. Só depois de avaliado.

**M15:** A desvantagem, a única é a parte económica que não é vantajosa.

**9. Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?**

**M15:** Depende. Cada caso é um caso. Pela experiência de trabalho, ao longo dos anos de trabalho em mediação é que vamos podendo chegar a algumas conclusões. A M. é de Serviço Social, não é? Um das coisas que mais me apaixonou na mediação é a sua flexibilidade. Que eu acho que não temos noutras actividades. Como na mediação estou a trabalhar com pessoas, permite-me flexibilidade. Tudo o que nós possamos fazer dentro da mediação, ter essa possibilidade é o que é..., isto na minha opinião. É o que torna enriquecedor a mediação. Podemos ou não utilizar a co-mediação faz parte do nosso processo de crescimento.

**10. Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?**

**M15:** Algumas estão relacionadas à nossa maneira de estar, de ser





# ANEXO C



### **Guião Entrevista Semi-Estruturada**

<b>Tópicos</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Informação Pretendida</b>
Mediação Familiar em Portugal	<b>Actualmente qual a sua perspectiva face à Mediação Familiar em Portugal?</b>	Percepção dos Mediadores Familiares face à Mediação Familiar em Portugal
Enquadramento	<b>Há quanto tempo faz Mediação Familiar?</b>  <b>Trabalha em co-mediação? Se, sim qual o número de processos que já acompanhou?</b>	Caracterizar os Mediadores Familiares quanto ao seu percurso
Critérios de Decisão	<b>Quais são os critérios que a levam a optar por trabalhar sozinha ou em co-mediação no processo de mediação familiar?</b>	Perceber os critérios de decisão que levam mediadores familiares a optar por trabalhar individualmente ou em

		<b>Num processo de Mediação Familiar quais as principais diferenças entre o trabalho em equipa e o trabalho de um mediador isolado? Há impacto nos resultados?</b>	co-mediação
Conceito mediação	co-	<b>De acordo com a sua experiência como é que define a co-mediação? Uma estratégia, um método, uma técnica ou uma forma de mediação familiar?</b>	Perceber como mediadores familiares definem a co-mediação.
Indicadores Positivos Mediação	Co-	<b>Em que situações a co-mediação é útil? Podia dar-me exemplos?</b>  <b>Da sua experiência pode indicar-me alguns benefícios da co-mediação?</b>  <b>Que factores podem contribuir para o sucesso da co-mediação?</b>	Perceber quais os benefícios do trabalho em equipa
Organização		<b>Costumam definir os papéis e tarefas de cada um?</b>	Perceber como os mediadores familiares organizam as sessões

Indicadores Negativos Mediação	Co-	<p><b>Que problemas encontram e como os resolvem ao utilizar esta forma de trabalhar em mediação familiar? Podia dar-me exemplos?</b></p> <p><b>Recorda-se de algumas situações em que co-mediação não funciona?</b></p> <p><b>Lembra-se de algumas situações em que tenham sentido dificuldades durante a co-mediação? Como se sentiram? E com as resolveram?</b></p> <p><b>Durante as sessões alguma vez sentiu que os mediados tentassem dividir e/ou conquistar a equipa de mediação? Como lidou com isso?</b></p>	Perceber as limitações do trabalho em equipa no processo de mediação familiar
Objectivos Mediação Familiar		<b>Da sua experiência ao trabalhar em co-mediação atinge os mesmos objectivos do que trabalhando sozinha?</b>	Perceber em que situações a co-mediação é mais eficaz
Directrizes	para	<b>Quais as directrizes para uma boa prática de co-mediação?</b>	Explorar pistas que permitam

uma boa prática de Co-Mediação		melhorar o trabalho da co-mediação
-----------------------------------	--	------------------------------------





# ANEXO D



## **Questionário Sócio-Demográfico**

Data de Aplicação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo:

Feminino ☐ Masculino ☐

3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

4. Licenciatura de Base: \_\_\_\_\_



# ANEXO E



## Autorização

Tendo conhecimento dos objectivos da Investigação realizada no âmbito do mestrado em Mediação e Orientação Familiar, no ICF da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, da licenciada Ana Margarida Roque Mexia, sob orientação científica do Professor Doutor Paulo Teodoro de Matos e estando assegurado por estes o meu anonimato, venho por este meio autorizar a gravação áudio da Entrevista *realizada* no dia ....../...../.....,

\_\_\_\_\_, assim como o uso da transcrição do mesmo para investigação e publicação profissional,

Lisboa, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da mestranda

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador

